



literatura
livre

O boneco raivoso

ROBERTO
ARLT

El juguete rabioso (1926)

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição bilingue:
PORTUGUÊS • ESPANHOL

Sesc

— •
literatura
livre

O boneco raivoso

Roberto Arlt

Edição Bilingue

 **sesc**  **mojo**^{org}

— •
literatura
livre

O boneco raivoso

Roberto Arlt

Tradução:
Ricardo Giassetti

Edição Bilingue
Português-Espanhol

 **sesc**  **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

A725 Arlt, Roberto (1900-1942)
O boneco raivoso / Roberto Arlt, Tradução de Ricardo Giassetti. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: El juguete rabioso. Edição bilingue: Português - Espanhol.

ISBN 978-65-89008-22-4

1. Literatura Argentina. 2. Novela. 3. Questões Sociais. 4. Argentina. 5. Buenos Aires. I. Título. II. Série. III. Os ladrões. IV. Os trabalhos e os dias. V. O boneco raivoso. VI. Judas Iscariotes. VII. Apêndice: O poeta da paróquia. VIII. Giassetti, Ricardo, Tradutor. IX. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. X. Literatura Livre. XI. Arlt, Roberto Godofredo Christophersen (1900-1942).

CDU 821.134.2(82)

CDD 868.9932

Catálogo elaborado por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Prefácio

Roberto Arlt nunca escondeu que escrevia mal. Nas páginas de *O boneco raivoso*, sua primeira obra em formato de livro, isso se transforma em uma arma. A raiva de não ter tido o acesso à cultura, de ter de se submeter a subempregos, de ver a ostentação de uns e a sorte de outros; tudo isso o fez entender que as regras sociais estavam de alguma maneira dirigindo os seus movimentos, predestinando a sua vida, como se faz com uma marionete. Ele, assim como o protagonista Astier, se rebela contra os fios e contra o marionetista, buscando uma retórica niilista para conseguir enfrentar a dureza da vida comum. Roubar, assim, torna-se algo a ser enaltecido. O dinheiro se torna uma ferramenta de corrosão.

A mágica também vem do modo como ambos, autor e personagem, se ergueram dessa condição por meio da literatura. Não a literatura nobre, clássica, editorialmente irretocável, mas sim a partir de edições baratas, mal traduzidas e encontradas em sebos. É interessante notar o que o editor argentino Ricardo Piglia aponta em seus ensaios

sobre Arlt: a dicotomia entre as bibliotecas e as livrarias de usados; a literatura marginal e os grandes autores; e como esses elementos constroem personalidades perigosas — astutas e desprendidas dos protocolos sociais.

Esse portenho viveu um pouco mais de quarenta anos, escrevendo para viver uma vida de dívidas, de escritos afo-
bados como jornalista para pagar as suas contas, de amizades
traíçoeras entre criminosos e boêmios. Sua literatura não é
erudita e fantasiosa como a de Jorge Luis Borges, nem obs-
cura e geográfica como a de Horacio Quiroga, mas sim um
retrato cru do desengano e da revolta de um jovem diante
da realidade imposta à sua revelia. A marionete tenta viver
com o que lhe está à mão, sem seguir regras, sem leis, sem
olhar o abismo na beira do qual caminha por toda a sua vida.
No entanto, quando ela corta as cordas que a guiam, corre
o risco de perder as suas forças.

Ricardo Giassetti

O boneco raivoso

Capítulo 1: Os ladrões	9
Capítulo 2: Os trabalhos e os dias	63
Capítulo 3: O boneco raivoso	111
Capítulo 4: Judas Iscariotes	157
Apêndice :O poeta da paróquia	219
El juguete rabioso	233
Capítulo I: Los ladrones	235
Capítulo II: Los trabajos y los días	291
Capítulo III: El juguete rabioso	341
Capítulo IV: Judas Iscariote	389
Apéndice: El poeta parroquial	453
Manifesto pela democratização do domínio público	461
Literatura Livre	462
Instituto Mojo	463
Ficha técnica	464

Para Ricardo Güirales:

*Todos os que puderem estar ao seu lado
sentirão a necessidade urgente de te amar.*

*E eles vão acolhê-lo e, por falta de algo
ainda mais encantador, te oferecerão palavras.*

Por isso dedico este livro a você.

CAPÍTULO 1: OS LADRÕES

Quando eu tinha quatorze anos, fui apresentado às delícias e aos afãs da literatura bandoleira por intermédio de um velho sapateiro andaluz. Sua loja ficava ao lado de uma serralheria de fachada verde e branca, no térreo de um casarão antigo na rua Rivadavia entre a Sud América e a Bolívia.

Decoravam a entrada do cômodo as capas coloridas dos livretos, os quais narravam as aventuras de Montbars, o pirata, e de Wenongo, o moicano. Quando saíamos da escola, nós, os meninos, gostávamos de ir lá olhar aquelas ilustrações penduradas na porta, desbotadas pelo sol.

Às vezes, entrávamos para comprar dele meio maço de cigarros Barrilete, e o homem se negava a sair da sua cadeira para fazer negócio conosco.

Ele era meio corcunda, velho e barbudo. E, ainda por cima, um pouco manco. Tinha um jeito estranho de mancar, seu pé era redondo como o casco de uma mula com o calcanhar torcido para fora.

Toda vez que eu o via, me lembrava do provérbio que minha mãe costumava dizer: “Cuidado com os que levam a marca de Deus”.

Ele gostava de papear comigo enquanto escolhia uma botina em pandarecos entre aquela confusão de sapatos e rolos de couro. Com as amarguras de um fracassado, me iniciava na literatura dos bandidos mais famosos da Espanha ou enaltecia algum freguês generoso que lhe havia dado vinte centavos de gorjeta depois de engraxar seus sapatos.

Sua ganância o fazia sorrir para atrair clientes, mas aquele sorriso miserável sequer conseguia retesar suas bochechas e só franzia seus lábios sobre os dentes pretejados.

Apesar de ser um rabugento, gostava de mim. E, por alguns centavos, ele me alugava seus livros, os quais adquiriu por meio de assinaturas há muito tempo.

Assim, ao me entregar a história da vida de Diego Corrientes, ele me disse:

— Este rrapaz, meu filho... que rrapaz! Ele erra mais belo que uma rroza e os miguelete o matarram...

A voz do artesão vibrava com inflexões ásperas:

— Bonito como una rroza. Se não tivesse tanto azar... — em seguida, ele reconsiderava: — Imagina, dava aos pobre o que tirrava dos rico... Tinha mulher em todo canto e erra bonito como una rroza...

Naquela espelunca que cheirava a cola de sapateiro e couro curtido, sua voz fazia despertar em mim um devaneio com montanhas verdejantes. Nas ravinas, ciganos dançavam zambra... todo um território montanhoso e inquieto era evocado diante dos meus olhos.

— Zim, erra mais bonito que una rroza. — E o manco desabafava sua tristeza com golpes de martelo em uma placa de ferro apoiada nos joelhos, amolecendo uma sola.

Então, encolhia os ombros e, como se descartasse uma ideia inoportuna, cuspiu em um canto enquanto afiava a sovela na pedra com movimentos rápidos.

Em seguida, acrescentava:

— Você vai verr que a parte mais linda é quando a dona Inezita chega no mercadinho do tio Pezuña — e, ao perceber que eu ameaçava pegar o livro, ele gritava como advertência: — Cuidado com isso, crriança, que isso custa muito carro.

E, voltando ao seu trabalho, ele abaixava a cabeça, protegia suas orelhas com um gorro cor de rato, mergulhava os dedos imundos de cola em uma caixa e enchia a boca de pregos, sem nunca parar de martelar. Toc, toc, toc, toc.

Essas histórias, que eu devorava nos meus numerosos “empréstimos”, eram a história de José Maria, o Relâmpago de Andaluzia, ou as aventuras de dom Jaime, o Barbudo, e de outros pilantras mais ou menos autênticos e pitorescos das

capas coloridas, as quais os representavam desse jeito: Eram cavaleiros montados em potros estupendamente enfeitados, com costeletas negras sobre as faces rosadas, as madeixas de toureiro cobertas por um chapéu brilhante de topo chato e uma espingarda de través na sela. Normalmente, eles ofereciam de maneira magnânima um saco amarelo de dinheiro a uma viúva com uma criança nos braços, parada na base de uma colina verdejante.

Então eu sonhava em ser bandido e estrangular os corregedores libidinosos. Consertaria erros, protegeria viúvas e donzelas lindíssimas me amariam.

Eu precisava de um parceiro nessas aventuras infantis, e acabou sendo Enrique Irzubeta. Era um pilantra de marca maior e ostentava a edificante alcunha de “o falsário”.

É assim que se estabelece uma reputação e que aprendemos como o prestígio, na louvável arte de enganar os outros, é a ferramenta do iniciante.

Enrique tinha quatorze anos quando enganou o dono de uma fábrica de doces, o que é uma prova clara de que os deuses já planejavam qual seria o destino desse meu amigo. Mas como os deuses são arteiros de coração, não me surpreendo, ao escrever essas memórias, de saber que Enrique está instalado em uma dessas hospedarias que o Estado oferece para os ousados e os malandros.

A verdade é que um determinado fabricante, para estimular a venda de seus produtos, lançou uma promoção que premiaria quem completasse uma coleção de bandeiras, as quais eram possíveis de encontrar na parte interna de cada embalagem dos seus doces.

A dificuldade estava (pois era extremamente rara) em encontrar a bandeira da Nicarágua.

Essas promoções absurdas, como se sabe, excitam os meninos, que, abrigados por um interesse em comum, anotam todos os dias os resultados desses trabalhos e o andamento de suas pacientes buscas.

Enrique, então, prometeu a seus companheiros do bairro, certos aprendizes de uma carpintaria e os filhos do pecuarista, que falsificaria a bandeira da Nicarágua se algum deles lhe emprestasse uma como modelo.

O menino duvidou e hesitou, pois conhecia a reputação de Irzubeta, mas Enrique galantemente ofereceu como reféns, em troca da rara bandeira, dois volumes de *A história da França*, escrita por M. Guizot, para que sua probidade não fosse posta em causa.

Assim o negócio foi fechado na calçada, numa rua sem saída com lampiões pintados de verde nas esquinas, com poucas casas e longos muros de tijolos. Em distantes cercas vivas, repousava a curva celeste do céu. Apenas o ruído

monótono e interminável de uma serra ou o mugido das vacas da leiteria entristecia aquele beco.

Mais tarde, eu soube que Enrique, usando nanquim e sangue, havia reproduzido a bandeira da Nicarágua com tanta habilidade que original e cópia eram indistinguíveis.

Dias depois, Irzubeta ostentava uma espingarda de chumbo novinha, que vendeu a um bazar na rua da Reconquista. Isso foi na época em que o esforçado Bonnot e o valente Valet aterrorizavam Paris.¹

Eu já havia lido os quarenta e tantos volumes que o visconde de Ponson du Terrail tinha escrito a respeito do filho adotivo de Maman Fipart, o admirável Rocambole, e planejava virar um bandido tradicional.²

Bem: num dia de verão, no decadente armazém do bairro, conheci Irzubeta.

1 Jules Bonnot (1876–1912) foi um anarquista ilegalista francês famoso por seu envolvimento na organização anarquista criminosa conhecida como Bando Bonnot pela imprensa francesa. René Valet, também anarquista e membro do Bando Bonnot, atuou em uma série de ações criminosas (assaltos e fraudes) contra as elites francesas nos anos de 1911 a 1913.

2 Trata-se de uma famosa série de livros de Pierre Alexis Ponson du Terrail (1829–1871) protagonizada por Rocambole, um excêntrico e nada confiável ladrão de casaca que deu origem ao termo “rocambolesco”. Esse personagem inspirou toda uma literatura que contempla outros como Arsene Lupin, Doc Savage, O Santo e Fantômas.

A hora quente da sesta pesava nas ruas, eu estava sentado num barril de palha, conversando com Hipólito, que aproveitava os sonhos do pai para fazer aviões com armação de bambu. Hipólito queria ser piloto, “mas tinha de resolver primeiro o problema da estabilidade espontânea”. Ele se preocupava com a solução do movimento contínuo e costumava me consultar sobre o possível resultado de suas ideias.

Hipólito, com os cotovelos sobre um jornal manchado de gordura, entre uma caixa de queijos e as varetas coloridas do caixa, ouvia a minha tese com atenção:

— O mecanismo de um relógio não funciona para a hélice. Coloque um pequeno motor elétrico com pilhas na fuselagem.

— Então, é como nos submarinos...

— Que submarinos? Só tome cuidado para que a electricidade não queime o motor, o avião ficará mais estável. E, antes das pilhas acabarem, você vai se divertir muito.

— Rapaz! E não dá para usar telegrafia sem fio para girar o motor? Você deveria estudar essa ideia. Seria sensacional!

Nesse momento, entrou Enrique.

— Oi, Hipólito, minha mãe me pediu que me desse meio quilo de açúcar fiado.

— Não posso. Meu pai disse que só depois de pagarem a caderneta.

Enrique franziu a testa ligeiramente.

— Que estranho, Hipólito!

Hipólito acrescentou, conciliatório:

— Você sabe que se dependesse de mim... mas o meu velho, rapaz! — e, apontando para mim, satisfeito por poder desviar o assunto da conversa, acrescentou para Enrique: — Ei, você não conhece o Silvio? É o cara do canhão.

O rosto de Irzubeta se iluminou em deferência.

— Ah, é você? Meus parabéns. O bosteiro da leiteria me disse que ele atirava como um Krupp.

Enquanto ele falava, eu o observava. Ele era alto e magro. Na testa redonda, salpicada de sardas, o cabelo preto e lustroso ondulava, petulante. Ele tinha olhos cor de tabaco, ligeiramente oblíquos, e usava um terno marrom feito sob medida numa alfaiataria, por mãos nada habilidosas.

Ele se encostou na beira do balcão, coçando o queixo com a palma da mão. Ele parecia refletir.

Foi uma grande aventura aquela do meu canhão e gosto de recordá-la. Comprei um cano de ferro e alguns quilos de chumbo de funcionários da empresa de energia. Com esses elementos, fiz o que chamei de colubrina ou “bombarda”. O processo foi dessa forma:

Em um molde de madeira hexagonal, forrado de barro por dentro, inseri o tubo de ferro. O espaço entre as

paredes internas foi preenchido com chumbo derretido. Depois de desmontar o invólucro, desbastei o bloco de metal com uma lima rústica e fixei o cano a uma coronha feita de tábuas mais grossas de um caixote de querosene com tiras de latão.

A minha colubrina ficou linda. Ela carregava projéteis de duas polegadas de diâmetro, cuja carga eu levava em sacos de estopa cheios de pólvora.

Acariciando meu monstinho, eu pensava: “Esse canhão pode matar, esse canhão pode destruir”. E a convicção de ter criado um perigo obediente e mortal me extasiava de alegria.

Os rapazes da vizinhança a examinaram admirados e reconheceram a minha superioridade intelectual que, desde então, prevaleceu nas expedições para roubar frutas ou descobrir tesouros enterrados nos pastos do outro lado do riacho Maldonado, na paróquia de San José de Flores.

O dia em que testamos o canhão ficou na memória. Fizemos nosso experimento debaixo de uma frondosa cina-cina que ficava perto de um grande curral na rua Avellaneda, antes de chegar à San Eduardo. Com um círculo de meninos à minha volta, eu, fingindo estar tenso, carregava a colubrina pela boca. Então, para confirmar suas virtudes balísticas, direcionamos a mira para a caixa d’água de folhas de flandres de uma marcenaria ao lado.

Animado, risquei um fósforo no pavio. Uma pequena chama, quase invisível, cintilou ao sol. De repente, um estrondo terrível nos envolveu com uma névoa sufocante de fumaça branca. Por um instante, ficamos maravilhados: parecia que naquele momento havíamos descoberto um novo continente ou que, por magia, agora éramos os senhores de toda a terra.

Então, alguém gritou:

— Corram! Os guardas!

Não houve tempo para uma retirada honrosa. Dois seguranças se aproximavam a toda velocidade. Hesitamos por um instante. E então fugimos com grandes saltos, abandonando a bombarda ao inimigo.

Enrique disse:

— Rapaz, se precisar de dados científicos para as suas coisas, eu tenho uma coleção da revista “Ao redor do mundo” em casa e posso emprestar pra você.

Desde aquele dia até a noite do grande perigo, nossa amizade foi comparável à de Orestes e Pílates.

Descobri um mundo novo e pitoresco na casa da família Irzubeta!

Eram pessoas marcantes! Três filhos e duas filhas em uma casa governada pela mãe, uma senhora de cor de sal e pimenta, com pequenos olhos de peixe e um nariz comprido e curioso; e a avó corcunda, surda e preta como uma árvore assada no fogo.

Com exceção do homem da casa — um inspetor de polícia sempre ausente —, naquele barraco taciturno, viviam todos numa doce preguiça, um ócio que ia dos romances de Dumas aos sonhos reconfortantes das sextas e às fofocas entre vizinhas ao anoitecer.

A casa era escura e úmida, com um pequeno jardim decadente logo na entrada. O sol só entrava pela manhã, num longo quintal de lajotas esverdeadas.

As preocupações surgiam no início do mês, quando era preciso dissuadir os credores, bajular os “galegos de merda”, acalmar a raiva dos pés-rapados. Eles gritavam à porta, sem o mínimo tato, exigindo o pagamento das mercadorias ingenuamente vendidas fiado.

O dono da alcova era um gordo alsaciano chamado Grenuillet. Reumático, na casa dos setenta e neurastênico, acabou se acostumando com a falta de regularidade dos Irzubeta, que eventualmente lhe pagavam o aluguel. Já tentara despejá-los da propriedade em outras ocasiões, mas os Irzubeta eram parentes de juízes rançosos e de outras pessoas

da mesma laia do partido conservador e por essa razão sabiam que estavam solidamente instalados.

O alsaciano acabou por se resignar à espera de um novo regime político e a florida safadeza daqueles trambiqueiros chegou ao extremo. Mandaram Enrique pedir ao proprietário entradas de cortesia no cassino, onde o homem tinha um filho que ocupava o posto de porteiro.

Ah! E que comentários deliciosos, que reflexões cristãs era possível escutar das comadres reunidas no açougue do bairro, comentando piedosamente sobre a vida de seus vizinhos.

A mãe de uma menina muito feia costumava dizer, referindo-se a um dos jovens Irzubeta, que, num acesso de libido, ele mostrara suas partes íntimas à donzela de forma obscena:

— Minha senhora, torça para que eu não o pegue, porque será pior do que ser atropelado por um trem.

A mãe de Hipólito, gorda, pálida e sempre grávida, pegava o açougueiro pelo braço e dizia:

— Aconselho, dom Segundo, que não confie neles nem de brincadeira. Nem te conto o calote que deram na gente.

— Não se preocupe, não se preocupe — o homem atarracado resmungava austeramente, brandindo seu enorme cutelo contra um bofe.

Ah, e os Irzubeta eram muito divertidos. Que o diga o padeiro, que teve a audácia de se indignar com a inadimplência de seus credores.

Ele discutia na porta com uma das meninas quando seu azar quis que o inspetor o ouvisse, pois por acaso estava visitando a casa.

Este, acostumado a tratar todos os problemas aos pontapés, irritado com a insolência do padeiro em querer cobrar o que lhe era devido, o expulsou aos socos da soleira da porta. Aquilo não deixava de ser uma saudável lição de boas maneiras, para que outros não os viessem cobrar. Em suma, a vida daquela família era mais engraçada do que uma comédia teatral.

As donzelas, com mais de vinte e seis anos e sem namorados, se deliciavam com Chateaubriand, se desmanchavam em Lamartine e Cherbuliez. Isso as fazia nutrir a convicção de que faziam parte de uma “elite” intelectual e por isso designavam os pobres com o adjetivo de ralé.

Chamavam de ralé o dono do armazém que queria cobrar pelo seu feijão, o lojista de quem haviam surrupiado alguns metros de renda, o açougueiro corajoso a quem gritavam a contragosto por entre as cortinas que “no próximo mês, sem falta, você recebe!”.

Os três irmãos, cabeludos e magrinhos, com fama de vagabundos, tomavam longos banhos de sol; e, ao entardecer,

todos se arrumavam para irem à luta amorosa entre as perdulárias do subúrbio.

As duas velhas beatas e resmungonas brigavam a todo momento por ninharias ou se sentavam em círculo no velho cômodo com suas filhas. Elas espiavam por trás das cortinas, teciam fofocas e, como descendiam de um oficial que servira no exército de Napoleão I, muitas das vezes, idealizavam na penumbra, com seus rostos pálidos, sonhos de mitos imperialistas, evocando antigos resplendores de nobreza enquanto, na calçada, o solitário acendedor de lampiões coroava o poste com uma chama violeta ao acender o lampião verde de gás.

Como não tinham condições para manter uma empregada, bem como nenhuma criada conseguiria suportar os instintos de fauno dos três rapazes cabeludos, os maus humores das donzelas exigentes e os caprichos das bruxas dentuças. Enrique era o menino de recados necessário para o bom funcionamento daquela máquina econômica capenga, e ele estava tão acostumado a pedir fiado que seu descaramento nesse sentido era inigualável e exemplar. Em seu elogio, pode-se dizer que uma estátua de bronze seria mais suscetível à vergonha do que seu belo rosto.

Irzubeta passava suas longas horas livres desenhando, habilidade para a qual não lhe faltava técnica e delicadeza,

e não deixava de ser um ótimo argumento para provar que sempre existiram patifes com aptidões estéticas. Como eu não tinha nada para fazer, ia com frequência à sua casa, o que não agradava às dignas velhinhas, embora eu não desse a mínima para elas.

Dessa união com Enrique, das conversas prolongadas sobre bandoleiros e assassinatos, nasceu uma predisposição singular para praticar atos bárbaros, e um desejo infinito de nos imortalizarmos com o nome de criminosos.

Enrique me contou que, por ocasião da expulsão de imigrantes “selvagens” da França para Buenos Aires, Soiza Reilly havia escrito um artigo com fotografias assombrosas:

— O presidente da república tem quatro selvagens que o protegem.

Eu ria muito.

— Pare de inventar coisas.

— É verdade, acredite. E eles são assim. — E ele abria os braços como um homem crucificado para me dar uma ideia da capacidade torácica dos criminosos em questão.

Não me lembro com que sutilezas e disparates conseguimos nos convencer de que roubar era uma ação bela e de mérito, mas sei que, de comum acordo, decidimos organizar um clube de bandidos, do qual, naquela época, éramos os únicos associados.

Mais tarde, seria diferente. E, para começar nossa carreira com dignidade, decidimos saquear as casas desabitadas. Fazíamos assim:

Depois do almoço, numa hora em que as ruas ficavam desertas, saíamos vestidos discretamente para passear pelo bairro de Flores ou no Caballito.

Nossas ferramentas de trabalho eram uma pequena chave inglesa, uma chave de fenda e alguns jornais para empacotar o que seria roubado.

Onde uma placa anunciava um imóvel para alugar, íamos pedir referências com modos educados e rostos tristes. Parecíamos coroinhas da igreja.

Assim que nos entregavam as chaves para conhecer as condições de moradia das casas, não perdíamos tempo.

Ainda não me esqueci da alegria que sentia ao abrir aquelas portas. Entrávamos violentamente, ansiosos pelo saque e percorríamos os cômodos, avaliando a qualidade do que seria roubado com olhares rápidos.

Se havia uma instalação de luz elétrica, arrancávamos os fios, os soquetes, as campainhas, as lâmpadas e os interruptores, os lustres, as cúpulas de abajures e as suas pilhas. Quando niqueladas, as torneiras do chuveiro; e as da pia, quando eram de bronze. Só não levávamos portas e janelas por não tínhamos como carregá-las.

Trabalhávamos movidos por uma certa dor juvenil, um nó de ansiedade preso na garganta e, com a vivacidade das transformistas no palco, ríamos sem motivo, tremendo sem nem perceber.

Os fios ficavam pendurados nos tetos lascados pela rapidez de nosso esforço. Cacos de gesso e entulho cobriam o chão empoeirado. Na cozinha, os canos de chumbo jorravam jatos de água sem fim e, em poucos segundos, tínhamos a capacidade de preparar a casa para uma caríssima reforma.

Em seguida, fosse Irzubeta ou eu, entregávamos as chaves e desaparecíamos com passos rápidos.

O lugar do reencontro era sempre o cômodo dos fundos do encanador, um homem simplório com cara de lua, com idade avançada, barrigudo e corno, porque se sabia que ele tolerava as infidelidades da mulher com paciência franciscana.

Quando comentavam indiretamente sobre sua condição, ele respondia com a mansidão das ovelhas que sua mulher sofria dos nervos e que, diante de argumentos com solidez científica, só havia lugar para o silêncio. No entanto, para os seus interesses, ele era uma águia.

O homem de pernas tortas verificava meticulosamente nossa entrega, pesava os fios, testava as lâmpadas para verificar se não estavam queimadas, cheirava as torneiras e, com paciência desesperadora, calculava e descalculava até que

acabava nos oferecendo um décimo do valor do que seria o preço de custo dos itens no mercado.

Se discutíamos ou nos indignávamos, o bom homem levantava seus olhos bovinos, seu rosto redondo sorria de maneira arrogante e, sem discutir conosco, nos dava tapinhas nas costas e nos levava à porta da rua com a maior graça do mundo e com o dinheiro na palma da mão.

Mas não vá achando que nossas façanhas se restringiam apenas a casas vazias. Nós éramos soldados do exercício da ladroagem!

Estávamos sempre de olho nas coisas dos outros. Nossas mãos tinham uma habilidade fabulosa, nossos olhos tinham a precisão de uma ave de rapina. Sem pressa e com a rapidez com que um falcão abate uma pomba inocente, caíamos sobre aquilo que não nos pertencia.

Se entrássemos em um café e houvesse um talher esquecido ou um açucareiro sobre a mesa e o garçom estivesse distraído, roubaríamos os dois. Já nos balcões da cozinha ou em qualquer outro recanto, pegávamos tudo o que poderia significar algum lucro para nós.

Não perdoávamos copo ou prato, facas ou bolas de bilhar, eu me lembro claramente de que numa noite chuvosa, num café bem lotado, Enrique arrebatou um belo casaco e que, numa outra noite, eu consegui uma bengala com cabo de ouro.

Nossos olhos giravam como globos e se abriam como pires investigando cada possibilidade. Assim que nosso alvo se distinguiu, lá estávamos nós, sorrindo, despreocupados e falantes, com os dedos prontos e nosso olhar atento, para não atacar precipitadamente como ladrões iniciantes.

Nos armazéns, também exercitávamos essa clara habilidade. Era impressionante o modo como distraíamos os balconistas enquanto o patrão fazia sua sesta.

Sob um pretexto ou outro, Enrique levava o menino à vitrine da rua, para que lhe cotasse o preço de certos artigos e, se não houvesse pessoas no escritório, eu logo abria alguma gaveta e enchia meus bolsos com caixas de lápis, tinteiros. Só uma vez conseguimos roubar dinheiro de uma caixa registradora sem alarme. Outra vez, de uma armaria, levamos uma caixa com uma dúzia de canivetes de aço dourados, com cabos de madrepérola, para cortar pontas de penas.

Quando ao longo do dia não conseguíamos nada, ficávamos muito tristes, desolados com nossa falta de jeito, desiludidos com nosso futuro. Então caminhávamos de mau humor até que algo nos era oferecido em compensação.

Mas quando os negócios estavam em alta e as moedas eram substituídas por deliciosos pesos, esperávamos uma tarde chuvosa e roubávamos um carro. Era libertador passar pelas ruas da cidade entre as cortinas de água! Nos

aconchegávamos no estofamento gasto para fumar um cigarro, deixando para trás as pessoas correndo na chuva. Imaginávamos morar em Paris, ou na sombria Londres. Sonhávamos em silêncio, com um sorriso nos lábios.

Mais tarde, em uma luxuosa confeitaria, tomávamos chocolate com baunilha e voltávamos saciados no trem da tarde, com nossas energias redobradas pela satisfação do gozo proporcionada ao corpo jovem através do dinamismo de tudo ao nosso redor, com os estridentes guinchos metálicos gritando em nossos ouvidos:

— Não parem! Não parem!

Certo dia, eu disse a Enrique:

— Temos de formar uma verdadeira associação de meninos inteligentes.

— Difícil vai ser encontrar outros como nós — argumentou Enrique.

— Sim, tem razão, mas vamos achar.

Poucas semanas depois de conversamos sobre isso, por empenho de Enrique, um tal Lucio se juntou a nós. Era um idiota mirrado e pálido de tanto se masturbar e o corpo vinha junto de uma cara tão de sem-vergonha que dava vontade de rir só de olhar para ele.

Morava com suas tias idosas e católicas que pouco ou nada cuidavam dele. Aquele palerma tinha uma ocupação favorita, descobrir as coisas mais vulgares e falar sobre elas, tomando tanta precaução que parecia estar lidando com segredos terríveis. Ele fazia isso olhando de lado e acenando com os braços à semelhança de certos artistas de cinema que interpretam malandros em bairros de muros cinzentos.

— Esse imbecil não nos servirá de nada — eu disse a Enrique. Mas como ele trazia uma renovada energia para a irmandade recém-criada, com sua atitude empolgada e seus gestos rocambolescos, resolvemos apostar.

Então, como a ordem natural das coisas exige, não poderia faltar um lugar para nos encontrarmos e o batizamos, por ideia de Lucio, que foi aceita por unanimidade, de o “Clube dos Cavalheiros da Meia-noite”.

O referido clube ficava nos fundos da casa de Enrique, de frente para uma latrina com paredes pretas e reboco descascado, consistia em um rancho estreito de madeira empoeirada, de cujo teto de tábuas pendiam longas teias de aranha. Jogados nos cantos, pilhas de bonecos quebrados e

descascados — herança de um marionetista fracassado amigo dos Irzubeta —, várias caixas com soldadinhos de chumbo extremamente mutilados, trouxas de roupas sujas e fedorentas e gavetas abarrotadas de revistas e jornais velhos.

A porta do cubículo dava para um pátio escuro de tijolos rachados que, em dias de chuva, vertiam lama.

— Não vem ninguém, cara?

Enrique fechou a pequena janela, por cujo vidro quebrado se viam grandes rolos de estanho.

— Estão todos conversando lá dentro.

Nos posicionamos da melhor forma possível. Lucio nos ofereceu cigarros egípcios, uma novidade maravilhosa, e graciosamente acendeu o fósforo na sola dos sapatos. Ele disse:

— Vamos ler o *Livro das atas*.

Para que nada faltasse no referido clube, havia ainda o livro de atas, no qual se registavam os projetos dos associados; e ainda tinha um carimbo — um carimbo retangular que Enrique fez com uma rolha e, nele, era possível apreciar o emocionante espetáculo de um coração trespassado por três punhais.

O tal livro era alimentado por cada um de nós e, ao final, os registros eram assinados e cada rubrica levava seu selo correspondente.

Nele, era possível ler coisas como:

Proposta de Lucio: para, no futuro, roubar sem precisar arrambar, é aconselhável fazer os moldes em cera virgem das chaves de todas as casas que forem visitadas.

Proposta de Enrique: também será desenhada a planta da casa referente a cada uma das chaves. As plantas serão arquivadas com os documentos secretos do despacho e deverão mencionar todas as particularidades da construção para comodidade de quem fizer a operação.

Acordo geral de ordem: o sócio Enrique foi nomeado desenhista e falsário do Clube.

Proposta de Silvio: para introduzir nitroglicerina em uma prisão, pegue um ovo, retire a clara e a gema e, por meio de uma seringa, injete o explosivo nele. Se os ácidos da nitroglicerina destruírem a casca do ovo, faça uma proteção de algodão-pólvora. Ninguém suspeitará que o inofensivo ovo é uma carga explosiva.

Proposta de Enrique: o Clube deve ter uma biblioteca de obras científicas para que seus membros possam roubar e matar de acordo com os mais modernos procedimentos industriais. Além disso, após pertencer ao Clube por três meses, cada membro é obrigado a ter uma pistola Browning, luvas de borracha e cem gramas de clorofórmio. O químico oficial do Clube será o sócio Silvio.

Proposta de Lucio: todas as balas devem ser envenenadas com ácido prússico e seu poder tóxico deve ser testado com um tiro no rabo de um cachorro. O cachorro tem de morrer em até dez minutos.

— Caramba, Silvio.

— O que foi? — disse Enrique.

— Eu estava pensando numa coisa. A gente devia organizar clubes em todas as cidades do país.

— Não, o principal — interrompi — é ser prático e já agir amanhã. Não vamos ficar inventando mais coisas.

Lucio ajeitou uma trouxa de roupas sujas que lhe servia de almofada. Eu continuei:

— O treinamento de ladrão deve dar a ele a vantagem de ter sangue frio, que é o mais importante para o trabalho. Além disso, a proximidade do perigo o ajuda a formar hábitos de prudência.

Enrique disse:

— Vamos parar com a retórica e pensar em um caso interessante. Aqui, nos fundos do açougue (A parede da casa do Irzubeta era germinada com o açougue), tem um gringo que guarda seu carro todas as noites e vai dormir num quartinho que aluga em um casarão na rua Zamudio. Silvio, o que você acha de roubarmos o motor de partida e a buzina?

— Sabe que isso é arriscado, né?

— Não tem perigo, cara. Pulamos a cerca. O açougueiro dorme como uma pedra. Mas, obviamente, teremos de usar luvas.

— E o cachorro?

— E para que eu fiquei amigo do cachorro?

— Acho que ele vai fazer uma algazarra.

— O que você acha, Silvio?

— Não gosto da ideia.

— Mas vale lembrar de que vamos faturar mais de cem mangos pelo motor de partida.

— O negócio é bom, mas arriscado.

— Você decide, Lucio.

— Que pressão é essa? E, claro, vou usar minhas calças velhas, senão vai estragar minha roupa.

— E você, Silvio?

— Chego no minuto seguinte que a minha velha dormir.

— E a que horas nos encontramos?

— Olha, cara. Enrique, esse negócio não me agrada.

— Por quê?

— Não gosto. Eles vão suspeitar de nós. Os fundos da casa, o cachorro que não vai latir... vamos acabar deixando pistas. Não gosto. Você sabe que não tenho medo de nada, mas não gosto. É muito perto e os tiras têm olfato.

— Então não faremos.

Todos sorrimos como se tivéssemos acabado de nos livrar de uma encrenca.

Assim vivíamos dias de emoção sem igual, aproveitando o dinheiro dos roubos. Aquele dinheiro tinha um valor especial para nós e ele até parecia falar expressivamente com a gente. As notas pareciam mais significativas com suas imagens coloridas, as moedas de níquel tilintavam nos malabarismos que fazíamos com as mãos. Sim, o dinheiro adquirido às custas de trapanças nos parecia muito mais valioso e sutil, representava seu valor máximo, parecia que sussurrava em nossos ouvidos um elogio sorridente e uma malícia provocadora. Não era o dinheiro vil e odioso que se abomina porque teve de ser ganho com trabalho duro, mas sim um dinheiro ágil, uma esfera de prata com duas pernas de gnomo e barba de anão, um dinheiro malandro e dançante cujo aroma, como o vinho, nos conduzia a farras infinitas.

Nossas pupilas estavam claras e inquietas. Eu ousaria dizer que um halo de arrogância e audácia pairava sobre nossas cabeças. Tínhamos orgulho em saber que, se nossas ações fossem descobertas, seríamos levados a um juizado de menores. Sentados à mesa de um café, às vezes conversávamos:

— O que você faria diante de um juiz de menores?

— Eu? — respondia Enrique. — Falaria a ele sobre Darwin e Le Dantec.

Enrique era ateu.

— E você, Silvio?

— Negaria até o fim, mesmo que me cortassem a garganta.

— E o porrete?

Nos entreolhávamos assustados. O “porrete” nos aterrorizava, aquele bastão não deixava marcas visíveis na carne. Era o bastão de borracha com o qual o corpo dos ladrões era punido na delegacia quando demoravam a confessar seu crime.

Sem conseguir reprimir minha raiva, respondi:

— Nunca me pegarão. Só morto.

Ao pronunciar essa palavra, os nervos do rosto relaxavam, os olhos permaneciam imóveis, fixos numa ilusória catástrofe distante, e as narinas dilatadas inalavam o cheiro de pólvora e sangue.

— É por isso que você tem de envenenar as balas — respondeu Lucio.

— E fazer bombas — continuei. — Nada de ter pena. Você tem de arrebutá-los, aterrorizar os tiras. Assim, quando estiverem distraídos... bala! Aos juízes, mandaremos bombas pelo correio.

Era desse jeito que conversávamos naquela mesa de café, tristes e alegres com nossa impunidade diante do resto das pessoas, diante do povo que não sabia que éramos ladrões. Um delicioso terror apertava nossos corações ao pensar com que olhos as novas donzelas que passavam olhariam para nós caso soubessem que jovens tão elegantes eram ladrões. Bandidos!

Encontrei com Enrique e Lucio perto da meia-noite em um café para finalizar os detalhes de um assalto que pretendíamos realizar. Escolhemos o canto mais distante, pegamos uma mesa junto a uma janela. Uma chuva fina picotava o vidro enquanto a banda tocava a última lamúria de um tango de presidiários.

— Tem certeza de que os vigias não aparecerão, Lucio?

— Absoluta. Vão sair de férias e cada um vai para o seu canto.

Estávamos tentando fazer nada mais e nada menos do que depenar a biblioteca de uma escola. Enrique, pensativo, apoiou o rosto em uma das mãos. A aba da boina protegia seus olhos. Eu estava inquieto. Lucio olhou ao redor com a satisfação de um homem para quem a vida é gentil. Para me

convencer de que não havia perigo, ele franziu a testa e me comunicou confidencialmente pela décima vez:

— Tenho tudo planejado. Com o que você está preocupado? Tudo o que precisa fazer é pular a grade da rua para o pátio. Os vigias dormem num quarto separado no terceiro andar. A biblioteca fica no segundo, do lado oposto.

— Vai ser moleza, já está na mão — disse Enrique. — Seria muito bom se alguém pegasse o *Dicionário enciclopédico*.

— E como vamos fazer para carregar os vinte e oito volumes? Você está maluco? Só se chamar um caminhão de mudança.

Alguns coches passavam com a capota abaixada e a claridade dos postes no alto caía sobre as árvores, projetando longas manchas trêmulas no chão. O garçom nos serviu café. As mesas em volta ainda estavam desocupadas, os músicos conversavam na coxia e, da sala de bilhar, vinha o som de tacos e alguns entusiastas aplaudindo uma jogada de mestre.

— Vamos jogar um tute arrastado?

— Que tute, cara.

— Parece que está chovendo.

— Melhor — disse Enrique. — Noites como essas agradavam Montparnasse e Tenardhier. Tenardhier disse: “Jean-Jacques Rousseau fez melhor”. Esse Tenardhier era um patife de marca maior e essa parte do livro é formidável.

— Ainda está chovendo?

Virei meus olhos para a praça. A água caía obliquamente e, entre duas fileiras de árvores, o vento ondulava as gotas como a uma cortina cinzenta.

Olhando para os galhos e às folhas verdes iluminadas pela luz prateada dos postes, tive uma visão de parques em polvorosa numa noite de verão, com o rumor das festas plebeias e dos fogos de artifício vermelhos estourando no céu azul. Essa evocação inconsciente me entristeceu.

Tenho uma nítida lembrança daquela última noite azarada. Os músicos iniciaram uma canção que, na lousa, tinha o nome “Kiss-me”.

Naquele ambiente vulgar, a melodia ondulava em ritmo trágico e distante. Eu diria que era a voz de um coro de imigrantes pobres no porão de um navio no Atlântico enquanto o sol se punha nas águas pesadas e verdes.

Eu me lembro de como me chamou a atenção o perfil de um violinista com sua resplandecente careca socrática. Óculos escuros se equilibravam em seu nariz e o esforço daqueles olhos escondidos podia ser imaginado pela inclinação forçada de seu pescoço sobre a partitura.

Lucio me perguntou:

— Você ainda está com a Eleonora?

— Não, terminamos. Ela não quer mais ser minha namorada.

— Por quê?

— Porque não.

Aquela imagem, somada ao som das cordas, me penetrou violentamente. Era um chamado da minha outra voz ao vislumbrar seu rosto sereno e doce. Ah! Quanto me fazia sofrer agora aquele seu sorriso distante. E, daquela mesa, com a voz da alma, falei com ela assim, enquanto sentia uma amargura mais saborosa do que qualquer desejo: “Ah, se eu pudesse te dizer o quanto eu te amava e, assim como a música ‘Kiss-me’, convencer você com esse lamento. Quem sabe? Mas você também me amava. Não é verdade que você me amava, Eleonora?”

— Parou de chover. Vamos andando.

— Vamos.

Enrique jogou algumas moedas na mesa e me perguntou:

— Está com o revólver?

— Estou.

— Não vai falhar?

— Testei outro dia. A bala atravessou duas tábuas.

Irzubeta adicionou:

— Se isso der certo, vou comprar uma Browning. Por via das dúvidas, eu trouxe meu soco inglês.

— Você afiou ele?

— Sim, está com umas pontas de dar medo.

Um policial atravessou o jardim da praça em nossa direção. Lucio exclamou alto o suficiente para ser ouvido por ele:

— É que o professor de Geografia está bravo comigo, cara. Tá muito bravo comigo!

Após cruzarmos a praça na diagonal, chegamos diante do muro da escola. Ali notamos que começava a chover novamente. O prédio de esquina era rodeado por uma fileira de plátanos frondosos, o que tornava a escuridão naquele triângulo muito densa. A chuva criava um singular ruído musical na folhagem. As grades altas nos mostravam seus dentes afiados, unindo os dois prédios da escola, altos e escuros.

Caminhando devagar, espiávamos nas sombras. Então, sem dizer uma palavra sequer, trepei nas grades, coloquei o pé em um dos anéis que ligava cada duas lanças e, com um salto, caí dentro do pátio. Permaneci por alguns segundos na posição em que pousei, ou seja, de cócoras, olhar fixo adiante, a ponta dos dedos tocando as lajotas molhadas.

— Não tem ninguém, cara — sussurrou Enrique, que saltara logo atrás de mim.

— Parece que não, mas o que Lucio está fazendo que não vem?

Nas pedras da rua, ouvimos o bater rítmico de ferraduras; depois, outro cavalo foi ouvido trotando e, na escuridão, o barulho diminuiu.

Acima das lanças de ferro, despontou a cabeça de Lucio. Ele apoiou o pé em uma das travessas e aterrissou tão sutilmente que as solas de seus sapatos mal rangeram nas lajotas.

— Quem era, cara?

— Um policial e um vigia. Fingi que esperava o bonde.

— Vamos colocar as luvas, cara.

— Verdade, a tensão me fez esquecer.

— E agora para onde vamos? Está mais escuro do que...

— Por aqui.

Lucio nos guiou. Saquei meu revólver e nós três nos dirigimos para o pátio coberto pelo terraço do segundo andar. Na escuridão, podia-se distinguir vagamente uma fileira de colunas.

De repente, fui tomado por uma tal noção de superioridade sobre as outras pessoas que, apertando fraternalmente o braço de Enrique, eu disse:

— Estamos muito devagar. —E, descuidado, abandonei meu ritmo cadenciado e fiz ressoar o salto de minhas botas.

Os passos reverberaram multiplicados no perímetro do edifício. A certeza da impunidade absoluta contagiou meus camaradas com um sólido otimismo, gargalhamos tão alto que um vira-lata latiu para nós três vezes da rua escura.

Orgulhosos por esmurrar o perigo com nossa coragem, ficaríamos felizes em abafá-lo com o estrondo de uma

fanfarra e a alegria do repique de um pandeiro, para despertar os homens e mostrar a eles como nossas almas se exaltam quando infringimos a lei e entramos sorrindo no território do pecado. Lucio, que marchava à nossa frente, virou-se:

— Faço uma moção para roubar o Banco de la Nación daqui uns dias.

— Você, Silvio, abrirá os cofres com seu equipamento elétrico.

— Bonnot deve estar nos aplaudindo lá do inferno — disse Enrique.

— Viva Lacombe e Valet! — exclamei.

— Eureka! — gritou Lucio.

— O que foi?

O rapaz respondeu:

— Olha só! Ouviu o que o Lucio disse? Vamos ter de erguer uma estátua para ele...! É isso, e vocês sabem o que é?

Nos reunimos ao redor dele.

— Não entenderam? Não notou, Enrique, a joalheria que fica ao lado do Cine Electra? Sério, cara, não ria. O banheiro do cinema não tem teto, me lembro bem disso. De lá, nós podemos subir até o telhado da joalheria. Compramos alguns ingressos para a sessão da noite e, antes do fim do filme, a gente cai fora. Injetamos o clorofórmio pelo buraco da chave com um bulbo de borracha.

— É verdade. Lucio, será um golpe magnífico! E quem vai desconfiar de uns moleques? O projeto merece ser estudado.

Acendi um cigarro e a luz do fósforo revelou uma escadaria de mármore. Subimos as escadas. Chegando ao corredor, Lucio iluminou o local com sua lanterna à pilha, um paralelogramo iluminado se estendeu em uma das paredes do corredor escuro. Sobre o batente de madeira da porta, havia uma placa brilhante cujas letras diziam: Biblioteca.

Nos aproximamos para conferir a porta. Era antiga e as suas folhas altas, pintadas de verde, tinham uma fresta de um centímetro até o piso. Com uma alavanca, a fechadura se soltaria de seus parafusos.

— Primeiro, vamos até o terraço — disse Enrique. — As marquises estão cheias de lâmpadas elétricas.

No corredor, encontramos uma porta que dava para o terraço do segundo andar. Saímos. A água respingava nos ladrilhos do pátio e, ao lado de um muro alto e escuro, o clarão de um relâmpago revelou a porta entreaberta de uma guarita de madeira.

Às vezes, a súbita claridade de um relâmpago revelava um céu violeta distante e irregular, com a silhueta de torres e telhados. O muro alto criava um recorte sinistro no horizonte, dando um aspecto de prisão ao lugar.

Entramos na guarita. Lucio voltou a acender a lanterna. Nos cantos do cômodo, haviam pilhas de sacos de serragem, panos de limpeza, escovas e vassouras novas. O centro era ocupado por uma volumosa cesta de vime.

— O que tem aqui dentro? — Lucio levantou a tampa.

—Lâmpadas.

— Sêrio?

Gananciosos, nos inclinamos em direção ao círculo luminoso projetado pela lanterna. Esferas transparentes de lâmpadas incandescentes brilhavam em meio à serragem.

— Devem estar queimadas.

— Não, se tivessem, eles as teriam jogado fora. — Mas, para confirmar, examinei diligentemente os filamentos e suas geometrias. Estavam todos intactos.

Roubamos avidamente em silêncio, enchendo nossos bolsos. Sem nos determos, pegamos um saco de pano e também o enchemos com as lâmpadas. Lucio, para evitar que se quebrassem, as intercalava com serragem.

A calça de Irzubeta apresentava uma protuberância enorme na região da barriga, de tantas lâmpadas escondidas ali.

— Veja só, Enrique está grávido.

A piada nos fez sorrir. Saímos cuidadosamente. As peras de cristal soavam como sinos distantes. Ao pararmos em frente à biblioteca, Enrique convidou:

— Que tal entrarmos para pegar alguns livros?

— E com o que vamos abrir a porta?

— Vi uma barra de ferro no quartinho.

— Sabem o que faremos? Vamos embalar as lâmpadas.

Como a casa do Lucio é a mais próxima, ele as levará.

O malandro revidou:

— Ô caralho! Não vou sair sozinho. Não quero dormir na cova dos leões.

O semblante pecaminoso do malandro! O botão de sua gola tinha caído e a sua gravata verde estava torta sobre a camisa semiaberta. Tinha também uma boina com a aba para trás, o rosto sujo e pálido, os punhos da camisa desdobrados sobre as luvas. Essa era a imagem vergonhosa daquele empolgado punheteiro transformado em invasor da propriedade alheia. Enrique, que acabara de acomodar suas lâmpadas, foi procurar uma barra de ferro. Lucio resmungou:

— O Enrique é um sacana, não acha? Querendo me usar de isca sozinho.

— Não sacaneie você! Daqui até a sua casa não dá nem três quarteirões. Você pode ir e voltar em cinco minutos.

— Não gosto da ideia.

— Eu sei que você não gosta. Não é nenhuma novidade que você é cheio das opiniões.

— E se eu der de cara com um tira?

— Corra, para que você tem pernas?

Enrique entrou como se fosse um cachorro abanando o rabo.

— Vamos lá?

— Passe para cá e deixe comigo.

Enrolei um lenço na ponta da alavanca e a inseri na abertura, mas notei que, em vez de pressionar o chão, eu teria de forçar na direção oposta. A porta rangeu e eu parei.

— Force um pouco mais — sussurrou Enrique.

O sonoro guincho aumentou com a pressão e eu parei.

— Deixa comigo.

A investida de Enrique foi tão forte que o rangido original explodiu em um estrondo agudo. Enrique parou e ficamos imóveis, atordoados.

— Que beleza! — protestou Lucio.

Podíamos ouvir nossas respirações ansiosas. Lucio apagou a lanterna em um descuido e isso, somado ao primeiro susto, nos colocou em posição de alerta, sem ousarmos nenhum gesto, com as mãos trêmulas e rijas.

Nossos olhos perfuravam aquela escuridão. Eles pareciam ouvir, captar os sons insignificantes e próximos. Uma hiperestesia aguda parecia dilatar nossos ouvidos e ficamos como estátuas, nossos lábios entreabertos em expectativa.

— O que faremos? — Lucio murmurou.

O medo havia cedido. Não sei como me veio a inspiração de dizer a Lucio:

— Pegue o revólver e vá vigiar a escada, mas lá embaixo.

Nós vamos trabalhar.

— E quem fica com as lâmpadas?

— Isso é hora de pensar nas lâmpadas? Anda logo, não se preocupe.

E o gentil perdulário desapareceu depois de girar o revólver no ar com um gesto de vilão cinematográfico. Enrique abriu a porta da biblioteca com cuidado.

O ar estava tomado com o cheiro de papel velho e, à luz da lanterna, vimos uma aranha fugindo pelo chão encerado. Altas estantes envernizadas de vermelho subiam até o teto, o cone de luz se movia sobre as fileiras escuras, iluminando prateleiras forradas de livros. Vitrines majestosas acrescentavam um ar sério e sombrio. Por detrás dos vidros, nas lombadas de couro e tecido das capas duras, reluziam lombadas com arabescos e títulos gravados em dourado. Irzubeta se aproximou delas.

A luz refletida o iluminava de volta. Seu perfil tinha as faces chupadas mergulhadas em sombras, como se em baixo-relevo. Seu olhar estava fixo e seus cabelos negros contornavam seu crânio harmoniosamente até se perderem nos tendões de seu pescoço. Voltando os olhos para mim, ele sorriu:

— Veja só quantos livros de qualidade.

— Sim, e com bom valor de revenda.

— Há quanto tempo estamos aqui?

— Cerca de meia hora.

Sentei-me no canto de uma mesa a poucos passos da porta, no centro da biblioteca, e Enrique fez o mesmo. Estávamos cansados. O silêncio do salão escuro penetrou em nossos espíritos e nos afastou para os vastos espaços da memória e para longe dos urgentes assuntos em pauta.

— Por que você terminou com Eleonora?

— Sei lá. Você se lembra que ela me dava flores?

— Sim, mas e daí?

— E ela também me escrevia cartas. Coisa esquisita. Quando duas pessoas se amam, parece que sabem o que o outro está pensando. Num domingo à tarde, ela saiu para dar uma volta no quarteirão. Não sei por que fiz o mesmo, mas na direção oposta. E quando nos encontramos, sem nem olhar para mim, ela me estendeu uma carta. Ela estava com um vestido rosa-chá e me lembro de que muitos pássaros cantavam nas árvores.

— O que dizia a carta?

— Coisas muito simples. Para esperar, entende? Dar tempo ao tempo.

— Discreta.

— E muito séria, Enrique, meu chapa! Se você soubesse! A gente ali, encostados no portão de ferro. Quando escurecia, ela ficava calada... às vezes, ela me olhava de um jeito que me dava vontade de chorar. Mas a gente não falava nada um para o outro. O que dizer?

— A vida é assim — disse Enrique. — Mas vamos ver os livros. E esse Lucio? Às vezes ele me dá raiva. Que cara vagabundo!

— Onde será que guardam as chaves?

— Provavelmente na gaveta da mesa.

Procuramos na escrivaninha e as encontramos em uma caixa de canetas. Abrimos uma fechadura e começamos a investigar. Tirávamos os volumes e folheávamos, Enrique, que tinha mais conhecimento de mercado, dizia: “Não vale nada” ou “Vale”.

— *As montanhas do ouro.*

— Está esgotado. Vão pagar dez pesos em qualquer lugar.

— *A evolução da matéria*, de Lebón. Com fotografias.

— Vou ficar com este — disse Enrique.

— Rouquete. *Química orgânica e inorgânica.*

— Coloque aqui com estes.

— *Cálculo infinitesimal.*

— Isso é matemática avançada. Deve ser caro.

— E este?

— Como se chama?

— Charles Baudelaire. *Sua vida*.

— Deixe ver, me dá aqui.

— Parece uma biografia. Não vale nada.

Abriu o livro aleatoriamente.

— São poemas.

— O que dizem?

Li em voz alta:

Eu te amo como se ama a abóbada noturna

Ó! copo de tristezas, ó! grande e alva taciturna,

“Eleonora”, pensei. “Eleonora”.

Eu me lanço ao ataque, e vamos aos assaltos,

Como um coro de vermes sobre um cadáver.

— Cara, você sabe como isso é lindo? Vou levar para mim.

— Bem, presta atenção, enquanto eu embrulho os livros, você cuida das lâmpadas.

— Sem luz?

— Traga elas aqui.

Segui a instrução de Enrique. Nossas sombras gigantes-cas se moviam silenciosamente no teto e no chão do salão,

desproporcionais às formas escuras nos cantos. Familiarizado com a sensação de perigo, não havia nada que prejudicasse minha destreza.

Enrique, na escrivania, empilhava e folheava os volumes. Eu havia acabado de cuidar das lâmpadas com todo o cuidado quando reconhecemos os passos de Lucio no corredor.

Ele apareceu com o rosto desfigurado e com grandes gotas de suor na testa.

— Tem alguém vindo aí... Acabou de entrar... Apaguem.

Enrique olhou espantado para ele e desligou a lanterna mecanicamente. Eu, assustado, peguei a barra de ferro que um de nós havia deixado ao lado da mesa. No escuro, um calafrio me envolveu por inteiro. O desconhecido subiu as escadas com passos incertos. De repente, o horror atingiu seu ápice e me transfigurou. Eu não era mais um menino travesso. Meus nervos se enrijeceram, meu corpo era uma estátua deformada por instintos criminosos, uma estátua equilibrada sobre pernas retesadas, prontas para disparar diante do perigo.

— Quem será? — Enrique sussurrou.

Lucio respondeu com o cotovelo.

Agora o ouvíamos mais perto, e seus passos ecoavam em meus ouvidos, comunicando a angústia do tímpano a cada pulsação que corria em minhas veias. Ereto, eu segurava

a barra de ferro acima da cabeça com as duas mãos, pronto para qualquer coisa, pronto para desferir o golpe. Meus sentidos estavam tão aguçados que decifravam os sons até das estruturas psicológicas daquele que os produziam. Com uma vertigem incontrolável, eu analisava: “Ele se aproxima. Não desconfia. Se suspeitasse, não andaria assim. Se suspeitasse, não bateria o salto do sapato no chão, arrastaria. Seu corpo faria o mesmo, seguiria o comando dos ouvidos em busca de sons e dos olhos à procura de alguém. Ele andaria na ponta dos pés, mas ele... ele está tranquilo.”

De repente, uma voz rouca cantarolou, com a melancolia dos bêbados:

*Maldito dia em que te conheci,
Ai, macarena; ai, macarena.*

A música despreocupada parou abruptamente.

“Ele suspeitou. Não... Acho que sim... Não, vamos ver”, e achei que meu coração fosse explodir, tal era a força com que o sangue circulava em minhas veias.

Ao chegar no corredor, o desconhecido resmungou novamente:

Ai, macarena; ai macarena.

— Enrique — sussurrei. — Enrique!

Ninguém me respondeu. O vento trouxe o cheiro azedo de vinho com o som de um arroteo.

— Ele está bêbado — Enrique soprou em meu ouvido.
— Se ele vier, nós o amordaçamos.

O intruso se afastou e desapareceu no corredor. Dobrou uma curva, parou e o ouvimos lutar com uma maçaneta que se fechou ruidosamente atrás dele.

— Que bom que nos livramos dele!

— E você, Lucio? Por que está tão quieto?

— De alegria, irmão, de alegria.

— E como você o viu?

— Eu estava sentado na escada, atento. De repente, *zás!*, ouvi um barulho. Espiei e vi a porta de ferro se abrir. Rapaz, *te voglio dire*. Que susto!

— Vigie se o cara não vai voltar.

— Eu “apago” ele — disse Enrique.

— E agora?

— Agora o quê? Vamos, que já passou da hora.

Descemos na ponta dos pés, sorrindo. Lucio carregava o saco de lâmpadas. Enrique e eu, duas pesadas pilhas de livros. Não sei por que, na escuridão da escada, pensei no brilho do sol e ri distraído.

— Do que você está rindo? — perguntou Enrique, irritado.

— Não sei.

— Será que vamos cruzar com algum tira?

— Não, daqui até em casa não.

— Você disse isso antes.

— Além disso, nesta chuva!

— Caramba!

— O que foi, Enrique?

— Esqueci de fechar a porta da biblioteca. Me dá a lanterna.

Entreguei a ele e, com passos largos, Irzubeta desapareceu. Esperamos por ele sentados nos degraus de mármore. Eu tremia de frio no escuro. A água batia furiosamente contra os ladrilhos do pátio. Minhas pálpebras se fecharam involuntariamente e meu espírito escorregou para uma noite distante, para o rosto da amada moça, imóvel, encostada no álamo negro. E uma voz interior insistia: “Eu te amava, Eleonora! Ah, se você soubesse o quanto eu te amei!”

Quando Enrique voltou, trazia mais alguns livros debaixo do braço.

— Mais?

— É a *Geografia*, de Malte Brun. Essa eu quero para mim.

— Você fechou a porta direito?

— Sim, o melhor que pude.

— Dá para perceber?

— Aparentemente, nada.

— Cara, e aquele bêbado? Será que trancou a porta da frente?

Por sorte, o medo de Enrique não se confirmou. A porta estava entreaberta e saímos. Uma torrente de água ondulante escorria entre as duas calçadas e a chuva, mais calma, caía fina, compacta e obstinada.

Apesar do peso da carga, a cautela e o medo revitalizaram a frouxidão de nossas pernas.

— Lindo golpe.

— Sim, belíssimo.

— O que você acha de deixamos tudo na sua casa, Lucio?

— E se os tiras derem uma busca?

— Não diga asneiras, amanhã mesmo, já vamos ter vendido tudo.

— Quantas lâmpadas será que pegamos?

— Trinta.

— Belo golpe — repetiu Lucio. — E livros?

— Calculei mais ou menos uns setenta pesos — disse Enrique.

— Que horas são, Lucio?

— Deve ser umas três horas.

— Que tarde!

Não, não era tarde, mas o cansaço, a recente tensão, a escuridão e o silêncio, as árvores gotejando em nossas

costas, tudo isso fazia a noite parecer eterna. Enrique disse, melancólico:

— Sim, é muito tarde.

Tremendo de frio e cansaço, entramos na casa de Lucio.

— Calma, caras, não acordem os coroas.

— E onde vamos guardar isto?

— Espere.

Ele abriu a porta lentamente. Lucio entrou na sala e girou o interruptor.

— Entrem, caras, apresento a vocês o meu barraco.

O guarda-roupa estava em um canto, e havia uma mesa de madeira clara e uma cama. Sobre a cabeceira da cama, um Cristo Negro estendia seus piedosos braços retorcidos e, em uma moldura, uma figura ainda mais dolorosa: um pôster de Lyda Borelli mirava o teto. Esgotados, desabamos na cama.

A fadiga aumentara a escuridão das olheiras em nossos rostos. Nossas pupilas imóveis permaneciam fixas nas paredes brancas, ora próximas, ora distantes, como se estivéssemos febris. Lucio escondeu os embrulhos no guarda-roupa e se sentou pensativo na beirada da mesa, segurando um joelho com as duas mãos.

— E a *Geografia*?

— Vou levar.

O silêncio voltou a pesar sobre os espíritos ensopados, sobre nossos semblantes lívidos, sobre as mãos machucadas e entreabertas. Desolado, eu me levantei sem tirar os olhos da parede branca.

— Me dê o revólver, vou embora.

— Vou com você — disse Irzubeta, sentando-se na cama.

Na escuridão das ruas, andamos sem dizer uma palavra, sérios e com os ombros curvados.

Eu tinha acabado de me despir quando três batidas frenéticas ecoaram na porta da frente, batidas com extrema urgência, as quais me arrepiaram os cabelos. Zonzo, pensei: “A polícia me seguiu. A polícia... A polícia!” Congelei até a alma.

Os golpes se repetiram mais três vezes, ainda mais ansiosos, furiosos e urgentes. Peguei o revólver e segui nu até a entrada. Enrique caiu em meus braços antes que eu terminasse de abrir a porta. Alguns livros caíram na calçada.

— Fecha a porta, fecha, eles estão atrás de mim. Fecha a porta, Silvio — falou Irzubeta com a voz rouca.

Eu o puxei para debaixo da cornija da porta.

— O que foi, Silvio? O que foi? — minha mãe gritou, assustada, de seu quarto.

— Nada, fica quieta. Um segurança correu atrás do Enrique por causa de uma briga.

No silêncio da noite, o medo se aliou à justiça rebelde. Soou o apito de um policial e um cavalo a galope atravessou a rua. Em seguida, o som terrível se multiplicou e se repetiu em diferentes pontos próximos. Como serpentinas, os apitos de advertência se cruzavam no alto.

Um vizinho abriu a porta da rua, ouviram-se as vozes de um diálogo. Enrique e eu, trêmulos na sombra da cornija, nos abraçamos. Por toda parte, os assobios perturbadores continuavam ameaçadoramente, numerosos, enquanto ouvíamos o som das ferraduras em rápido galope na sinistra corrida de caça aos criminosos, com paradas bruscas sobre os paralelepípedos escorregadios, indo e vindo. E eu tinha o fugitivo em meus braços, seu corpo tremia de medo contra mim, e uma infinita misericórdia me aproximava do infeliz adolescente.

Eu o arrastei para dentro. Seus dentes batiam. Tremendo de medo, ele se afundou em uma cadeira. Seus olhos arregalados de pavor se fixaram na cúpula rosada do abajur. Outra vez um cavalo atravessou a rua, mas tão devagar que pensei que iria parar na frente da minha casa. Então o policial esporeou sua montaria e os apitos, que já estavam rareando, cessaram completamente.

— Água, me dê água!

Dei a ele uma garrafa e ele bebeu avidamente. O líquido emitia sons em sua garganta. Um suspiro largo contraiu seu peito. Então, sem desviar o olhar da tela rosada, sorriu aquele sorriso estranho e incerto de quem desperta de um pesadelo inconcebível.

Disse:

— Obrigado, Silvio.

Ele ainda sorria. Sua imensa alma experimentava o prazer inesperado da salvação.

— Mas me diga como foi.

— Olha. Eu ia pela a rua. Não tinha ninguém. Ao dobrar a esquina da Sud América, percebi que um policial me observava de um poste. Eu parei instintivamente e ele gritou: “O que você está levando aí?” Saí correndo como um doido. Ele correu atrás de mim, mas como estava de capa de chuva, não conseguiu me alcançar. Eu o deixei para trás. Então, ao longe, ouvi outro tira vindo a cavalo... e o apito. O cara que me perseguia soprou o apito. Eu não parei até chegar aqui.

— Viu só? Por que não quis deixar os livros na casa do Lucio? Quase que te enquadram! Iríamos todos pro xadrez. E os livros? Deixou cair os livros na rua?

— Não, eles caíram ali no corredor.

Ao ir buscá-los, tive de explicar à mamãe:

— Não foi nada. Acontece que Enrique estava jogando sinuca com outro rapaz e acidentalmente rasgou o pano da mesa. O proprietário queria que pagasse, mas como ele não tinha dinheiro, começou uma briga.

Estávamos na casa de Enrique. Um raio vermelho penetrava pela pequena janela da toca dos bonecos articulados. Enrique refletia em seu canto e uma grande ruga dividia sua testa da raiz do cabelo até a fronte. Lucio fumava encostado em uma trouxa de roupas sujas e a fumaça do cigarro envolvia seu rosto pálido em uma névoa. Por cima do banheiro, da casa de uma vizinha, vinha a melodia de uma valsa tocada lentamente ao piano.

Eu estava sentado no chão. Um soldadinho vermelho e verde sem pernas me olhava de sua casa de papelão amassado. As irmãs de Enrique brigavam do lado de fora com vozes estridentes.

— E aí...?

Enrique levantou sua nobre cabeça e olhou para Lucio.

— E aí?

Olhei para Enrique.

— O que você acha, Silvio? — Lucio insistiu.

— Não vamos fazer nada. Vamos parar de dar mancada, se não, já era.

— Na noite anterior, quase fomos pegos duas vezes.

— Sim, as coisas não poderiam estar mais claras — e Lucio releu com prazer e em voz alta um recorte de jornal pela décima vez — “Hoje, às três da manhã, o policial Manuel Carlés, vigiando as ruas Avellaneda e Sud América, surpreendeu um sujeito com atitude suspeita e que levava um embrulho embaixo do braço. Quando chamado, o estranho começou a correr e desapareceu em um dos terrenos baldios nas ruas vizinhas ao local. A 38ª delegacia investigou.”

— Então o clube está dissolvido? — perguntou Enrique.

— Não. Atividades estão suspensas por tempo indeterminado — respondeu Lucio. — Não é uma atividade interessante agora que a polícia está atrás de nós.

— Verdade, seria burrice.

— E os livros?

— Quantos volumes foram?

— Vinte e sete.

— Nove para cada, mas não se esqueça de apagar os selos do Conselho Escolar com cuidado.

— E as lâmpadas?

Lucio respondeu entusiasmado:

— Olha, cara, eu não quero saber das lâmpadas. Prefiro jogar no lixo a tentar vendê-las.

— Sim, certo, isso é um pouco perigoso agora.

Irzubeta continuava em silêncio.

— Está triste, Enrique, meu velho?

Um sorriso estranho torceu sua boca. Ele encolheu os ombros e, com veemência, estufou o peito e disse:

— Vocês desistiram, é óbvio. Esse ofício não é para qualquer um. Então me deixem em paz que eu vou continuar.

O facho vermelho na parede da toca das marionetes iluminava o perfil esquelético do adolescente.

CAPÍTULO 2: OS TRABALHOS E OS DIAS³

Como o dono da casa aumentou nosso aluguel, saímos do bairro e nos mudamos para um casarão sinistro na rua Cuenca, no final da Floresta. Deixei de ver Lucio e Enrique, e uma amarga sombra miserável se apossou dos meus dias.

Certa noite, ao fazer quinze anos, minha mãe me disse:
— Silvio, você precisa trabalhar.

Eu, que estava lendo um livro na mesa, levantei os olhos para ela com ressentimento. Pensei: “Trabalho, sempre trabalho”. Mas não respondi nada. Ela estava parada diante da janela. A luz azulada do crepúsculo refletia em seus cabelos grisalhos, em sua testa amarelada, cheia de rugas. Ela me

3 Os trabalhos e os dias, também conhecido como As obras e os dias, é um poema épico de Hesíodo, um dos primeiros autores conhecidos da Grécia Antiga. Nele, o autor, de forma didática, trata do mundo dos mortais e de sua organização, centrado nos temas do trabalho e da justiça.

olhava obliquamente, dividida entre o desgosto e a pena, e evitei encará-la. Ela insistiu, percebendo a agressividade do meu silêncio:

— Você tem de trabalhar, entende? Você não quis estudar. Eu não posso te manter. Você precisa trabalhar.

Quando falava, mal movia os lábios, finos como duas ripas. Suas mãos estavam escondidas nas dobras do xale preto que modelava seu pequeno busto e seus ombros caídos.

— Você tem de trabalhar, Silvio.

— Trabalhar? Trabalhar no quê? Pelo amor de Deus, o que você quer que eu faça? Quer que eu invente um emprego? Você sabe que eu sempre procuro trabalho.

Eu falava com uma coragem latente, com rancor de suas palavras teimosas, cheio de ódio à indiferença do mundo e à miséria que me perseguia a cada dia. Ao mesmo tempo, sentia uma dor indescritível: a certeza da minha própria inutilidade. Mas ela insistia, como se essas fossem suas únicas palavras:

— Você tem de trabalhar.

— No quê? Vejamos... no quê?

Automaticamente, ela foi até a janela e, com um movimento nervoso, alisou as dobras da cortina. Como se fosse difícil, ela me disse o seguinte:

— No “La Prensa” sempre precisam...

— Sim, precisam de lavador de louça, faxineiro... Você quer que eu vá lá lavar a louça?

— Não, mas você tem de trabalhar. O pouco que temos só é o suficiente para Lila terminar os estudos. Mas só dá para isso. O que você quer que eu faça?

Sob a barra da saia, ela me mostrou sua botina em pandarecos e disse:

— Veja estas botas. Para não gastar com livros, Lila tem de ir à biblioteca todos os dias. O que você quer que eu faça, meu filho?

Então sua voz ficou mais irritada. Um sulco escuro dividia sua testa até a raiz do cabelo, e seus lábios quase tremiam.

— Certo, mamãe, eu vou trabalhar.

Quanta desolação. A claridade azul tingia a alma com a monotonia de nossas vidas, pairava fedorenta e taciturna. Do lado de fora, ouvia-se o canto triste de uma roda de crianças:

A torre em guarda.

A torre em guarda.

Eu quero tomá-la.

Ela suspirou suavemente.

— O que eu mais queria é que você estudasse.

— De que adiantaria?

— O dia em que Lila se formar e você publicar...

Sua voz ficou mansa, entediada de tristeza. Ela se sentou à máquina de costura e, de perfil, sob a linha fina da sobancelha, seu olho era um poço de sombras com um triste brilho. Suas pobres costas encurvadas e a luz azulada em seus cabelos lisos criavam a impressão de uma geleira.

— Quando eu penso... — murmurou.

— Você está triste, mamãe?

— Não — ela respondeu e emendou: — Você quer que eu fale com o sr. Naydath? Você pode aprender a ser um decorador. Você não gosta do trabalho?

— Tanto faz.

— Mas eles ganham muito dinheiro...

Senti que precisava me levantar, agarrá-la pelos ombros e sacudi-la, gritando em seus ouvidos: “Não fale de dinheiro, mamãe, por favor! Não fale, fique quieta!”

Ela entendeu meu silêncio azedo e sua alma despenhou no chão. Ela estava atordoada, reduzida e abalada pelo ressentimento que ainda berrava para ela através dos meus olhos.

— Não fale de dinheiro, mamãe, por favor...! Não fale, fique quieta!

Ficamos ali, imóveis de angústia. Lá fora, a roda de crianças ainda cantava a triste melodia:

A torre em guarda.

A torre em guarda.

Eu quero tomá-la.

Eu pensei: “E a vida é assim. E, quando eu crescer e tiver um filho, vou dizer a ele: ‘Você tem de trabalhar. Eu não posso mantê-lo’. A vida é assim.”

Um arrepio me sacudiu na cadeira. Naquele momento, olhando para ela, observando seu corpo mirrado, meu coração se encheu de tristeza. Parecia que ela estava fora do tempo e do espaço, em uma paisagem árida, numa planície marrom com o céu metálico de tão azul. Eu era tão pequeno que não conseguia nem andar, e ela, abatida pelas sombras, extremamente angustiada, andava pela beira da estrada e me levava no colo, aquecendo minhas pernas com seu peito e apertando meu corpinho inteiro contra o seu, enquanto pedia às pessoas por mim. Ao me amamentar, um nó na garganta secava a sua boca e, da sua boca faminta, ela tirava o pão para me dar na boca. Em suas noites de sono, para atender ao meu choro, com seus olhos brilhantes, vestida em trapos, tão magra e tão triste, ela se abria como uma cortina para abrigar meu sono.

Pobre mamãe! Eu queria abraçá-la, trazer sua cabeça grisalha para o meu peito, pedir que perdoasse minhas

palavras duras. De repente, quebrando o silêncio prolongado, eu disse com uma voz decidida:

— Sim, eu vou trabalhar, mamãe.

Baixinho, ela disse:

— Está tudo bem, filho, tudo bem... — E, mais uma vez, uma profunda tristeza selou nossos lábios.

Lá fora, sobre o topo de um muro rosado, brilhava no céu um tetragrama prateado.

Dom Gaetano tinha uma livraria, ou melhor, um sebo de compra e venda de livros usados, na rua Lavalle, 800. Era uma sala enorme, abarrotada de livros até o teto. O lugar era maior e mais escuro que a caverna de Trofônio. Para onde quer que se olhasse, havia livros: livros em mesas de tábuas sobre cavaletes, livros nos balcões, nos cantos, embaixo das mesas e no porão.

Uma ampla porta revelava aos transeuntes o conteúdo da caverna e, nas paredes da rua, pendiam volumes de histórias para imaginações vulgares: o romance de *Genevieve de Brabante* e *As aventuras de Musolino*. Do lado oposto da rua, como abelhas, pessoas circulavam pelo saguão de uma sala de cinema, com a campainha tocando incessantemente.

No balcão, junto à porta, ficava a esposa de dom Gaetano, uma mulher branca e gorda, de cabelos castanhos e admiráveis olhos verdes, os quais expressavam certa crueldade.

— Dom Gaetano está?

A mulher apontou para um homem grande que vestia só uma camisa de mangas e observava as idas e vindas das pessoas à porta. Sua gravata preta estava enrolada em volta do pescoço e seu cabelo encaracolado caía descuidado sobre a testa e as orelhas. Ele era um homem bonito, com sua dureza e sua pele escura, mas, sob as sobrancelhas grossas, seus olhos grandes e intensos causavam desconfiança.

O homem pegou a carta de onde me recomendaram, leu, depois, entregando-a à mulher, ficou me examinando. Sua testa se franziu e, por sua atitude cautelosa e agradável, podia-se adivinhar que ele tinha uma natureza desconfiada e traiçoeira, além de serena, com uma bondade fingida e uma falsa simpatia em suas sonoras gargalhadas.

— Então você trabalhava em uma livraria antes?

— Sim, patrão.

— E trabalhava bastante?

— Muito.

— Mas não tinham tantos livros como aqui, certo?

— Ah, claro, nem um décimo.

Em seguida, voltou-se para sua esposa:

— E o Mosiú? Não vem mais trabalhar?

A mulher respondeu com um tom áspero:

— Esses piolhentos são assim mesmo. Depois que matam a fome e aprendem a trabalhar, somem.

Ela disse isso e descansou o queixo na palma da mão, revelando um pedaço do braço nu sob a manga da blusa verde. Seus olhos cruéis se fixaram na rua movimentada. A campainha do cinema soava incessantemente e um raio de sol, vindo por cima de dois muros altos, iluminava a fachada escura do edifício de Dardo Rocha.

— Quanto você quer ganhar?

— Não sei. Você que sabe se...

— Bom, olha... eu vou te dar um peso e meio, casa e comida, você vai estar melhor do que um príncipe, vai mesmo. — O homem baixou a cabeça desganhada. — Aqui não tem horário. A hora mais movimentada é das oito às onze da noite...

— O quê? Onze da noite?

— Vai dizer que um menino como você não quer ficar acordado até as onze da noite, vendo as moças bonitas passarem. Claro, de manhã, acordamos às dez.

Me lembrei do conselho sobre dom Gaetano que me passaram ao me recomendar. Eu respondi:

— Tudo bem, mas preciso do dinheiro adiantado. Você vai me pagar toda semana?

— O quê? Está desconfiando?

— Não, senhora, mas precisam desse dinheiro em casa e nós somos pobres. A senhora entende...

A mulher voltou seu olhar ultrajado para a rua.

— Bem — continuou dom Gaetano —, venha ao apartamento amanhã às dez. Moramos na rua Esmeralda. — E, anotando o endereço em um pedaço de papel, ele me entregou.

A mulher não respondeu à minha despedida. Imóvel, com o rosto apoiado na palma da mão e o braço nu apoiado nas capas dos livros, fixava seu olhar na fachada da casa de Dardo Rocha. Ela parecia ser o gênio sombrio da caverna dos livros.

Às nove da manhã, cheguei na casa onde morava o livreiro. Depois de tocar a campainha, para me abrigar da chuva, entrei no saguão.

Um velho barbudo, com um lenço verde enrolado no pescoço e o gorro puxado sobre as orelhas, veio ao meu encontro.

— O que você quer?

— Sou o novo funcionário.

— Suba.

Entrei pelo vão da escada de degraus encardidos.

Quando chegamos ao corredor, o homem disse:

— Espere aqui.

Atrás das vidraças da janela que dava para a rua, de frente para a sacada, ficava o letreiro enferrujado de uma loja. A garoa descia lentamente pelas curvas metálicas. Ao longe, uma chaminé entre duas caixas d'água lançava grandes nuvens de fumaça no ar, salpicadas pelas agulhas de água.

Os irritados sinos dos bondes se repetiam e as fagulhas violetas faiscavam entre os vagões e os cabos elétricos. O canto de um galo rouco veio não sei de onde. Uma tristeza repentina me dominou diante do abandono daquela casa. As portas de vidro estavam sem cortinas, as venezianas fechadas. Em um canto do corredor, no chão empoeirado, alguém havia largado um pedaço de pão duro e um cheiro azedo de cola pairava no ambiente: um fedor de sujeira úmida e antiga.

— Miguel — gritou a mulher com voz áspera lá de dentro.

— Diga, senhora.

— Tem café?

O velho ergueu os braços no ar e, cerrando os punhos, dirigiu-se à cozinha por um pátio molhado.

— Miguel.

— Senhora.

— Onde estão as camisas que Eusebia trouxe?

— No baú pequeno, senhora.

— Dom Miguel — o homem chamou sarcasticamente.

— Diga, dom Gaetano.

— Como vai, dom Miguel?

O velho balançou a cabeça para a esquerda e para a direita, erguendo os olhos desconsoladamente para o céu. Ele era magro, alto, de cara comprida, com uma barba de três dias nas faces flácidas e a expressão queixosa de um cão fugitivo nos olhos remelentos.

— Dom Miguel.

— Diga, dom Gaetano.

— Vá me comprar uns Avanti.

O velho já iniciava sua viagem quando:

— Miguel.

— Senhora.

— Traga meio quilo de torrões de açúcar e veja se pesaram direito.

Uma porta se abriu e dom Gaetano apareceu, fechando a braguilha com as duas mãos e com um pente pendurado no topete crespo.

— Que horas são?

— Não sei.

Ele olhou para o quintal.

— Tempo de merda — murmurou e então começou a pentear o cabelo.

Quando dom Miguel chegou com o açúcar e os charutos, dom Gaetano disse:

— Traga a cesta, depois, você pode levar o café para a loja.
— Colocou um chapéu de feltro ensebado, pegou a cesta que o velho lhe entregou e a passou para mim. — Vamos ao mercado.

— Ao mercado?

Ele entendeu meu tom na hora.

— Um conselho, Silvio, meu caro. Eu não gosto de dizer as coisas duas vezes. Além disso, comprando no mercado, sabe-se o que se come.

Desolado, saí atrás dele com a cesta, uma cesta vergonhosamente enorme, que batia nos meus joelhos com uma insistência que tornava a tristeza de ser pobre ainda mais profunda e grotesca.

— O mercado é longe?

— Não, rapaz, é na Carlos Pellegrini — e, olhando para mim com uma expressão triste, ele continuou: — Parece que você tem vergonha de carregar uma cesta. Mas o homem honesto não se envergonha de nada, desde que seja trabalho.

Um dândi em quem esbarrei olhou zangado para mim. Um porteiro moreno, uniformizado com uma magnífica

capa e galões dourados, me olhou com ironia. E um pivete passou e chutou o fundo da cesta de propósito. A cesta era de um vermelho-rabanete espalhafatoso, grande e ridícula. Quanta ironia. E eu que sonhava ser um grande bandido como Rocambole e um grande poeta como Baudelaire!

Pensei: “E para viver temos de passar por isso? Tudo isso. Ter de passar com esse cesto na frente dessas lindas vitrines.”

Perdemos a maior parte da manhã vagando pelo Mercado del Plata.

Dom Gaetano era uma figura ímpar! Para comprar um repolho, uma fatia de abóbora ou um maço de alface, ele passava pelas barracas discutindo, em disputas mesquinhas com os verdureiros, por causa de moedas de cinco centavos. E eles se insultavam em um dialeto que eu não entendia.

Que figura! Ele tinha a atitude de um camponês astuto, que se faz de bobo e responde com um gracejo quando entende que não irá conseguir enganar. Farejando pechinchas, metia-se entre as criadas e as empregadas para bisbilhotar coisas que não deviam lhe interessar. Era cordial e, ao se aproximar dos balcões de lata dos pescadores, examinava as guelras da pescada e da merluza, comia camarões e, sem levar nem sequer um marisco, ia até a barraca dos miúdos, de lá para os vendedores de galinhas. Antes de comprar qualquer

coisa, cheirava a comida e a apalpava, desconfiado. Se os feirantes se zangassem, ele gritava dizendo que não queria ser enganado, que sabia que todos eles eram ladrões, mas que estavam errados ao considerá-lo um tolo por ele ser tão simplório. A sua simplicidade era completa, a sua estupidez era uma bela malandragem.

Ele fazia o seguinte:

Com imensa paciência, escolhia um repolho ou uma couve-flor. Estava de acordo com o preço, mas de repente descobria um outro que lhe parecia mais maduro ou maior e assim se iniciava uma disputa entre o verdureiro e dom Gaetano, ambos decididos a roubar, a prejudicar um ao outro, ainda que fosse por um único centavo.

Sua má fé era estupenda. Ele nunca pagava o que era combinado, mas sim o que oferecera antes de fechar o negócio. Depois de ter posto os alimentos no cesto, dom Gaetano se afastava do balcão, enfiava os polegares no bolso do colete, tirava, contava e recontava o dinheiro e o atirava desdenhosamente sobre o balcão como se fizesse um favor ao comerciante. Em seguida, se afastava apressado. Se o comerciante gritasse com ele, ele responderia:

— *Estate buono.*

Ele tinha uma inquietude para se movimentar, comia tudo com os olhos, entrava em êxtase na frente da mercadoria

pelo dinheiro que ela representava. Aproximava-se dos vendedores de porco para perguntar o preço das salsichas, examinava avidamente as cabeças rosadas dos suínos e as girava lentamente sob o olhar impassível dos feirantes barbigudos de aventais brancos. Coçava atrás da orelha, olhava com apetite para as costelas presas nos ganchos, os nacos de toucinho em tiras e, como se resolvesse um problema que atormentava seu coração, ia até uma outra barraca beliscar um pedaço de queijo ou contar quantos aspargos havia em cada maço. Sujava as mãos com as alcachofras e nabos, comia sementes de abóbora, observava os ovos contra a luz e se deliciava com os montes de manteiga fresca, sólida, amarela e ainda cheirando a soro de leite.

Almoçamos por volta das duas da tarde. Dom Miguel apoiava seu prato sobre uma caixa de querosene, e eu no canto de uma mesa cheia de livros. A gorda comia na cozinha e dom Gaetano no balcão.

Sáímos da caverna às onze da noite.

Dom Miguel e a gorda iam pelo centro da rua molhada, levando o cesto no qual tilintavam os pratos do café. Dom Gaetano seguia com as mãos enfiadas nos bolsos, o chapéu

no alto da cabeça e uma mecha de cabelo pendurada sobre os olhos. E eu, atrás deles, pensava em quantas horas havia trabalhado no meu primeiro dia.

Subimos e, quando chegamos ao corredor, dom Gaetano me perguntou:

— Você trouxe um colchão, não é?

— Eu não. Por quê?

— Tem uma caminha aqui, mas não tem colchão.

— E não tem um cobertor?

Dom Gaetano olhou em volta e depois abriu a porta da sala de jantar. Sobre a mesa, havia uma lona verde, pesada e áspera. Dona María já entrava no quarto quando dom Gaetano pegou a lona por uma ponta e a jogou em meu ombro. Mal-humorado, disse:

— *Estate buono*. — E, sem responder ao meu “boa noite”, fechou a porta na minha cara.

Fiquei desconcertado diante do velho, que confirmou sua indignação com uma blasfêmia surda:

— Ah! *Dío fetente!*⁴ — Então ele começou a andar e eu o segui.

O cubículo em que morava o velho — que a partir daquele momento passei a chamar de “Dío Fetente” — era

4 Do italiano, “Deus fedorento”, que fede, asqueroso.

um triângulo íngreme junto ao telhado, com uma janelinha redonda que dava para a rua Esmeralda e por onde se via a luz do poste que iluminava a calçada. O vidro da janela estava quebrado e as rajadas de vento faziam dançar a labareda amarela de uma vela presa à parede. Encostada em um canto, havia uma cama de armar, duas ripas em cruz com uma lona estendida sobre as barras transversais.

Dío Fetente saiu para urinar no terraço e depois se sentou numa caixa, tirou seu gorro e as botas, ajeitou o cachecol no pescoço e se preparou para enfrentar o frio da noite. Deitou-se vagarosamente na cama e se cobriu até as barbas com seus cobertores — alguns sacos de estopa cheios de trapos.

A luz tênue da vela iluminava seu perfil, com seu nariz comprido e avermelhado, uma testa achatada e sulcada de rugas em um crânio nu, com vestígios de cabelos grisalhos acima das orelhas. Como o vento que entrava o incomodava, Dío Fetente estendeu o braço, pegou o gorro e o baixou sobre as orelhas. Depois, tirou do bolso uma ponta de cigarro e o acendeu. Soprou longas baforadas e, juntando as mãos atrás seu pescoço, ali ficou, olhando para mim sem expressão.

Comecei a examinar minha cama. Muitos deviam ter sofrido nela, de tão estropiada que estava. As pontas das molas haviam rasgado o tecido e estavam à mostra como

grandes saca-rolhas, e as alças laterais estavam fixadas por fios de arame.

Obviamente, eu não teria uma noite memorável e, depois de verificar sua estabilidade, imitei Dío Fetente e tirei minhas botas, as quais embrulhei em um jornal para me servirem de travesseiro. Me enrolei na lona verde e me deitei naquela cama, decidido a dormir.

Sem dúvida, aquela era a cama de alguém muito pobre, um lixo do gueto, o catre mais insalubre que já conheci. As molas afundavam em minhas costas, suas pontas tentavam perfurar a carne entre as minhas costelas, o aço afundava dolorosamente em um ponto enquanto em outro, por maravilhas da física, se elevava em promontórios. E a cada movimento a cama gemia, guinchava com sonoros rangidos, como uma máquina sem óleo nas engrenagens. Não havia uma posição confortável sequer, os fiapos duros da lona arranhavam meu pescoço, a ponta das botas fazia minha nuca formigar, as espirais dos elásticos dobrados beliscavam minha carne. Então:

— Ei, Dío Fetente!

Como uma tartaruga, o velho tirou sua cabeça de baixo do monte de sacos.

— Diga, dom Silvio.

— Como é que vocês ainda não jogaram esta cama no lixo?

O venerável ancião revirou os olhos, deu um profundo suspiro e indicou Deus como testemunha das iniquidades dos homens.

— Dío Fetente, não tem outra cama? É impossível dormir aqui.

— Esta casa é um inferno, dom Silvio. Um inferno — e, baixando a voz, com medo de ser ouvido, continuou. — Esta é... a mulher... a comida... Ah, Dío Fetente, que casa é esta?

O velho apagou a vela e eu pensei: “Definitivamente, estou indo de mal a pior.”

A chuva caía sobre o zinco do sótão. De repente, um soluço sufocado me sacudiu. Era o velho que chorava. Ele chorava de dor e de fome. E assim foi o meu primeiro dia.

Às vezes, à noite, rostos de donzelas nos ferem com a espada da doçura. Ao nos afastarmos, nossa alma fica sombria e solitária, como depois de uma festa. São maravilhas do passado. Já se foram e não temos mais notícias delas. Mas, no entanto, em certa noite, elas nos visitam mirando firmemente nossos olhos imóveis... e somos feridos com as espadas da doçura. Imaginamos como seria o amor daquelas mulheres com suas faces que nos ferem a carne. Desoladora aridez do espírito, áspera e urgente vontade que não se acalma. Pensamos em como elas inclinariam a cabeça para nos

deixar com os lábios entreabertos para o céu, como se deixariam desmaiar de desejo sem negar a beleza do rosto em um momento ideal. Imaginamos como soltariam os laços do espartilho com suas próprias mãos. Faces... faces de donzelas maduras para o desespero do júbilo, faces que subitamente criam nas entranhas um desmaio ardente, rostos que não desmentem o desejo de um momento perfeito. Como eles vêm ocupar nossas noites!

Fiquei horas a fio perseguindo com os olhos a forma de uma donzela que, durante o dia, me deixara ansioso de desejo até os ossos. Languidamente, eu imaginava seus encantos, adoráveis ao ponto de causarem vergonha. Sua boca era feita apenas para beijos inesquecíveis. Eu via o seu corpo submisso se agarrar às carnes provocantes e insistir no deleite de seu abandono, na magnífica pequenez de suas partes, meu olhar fixo em seu semblante, em seu corpo jovem demais para o sofrimento e para a maternidade. Seu braço alcançava a minha pobre carne, assediando-me e me levando para mais perto do prazer.

Dom Gaetano voltou da rua e foi para a cozinha. Ele me olhou feio, mas não disse nada, e eu me inclinei sobre o pote de cola enquanto remendava um livro, pensando:

“Vamos ter uma tempestade”. Certamente, com regularidade, o casal brigava.

A mulher branca, imóvel, apoiada com os cotovelos no balcão, as mãos envolvendo as dobras do lenço verde, seguia os passos do marido com olhos cruéis. Dom Miguel, na pequena cozinha, lavava a louça numa tigela gordurenta. As pontas do seu cachecol roçavam as bordas do balde e um avental xadrez em vermelho e azul, amarrado na cintura com um barbante, o protegia dos respingos de água. Sabendo o que aconteceria, sem tirar os braços peludos da água, ele virou a cabeça e levantou as pupilas para o teto, como se dissesse: “Que casa é esta, Dío Fetente?”

Devo salientar que a cozinha dava para uma fossa imunda, em um canto da caverna escondido pelas prateleiras. Dom Miguel fazia a escassa refeição do meio-dia sobre uma tábua suja, empastada de cascas de legumes, retalhos de carne e batatas. O que sobrasse do nosso apetite do almoço seria servido à noite, na forma de um ensopado repugnante. E Dío Fetente era o gênio e o mágico daquele antro asqueroso. Lá, amaldiçoávamos nossa sorte. Às vezes, dom Gaetano se refugiava ali para meditar sobre os desconfortos que o casamento lhe trazia.

O ódio que fermentava no peito da mulher acabava por explodir. Um movimento insignificante, qualquer ninharia,

era suficiente. De repente, a mulher, rígida em sua fúria sombria, abandonava o balcão e saía para procurar o marido, arrastando os chinelos pelos ladrilhos e com as mãos envoltas no lenço, os lábios apertados e as pálpebras imóveis. Ainda me lembro da cena daquele dia:

Como de costume, naquela manhã, dom Gaetano fingiu que não a tinha visto, embora ela estivesse a três passos dele. Notei que o homem inclinou sua cabeça em direção a certo livro, fingindo ler o título. A mulher permaneceu imóvel. Apenas seus lábios tremiam como folhas no vento. Então ela balbuciou, com uma voz que contribuiu para aquela terrível monotonia.

— Eu era linda. O que você fez com a minha vida?

Na testa, seu cabelo tremia como se alguém o soprasse. Um choque sacudiu o corpo de dom Gaetano. Com o rancor em sua garganta, ela lançou palavras pesadas e indigestas para ele:

— Eu botei você em pé. Quem era sua mãe? Uma *bagazza* que ia com qualquer homem. O que você fez com a minha vida?

— *María*, cala a boca! — respondeu dom Gaetano, com uma voz rouca.

— Sim, quem matou a sua fome e te vestiu? Eu, *stronzo*. Eu te dei de comer! — E a mão da mulher se ergueu como se fosse golpear o rosto do homem.

Dom Gaetano recuou, trêmulo. Ela falava com angústia, aos soluços:

— O que você fez com a minha vida, seu porco? Eu estava na minha casa como uma rosa no vaso, e não precisava me casar com você, *stronzo*.

Os lábios da mulher se contraíram convulsivamente, como se mastigasse um ódio pegajoso e terrível. Eu saí para dispersar os curiosos da porta da loja.

— Deixa eles, Silvio! — ela ordenou. — Que ouçam quem é este canalha!

Seus olhos verdes estavam redondos, dando a sensação de que seu rosto era ainda maior, como em uma tela de cinema. Ela continuou, ainda mais pálida:

— Se eu fosse outra, se andasse por aí, estaria melhor. Estaria longe de um porco como você!

Ele ficou em silêncio e saiu.

Dom Gaetano foi atender a um senhor de sobretudo, com grandes óculos dourados sobre seu nariz fino avermelhado pelo frio. Exaltada por sua indiferença, já que o dom Gaetano devia estar acostumado a essas cenas e preferia ser insultado a perder seus benefícios, a mulher gritou:

— Não dê atenção a ele, meu senhor. Ele não passa de um ladrão napolitano!

O cliente se voltou na direção dela, espantado com sua fúria. Então ela continuou:

— Ele te pede vinte pesos por um livro que custa quatro — e, como dom Gaetano não se virava, ela continuou a gritar até ficar com o rosto vermelho. — Sim, você é um ladrão. Um ladrão!

E cuspiu seu despeito, seu desgosto. O senhor disse, ajeitando os óculos:

— Voltarei outro dia. — E saiu, indignado.

Então dona María pegou um livro e o atirou sem aviso na cabeça de dom Gaetano, depois outro e mais outro. A raiva parecia sufocar dom Gaetano. De repente, ele arrancou o colarinho e a gravata preta e os jogou no rosto da esposa. Então ele parou por um momento como se tivesse levado uma pancada nas têmporas e desatou a correr. Saiu para a rua com os olhos saltando das órbitas e, parando no meio da calçada, sacudiu a cabeça sem chapéu e apontou na direção dela como um louco, mostrando-a para os transeuntes. Com os braços estendidos, ele gritou com a voz distorcida pelo ódio:

— Animal! Besta! Besta!

Satisfeita, ela se aproximou de mim:

— Viu só? Não vale nada, esse canalha! Juro que às vezes tenho vontade de sumir. — E, voltando ao balcão, ela cruzou os braços e retomou sua abstração: seu olhar cruel fixo na rua.

De repente:

— Silvio.

— Senhora.

— Quantos dias ele deve a você?

— Três, contando hoje, senhora.

— Tome — acrescentou ao me entregar o dinheiro. —

Não confie nele, porque ele é um vigarista. Ele já enganou até uma seguradora. Se eu quisesse, ele estaria na cadeia.

Fui para a cozinha.

— O que achou disso, Miguel?

— Um inferno, dom Silvio. Que vida! *Dio fetente!*

E o velho, com um soco no ar, deu um longo suspiro, inclinou a cabeça sobre a grande bacia e continuou a descascar batatas.

— Mas para que serve essa imoralidade toda?

— Não sei, eles não têm filhos. Ele não presta.

— Miguel.

— Sim, senhora.

A voz estridente ordenou:

— Não faça comida. Não vamos comer hoje. Quem não gostar, que se mude.

Foi o tiro de misericórdia. Algumas lágrimas escorrem pela face enrugada do velho faminto. Alguns momentos passaram.

— Silvio.

— Senhora.

— Tome, são cinquenta centavos. Vá comer na rua.

Ela envolveu os braços nas dobras de seu lenço verde e retomou sua costumeira postura feroz. Em suas bochechas claras, duas lágrimas brancas deslizaram lentamente para o canto de sua boca. Comovido, murmurei:

— Senhora...

Ela olhou para mim e, sem mover a cabeça, com um sorriso reativo, disse:

— Ande. Volte às cinco.

Aproveitando a tarde livre, resolvi ir ver o sr. Vicente Timoteo Souza, que se dedicava às ciências ocultas e outras artes teosóficas. Ele me havia sido recomendado por um conhecido. Toquei a campainha e fiquei olhando para a escada de mármore, cujo tapete vermelho preso por hastes de latão era banhado pelo sol através das vidraças da pesada porta de ferro.

Calmamente o porteiro desceu, vestido de preto.

— O que você quer?

— O sr. Souza está?

— Quem é você?

— Astier.

— As...

— Sim, Astier. Silvio Astier.

— Espere, vou ver.

Depois de me examinar da cabeça aos pés, ele desapareceu pela porta do corredor, coberta por longas cortinas brancas amareladas. Esperei ansioso e angustiado, sabendo que uma atitude daquele grande homem chamado Vicente Timoteo Souza poderia mudar o destino da minha infeliz juventude.

Mais uma vez, a pesada porta se abriu e, solenemente, o porteiro me informou.

— O sr. Souza diz para voltar daqui a meia hora.

— Obrigado. Obrigado e até logo. — E saí, pálido.

Entre numa leiteria próxima da casa, sentei-me à mesa e pedi um café ao garçom.

“Sem dúvida”, pensei, “se o sr. Souza vai me receber, é para me dar o emprego que prometeu. Não”, continuei, “não tenho motivos para pensar mal dele. Talvez estivesse muito ocupado para me receber agora.”

Ah, o sr. Vicente Timoteo Souza! Fui apresentado a ele numa manhã de inverno pelo teósofo Demetrio, que se esforçava para remediar minha situação.

Sentados no hall, ao redor de uma mesa esculpida com contornos ondulados, o sr. Souza, com suas bochechas reluzentes e pupilas vivas por trás das lentes de seus óculos, conversou comigo. Eu me lembro de que ele usava um hobby felpudo com botões de madrepérola nos punhos, dando a liberdade ao seu lado menos requintado de conversar com um pobre diabo. Ele analisou minha possível psicologia:

— Redemoinhos no cabelo: temperamento rebelde. Crânio achatado no occipital: temperamento lógico. Pulso trêmulo: natureza romântica.

O sr. Souza, voltando-se para o teósofo impassível, disse:

— Vou fazer este aqui estudar para ser médico. O que você acha, Demetrio?

O teósofo não se abalou.

— Muito bem. Todo homem pode ser útil à humanidade, por mais insignificante que seja sua posição social.

— *Hehe*. Você sempre filosofando — e o sr. Souza, virando-se para mim, disse. — Vamos ver... amigo Astier, escreva a primeira coisa que lhe vier à mente.

Eu hesitei. Então escrevi com uma bela caneta de ouro que o homem me entregou com deferência:

A cal ferve quando molhada.

— Meio anarquista, hein? Cuide do seu cérebro, menino. Cuide dele, entre os vinte e os vinte e dois anos ele sofrerá um *surmenage*.

Como não sabia o que era, perguntei:

— O que significa “surmenage”?

— É um ataque de insanidade temporária.

Eu empalideci. Mesmo agora, quando me lembro dele, fico envergonhado.

— Isto é um ditado — ele explicou. — Todos os nossos sentimentos precisam ser dominados — e continuou: — Meu amigo Demetrio me disse que você inventou não sei que coisas.

A luz do sol penetrava pelas vidraças e a súbita lembrança da miséria me entristeceu tanto que hesitei em responder. Mas, em seguida, eu disse com uma voz amarga:

— Sim, algumas coisinhas. Um sinalizador, um contador de estrelas automático...

— Teorias, sonhos... — ele me interrompeu, esfregando as mãos. — Conheço Ricaldoni e, com todas as suas invenções, ele não passou de um simples professor de física. Quem quer ficar rico tem de inventar coisas práticas e simples.

Meu coração se despedaçou. Ele continuou:

— Sabem quem foi que patenteou o ioiô diabolô? Um estudante suíço, entediado no inverno em seu quarto. Ganhou

muito dinheiro, como aquele outro norte-americano que inventou o lápis com uma borracha na ponta.

Então ele ficou em silêncio e, tirando uma cigarreira de ouro com uma roseta de rubi na tampa, nos ofereceu cigarros de tabaco suave. O teósofo recusou baixando a cabeça, mas eu aceitei. O sr. Souza continuou:

— Falando em outras coisas, como o meu amigo aqui me disse, você precisa de um emprego.

— Sim, senhor, um trabalho no qual eu possa progredir, porque onde estou...

— Sim, sim, eu sei. Na casa de um napolitano, eu sei... um sujeito incomum. Muito bom, muito bom. Acho que não teremos problemas. Escreva-me uma carta detalhando todas as peculiaridades de seu caráter. Seja franco e não duvide de que posso ajudá-lo. Quando eu prometo, eu cumpro.

Ele se levantou da cadeira sem muito cuidado.

— Amigo Demetrio, quanto prazer. Venha me visitar logo, quero lhe mostrar alguns quadros. Jovem Astier, aguardo sua carta — e, sorrindo, acrescentou. — Cuidado para não me enganar.

Uma vez que estávamos na rua, me dirigi com entusiasmo ao teósofo:

— Como é bom esse sr. Souza. Tudo graças a você. Muito obrigado.

— Vamos ver, vamos ver.

Saí do meu devaneio para perguntar ao garçom da leiteria que horas eram.

— Dez para as duas.

“O que o sr. Souza terá para mim?”

Eu escrevia com frequência a ele no ínterim de dois meses, evidenciando minha situação precária. O ricaço, depois de longos silêncios e breves notas datilografadas que não assinava, se dignou a me receber.

“Sim, ele deve me arrumar um emprego. Talvez na prefeitura ou no governo. Se der certo, mamãe ficará satisfeita!” E, me lembrando dela, naquela leiteria com enxames de moscas em volta das pirâmides de alfajores e dos pães de leite, uma ternura repentina fez meus olhos lacrimejarem.

Apaguei o cigarro, paguei a conta e fui para a casa do sr. Souza. Minhas veias latejavam violentamente quando toquei a campainha. Imediatamente, tirei o dedo do botão e pensei: “Espero que ele não ache que estou nervoso porque vai me receber. Ele pode não gostar.”

Quanta timidez coloquei naquele toque! Parecia que apertar o botão da campainha significava: “Perdoe-me o incômodo, sr. Souza, mas preciso de um emprego.”

A porta se abriu.

— O sr... — eu gaguejei.

— Entre.

Subi as escadas na ponta dos pés atrás do criado. Embora as ruas estivessem secas, esfreguei as solas das minhas botas no para-barro da entrada para não sujar nada ali. Nos detivemos no corredor. Estava escuro. O criado ajeitou os caules de algumas flores em seu vaso de vidro sobre a mesa. Uma porta se abriu e o sr. Souza apareceu em roupas comuns, os olhos brilhando por trás das lentes de seus óculos.

— Quem é você? — ele bradou duramente para mim.

Meio sem jeito, respondi:

— Mas, senhor, eu sou Astier...

— Não o conheço, senhor. Não me incomode mais com suas cartas impertinentes. Juan, acompanhe-o.

Então, virando-se, ele bateu à porta na minha cara.

E, ainda mais triste, debaixo do sol, tomei o caminho de volta para a caverna.

Certa tarde, depois de terem se insultado até a rouquidão, a mulher de dom Gaetano, percebendo que ele não sairia da loja como das outras vezes, decidiu dar uma volta.

Saiu em direção da rua Esmeralda e voltou do apartamento com uma trouxa branca. Mais tarde, para provocar o marido que cantarolava um *couplet* na porta da caverna, ela foi até a cozinha e chamou Dío Fetente e eu. Ela me ordenou, pálida de raiva:

— Tire essa mesa, Silvio. — Seus olhos estavam mais verdes do que nunca e tinha duas manchas vermelhas em suas bochechas. Sem se importar que a barra de sua saia se sujasse na imundície do cubículo, ela se inclinou, recolhendo os pertences que levaria consigo.

Tentando não me sujar de gordura, removi a mesa, uma tábua grudenta com quatro pernas podres. Nela, o infeliz Dío Fetente preparava suas gororobas.

A mulher disse:

— Vire-a com os pés para cima.

Eu entendi o que ela queria: converter aquilo em uma maca.

Não errei.

Dío Fetente varreu as teias de aranha da parte de baixo da mesa com sua vassoura. E, depois de cobri-la com um pano, a mulher depositou seu embrulho branco sobre as tábuas, colocou as panelas com pratos, facas e garfos dentro, amarrou o aquecedor Primus a uma das pernas da mesa com um barbante e, esbaforida de agitação, quando achou que tivesse terminado, disse:

— Que aquele cachorro vá comer no boteco.

Terminando de arrumar os pacotes todos, Dío Fetente, debruçado sobre a mesa, parecia um quadrúpede de gorro. E eu, com as mãos na cintura, me perguntava de que lugar dom Gaetano tiraria nosso mísero almoço.

— Você segura na frente.

Dío Fetente, resignado, pegou em uma ponta do tabuleiro e eu na outra.

— Devagar! — gritou a mulher, de forma ríspida.

Derrubamos uma pilha de livros ao passamos diante de dom Gaetano.

— Vai, sua porca. Suma! — ele gritou.

Ela cerrou os dentes, furiosa.

— Ladrão! Amanhã, eu vou mandar vir o juiz! — E nós dois passamos por entre seus gestos mútuos de ameaça.

Eram sete da noite e a rua Lavalle estava em seu esplendor mais babilônico. Através das vitrines, os cafés estavam lotados de clientes; nos saguões dos teatros e cinemas, elegantes espectadores aguardavam; os manequins das lojas de roupas, apoiados em hastes niqueladas, mostravam suas pernas envolvidas em meias finas; as vidraças das sapatarias e das joalherias mostravam, com sua opulência, a malícia dos comerciantes

em atrair o desejo dos poderosos endinheirados com a beleza de seus produtos. Os transeuntes se desviavam de nós, atentos para não serem maculados com a sujeira que carregávamos.

Eu estava envergonhado, pensando na péssima imagem que eu passava. E, para piorar as coisas, como se alardeassem minha infâmia, os talheres e os pratos tilintavam ruidosamente. As pessoas paravam para nos ver passar, divertindo-se com o espetáculo. Eu tentava não olhar para os lados, de tão humilhado, assim como a mulher gorda e cruel que liderava a marcha, suportando as piadas que a nossa passagem provocava.

Vários taxistas e cocheiros nos ofereceram seus serviços ao longo do caminho, mas dona María, surda para todos, caminhava à frente da mesa, cujas pernas se iluminavam ao passar diante das fachadas das lojas. Por fim, os condutores de coches desistiram de nós.

Eventualmente, Díó Fetente virava seu rosto barbudo sobre o cachecol verde. Grandes gotas de suor escorriam por suas bochechas sujas e um desespero canino brilhava em seus olhos tristes.

Descansamos na praça Lavallo. Dona María mandou deitar a maca no chão e, examinando escrupulosamente a carga, remexeu na trouxa e organizou as painelas, cujas tampas voltou a prender com as quatro pontas do pano.

Engraxates e jornaleiros circulavam ao nosso redor. A presença de um policial evitou possíveis complicações e logo voltamos a caminhar. Dona María estava indo para a casa de uma irmã que morava na Callao com a Viamonte. A toda hora, ela voltava seu rosto pálido para mim. Um leve sorriso curvava sua boca sem cor e ela me perguntava:

— Está cansado, Silvio? — E seu sorriso me aliviava do constrangimento. Era quase como uma carícia que acalma o coração do espetáculo da crueldade. — Está cansado, Silvio?

— Não, senhora.

E ela, sorrindo novamente com seu estranho sorriso, que me lembrava o de Enrique Irzubeta quando ele passava entre os policiais, avançava corajosamente.

Agora percorríamos ruas vazias, mal iluminadas, com grandes plátanos à beira das calçadas, prédios altos com belas marquises e vitrôs cobertos por amplas cortinas. Passamos por uma varanda iluminada. Um adolescente e uma menina conversavam na sombra; da sala alaranjada, vinha a melodia de um piano. Meu coração todo se contraiu de inveja e angústia.

Pensei...

Pensei que nunca seria como eles, que nunca moraria em uma casa bonita e que nunca teria uma namorada rica. Meu coração se encolheu de inveja e angústia.

— Estamos perto agora — disse a mulher.

Um amplo suspiro encheu nossos peitos.

Quando dom Gaetano nos viu entrar de volta na caverna, ergueu os braços para o céu e gritou alegremente:

— Vamos almoçar no hotel, rapazes! O que me diz, dom Miguel? Depois, vamos dar uma volta. Feche, feche a porta, *stronzo*.

Um sorriso lindo e infantil mudou o rosto sujo de Dío Fetente.

Algumas vezes, durante à noite, eu ficava pensando na beleza com que os poetas sacudiam o mundo, e o meu coração se enchia de tristeza como uma boca com um grito entalado. Eu pensava nas festas que eles frequentavam, nas festas na cidade, nas festas nos bosques com grandes tochas nos jardins floridos. A minha pobreza me trazia de volta à terra. Já não tinha e nem encontrava mais palavras para pedir misericórdia. Minha alma se parecia com um joelho enrugado, esfolado e feio.

Procurava um poema que não encontrava, o poema de um corpo em cuja carne o desespero se instalara de repente,

com mil bocas a pedir, com dois mil lábios a gritar. Vozes distantes chegavam aos meus ouvidos, lampejos pirotécnicos, mas eu estava lá, sozinho, como se preso à minha terra miserável com nove parafusos.

Terceiro andar, departamento 4, Charcas, 1600. Esse era o endereço onde eu deveria entregar o pacote de livros. Esses luxuosos prédios de apartamentos são estranhos e únicos.

Do lado de fora, suas harmoniosas fileiras de colunas realçavam a suntuosidade das complicadas e soberbas marquises e, com suas amplas janelas de vidro canelado, faziam os pobres diabos sonharem com a ideia de refinamento, luxo e poder. Mas, dentro da escuridão polar de seus corredores compridos e solitários, o espírito dos amantes do grande vão celeste adornado com as nuvens de Valhala se oprimiam.

Parei ao lado do porteiro, um sujeito atlético em seu uniforme azul, que lia um jornal com ar de superioridade. Como um carcereiro, ele me examinou da cabeça aos pés. Depois, satisfeito por verificar hipoteticamente que eu não era um ladrãozinho, com uma indulgência que só podia nascer do soberbo boné azul com tachas douradas na viseira, permitiu que eu entrasse. Indicou:

— O elevador à esquerda.

Quando saí da jaula de ferro, encontrei-me em um corredor escuro com teto baixo. Uma lâmpada fosca espalhava sua luz fraca sobre o ladrilho brilhante. A porta do apartamento indicado era de folha única, sem vidro e com sua pequena maçaneta redonda de bronze. Parecia a porta de um monumental cofre de aço.

Bati e uma empregada de saia preta e avental branco me conduziu a um pequeno cômodo com papel de parede azul estampado com grandes flores douradas. Através das janelas com cortinas de tule moiré, penetrava uma luz azulada de hospital. Piano, móveis infantis, bronzes, vasos, olhe tudo. De repente, um perfume muito delicado anunciou sua presença: uma porta se abriu e me encontrei diante de uma mulher com um rosto infantil, cabelos claros em cachos na altura das bochechas e um amplo decote. Seu robe felpudo cor de cereja só não cobria seus pequenos chinelos brancos e dourados.

— *Qu'y a-t-il, Fanny?*

— *Quelques livres pour monsieur.*

— Temos de pagar por eles?

— Já estão pagos.

— *Qui...*

— *C'est bien. Donne le pourboire au garçon.*

A empregada pegou algumas moedas de uma bandeja para me dar e, então, respondi:

— Não recebo gorjetas.

A empregada recuou sua mão e a cortesã entendeu meu gesto. Ao menos acho que sim, porque disse:

— *Très bien, très bien, et tu ne reçois pas ceci?*⁵

E, antes que eu percebesse, ou melhor, que me preparasse para o que viria, a sorridente mulher me deu um beijo na boca. Ela desapareceu, rindo como uma garotinha, pela porta entreaberta.

Ao acordar, Dío Fetente começava a se vestir, ou seja, calçava as botas. Sentava-se na beira do beliche, sujo e barbudo, e olhava em volta com ar entediado. Então estendia a mão e pegava o gorro, metendo-o na cabeça até as orelhas. Depois olhava para os pés, envoltos em grossas meias vermelhas, enfiava o dedo mindinho no ouvido, sacudia-o rapidamente até produzir um som desagradável. Ele acabava por finalmente decidir calçar as botas. Em seguida, curvado, dirigia-se à porta do cômodo. Ele se virava, olhava para o

5 Do francês: "Certo, certo. E será que isto você pode receber?"

chão e apanhava uma ponta de cigarro. Soprava a poeira e o acendia. Aí sim, ele saía.

Seus pés se arrastavam nas lajotas do terraço. Eu só observava e pensava. Pensava... Não, não pensava. Na verdade, dentro de mim se agitava uma doce nostalgia, um sofrimento mais puro do que a incerteza do amor. E me lembrava da mulher que me dera um beijo de gorjeta.

Eu estava cheio de desejos confusos, vagos como uma névoa, que me dominavam, algo que me fazia flutuar, impessoal e leve. Às vezes minha memória reproduzia seu perfume, a brancura de seus seios e sabia que, se me encontrasse novamente ao lado dela, desmaiaria de amor. Acho que não me importaria de pensar que ela já foi possuída por muitos homens e que se eu me encontrasse ao lado dela novamente, naquele mesmo cômodo azul, eu me ajoelharia no tapete e colocaria minha cabeça em seu colo, pois a alegria de possuí-la e amá-la transformaria as coisas mais vergonhosas nas coisas mais doces.

E conforme meu desejo se alastrava, reconstruía os vestidos com os quais a cortesã se embelezaria, os belos chapéus com os quais se cobriria para ficar ainda mais sedutora e a imaginava ao lado de sua cama, em uma seminudez mais provocante do que a nudez.

E, enquanto o desejo pela mulher surgia lentamente em mim, imaginava o desenrolar dos fatos e a felicidade que

um amor daquela natureza traria para mim, suas riquezas e suas glórias. Imaginava por quais sensações eu passaria se um dia, idílico, eu acordasse naquele quarto com minha jovem amante seminua se vestindo ao lado da cama, como via nos pôsteres dos livros censurados.

E, de repente, todo o meu corpo, o corpo desse pobre homem, clamava ao Senhor do Céu.

— E eu, Senhor? Nunca terei uma amante tão linda como aquelas das fotos dos livros proibidos?

Um sentimento de desgosto começou a corroer minha vida naquele antro, cercado por aquelas pessoas que só vomitavam palavras de ganância ou rudeza. Eu estava me contagiando com o ódio que crispava seus focinhos e, em certos momentos, percebia que uma névoa vermelha se espalhava lentamente em minha cabeça.

Um cansaço terrível se apossou dos meus braços. Havia horas em que eu queria dormir dois dias e duas noites seguidos. A sensação era de que meu espírito estava ficando sujo, que a lepra daquela gente havia rompido a pele da minha alma para escavar ali suas tocas escuras. Eu ia me deitar com raiva e acordava aborrecido. O desespero alargava minhas veias

e eu sentia uma força, antes desconhecida, crescer em meus ossos e na minha pele. Eu ficava imerso em uma abstração dolorosa por horas a fio. Certa noite, zangada, dona Maria me mandou limpar o banheiro porque estava nojento. E eu obedeci sem dizer nada. Acho que eu estava procurando razões para alimentar a resolução dentro de mim.

Outra noite, quando eu estava saindo, dom Gaetano pôs uma mão na minha barriga e a outra no meu peito, rindo, para se certificar de que eu não estava roubando seus livros. Não consegui nem ficar ofendido, nem sorrir. Era necessário, sim, muito necessário que minha vida, a vida que o ventre de uma mulher nutrira durante nove meses, sofresse todos os ultrajes, todas as humilhações, todas as angústias.

Foi quando comecei a ficar surdo. Por alguns meses, perdi a percepção dos sons. Um silêncio agudo, porque o silêncio pode até tomar a forma de uma lâmina, eliminava as vozes em meus ouvidos. Eu não pensava. Meu raciocínio fora engolido por um ressentimento vertiginoso, cujas curvas me envolviam mais a cada dia e me blindavam. Meu rancor estava sendo incubado.

Eles me deram um sino, um sinete. E, como devia ser engraçado, meu Deus, ver um coitado como eu dedicado a uma tarefa tão baixa. Eu ficava na porta da caverna nas horas mais movimentadas e sacudia o sino para chamar as

peessoas, para que virassem suas cabeças, para que soubessem que ali tinham livros à venda, livros lindos e que, as mais belas e nobres histórias, tinham de ser compradas do homem trapaceiro ou da mulher gorda e pálida. E eu sacudia o sino, tocando-o bem alto.

Muitos olhos me despiam atentamente. Eu vi rostos de mulheres que jamais me esquecerei. Eu ouvi risadas que, ainda hoje, ecoam sua zombaria em mim. Ah, é verdade que eu estava cansado, mas não está escrito que: “Você vai ganhar o pão com o suor do seu rosto”?

Eu esfregava o chão, pedindo licença a belíssimas donzelas para poder limpar o lugar em que estavam os seus pezinhos, e ia às compras com aquela cesta enorme. Entregava recados. Possivelmente, se tivessem cuspidos na minha cara, seria muito fácil me limpar com as costas da mão.

Uma escuridão recaía sobre mim e a sua espessura engrossava gradativamente. Ficaram perdidos na memória os traços dos rostos pelos quais eu já havia me apaixonado e chorado. Eu tinha a impressão de que meus dias estavam separados um do outro por longos hiatos de tempo e meus olhos secaram de tanto chorar. Então repeti palavras que, na minha experiência anterior, tinham um significado desbotado.

— Você vai sofrer — eu repetia. — Vai sofrer, vai sofrer, vai sofrer.

— Vai sofrer, vai sofrer.

— Você vai sofrer... — e as palavras saíam dos meus lábios. Foi assim que amadureci ao longo daquele inverno infernal.

Uma noite, no mês de julho, precisamente no momento em que dom Gaetano fechava a portinhola da porta de metal, dona María se lembrou de ter esquecido na cozinha uma trouxa de roupas entregue pela lavadeira naquela tarde. Então ela disse:

— Ande, Silvio, venha, vamos lá.

Dom Gaetano acendeu a luz e eu a acompanhei. Eu me lembro exatamente. A trouxa estava no centro da cozinha, sobre uma cadeira. Dona María, de costas para mim, pegou a trouxa pelo nó de pano. Eu, olhando em volta, vi algumas brasas acesas no fogão e, nesse breve intervalo, pensei: “É isso...” E, sem hesitar, peguei uma brasa e a atirei sobre uma pilha de papéis que estava na beira de uma prateleira repleta de livros. Dona María já saía.

Então dom Gaetano desligou a luz e fomos para a rua. Dona María olhou para o céu estrelado:

— Linda noite. Vai esfriar...

Também olhei para cima.

— Sim, a noite está linda.

Enquanto Dío Fetente dormia, eu estava sentando em minha cama e olhava para o círculo de luz que a janela estampava no muro da rua. Na escuridão, eu me via liberto, livre, definitivamente livre, pela ideia de masculinidade que meu ato anterior me fornecia. Eu pensava, ou melhor, não pensava, mas me deliciava: “Esta é a hora das *cocottes*.”⁶

Naquelas horas de vigília, um frescor agradável como um copo de vinho me fez confraternizar com todas as coisas do mundo.

“Esta é a hora das putinhas e dos poetas. Mas como sou ridículo. No entanto, beijaria seus pés, Vida, sim, eu beijaria seus pés. Vida, Vida, como você é linda, Vida. Ah! Você não me conhece? Eu sou o menino, o balconista. Sim, de dom Gaetano, e, ainda assim, amo todas as coisas mais belas da Terra. Gostaria de ser bonito e interessante, de usar

6 Cocottes (ou coquetes) era a denominação das prostitutas de alta classe na França do Segundo Império e na Belle Époque.

uniformes reluzentes, de ser sério. Vida, como você é bela. Ah, Vida, que linda você é. Meu Deus, como você é linda.”

E, em êxtase, eu sorri discretamente. Passei dois dedos pela contração das minhas bochechas. E o barulho das buzinas que vinham lá embaixo, da rua Esmeralda, eram uma saudação à minha proclamação de felicidade. Apoiei a cabeça e fechei os olhos, pensando: “Que pintor pintaria o quadro do balconista adormecido que em seus sonhos sorri porque ateou fogo na loja do seu patrão bandido?”

Então, lentamente, a leve intoxicação se dissipou. Uma seriedade recaiu sobre mim sem rima e nem razão, uma daquelas sisudezas que servem para se exibir em lugares lotados. E tive vontade de rir da minha seriedade intempestiva e paternal. Mas como a seriedade é hipócrita, ela precisa zombar da “consciência” presente. Então eu disse para mim mesmo: “Culpado. Você é um canalha, um incendiário, você tem uma bagagem de remorso para o resto da vida. Será interrogado pela polícia, pelos juízes e o diabo. Fique esperto, acusado, você não entende que é preciso ser sério? Caso contrário, você vai acabar em uma cela.”

Mas minha seriedade não me convenceu. Era parecida com uma lata vazia. Não, eu não poderia sequer levar a sério aquela mistificação. Eu era então um homem livre, e a seriedade não tinha nada a ver com a liberdade. Eu estava

livre, poderia fazer o que eu quisesse, até me matar se fosse o caso..., mas isso seria ridículo. E eu... eu precisava fazer algo realmente sério, lindamente sério: adorar a Vida. E eu repeti:

“Sim, Vida, você é bela, Vida, sabia? De agora em diante, eu adorarei todas as coisas belas da terra. Sim, adorarei as árvores, as casas e o céu. Adorarei tudo o que for seu. Digame, Vida, não é verdade que eu sou um menino inteligente? Você já conheceu alguém como eu?”

Então eu adormeci.

O primeiro a entrar na livraria naquela manhã foi dom Gaetano. Eu o segui. Tudo estava como havíamos deixado. O mesmo cheiro de mofo reinava no ambiente e, lá ao fundo, uma mancha de sol entrava pela claraboia e iluminava as lombadas de couro dos livros.

Fui para a cozinha. A brasa havia se apagado, molhada pela poça de Dío Fetente ao lavar a louça.

Aquele foi o último dia em que trabalhei lá.

CAPÍTULO 3: O BONECO RAIVOSO

Depois de lavar a louça, fechar as portas e abrir as persianas, deitei-me na cama, porque estava frio. Na parede, o sol caía obliquamente e avermelhava os tijolos. Minha mãe costurava em outro cômodo e minha irmã fazia suas lições. Eu me preparava para ler. Em uma cadeira, ao lado da cama, estavam as seguintes obras: *Virgem e mãe*, de Luis de Val; *Eletrotécnica*, de Bahia; e o *Anticristo*, de Nietzsche. O *Virgem e mãe*, quatro volumes de 1.800 páginas cada, me foram emprestados por uma vizinha passadeira.

Já confortavelmente deitado, olhei com indiferença *Virgem e mãe*. Evidentemente, eu não estava pronto para ler o truculento romance e por isso decidi pegar a *Eletrotécnica* e começar a entender a teoria do campo magnético rotativo. Li devagar e com satisfação. Achando que já havia internalizado a complicada explicação sobre as correntes polifásicas.

“É sintoma de uma inteligência universal poder se deliciar com diferentes belezas”, e os nomes de Ferranti e Siemens-Halscke ressoaram harmoniosamente em meus ouvidos.

Pensei: “Eu também poderei dizer, um dia, diante de um congresso de engenheiros: ‘Sim, senhores, as correntes eletromagnéticas geradas pelo sol podem ser aproveitadas e condensadas’. Que beleza. Primeiro condensadas e depois usadas! Inferno. Como as correntes eletromagnéticas do sol poderiam ser condensadas?”

Eu sabia, graças a notícias científicas em vários jornais, que Tesla, o mago da eletricidade, havia inventado um capacitor de relâmpagos. Assim sonhei até o cair da noite, quando, no quarto ao lado, ouvi a voz da dona Rebeca Naidath, amiga de minha mãe.

— Como vai, *frau Drodman*? Como está, minha querida?

Eu levantei minha cabeça do livro para ouvir. Dona Rebeca pertencia ao rito judaico. Sua alma era má, porque seu corpo era pequeno. Ela andava como uma foca e observava a tudo como uma águia. Eu a odiava por certas maldades que já tinha feito comigo.

— Silvio não está? Preciso falar com ele.

No momento seguinte, eu estava no outro cômodo.

— Como vai, *frau*, o que me conta?

— Você conhece mecânica?

— Claro, sei um pouco. Você não mostrou a ela, mamãe, a carta de Ricaldoni?

De fato, Ricaldoni havia me parabenizado por algumas combinações mecânicas absurdas que eu havia inventado em minhas horas de ócio.

Dona Rebeca disse:

— Sim, eu já sei. Sei sim. Veja isto — e, ao me entregar um jornal em cuja página seu dedo com uma unha suja de terra apontava para um anúncio, comentou. — Meu marido me disse para vir avisá-lo. Leia.

Com os punhos nos quadris, ela projetou seu busto para mim. Ela usava um chapeuzinho preto, cujas penas esfarrapadas ficavam caídas. Suas pupilas negras inspecionavam meu rosto com ironia e, em alguns momentos, tirando uma das mãos do quadril, coçava seu nariz curvo com os dedos. Eu li:

Precisa-se de aprendizes de mecânica de avião. Dirija-se para a Escola Militar de Aviação. Palomar de Caseros.

— Poxa, que bela notícia, *frau*, muito obrigado. Será que dá tempo de ir hoje?

— Sim, pegue o trem para La Paternal, peça para descer e pegue o 88. Ele vai te deixar na porta.

— Sim, vá hoje, Silvio, é melhor — minha mãe pediu, sorrindo esperançosa. — Coloque a gravata azul. Já está passada e já costurei o forro dela.

Saltei para o meu quarto e, enquanto me vestia, ouvi a judia contar com voz de lamento uma briga com o marido.

— Que coisa, *frau Drodman!* Ele chegou bêbado, muito bêbado. Maximito não estava, tinha ido a Quilmes ver um trabalho de pintura. Eu estava na cozinha. Quando saí, ele me disse, mostrando o punho assim: “A comida, rápido! E por que o seu filho canalha não apareceu na obra hoje?” Que vida, *frau*, que vida. Fui até a cozinha e acendi o fogão. Achei que se o Maximito chegasse, sairia briga e estremecei, *frau*. Meu Deus! Levei logo a panela com fígado e ovos fritos na manteiga, porque ele não gosta de azeite. E então, *frau*, ele arregalou os olhos, franziu o nariz e me disse: “Cadela, isso está podre.” Mas os ovos eram frescos, fresquinhos. *Vram!* Ele jogou a panela cheia na parede... Que vida, *frau*, que vida! A cama toda emporcalhada de ovos e manteiga. Corri até a porta e ele se levantou, pegou os pratos e jogou tudo no chão. Que vida. Até a bela terrina, você se lembra, *frau*? Até aquela bela sopeira ele quebrou. Fiquei com medo e, quando eu corri, ele veio e *tum, tum*, me socou no peito... Que coisa horrorosa! Ele berrou comigo coisas que nunca tinha falado antes, *frau*. Ele berrava: “Porra! Eu vou lavar as minhas mãos no seu sangue!”

Eu ouvia a sra. Naidath soluçar profundamente. Os contratempos da mulher me divertiam. Enquanto dava o nó na gravata, eu ria, imaginando seu marido gordo, um polaco grisalho de nariz de cacatua, berrando com ela.

O sr. Josías Naidath era um hebreu mais generoso do que um cossaco dos Sobiezkys. Homem estranho. Ele odiava os judeus até a morte, seu antissemitismo grotesco era expressado com um léxico fabulosamente obscuro. Natural, o ódio deles era coletivo.

Amigos investidores o haviam enganado muitas vezes, mas ele não se convenciu disso e, em casa, para o desespero de dona Rebeca, sempre apareciam imigrantes alemães gordos e aventureiros de aparência miserável. Eles se empanturravam à mesa com chucrute e salsicha e riam à vontade com seus olhos azuis e inexpressivos.

O infeliz os ajudava até encontrarem trabalho, usando as relações que tinha como pintor e maçom. Alguns o roubavam. Houve um malandro que desapareceu durante a noite de uma casa em reforma, levando consigo até mesmo as escadas, as tábuas e as tintas.

Quando o sr. Naidath soube que o vigia, seu protegido, havia sumido daquela maneira, berrou aos céus. O deus Thor parecia enfurecido, mas não fez nada.

Sua esposa era o protótipo da judia miserável e sórdida. Lembro-me de que um dia fomos visitar a casa dela, quando

minha irmã era mais nova. Minha irmã ficou olhando uma bela ameixeira carregada de frutos maduros e, como é lógico, queria comê-los. Ela pediu à mulher e a sra. Rebeca respondeu: “Amada, se quiser comer ameixas, pode comprar quantas quiser no mercado.”

— Tome seu chá, sra. Naidath.

A judia continuava narrando sua tristeza:

— Depois, ele gritou comigo. Todos os vizinhos ouviram, *frau*. Ele gritava: “Filha de açougueiro, judia, judia imunda, superprotetora com o próprio filho”. Como se ele não fosse judeu também, como se Maximito não fosse seu filho também.

De fato, a sra. Naidath e o atrapalhado do Maximito se davam muito bem ao enganar o maçom e tirar dinheiro dele para gastarem em bobagens. Era uma cumplicidade da qual o sr. Naidath tinha ciência e que bastava mencioná-la para deixar o homem louco. Maximito, origem de tantos desentendimentos, era um traste de vinte e cinco anos que tinha vergonha de ser judeu e de ter a profissão de pintor. Para esconder sua condição de trabalhador, vestia-se como um cavalheiro, usava óculos e, à noite, antes de dormir, untava as mãos com glicerina. Eu sabia de algumas de suas trapalhadas.

Certa vez, recebeu clandestinamente uma quantia de dinheiro que um hoteleiro devia ao seu pai. Ele tinha vinte

anos na época e, sentindo que tinha habilidades musicais, investiu o valor em uma magnífica harpa dourada. Maximito justificou, por sugestão de sua mãe, que havia ganhado alguns pesos com um bilhete de loteria. O sr. Naidath não disse nada, mas olhou com tal desconfiança para a harpa que os ladinos tremeram como Adão e Eva diante de Jeová.

Passaram-se os dias. Enquanto isso, Maximito tocava harpa e a velha judia se alegrava. Essas coisas costumavam acontecer. Dona Rebeca disse aos amigos que Maximito tinha grandes qualidades como harpista, e o povo, depois de admirar a harpa em um canto da sala de jantar, concordava.

No entanto, apesar da sua ingenuidade, o sr. Josías era por vezes um homem esperto e logo percebeu a trapaça que o magnânimo Maximito havia feito para comprar a harpa. Dessa vez, o sr. Naidath, que tinha uma força assustadora, se mostrou à altura das circunstâncias e, como o salmista recomenda, falou pouco e fez muito.

Era sábado, mas o sr. Josías, que não dava a mínima para os preceitos, a título de prólogo, chutou duas vezes a bunda da mulher, agarrou Maximito pelo pescoço e, depois de lhe dar uma surra, o arrastou até a porta da rua. E, aos vizinhos, que tranquilamente se divertiam com a bagunça debaixo da janela da sala de jantar, ele arremessou a harpa em suas cabeças.

É o tipo de coisa que anima a vida e é por isso que o povo diz do judeu: “Ah, o sr. Naidath é uma boa pessoa.”

Terminei de me arrumar e saí do quarto.

— Bem, até logo, *frau*. Saudações ao seu marido e ao Maximito.

— Não vai agradecer? — minha mãe interrompeu.

— Já agradei antes.

A hebreia ergueu seus olhinhos invejosos das fatias de pão com manteiga e apertou minha mão de má vontade. O desejo de me ver fracassar já se manifestava nela.

Depois de escurecer, cheguei a El Palomar. Quando pedi informações, um velho que fumava sentado sobre uma trouxa, sob o lampião verde da estação, me indicou o caminho na escuridão com o mínimo possível de gestos. Compreendi que estava lidando com uma pessoa indiferente ao redor. Não quis abusar de sua escassez, pois já tinha percebido isso antes mesmo de questioná-lo. Agradei e comecei a caminhada. Então o velho gritou:

— Ei, menino, você não tem dez centavos?

Pensei em não o ajudar, mas, refletindo rapidamente, disse a mim mesmo que, se Deus existisse, poderia me ajudar

em meus negócios como eu faria com o velho. Com uma tristeza secreta, me aproximei dele para lhe dar a moeda. Então o homem esfarrapado foi mais explícito. Ele se levantou e, com o braço trêmulo, apontou na escuridão:

— Olha, rapaz, vá direto, continue em frente e, à esquerda, fica o clube dos oficiais.

Caminhei. O vento agitava as folhas secas dos eucaliptos e assobiava ruidosamente ao cortar os troncos e os altos fios do telégrafo.

Atravessei a estrada lamacenta me segurando nos arames das cercas e, quando a firmeza do terreno me permitiu andar mais rápido, cheguei ao prédio que o velho dizia estar à esquerda com o nome de Clube.

Indeciso, parei. Devia chamar? Atrás dos portões do chalé, em frente à porta, não havia nenhum soldado de guarda. Subi três degraus e, corajosamente — ou assim pensei —, entrei em um estreito corredor de madeira, o material de construção principal daquele edifício. Parei diante da porta de uma sala comprida, cujo centro era ocupado por uma mesa. Ao redor dela, havia três oficiais, um reclinado em um sofá ao lado do aparador, outro com os cotovelos sobre a mesa e um terceiro com os pés no ar, recostado na cadeira contra a parede. Conversavam casualmente entre si, com cinco garrafas de cores diferentes diante deles.

— O que você quer?

— Estou me apresentando, senhor, por causa do anúncio.

— As vagas foram preenchidas.

Eu objetei, extremamente calmo, com uma serenidade vinda da pouca sorte.

— Caramba, é uma pena, porque sou meio que um inventor. Seria de grande valia para mim.

— E o que você já inventou? Mas entre, sente-se — falou um capitão, aprumando-se no sofá.

Respondi sem pestanejar:

— Um apontador automático de estrelas cadentes e uma máquina de escrever que escreve sozinha. Aqui, tenho uma carta de recomendação do físico Ricaldoni.

Aquilo se mostrou curioso para os três oficiais entediados e, de repente, percebi que se interessaram.

— Vamos ver, sente-se — disse um dos tenentes, examinando a minha aparência da cabeça aos pés. — Conte-nos sobre as suas famosas invenções. Quais são seus nomes?

— Sinalizador automático de estrelas cadentes, senhor oficial.

Apoiei os braços na mesa e olhei para os rostos de linhas duras e olhos curiosos, três feições envelhecidas de dominadores de homens, que me observavam com uma mistura de curiosidade e ironia. E, naquele momento, antes de falar,

pensei nos heróis das minhas leituras favoritas e na imagem de Rocambole, sob a sombra da aba de seu chapéu e com um sorriso malandro na boca, incitando-me à autoconfiança e à uma atitude heroica. Reconfortado, muito seguro de não errar, eu continuei:

— Senhores oficiais, vocês sabem que o selênio conduz corrente elétrica quando iluminado. No escuro, ele se comporta como um isolante. O apontador consiste em nada além do que uma célula de selênio conectada a um eletroímã. A passagem de uma estrela pela retícula de selênio é indicada por um sinal, pois a claridade do meteoro, concentrada por uma lente côncava, faz do selênio um condutor.

— Está bem. E a máquina de escrever?

— A teoria é a seguinte. No telefone, o som é convertido em uma onda eletromagnética. Se medirmos com um galvanômetro tangente a intensidade elétrica produzida por cada vogal e cada consoante, podemos calcular o número de amperes de retorno, necessários para fazer um teclado magnético que responderá à intensidade de corrente de cada som.

A carranca do tenente se aprofundou.

— A ideia não é ruim, mas você não leva em conta a dificuldade de criar eletroímãs que respondam a oscilações elétricas tão sutis, isso sem contar as variações no timbre da voz e o magnetismo remanescente. Outro problema muito

sério, e o pior, talvez, é que as correntes se distribuam sozinhas nos eletroímãs correspondentes. Mas você tem a carta de Ricaldoni aí?

O tenente se inclinou sobre ela. Depois de passá-la a outro dos oficiais, ele me disse:

— Vejo aqui que os inconvenientes que apresento também foram apontados por Ricaldoni. Sua ideia, em princípio, é muito interessante. Conheço Ricaldoni. Ele foi meu professor. O homem é um sábio.

— Sim, baixinho e gordo. Bem gordo.

— Você quer tomar um vermute? — ofereceu o capitão sorrindo.

— Muito obrigado, senhor, eu não bebo.

— E sobre mecânica, você sabe alguma coisa?

— Alguma coisa. Cinemática, dinâmica... Motores a vapor e de explosão. Também conheço motores de petróleo bruto. Além disso, estudei química e explosivos, o que é algo interessante.

— De fato. E o que você sabe sobre explosivos?

— Pode me perguntar — eu respondi, sorrindo.

— Bem, vejamos, o que são fulminantes?

Aquilo começou a se parecer com uma entrevista. Fingindo ser um estudioso, respondi:

— O capitão Cundill, em seu *Dicionário de explosivos*, diz que os fulminantes são os sais metálicos de um ácido chamado fulminato de hidrogênio. E são simples ou duplos.

— Vejamos, vejamos. Um duplo fulminato.

— Os de cobre são simples, que são cristais verdes produzidos pela fervura do fulminato de mercúrio em água e cobre.

— É notável o que esse menino sabe. Quantos anos você tem?

— Dezesseis anos, senhor.

— Dezesseis?

— Sim, senhor.

— Está vendo, capitão? Esse jovem tem um grande futuro. Que tal conversarmos com o capitão Márquez? Seria uma pena se ele não pudesse entrar.

— Sem dúvida. — E o oficial do corpo de engenheiros se virou para mim. — Mas onde diabos você estudou todas essas coisas?

— Em todos os lugares, senhor. Por exemplo: desço a rua até uma oficina e vejo uma máquina que não conheço. paro e digo a mim mesmo, estudando as diferentes partes, o que estou vendo: isso deve funcionar de modo assim ou assado e deve ser usado para tal coisa. Depois de fazer minhas deduções, entro na oficina e pergunto... e acredite

em mim, senhor, raramente estou errado. Além disso, vou sempre a uma biblioteca e, se não estudo mecânica, estudo literatura.

— Verdade? — interrompeu o capitão. — Literatura também?

— Sim, senhor, conheço os melhores autores: Baudelaire, Dostoievski, Baroja.

— Rapaz, e você não é anarquista?

— Não, senhor capitão. Não sou anarquista. Mas gosto de estudar, ler.

— E o que o seu pai acha de tudo isso?

— Meu pai se matou quando eu era muito jovem.

De repente, eles se calaram. Desviando os olhos de mim, os três oficiais se entreolharam. O vento assobiava lá fora e minha testa se franziu. O capitão se levantou e eu fiz o mesmo.

— Olha, amiguinho, meus parabéns, volte amanhã. Hoje à noite, tentarei falar com o capitão Márquez, porque você merece. É disso que o exército argentino precisa: jovens que querem estudar.

— Obrigado, senhor.

— Amanhã, se você quiser me ver, terei prazer em recebê-lo. Pergunte pelo capitão Bossi.

Sério de tanta alegria, me despedi.

Agora eu atravessava a escuridão, pulando a cerca de arame farpado, tomado por uma coragem retumbante. Mais do que nunca se afirmava a convicção do grandioso destino que minha existência cumpriria. Eu poderia ser um engenheiro como Edison, um general como Napoleão, um poeta como Baudelaire, um demônio como Rocambole. Era o sétimo céu. Em louvor aos homens, desfrutei de noites tão estupendas que o sangue, numa torrente de felicidade, corria violentamente pelo meu coração. Eu me imaginei como um símbolo da juventude, carregado nos ombros pelo meu povo alegre, cruzando os caminhos da terra.

Acho que foram escolhidos trinta aprendizes de mecânico de avião entre duzentos candidatos.

Era uma manhã cinzenta. O campo se estendia ao longe, áspero. De sua vastidão cinza-esverdeada, levantava-se como um castigo inominável. Acompanhados por um sargento, passamos pelos hangares fechados e, no estábulo, vestimos nossos uniformes.

Estava chovendo, mas, apesar disso, um cabo nos levou para fazer ginástica em uma quadra cercada atrás da cantina. Não foi difícil. Obedecendo às vozes de comando,

permiti que a extensão indiferente da planície se apossasse de mim. Isso hipnotizou meu organismo, deixando os exercícios mais suaves.

Pensei: “Se ela me visse agora, o que diria?”

Delicadamente, como uma sombra em um muro iluminado pela lua, ela passou e, em certa noite distante, vi seu rosto indefeso de menina imóvel junto ao álamo negro.

— Mexa-se, recruta! — o cabo gritou para mim.

Na hora do almoço, chapinhando no barro, nos aproximamos das panelas fedorentas de comida. Sob suas tampas, fumegavam talos verdes. Espremidos em fila, entregávamos os pratos de latão ao cozinheiro. O homem mergulhava sua concha na gororoba e um garfo em outra panela, e então nos afastávamos para devorar aquilo.

Enquanto comia, me lembrei de dom Gaetano e da mulher cruel. E embora não tivesse passado muito tempo, percebi os imensos vazios entre meu infeliz ontem e meu infeliz hoje.

E pensei: “Agora que tudo mudou, quem sou eu neste uniforme folgado?”

Sentado ao lado do cercado, eu observava a chuva que caía e, com o prato sobre os joelhos, não conseguia tirar os olhos do arco do horizonte, tumultuado em algumas partes e liso como uma placa de metal em outras. Era tão impiedoso

e fulvo que o frio que despencava dele me penetrava até os ossos. Alguns aprendizes amontoados por ali riam, e outros, curvados sobre um cocho de água para cavalos, lavavam os pés.

Eu disse a mim mesmo: “A vida é assim: sempre se reclama do que se tem.”

As gotas caíam lentamente. E assim era a vida. Deixei o prato no chão para concentrar meus pensamentos nessas ansiedades.

Será que algum dia eu deixaria o meu baixo nível social? Um dia me tornaria um cavalheiro, deixaria de ser o garoto que se oferece para qualquer trabalho? Um tenente passou e eu bati continência. Então me afundei em um canto e minha dor se aprofundou. No futuro, não seria eu um desses homens de colarinhos sujos, camisas remendadas, terno bordô e botas enormes, porque calos e joanetes se formaram nos meus pés de tanto andar pedindo trabalho de porta em porta para ganhar a vida.

Minha alma estremeceu. O que fazer, o que eu poderia fazer para ter sucesso e dinheiro, muito dinheiro? Certamente eu não encontraria uma carteira com dez mil pesos na rua. O que fazer então? E sem saber se eu seria capaz de assassinar alguém, se eu pelo menos tivesse algum parente rico para matar e me dar essa resposta, entendi que nunca me resignaria à vida dura que a maioria dos homens naturalmente suporta.

De repente, a certeza de que esse anseio de distinção me acompanharia até o fim se tornou tão latente em minha consciência que eu disse a mim mesmo: “Não me importo se não tenho terno, nem dinheiro, nem nada” e, quase constrangido, confessei: “O que eu quero é ser admirado pelos outros, elogiado pelos outros. Que me importa ser um perdulário? Não ligo para isso. Mas essa vida medíocre, ser esquecido quando morrer... isso é realmente terrível. Ah, se minhas invenções funcionassem! No entanto, um dia, eu vou morrer, os trens continuarão a circular e as pessoas irão ao teatro como sempre. E eu estarei morto, morto de verdade. Morto para sempre.”

Um arrepio levantou os pelos dos meus braços. Diante do horizonte atravessado por navios de nuvens, a convicção de uma morte eterna assustou minha carne. Apressadamente, peguei o prato e fui até a pia. Ah, se ao menos algo pudessem ser descoberto para que eu nunca morresse, para viver quinhentos anos!

O cabo que dirigia os treinos me chamou:

— Drodman, o capitão Márquez chamou você.

— A caminho, primeiro cabo.

Durante o exercício, por intermédio do sargento, eu havia solicitado uma permissão ao capitão Márquez, a fim de pedir seu conselho sobre um morteiro de trincheira que eu

havia idealizado. Era um lançador de projéteis que destruiria uma maior quantidade de homens com seus explosivos do que os estilhaços lançados por uma bomba comum. Absorto em minha vocação, o capitão Márquez geralmente me ouvia. Enquanto eu falava e desenhava no quadro negro, ele, por trás das lentes de seus óculos, me observava com um sorriso curioso, zombeteiro e indulgente. Guardei o prato na mochila de campanha e rapidamente fiz meu caminho até o refeitório dos oficiais.

Ele estava em seu alojamento. Encostada na parede, uma cama de armar, uma estante com revistas e apostilas de ciências militares e, pregado na parede, um quadro negro com sua caixinha cheia de giz.

O capitão me disse:

— Vamos ver. Vamos ver como é esse canhão de trincheira. Desenhe para mim.

Peguei um pedaço de giz e fiz um esboço. Comecei:

— Você sabe, meu capitão, que a desvantagem dos grandes calibres é o peso e o tamanho da peça.

— Sim. E...?

—Imaginei um canhão assim: o projétil de grande calibre seria perfurado no centro e, em vez de ser colocado em um tubo, que é o canhão, seria encaixado em uma barra de ferro, como um anel no dedo, encaixando-se na câmara

onde o cartucho explodiria. A vantagem do meu sistema é que, sem aumentar o peso do canhão, o calibre do projétil e a carga explosiva que ele pode carregar aumentariam muito.

— Entendo. Muito bem, mas você deve saber que se calcula a espessura dos projéteis de acordo com o calibre, seu peso, o tipo de grão de pólvora, o diâmetro e o comprimento do canhão. Em outras palavras, à medida em que a pólvora queima, o projétil avança no cano devido à pressão dos gases, de modo que, ao atingir a boca do cano, o explosivo está em sua energia máxima. Em sua invenção, acontece o contrário. Depois da explosão, o projétil deslizaria ao longo da barra e os gases, em vez de continuarem a pressioná-lo, se perderiam no ar. Ou seja, se a explosão tiver de continuar agindo por mais tempo, estará reduzida a um décimo ou a um milésimo da potência. É o contrário. Quanto maior o diâmetro, menos uniformidade, mais resistência... a menos que você tenha descoberto uma nova balística, o que é um pouco difícil.

E concluiu, acrescentando:

— Você tem de estudar, estudar muito, se quiser ser alguma coisa.

Pensei, sem me atrever a dizê-lo: “Como estudar, se tenho de aprender um ofício para ganhar a vida?”

Ele continuou:

—Estude muita matemática, o que lhe falta é a base. Discipline seu pensamento e o aplique em coisas pequenas e práticas. E então você talvez tenha sucesso nas suas ideias.

— Você acha, meu capitão?

— Sim, Astier. Você tem condições óbvias, mas estude. Você acredita nisso porque acha que está pronto, mas pensar não é nada mais do que o início.

Saí de lá abalado de gratidão por aquele homem sério e melancólico e que, apesar da disciplina, teve a misericórdia de me encorajar.

Eram duas da tarde do quarto dia da minha admissão na Escola de Aviação Militar. Eu estava tomando mate quente na companhia de um loiro chamado Walter que, com entusiasmo comovente, me contava sobre uma fazenda que seu pai, um alemão, tinha nas proximidades de Azul. Com a boca cheia de pão, ele dizia:

— Todo inverno abatíamos três porcos para a casa. Os outros eram vendidos. Então, à tarde, quando fazia frio, eu entrava e cortava um pedaço de pão, depois, ia dar uma volta com o Ford...

— Drodman, venha aqui — o sargento gritou para mim.

Parado em frente ao cercado, ele me observava com uma seriedade incomum.

— Dê-me as ordens, sargento.

— Vista-se à paisana e me dê seu uniforme, porque você está de baixa.

Olhei para ele sem entender.

— Baixa?

— Sim, baixa.

— De baixa, sargento?

Tremi todo ao ouvir isso. O suboficial olhou para mim com pena. Ele era um provinciano certinho e, alguns dias atrás, ele tinha recebido seu brevê de piloto.

— Mas eu não fiz nada de errado, sargento, você sabe muito bem.

— Claro que sei, mas não posso fazer nada. O capitão Márquez deu a ordem.

— O capitão Márquez? Mas isso é um absurdo. O capitão Márquez não podia dar essa ordem. Não foi um engano?

— Não foi. Disseram seu nome todo, Silvio Drodman Astier. Não tem outro Drodman Astier aqui além de você, não é? Então é você, está decidido.

— Mas isso é uma injustiça, meu sargento.

O homem franziu a testa e me confidenciou em voz baixa:

— O que você quer que eu faça? Claro que não está certo. Eu acho... não, não sei... parece que o capitão tem uma recomendação, foi o que me disseram. Não sei se é verdade, mas como você ainda nem assinou o contrato, eles tiram e colocam quem quiserem. Se houvesse um contrato, isso não aconteceria, mas como ainda não assinou, não tem o que fazer.

Eu disse, implorando:

— E você, meu sargento, não pode fazer nada?

— E o que você quer que eu faça, meu amigo? O quê?

Eu sou como você. A vida é assim.

O homem estava com pena de mim. Agradei e saí com lágrimas nos olhos. No almoxarifado, me informaram:

— A ordem foi do capitão Márquez.

— E eu não posso falar com ele?

— O capitão não está.

— E o capitão Bossi?

— Capitão Bossi também não.

Ao longo do caminho, o sol de inverno tingia os troncos dos eucaliptos de um vermelho sombrio. Eu caminhava em direção à estação. De repente, vi o diretor da escola na estrada. Ele era um homem atarracado, com um rosto gorducho e corado como o de um camponês. O vento tremulava seu sobretudo sobre os ombros e, folheando uma pasta, conversava com um grupo de oficiais que o rodeava.

Alguém devia ter lhe contado o que havia acontecido, porque o tenente-coronel levantou a cabeça, me procurou com os olhos e, ao me ver, gritou com sua voz áspera:

— Olha, amigo, o capitão Márquez me falou de você. Seu lugar é em uma escola industrial. Não precisamos de pessoas inteligentes por aqui, mas de brutos para o trabalho.

Eu cruzava as ruas de Buenos Aires, com esses gritos no fundo da minha alma: “Quando mamãe descobrir!” Involuntariamente, eu a imaginei dizendo com uma voz cansada:

— Silvio, você não sente pena de nós? Você não trabalha, você não quer fazer nada. Olha as botas que estou usando, olha o vestido da Lila, todo remendado. O que me diz, Silvio, por que você não trabalha?

Um calor febril tomou minhas têmporas. Senti o cheiro do meu suor, tinha a sensação de que meu rosto havia murchado, deformado de tristeza, uma tristeza muito profunda e retumbante. Eu andava distraidamente, sem rumo. Às vezes, os impulsos de raiva endureciam meus nervos. Eu queria gritar, lutar com golpes contra aquela cidade completamente surda... e, de repente, tudo se estilhaçou dentro de mim, tudo denunciava aos meus ouvidos minha absoluta inutilidade.

— O que será de mim?

Naquele momento, na minha alma, meu corpo pesava como um terno muito largo e ensopado. “Quando chegar em casa, talvez mamãe não diga nada para mim. Com um gesto rápido, ela vai abrir o baú amarelo, tirar o colchão, colocar lençóis limpos na cama e não vai dizer nada. Lila, em silêncio, me olhará com reprovação.” “O que foi agora, Silvio?”, e não acrescentará nada. “O que será de mim?”

Ah, é preciso conhecer as misérias dessa vida de porco, comer o fígado que o açougueiro dá para o gato e ir dormir cedo para não desperdiçar o querosene do lampião!

Mais uma vez, o semblante de mamãe se voltava para mim, flácido em suas linhas de antigas dores. Pensei na minha irmã, que nunca se queixava e se submetia ao destino amargo e pálido sobre seus livros. E minha alma escorregou de minhas mãos. Eu sentia vontade de parar os transeuntes, agarrar as mangas de suas jaquetas e lhes dizer: “Fui expulso do exército sem motivo, entende? Achei que poderia trabalhar, trabalhar nos motores, construir aviões. Eles me demitiram. Só porque sim.”

Eu ruminava: “Lila, ah! Você não a conhece, Lila é minha irmã. Eu pensava, eu sabia que poderíamos ir ao cinema um dia desses. Em vez de comer fígado, comeríamos sopa de legumes, sairíamos num domingo, eu a levaria ao Palermo.

Mas agora... me digam se não é uma injustiça, digam? Eu não sou um menino. Tenho dezesseis anos, por que me expulsaram? Eu só queria trabalhar, mas agora... O que mamãe vai dizer? O que Lila vai dizer? Ah, se você a conhecesse! Ela é séria, tira as melhores notas da escola. Com o que eu ganharia, elas comeriam melhor. E agora, o que vou fazer?"

Já de noite, na rua Lavalley, perto do Palácio da Justiça, parei diante de um cartaz:

Quartos mobiliados por um peso.

Entrei no saguão mal iluminado por uma lâmpada elétrica e, em uma escrivaninha de madeira, paguei a quantia. O dono, um homem gordo, vestido com uma camiseta apesar do frio, me conduziu a um pátio cheio de vasos pintados de verde. Apontando para o ajudante, gritou:

— Felix, este aqui no 24.

Eu olhei para cima. Aquele pátio era o fundo de um cubo, cujas faces eram formadas pelas paredes de cinco andares de quartos, com suas janelas cobertas por cortinas. Através de alguns vidros, dava para ver as paredes

iluminadas; outros estavam escuros e não sei de onde vinha o burburinho de mulheres, risos e o tilintar de panelas. Subimos uma escada em caracol. O ajudante, um coitado de avental azul cheio de marcas de varíola, seguia na frente, arrastando o espanador de penas esfarrapadas que varriam o chão.

Finalmente chegamos. O corredor, como o hall de entrada, era mal iluminado. O ajudante abriu a porta e acendeu a luz:

— Amanhã você me acorda às cinco, não se esqueça — pedi a ele.

— Certo. Até amanhã.

Exausto por causa da tristeza e dos devaneios, deixei-me cair em uma das camas. O quarto: duas camas de ferro com colchas azuis de franjas brancas, uma pia de ferro envernizada e uma mesa imitando mogno. Em um canto, o espelho do guarda-roupa refletia a porta de madeira. Um perfume azedo pairava no ar confinado entre as quatro paredes brancas. Virei o rosto para a parede. Com um lápis, algum dos hóspedes havia feito um desenho obsceno.

Pensei: “Amanhã talvez eu vá para a Europa...” e, cobrindo a cabeça com o travesseiro, dominado pelo cansaço, adormeci. Tive um sono muito pesado, de cuja escuridão saiu a seguinte alucinação:

Em uma pista asfaltada, manchas roxas de óleo brilhavam tristemente sob um céu escuro. No zênite, outro pedaço do céu era de um azul puríssimo. Espalhados ao acaso, cubos de concreto se erguiam por toda parte. Alguns eram pequenos como dados, outros altos e largos como arranha-céus. De repente, do horizonte em direção ao zênite, um braço horrivelmente magro se estendeu. Era amarelo como um cabo de vassoura, seus dedos quadrados se estendiam unidos.

Recuei assustado, mas o braço horrivelmente magro se esticou e, ao me esquivar, fiquei ainda menor, tropecei nos cubos de concreto, me escondi atrás deles. Espiando, vi um rosto que me espreitava do alto e seu braço, fino como um cabo de vassoura, com dedos rígidos. Lá estava ele, acima de minha cabeça, tocando o zênite.

No horizonte, a claridade havia diminuído, restringindo-se a uma fina tira, como o fio de uma espada. Lá estava o rosto. Tinha uma testa protuberante, uma sobrancelha desgredada e uma mandíbula deformada. Sob a pálpebra enrugada, ficava o olho, o olho de um louco. A imensa córnea, a pupila redonda de águas revoltas. A pálpebra piscou tristemente.

— Senhor, *hã*, por favor. Senhor.

Sentei-me com um sobressalto.

— Você dormiu vestido, senhor.

Olhei fixamente para o meu interlocutor.

— Sim, tem razão.

O rapaz deu alguns passos para trás.

— Já que vamos ser companheiros de quarto hoje, eu me permiti acordá-lo. Ficou chateado?

— Não, por quê? — E, depois de esfregar os olhos, sentei-me na beira da cama e o observei.

A aba de seu chapéu preto produzia uma sombra sobre a sua testa e olhos. Havia algo de falso em seu olhar, emitia um brilho aconchegante que parecia tocar a minha pele. Ele tinha uma cicatriz no lábio, perto do queixo. Sua boca era protuberante, muito vermelha, e um sorriso estampava seu rosto branco. O sobretudo apertado modelava as formas de seu corpo mirrado.

Eu perguntei abruptamente:

— Que horas são?

Afobado, ele pegou seu relógio de ouro.

—Quinze para as onze.

Sonolento, eu vacilei. Olhei desanimado para as minhas botas foscas e notei que os fios de um remendo haviam se partido, revelando o tecido da meia pela fenda. Enquanto isso, o adolescente pendurou seu chapéu no cabide e, com um gesto de cansaço, jogou as luvas de couro sobre uma cadeira. Olhei

de soslaio na sua direção de novo, mas desviei o olhar quando percebi que ele também me observava. Seus trajes eram impecáveis e, desde o colarinho engomado até suas botas de couro engraxadas e polainas creme, ele seria classificado como um homem rico. No entanto, não sei por que me ocorreu a frase:

— Seus pés devem estar sujos.

Com um sorriso falso, ele virou o rosto e uma mecha de seu cabelo caiu sobre o seu rosto, na altura do lóbulo da orelha. Com a voz suave e os olhos cansados, ele me examinou e disse:

— Você parece bem cansado, hein?

— Sim, um pouco.

Tirou o sobretudo cujas dobras do forro brilhavam. Uma certa fragrância rançosa exalava de suas roupas pretas e, de repente, me senti nervoso. Então, sem saber o que estava dizendo, perguntei:

— Suas roupas não estão sujas?

Ele percebeu meu sobressalto, mas respondeu sem demonstrar:

— Fiz mal em acordá-lo assim?

— Não, por que isso seria ruim?

— Só estou perguntando, meu jovem. Alguns se aborrecem. Tive um amigo que, quando acordado de repente, tinha ataques epiléticos.

— Bastante sensível, ele.

— Sensibilidade feminina, não acha, jovem?

— Então seu amigo era hiperestésico? Mas olha, cara, por favor, abra essa porta, porque estou sufocando. Deixe entrar um pouco de ar. Está fedendo a roupa suja aqui.

O intruso franziu a testa ligeiramente, dirigiu-se à porta, mas, antes de chegar lá, cartões caíram do bolso de seu paletó. Apressadamente, ele se abaixou para pegá-los e eu fui até ele. Então vi: eram fotografias de um homem e de uma mulher em diferentes posições de cópula. O rosto do estranho ficou corado.

— Não sei como estão comigo, pertenciam a um amigo — balbuciou.

Eu não respondi. Em pé ao lado dele, eu não conseguia tirar os olhos do conjunto de fotos. Ele comentou que eu não entenderia. Eu não o estava ouvindo. Meu olhar surpreso se fixou em uma fotografia terrível. Uma mulher estava de joelhos diante de um homem vulgar que usava uma boina e tinha um elástico preto em volta da barriga. Me volvei para o jovem.

Agora ele estava pálido, com suas pupilas extremamente dilatadas e uma lágrima em suas pálpebras escurecidas. Sua mão pousou no meu braço.

— Deixe-me ficar, não me expulse.

— Então você... você é...

Ele me empurrou para a beirada da cama e sentou-se aos meus pés.

— Sim, eu sou assim, mas só de vez em quando.

Apoiou sua mão no meu joelho.

— Só de vez em quando.

A voz do adolescente era profunda e amarga.

— Sim, eu sou assim... de vez em quando.

Uma terrível tristeza fazia sua voz tremer. Então sua mão pegou a minha e a colocou em sua garganta, como se eu devesse sufocá-lo. Ele falou muito delicadamente, quase num sussurro:

— Ah! Se eu tivesse nascido mulher. Por que a vida é assim?

Minhas veias latejavam terrivelmente nas têmporas.

Ele me perguntou:

— Qual o seu nome?

— Silvio.

— Diga-me, Silvio, você me despreza? Mas não, você não tem jeito de... quantos anos você tem?

Atordoado, respondi:

— Dezesseis. Mas você está tremendo.

— Sim, você quer... você quer? Vamos?

De repente, eu o vi, sim, eu vi... Seus lábios sorriam em seu rosto enrubescido. Seus olhos também sorriam e se

moviam... e, de repente, quando suas roupas caíram, vi que a renda de um camisa suja estava solta sobre um cinto vermelho, o qual prendia longas meias femininas em suas coxas.

Lentamente, como num muro iluminado pelo luar, o rosto desamparado da moça junto ao portão negro passou pelos meus olhos. Uma ideia mortificante — como se ela soubesse o que eu estava fazendo naquele momento — cruzou meu pensamento.

Eu sempre me lembraria daquilo. Dei um passo para trás, sisudo, e, olhando para ele, disse lentamente:

— Afaste-se.

— O quê?

Mais calmo ainda, repeti:

— Afaste-se.

— Mas...

— Afaste-se, animal. O que você fez da sua vida? A sua vida!

— Não, não faça assim...

— Seu animal. O que você fez da sua vida? — E então eu não consegui contar a ele todas as coisas nobres, preciosas e de valor que haviam em mim, as quais instintivamente rejeitavam a sua dor.

O rapaz recuou. Ele retraiu os lábios ao mostrar seus caninos e depois afundou na cama. Enquanto eu me deitava,

vestido, ele, com os braços cruzados na nuca, começou a cantar:

*Arroz doce,
eu quero me casar.*

Olhei para ele de soslaio. Então, sem raiva, com uma serenidade que me surpreendeu, eu disse:

— Se você não calar a boca, eu quebro o seu nariz.

— Quê?

— Sim, eu quebro o seu nariz.

Então ele virou o rosto para a parede. Uma angústia horrível pesava no ar parado. Eu senti a constância com que seu pensamento atravessava o silêncio. Dele, eu só via o triângulo de cabelos pretos delineando a nuca e depois o pescoço branco, curvo, sem sinal dos tendões.

Ele não se movia, mas a constância de seu pensamento era esmagadora. Ele pesava sobre mim. Eu, atordoado, permaneci tenso, afundando nas profundezas de uma angústia que se solidificava em conformidade. E, às vezes, eu o espiava com o canto do olho. De repente, sua colcha se mexeu e seus ombros ficaram expostos, seus ombros claros emergiram do decote de renda da camisa de cambraia sobre as clavículas. O grito de súplica de uma mulher irrompeu no

corredor para o qual dava a porta do meu quarto: — Não! Não, por favor...

E o ruído surdo de um corpo contra a parede fez minha alma se encolher de medo. Hesitei por um momento. Depois saltei da cama e abri a porta no exato momento em que a porta do quarto da frente se fechava.

Eu me inclinei contra o batente. Nada surgiu do quarto vizinho. Deixei a porta aberta, sem olhar para a outra. Apaguei a luz e voltei para a cama. Havia em mim agora uma poderosa sensação de segurança. Acendi um cigarro e disse ao meu companheiro de albergue:

— Cara, quem te ensinou essa porcaria?

— Eu não quero falar com você. Você é mau... — Comecei a rir. Então continuei, sério. — Sério, cara, você sabe que isso é esquisito. Você é um cara estranho! Na sua família, o que dizem sobre você? E este lugar? Você reparou nesta casa?

— Você é mau.

— E você é um santo, certo?

— Não, mas eu sigo meu destino... porque eu não era assim antes, sabe, eu não era assim...

— E quem te fez ser assim, então?

— Meu professor, porque papai é rico. Depois que passei na quarta série, eles me arranjaram um professor para me preparar para o primeiro ano do Nacional. Ele parecia ser

um homem sério. Ele tinha barba, uma barba loira pontuda e óculos. Seus olhos eram quase verdes de tão azuis. Estou lhe contando tudo isso porque...

— E?

— Eu não era assim antes, mas ele me fez assim. Depois, quando ele foi embora, eu fui atrás dele. Eu tinha quatorze anos. Ele morava em um apartamento na rua Juncal. Ele era talentoso, tinha uma grande biblioteca do tamanho dessas quatro paredes juntas. Ele também era um demônio, mas como ele me amava! Eu costumava ir à casa dele, a empregada me conduzia até o quarto... Ele me comprava roupas íntimas de seda e as perfumava com baunilha. Eu me vestia de mulher.

— Como ele se chamava?

— Por que quer saber o nome? Ele tinha duas cadeiras no Nacional e se suicidou. Se enforcou.

— Se enforcou?

— Sim, se enforcou no banheiro de um café. Como você é tonto! *Haha...* Não acredite em mim, é tudo mentira. Mas a história não é linda?

Irritado, retruquei:

— Olhe aqui, me deixe em paz. Quero dormir.

— Não seja malvado, me escute. Você é muito instável. Isso tudo que eu acabei de contar é a mais pura verdade. É sim. O professor se chamava Próspero.

— E você continua até agora?

— E o que eu posso fazer?

— O que fazer? Por que você não procura um médico? Algum especialista em doenças nervosas? Além disso, por que você é tão sujo?

— Está na moda, muita gente gosta de roupa suja.

— Você é um degenerado.

— Sim, você está certo. Sou mesmo. Mas o que você esperava? Olha, às vezes, estou no meu quarto, anoitece, acredite em mim, é como uma onda... sinto o cheiro de quartos como esse... vejo uma luz acesa e não consigo... é como se um vento me arrastasse e eu saio para ver os donos de quartos mobiliados.

— Os donos, para quê?

— Ora, é natural, mas é triste. Para achar essas coisas. Tendo dois ou três donos de quartos como esses, nós combinamos de ele me avisar por telefone quando um rapaz interessante se hospeda.

Depois de um longo silêncio, sua voz ficou mais firme e séria. Talvez estivesse falando sozinho, em meio às suas confabulações.

— Por que não nasci mulher? Em vez de ser um degenerado, sim, um degenerado, eu teria sido uma menina normal, teria me casado com um bom homem e cuidaria

dele. E eu o amaria. Em vez disso, assim... rolar de cama em cama, e as decepções? Esses canalhas de chapéu branco e sapato envernizado que te veem e seguem você... roubam até as suas meias. Ah, se eu encontrasse alguém que me amasse para sempre, sempre.

— Mas você é louco? Ainda tem essa ilusão?

— Você não sabe de nada! Tenho um amigo que mora há três anos com um funcionário do Banco Hipotecário. Eles se amam.

— Mas isso é absurdo.

— O que você sabe? Se eu pudesse, daria todo o meu dinheiro para ser mulher. Uma mulherzinha pobre. Eu não me importaria em ficar grávida e de lavar a roupa desde que ele me amasse e que fosse trabalhar por mim.

Ao ouvir tudo aquilo, fiquei atordoado. Quem era aquele pobre ser humano que falava coisas tão terríveis e novas? Ele não pedia nada além de um pouco de amor. Eu me levantei para acariciar sua testa.

— Não me toque — ele gritou. — Não me toque. Meu coração está em pedaços. Afaste-se.

Fiquei imóvel em minha cama, com medo de que algo que eu dissesse o acordasse para a morte. O tempo passou lentamente e minha consciência confusa pela estranheza e pela fadiga reunia a silenciosa dor da espécie. Suas palavras ainda

pareciam ressoar. No escuro, seu rostinho contraído de dor revelava um olhar angustiado. Com a boca seca, ele exclamou:

— E eu não me importaria de ficar grávida e de lavar a roupa, desde que ele me amasse e trabalhasse por mim.

Ficar “grávida”. Como aquela palavra saía suavemente de seus lábios!

— Grávida.

Então todo o seu corpo mirrado ficaria deformado, mas “ela”, orgulhosa daquele amor profundo, andaria entre as pessoas e não as veria, somente o rosto daquele a quem se submetia de maneira completa.

A condição humana! Quantas palavras tristes ainda se escondiam nas entranhas do homem.

O som violento da batida de uma porta me acordou. Apressado, acendi o abajur. O jovem havia partido, sua cama não apresentava nenhum sinal de desordem.

No canto da mesa, pousavam duas notas de cinco pesos. Eu as peguei avidamente. No espelho, estava refletido meu rosto pálido, a córnea riscada com fios de sangue e as mechas de cabelo caindo da testa. Discretamente, a voz de uma mulher implorou no corredor:

— Ande logo, pelo amor de Deus. Se descobrirem...

Ouviu-se com clareza o toque de uma campainha elétrica. Abri a janela que dava para o pátio. Uma rajada de ar úmido me fez estremecer. Ainda estava escuro, mas, no pátio abaixo, dois criados ladeavam uma porta iluminada.

Saí.

Na rua, meu nervosismo se dissipou. Entrei em uma leiteria e tomei um café. Todas as mesas estavam ocupadas por jornaleiros e cocheiros. No relógio pendurado acima de uma bucólica cena infantil, soaram cinco badaladas. De repente, me lembrei de que todas aquelas pessoas tinham casa. Vi o rosto da minha irmã e, desesperado, saí para a rua.

Mais uma vez, as tribulações da vida se acumulavam em meu espírito: imagens que eu não queria ver ou lembrar. Rangendo os dentes, caminhei pelas calçadas e ruas escuras, lojas protegidas por cortinas de metal e tábuas de madeira. Atrás daquelas portas havia dinheiro. Os donos desses negócios dormiam tranquilos em seus apartamentos luxuosos, e eu, como um cão, perambulava pela cidade.

Cheio de ódio, acendi um cigarro e maliciosamente joguei o fósforo aceso em cima de uma trouxa humana que dormia encolhida num alpendre. Uma pequena chama ondulou nos trapos. O miserável se levantou afobado, disforme como uma sombra, e eu comecei a correr graças às ameaças que fazia com seu punho enorme.

Numa casa de penhores do Paseo de Julio, comprei um revólver, carreguei-o com cinco balas e, depois, peguei um bonde na direção dos portos. No intuito de realizar meu desejo de ir para a Europa, subi às pressas as escadarias de cordas dos transatlânticos e me ofereci aos oficiais que encontrava para qualquer trabalho em troca da viagem. Atravessei corredores, entrei em cabines estreitas cheias de malas, com sextantes pendurados nas paredes, troquei palavras com homens uniformizados, que se viravam abruptamente quando eu me dirigia a eles. Eles mal ouviam o meu pedido e já me afugentavam com gestos mal-humorados.

Acima dos conveses, via-se o mar tocar a base do céu e as velas dos barcos muito distantes. Eu caminhava absorto, aturdido pelo movimento constante, pelo ranger dos guindastes, pelos assobios e pelas vozes dos estivadores descarregando grandes sacos. A sensação era de que eu me encontrava muito longe de casa, tão distante que, mesmo que quisesse, não poderia mais voltar.

Então parei para conversar com os pilotos das chatas, que zombaram da minha oferta. Eles apareciam para me responder de suas cozinhas enfumaçadas, rostos com expressões tão bestiais que eu interrompia a conversa e me afastava com

medo. E andei pelas bordas dos diques com os olhos fixos nas águas violentas e oleosas que lambiam o granito com um ruído gutural. Eu estava cansado. A visão das enormes chaminés, o desenrolar das correntes e das cordas, os gritos das manobras, a solidão dos mastros esguios, a atenção dividida entre um rosto que espreitava por uma escotilha e uma carga suspensa por um gancho sobre a minha cabeça, aquela balbúrdia feita da confusão de todas as vozes, assobios e estrondos, me fez sentir muito pequeno diante da vida, a ponto de não sentir mais nenhuma esperança. Um tremor metálico agitava o ar da orla.

Das ruas sombrias formadas pelos altos muros dos galpões, eu passava para a terrível luz do sol. Algumas vezes, um empurrão me jogava para o lado, as bandeiras coloridas dos navios ondulavam ao vento. Abaixo, entre a parede negra e o casco vermelho de um transatlântico, os funcionários calafetavam com seus martelos sem parar. Aquela gigantesca representação de poder e riqueza, de mercadorias amontoadas e de animais esperneando suspensos no ar, me enchiam de angústia.

Cheguei à conclusão inevitável.

— É inútil, tenho de me matar. Eu já desconfiava disso.

Por outro lado, o drama que precede o luto de um suicida me seduziu com seu prestígio. Invejei os cadáveres

em torno de cujos caixões as mulheres bonitas soluçavam e, vê-las debruçadas na beira dos caixões, fazia com que eu me sentisse delicado e menos masculino.

Então, para mim, seria melhor ocupar o suntuoso leito dos mortos e ser adornado com flores e iluminado pelo brilho suave das velas, recebendo as lágrimas das tristes donzelas em meus olhos e na minha testa. Esse pensamento não era inédito, mas naquele momento fui contagiado por essa certeza.

— Eu não tenho que morrer, mas tenho de me matar.

E, antes que eu pudesse reagir, a singularidade dessa ideia absurda se apossou da minha vontade.

— Eu não vou morrer. Não, não posso morrer... mas tenho de me matar.

De onde veio essa certeza ilógica que posteriormente guiaria todos os atos da minha vida? Minha mente se livrou das sensações secundárias. Eu era apenas um batimento cardíaco, um olho atento e aberto para o meu sereno interior.

— Eu não quero morrer, mas tenho de me matar.

O conceito se manifestava claramente e distribuiu nos meus aguçados sentidos a conformidade absoluta, a única razão que restava e que me impelia.

— Não tenho de morrer, não posso morrer... Mas tenho de me matar.

Caminhei até um galpão de zinco. Não muito longe, um bando de peões descarregava sacos de uma carroça e, naquele lugar, a calçada estava coberta com um tapete amarelo de grãos de milho.

Eu pensei: “Tem de ser aqui.” E, quando tirei o revólver do bolso, de repente decidi: “Não na têmpera, porque desfiguraria meu rosto, mas no coração.”

A confiança inabalável guiou os movimentos do meu braço.

— Onde fica o coração? — perguntei.

Sugestões sombrias no meu âmago me informaram a posição correta. Examinei o tambor. Estava carregado com cinco balas. Então apoiei o cano do revólver no paletó. Um leve desmaio me fez cair de joelhos e me encostei na parede do galpão. Meus olhos fitaram a calçada amarela de milho e puxei o gatilho, devagar, pensando: “Não vou morrer”, e o revólver disparou. Mas, naquele breve intervalo, que separava o estalo do tiro, senti meu espírito se dilatar numa vastidão escura.

Caí no chão.

Quando acordei na cama do meu quarto, um raio de sol desenhava os contornos da guarnição da cortina na parede

branca, através do vidro. Minha mãe estava sentada ao meu lado. Ele inclinou sua cabeça para mim. Seus cílios estavam molhados e suas faces murchas pareciam esculpidas em um mármore enrugado pelo tormento. Sua voz tremeu:

— Por que você fez isso? Ah, por que você não me contou nada? Por que você fez isso, Silvio?

Eu olhei para ela. Meu rosto se contraiu em um olhar de misericórdia e remorso.

— Porque não veio para cá? Eu não teria dito nada. Foi o destino, Silvio. O que seria de mim se o revólver tivesse disparado? Você estaria aqui, com sua pobre carinha fria... Ah, Silvio, Silvio! — E uma lágrima pesada escorreu pelos círculos vermelhos sob seus olhos.

Senti que anoitecia em meu espírito e descansei minha cabeça em seu colo, pensando que acordaria em uma delegacia, divisando, por entre a névoa da memória, um círculo de homens uniformizados, os quais me seguravam com seus braços.

CAPÍTULO 4. JUDAS ISCARIOTES

Monti era um homem ativo e nobre, reativo como um espadachim, magro como um fidalgo. Seu olhar penetrante não desmentia o sorriso nos lábios finos, sombreado pelas mechas sedosas do bigode preto. Quando estava com raiva, suas maçãs do rosto ficavam coradas e seu lábio fino quase tocava o queixo pequeno.

O escritório e o depósito de papel de sua loja também continham três cômodos que ele alugava a um judeu do curtume e sua família. O quarto dos fundos do judeu era separado do resto por um corredor sempre lotado de crianças ruivas imundas.

A sala da frente se parecia com um escritório e tinha uma vitrine de papéis finos. Suas janelas davam para a rua Rivadavia, os cidadãos que olhassem da calçada viam uma sala de madeira de pinho, resmas de papel salmão, verde, azul e vermelho; rolos de papel impermeável, granulado e duro, blocos de papel de seda e de papel manteiga, maços de

etiquetas com flores coloridas, tubos de papel estampado, de superfície áspera, com desenhos de vasos desbotados.

Na parede azulada, um quadro da baía de Nápoles reluzia com a cor azul do mar imóvel e a costa acinzentada, salpicado de quadradinhos brancos: as casas. Quando Monti estava de bom humor, ele cantava com uma voz limpa e afinada: “*A mare chiaro che se de una puesta*”. Eu gostava de ouvi-lo. Ele cantava com sentimento. Era perceptível que, enquanto cantava, evocava os lugares e os momentos idílicos passados em sua terra natal.

Quando Monti me recebeu como vendedor comissionado, ele me deu um mostruário de papéis catalogados por qualidade e preço. Ele me disse:

— Bem, agora, vá vender. A cada quilo de papel são três centavos de comissão.

O começo foi difícil!

Durante uma semana, eu caminhava seis horas por dia, sem sucesso. Era inacreditável. Eu não vendi um só quilo de papel depois de andar mais de quarenta e cinco léguas. Desesperado, entrava em quitandas, armazéns e depósitos, perambulava pelos mercados, visitava farmacêuticos e açougueiros, mas sem sucesso.

Alguns me mandavam o mais educadamente possível para o diabo; outros me mandavam passar na próxima semana; alguns argumentavam: “Já tenho um vendedor que

me atende há muito tempo”; outros nem me atendiam; havia aqueles que achavam a minha mercadoria excessivamente cara; e ainda outros que era de má qualidade; e mais outros, raros, que me diziam que ela era boa demais.

Certo dia voltei ao escritório de Monti ao meio-dia e me joguei sobre uma pilha de resmas de papel. Eu estava calado, atordoado pelo cansaço e pelo desânimo. Mario, outro vendedor, um vagabundo de dezesseis anos, alto como um álamo, todo pernas e braços, zombou de minhas diligências estéreis.

Mario era um trapaceiro! Ele se parecia com um poste de telégrafo que terminava em uma cabeça pequena, coberta por uma fabulosa floresta de cabelos encaracolados. Ele andava a saltos largos, com uma bolsa de couro vermelho debaixo do braço. Quando voltava ao escritório, jogava a pasta num canto e tirava o chapéu, um chapéu-coco tão gordurento que poderia lubrificar o eixo de um automóvel. Ele era um demônio nas vendas e estava sempre alegre.

Folheando um caderno encardido, lia em voz alta sua longa lista de pedidos recolhidos e, arreganhando sua boca de bezerro, ria até mostrar o fundo da garganta e duas fileiras de dentes salientes. Para fingir que a alegria fazia sua barriga doer, ela a segurava com as duas mãos.

Monti nos observada com um sorriso irônico por cima da prateleira da escrivania. Ele cobria a testa larga com a

mão, esfregava os olhos como se os limpasse das preocupações e depois me dizia:

— Não desanime, diabo. Quer ser inventor, mas não sabe vender um quilo de papel? Você tem de ser constante. Todo comércio é assim. Enquanto não te conhecerem bem, não vão querer comprar nada. Se, em uma loja, eles dizem que não precisam, não importa. Você tem de voltar até que o comerciante se acostume com você e acabe comprando. E seja sempre *gentile*, porque é melhor.

E, mudando de assunto, acrescentava:

— Vamos tomar um café à tarde, conversar um pouco.

Certa noite, na rua Rojas, entrei numa farmácia. O farmacêutico, um sujeito irritado e bexiguento, examinou minha mercadoria e depois, com uma voz que me parecia a de um anjo, falou:

— Quero cinco quilos de papel de seda sortido, vinte quilos de papel almaço especial e também vinte mil envelopes, cada cinco mil com as impressões: “Ácido bórico”, “Magnésia calcinada”, “Cremor tártaro”, “Sabão de campeche”. Claro, o papel tem de estar aqui bem cedo na segunda-feira.

Tremendo de alegria, anotei o pedido, fiz uma reverência ao angelical farmacêutico e perambulei pelas ruas. Era a minha primeira venda. Ganharia quinze pesos de comissão.

Entrei no mercado Caballito, que sempre me lembrava os mercados dos romances de Carolina Invernizio. Um salsicheiro obeso com cara bovina, a quem eu já havia me apresentado inutilmente antes, gritou para mim enquanto picava um pedaço de toucinho:

— Cara, mande duzentos quilos do corte especial, mas amanhã bem cedo, sem falta, e a trinta e um.

Ganharia mais quatro pesos, apesar do desconto de um centavo por quilo.

Uma alegria infinita, dionisíaca e inacreditável inflou meu espírito em direção às esferas celestiais... e então, comparando minha embriaguez com a daqueles heróis danunzianos que meu chefe criticava por seus trajes magníficos, pensei: “Monti não sabe de nada.”

De repente, senti apertarem meu braço. Virei-me abruptamente e me vi diante de Lucio, aquele distinto Lucio que fazia parte do “Clube dos Cavaleiros da Meia-Noite”.

Nós nos cumprimentamos calorosamente. Depois daquela noite agitada, eu não o tinha visto mais. E agora ele estava diante de mim, sorrindo e olhando para todos os cantos como de costume. Percebi que ele estava bem vestido, melhor calçado e carregado de joias, com anéis de ouro falso nos dedos e uma pedra clara na gravata.

Estava mais alto. Ele era um grande vagabundo disfarçado de dândi. Para complementar à sua figura imponente, usava um chapéu de feltro cuidadosamente afundado na cabeça até as sobrancelhas. Ele fumava em uma piteira de âmbar e, como alguém que sabe tratar os amigos, logo após os primeiros cumprimentos, me convidou para tomar uma bock na cervejaria ao lado.

Já sentados e tomando a cerveja de um gole só, o amigo Lucio me disse em voz baixa:

— E você trabalha com o quê?

— E você? Está parecendo um dândi, um personagem...

Um sorriso curvou sua boca.

— Eu... eu me casei.

— Então está tudo bem. Você melhorou muito. Eu não tive a mesma sorte, estou na papelaria. Vendo papel.

— Ah! Você vende papel para uma loja?

— Sim, para um tal de Monti, que mora em Flores.

— E ganha bem?

- Não muito, mas dá para viver.
- Então você se regenerou?
- Claro.
- Eu também trabalho.
- Ah, você trabalha!
- Sim, eu trabalho. Adivinhe com o quê?
- Não, não sei.
- Sou detetive.
- Você? Um detetive? Você!
- Sim, por quê?
- Não, nada. Então você é detetive?
- Por que achou tão estranho?
- Não, de jeito nenhum. Você sempre teve essa vontade desde criança.
- Malandro! Mas olha, Silvio, todos precisam se regenerar. A vida é assim, a *struggle for life*, de Darwin.
- E se tornou erudito! Isso é o nome de alguma comida?
- Sei do que estou falando, cara, é uma terminologia anarquista. Se você também se regenerou e agora trabalha, então está indo bem.
- *Massomeno*, como dizia o basco. Eu vendo papel.
- Você se regenerou então?
- Parece.

— Muito bem. Garçon, outra cerveja. Mais duas, melhor dizendo. Me desculpe, cara.

— E como é esse trabalho de detive?

— Não me pergunte, Silvio, são segredos profissionais. Mas falando de a vaca ir pro brejo, você se lembra do Enrique?

— Enrique Irzubeta?

— Sim.

— Só sei que depois que nos separamos... você se lembra?

— Como não me lembraria?

— Depois que nos separamos, descobri que Grenuillet os despejou e que foram morar em Villa del Parque, nunca mais vi Enrique.

— Isso. Enrique foi trabalhar em uma concessionária de carros em Azul.

— E você sabe onde é?

— Azul? Mas é claro! Mas ele não está em Azul. Ele está na cadeia.

— Na cadeia?

— Tão certo como eu estou aqui, ele está na cadeia.

— O que ele fez?

— Nada, cara. *Struggle for life*. Significa “luta pela vida”. É um termo que aprendi com um padeiro galego que gostava de fazer explosivos. Você não faz mais explosivos? Não fique bravo, mas é que você gostava tanto de bombas e dinamite.

Irritado com suas perguntas insidiosas, eu o encarei.

— Quer me mandar pra cadeia?

— Não, cara, por quê? Foi só uma piada.

— Parece que você quer tirar algo de mim.

— Caramba, que presunçoso você é! Já não se regenerou?

— Mas o que você dizia sobre o Enrique?

— Vou te contar esse feito glorioso, uma coisa notável.

Acontece agora que não me lembro se era uma agência da Chevrolet ou da Buick. O Enrique era um bom funcionário e confiavam nele. Bem, ele sempre foi um mestre da dissimulação. Ele trabalhava no escritório, não sei como, mas o fato é que ele roubou um talão de cheques e imediatamente falsificou cinco mil novecentos e cinquenta e três pesos. Veja como são as coisas!

“Na manhã em que ele planejava sacar o dinheiro, o dono da agência lhe deu dois mil e cem pesos para depositar no mesmo banco. Esse maluco botou o dinheiro no bolso, pegou um carro na garagem da agência e foi calmamente ao banco, apresentou o cheque e — agora vem a melhor parte — o banco lhe pagou o cheque falsificado.”

— Pagaram tudo?!

— Inacreditável, que golpe seria! Bem, ele sempre teve seus talentos. Você se lembra de quando ele falsificou a bandeira da Nicarágua?

— Sim, era bom desde criança. Mas continue.

— Bem, pagaram o cheque. Foi então que o Enrique ficou nervoso. Saiu com o carro. A duas quadras do mercado, num cruzamento, deu de frente com um coche. Ele teve sorte, a única coisa que o caibro quebrou foi um braço dele, mas se pegasse um pouco mais no meio, atravessaria seu peito. Ele desmaiou e foi levado para o hospital. O dono da agência soube do acidente e foi para o hospital como um gato vai para o peixe. O homem pediu as roupas do Enrique ao médico, porque devia haver ou o dinheiro ou uma guia de depósito. Qual não foi a surpresa do sujeito quando em vez de encontrar o recibo, encontrou oito mil e cinquenta e três pesos. Nisso, Enrique acordou e ele perguntou de quem era aquela dinheirama, o patife não soube o que responder. Foram ao banco e descobriram tudo.

— Sensacional.

— Incrível. Li a crônica toda a respeito disso no “El Ciudadano”, o jornal de lá.

— E agora ele está na cadeia?

— Na sombra, como ele dizia. Mas não sei qual foi a pena. Ele tem a vantagem de ser menor de idade e da família dele também conhecer pessoas influentes.

— É curioso. Meu amigo Enrique, que teria um grande futuro.

— Invejável. Não é à toa que o chamavam de O Falsificador.

Então nos calamos. Fiquei me lembrando de Enrique. Era como se estivesse novamente com ele no antro dos bonecos. No muro, o raio de sol iluminava seu perfil mirrado de adolescente orgulhoso. Com sua voz rouca, Lucio comentou:

— *Struggle for life*, cara. Uns se regeneram e outros caem. A vida é assim, mas agora preciso ir, tenho de arrumar um emprego. Se quiser me visitar, aqui está o meu endereço. — E ele me entregou um cartão.

Depois de uma esfuziante despedida, quando já estava longe, sozinho nas ruas iluminadas, sua voz rouca ainda soava em meus ouvidos: “*Struggle for life*, cara. Uns se regeneram e outros caem. É a vida!”

Agora, eu chegava nos comerciantes com a desenvoltura de um vendedor experiente e com a certeza de que meus esforços não seriam em vão, pois “já tinha vendido”. Rapidamente, consegui uma clientela razoável, composta por feirantes, farmacêuticos com quem eu conversava sobre ácido pícrico e outras besteiras, livreiros e dois ou três merceeiros — as pessoas menos lucrativas e as mais espertas do mercado.

Para não perder tempo, eu dividia os bairros de Caballito, Flores, Vélez Sársfield e Villa Crespo em zonas que visitava sistematicamente uma vez por semana. Saía da cama muito cedo e, com passos largos, ia para os bairros estipulados. Daqueles dias, guardo a memória de um grande céu claro sobre horizontes de casinhas caiadas de branco, de fábricas com muros vermelhos e, nas periferias, do cenário da necrópole de cúpulas brancas, hortas, ciprestes e arvoredos.

Mantenho a memória fresca, nobre e bela das ruas planas do subúrbio, miseráveis e sujas, ensolaradas, com latas de lixo nas portas, com suas mulheres gordas, desgredadas e malvestidas, conversando nas janelas e chamando seus cachorros ou seus filhos, sob o arco mais claro do céu.

Meus olhos bebiam avidamente a infinita serenidade frisada no espaço celeste. Chamas ardentes de esperança e sonhos envolviam meu espírito e uma inspiração brotou em mim, tão feliz e sincera que não conseguia colocá-la em palavras.

E, quanto mais eu me encantava com a cúpula celeste, piores eram os lugares para onde ela me transportava. Me lembro daqueles armazéns e açougues nos subúrbios!

Um raio de sol iluminava na escuridão os bichos de carne vermelha e preta, pendurados em ganchos e cordas sobre os balcões de latão. O chão era coberto de serragem,

o cheiro de sebo pairava no ar, enxames negros de moscas zuniam sobre os pedaços de gordura amarelada. O açougueiro serrava ossos e esmurrava as costas das facas para partir as costeletas, impassível. No alto, lá em cima, estava o céu da manhã, quieto e perfeito, derramando seu azul sobre a doçura infinita da primavera.

Nada me preocupava no caminho, a não ser a distância. O céu, liso como uma porcelana de bordas azuis, com a profundidade do golfo em seu zênite, era um mar prodigioso, alto e muito tranquilo, no qual meus olhos pensavam ver ilhotas, portos, cidades de mármore cercadas por florestas verdes e navios com mastros e velas deslizando entre as canções de sereias em direção a cidades encantadas. Eu caminhava assim, exultante de uma saborosa violência.

Rumores de uma festa noturna pareciam chegar até mim. No alto, os foguetes despejavam cascatas verdes de estrelas. Abaixo, os gênios barrigudos do mundo riam e os macacos faziam malabarismos enquanto as deusas gargalhavam ao ouvir a música de um sapo. Com esses rumores festivos ressoando em seus ouvidos, com essas visões fluando diante dos olhos, as distâncias eram vencidas sem que eu percebesse.

Entrava nos mercados, conversava com os feirantes, vendia ou discutia com clientes insatisfeitos com as

mercadorias entregues. Eles costumavam me dizer, tirando algumas sobras de papel de baixo do balcão, que elas só serviam para fazer serpentinas:

— E o que eu posso embrulhar com estas aparas?

Eu replicava.

— Ah, as folhas não são todas do tamanho de um lençol. Você pode cortar pedaços de todos os tamanhos.

Essas explicações não satisfaziam os comerciantes, que, tomando seus amigos como testemunhas, juravam nunca mais comprar papel de mim. Então eu fingia estar indignado, dizia algumas palavras de fora do evangelho e, com muita confiança, ia para trás do balcão vasculhar a pilha e selecionar as folhas que, com um pouco de boa vontade, poderiam ser usadas para embrulhar a cabeça de um novilho.

— E esta? Por que não me mostrou estas? Vocês acham que eu tenho de ensinar como cortar as folhas? Por que você não compra as já refiladas?

Essas eram as disputas com açougueiros e vendedores de peixe, pessoas rudes, briguentas e amantes de problemas. Eu também gostava de passear nas manhãs de primavera pelas ruas repletas de bondes e de toldos de lojas. Me agradava ver os grandes armazéns e seus interiores sombreados, os laticínios com montes enormes de manteiga fresca nas prateleiras, as lojas com vitrines coloridas e as senhoras sentadas

nos balcões das fachadas das lojas de aviamentos. O cheiro de tinta nas lojas de ferragens e o cheiro de querosene nos depósitos se confundiam em meus sentidos como um aroma alegre e extraordinário, de uma festa universal e perfumada, cujo futuro narrador seria eu.

Nas gloriosas manhãs de outubro, eu me sentia poderoso e compreensivo como um deus. Se cansado, entrava numa leiteria para tomar um refresco na sombra do lugar. A decoração me fazia sonhar com a maravilhosa Alhambra e via Cármenes na longínqua Andaluzia. Via os *terroirs* íngremes no sopé das montanhas e as profundezas dos sumidouros na faixa vegetal dos riachos. A voz de uma mulher acompanhada por um violão fez a minha memória resgatar o velho sapateiro andaluz:

— José, si erra mais lindo que una rroza.

Amor, piedade, gratidão à vida, aos livros e ao mundo galvanizaram os nervos da minha alma. Não era eu, mas o deus que vivia dentro de mim, um deus feito com pedaços de montanha, florestas, céus e memórias.

Quando já havia vendido uma quantidade suficiente de papel, voltava ao escritório e, como os quilômetros se tornavam longos para percorrer a pé, preferia sonhar com coisas absurdas, por exemplo, que herdara setenta milhões de pesos ou coisas assim. Quando entrei no escritório e

Monti me comunicou, indignado, minhas quimeras se evaporaram:

— O açougueiro da rua Remedios devolveu o lote.

— Por quê?

— Eu que sei? Ele disse que não gostou.

— Que um raio o parta em dois.

A sensação de fracasso produzida por aquele maço de papel sujo era indescritível. O haviam abandonado na calçada, com novas amarras, cheio de lama nas bordas, respingado de sangue e gordura, pelo fato de o açougueiro tê-lo folheado impiedosamente com as mãos imundas. Esse tipo de devolução se repetia com muita frequência. Para me prevenir melhor de novos incidentes, eu costumava avisar ao comprador:

— Olhe, o corte é de sobras de papel. Se você quiser, eu mando um corte especial, são oito centavos a mais por quilo, mas você vai aproveitar tudo.

— Tudo bem, cara — dizia o açougueiro. — Mande o comum.

Mas quando o papel era entregue, ele queria desconto de mais alguns centavos por quilo ou então devolveria os pedaços muito pequenos, que somavam dois ou três quilos e o faziam perder o que ganhara. Ou não pagava, dizendo que ele havia perdido tudo.

Aconteceram problemas hilários, pelos quais Monti e eu acabávamos rindo para não chorar de raiva. Tínhamos entre nossos clientes um criador de porcos que exigia que o papel fosse entregue em sua casa em dia e horário determinados por ele, o que era impossível. Um outro devolvia a carga insultando o motorista, caso não recebesse o recibo como estipulado pela lei, o que era desnecessário. Outro só pagava pelo papel uma semana depois de começar a utilizá-lo.

Nem deveria falar da ralé dos feirantes turcos. Se eu lhes pedisse notícias de Almutâmide, ou não me entendiam ou davam de ombros, cortando um pedaço de bofe para o gato de alguma comadre descarada. Para vender para eles, eu perdia uma manhã toda. E isso para entregar a distâncias inacreditáveis, em ruas suburbanas desconhecidas, um mísero pacote de vinte e cinco quilos que me renderia setenta e cinco centavos.

O entregador, um homem mal-encarado de cara suja, quando voltava à noite com seu cavalo cansado e o papel que não havia sido entregue, dizia:

— Este eu não entreguei... — E jogava o embrulho na calçada com um gesto irritado. — Porque o açougueiro estava no matadouro e a mulher disse que não sabia de nada e que não ia receber. Este outro não mora no número, que é uma fábrica de sapatos. Ninguém na rua soube me dar informações.

Nós soltávamos a língua contra essa gentalha que não obedecia às formalidades ou compromissos de qualquer tipo. Outras vezes, acontecia de Mario e eu pegarmos pedidos das mesmas pessoas e, quando o pedido era enviado, um deles era rejeitado; ou ambos, porque diziam que haviam comprado ainda de um terceiro que lhes oferecera mais barato. Alguns tinham a coragem de dizer que não pediram nada e, geralmente, mesmo que não houvesse, inventavam seus motivos. Quando eu achava ter ganho sessenta pesos em uma semana, recebia apenas vinte e cinco ou trinta.

E os menores? Comerciantes de quinquilharias, lojistas e farmacêuticos! Quanta atribulação, pedidos de mais informações e testes de desempenho do produto! Para comprar a insignificante quantidade de mil envelopes impressos com “Magnésia” ou com “Ácido bórico”, só fechavam negócio depois de avaliá-los várias vezes e de exigir que lhes fossem enviadas amostras de papel, tipos de impressão. No final, ainda diziam:

— Vamos ver, volte na semana que vem.

Muitas das vezes, eu pensei se não teria material suficiente para escrever uma filogenia e uma psicologia do varejista, do homem atrás do balcão que usa uma boina e tem o rosto pálido e os olhos frios como chapas de aço.

Ah, não era suficiente apresentar a mercadoria! Para vender, era preciso se imbuir de uma sutileza “mercurial”,

escolher bem as palavras e tratar dos conceitos, bajular com circunspeção, falar o que não se pensa ou não se acredita, se emocionar com uma ninharia, cobrar com um gesto pesaroso, mostrar-se interessado pelo maldito que não nos interessa, ser múltiplo, flexível e engraçado, agradecer com simpatia uma gorjeta, não perder a concentração ou dar desconto ao ouvir uma grosseria... E sofrer, sofrer pacientemente o tempo todo, olhar seus rostos azedos e mal-humorados, ouvir respostas rudes e irritantes, sofrer para poder ganhar alguns centavos, porque “a vida é assim”.

Se não fosse a concorrência... Mas é preciso entender que no mesmo ambiente em que desfiamos as vantagens de fazer negócios conosco, muitos outros vendedores já passaram oferecendo a mesma mercadoria em diferentes condições, cada uma mais vantajosa para o comerciante. Difícil explicar como alguém escolhe um ou outro entre muitos para se beneficiar dele ao mesmo tempo em que se beneficia.

Então não seria exagero dizer que se estabelecem laços materiais e espirituais entre um vendedor e o comerciante, uma relação inconsciente ou simulada por ideias econômicas, políticas, religiosas e até sociais. E que uma transação de venda, mesmo que seja de uma dúzia de agulhas, a menos que seja absolutamente urgente, vincula em si mais variáveis do que a equação do binômio de Newton.

Mas não só isso! Além disso, é preciso aprender a se controlar e a suportar toda a insolência da pequena burguesia. Normalmente, os comerciantes são brutos astutos, indivíduos de repertórios limitados que enriqueceram às custas de sacrifícios penosíssimos, de roubos que a lei não prevê, de falsificações que ninguém percebe — ou que todos toleram.

O hábito da mentira se enraíza nesses patifes acostumados a manusear grandes ou pequenos capitais, enobrecidos por créditos que lhes conferem patente de honra e, assim, cria-se um espírito militar, ou seja, ficam acostumados a tratar com desprezo seus inferiores, como fazem com aqueles que precisam abordá-los para prosperar.

Ah, e como são dolorosos os gestos despóticos desses jogadores abastados, que inexoravelmente anotam seus lucros atrás de suas escrivadinhas; como franzem suas fuças em ímpetos impiedosos quando dizem:

— Pare de enrolação, rapaz. Nós compramos dos grandes.

No entanto, são tolerados, ganham sorrisos e são cumprimentados porque “a vida é assim”.

Às vezes, quando terminava o meu roteiro, se ainda estivesse longe de casa, eu fazia um pequeno desvio até o

guardador de carroças na feira de Flores, uma feira comum como tantas outras. No final da rua residencial com suas fachadas caiadas, cobertas por um oceano de sol, ela despontava inesperadamente.

O vento trazia o cheiro azedo dos vegetais e os toldos das barracas protegiam as gôndolas e balcões dispostos paralelamente à calçada, no centro da rua. Ainda guardo essa imagem diante dos meus olhos. Ela era composta por duas filas. Uma era formada por açougueiros, vendedores de carne de porco, granjeiros e queijeiros; e a outra era de hortifrúteis. A fileira se alongava, berrante em sua policromia, cheia de penduricalhos, com seus homens barbudos de camisetas, os quais eram ladeados por cestos cheios de legumes.

A fileira começava com as barracas dos peixeiros, com seus cestos ocres coloridos pelo vermelho dos camarões, o azul das tainhas, o marrom dos mariscos, a lividez plúmbea dos caracóis e o branco de zinco das merluzas.

Os cães rondavam, roubando as tripas descartadas; e os mercadores, de braços nus e peludos com seus aventais sobre o ventre, pegavam os peixes pelos rabos a cada pedido dos compradores e abriam suas barrigas com uma faca. Cravavam seus dedos na fenda e retiravam sua espinha e a barrigada para em seguida, com um golpe decisivo, os dividirem em dois.

Ao seu lado, as tripeiras raspavam as fezes amareladas sobre os balcões e penduravam enormes fígados vermelhos nos ganchos. Os gritos monótonos se repetiam:

— Peixe fresco! Fresquinho, senhora.

Outra voz gritava:

— Aqui, veja como estão lindos. Venha ver isso!

Pedaços de gelo cobertos de serragem derretiam lentamente na sombra sobre as tampas dos caixotes de pescados. Ao chegar, eu perguntava imediatamente:

— O Manco?

Com as mãos na cintura e os aventais sujos inflados pelas barrigas, os feirantes gritavam com suas vozes fanhosas ou agudas:

— Manco! Vem cá, Manco!

E, porque gostavam dele, riam alto ao chamá-lo.

Mas Manco, ao me reconhecer de longe, para aproveitar sua popularidade, vinha devagar e mancava ainda mais. Quando encontrava alguma funcionária conhecida na frente de uma barraca, tocava a aba do chapéu com a ponta do chicote. Parava, conversava, sorria e mostrava os dentes tortos sempre com um ar travesso. Então prosseguia, olhando de lado para os açougueiros que lhe faziam gestos obscenos com os dedos.

— Manco! Ei, Manco! Vem cá! — gritavam do outro lado.

O fanfarrão virava o rosto anguloso para o lado e os mandava esperar. Abria caminho a cotoveladas por entre as mulheres amontoadas na frente das tendas e as que não o conheciam, velhas gananciosas e rabugentas, jovens irritadas e avarentas, meninas pretensiosas e apáticas, olhavam seu rosto triangular e bronzeado, corado pela falta de vergonha, com azeda desconfiança e um aborrecimento mal disfarçado. Ele era um grande pilantra que gostava de tocar as nádegas das mulheres quando estavam amontoadas na frente das barracas.

— Manco! Venha cá!

Manco gostava de sua popularidade. Além disso, como todos os personagens da História, ele gostava de ter amigos, cumprimentar os vizinhos, banhar-se nesse clima de brincadeiras e grosserias que se estabelece imediatamente entre um comerciante e uma comadre qualquer. Quando falava de coisas sujas, seu rosto vermelho brilhava como se tivesse sido untado com banha de porco. A roda dos verdureiros, tripeiros e granjeiros se divertia com a imundície das piadas do patife.

Eles chamavam:

— Manco! Vem cá, Manco! — E os obesos açougueiros, os robustos filhos de napolitanos, toda aquela imundície barbuda de negociantes miseráveis, toda a ralé, magra e gorda, esperta e faceira, os vendedores de peixe e de frutas,

os manteigueiros, os tratantes gananciosos se deliciavam com a desonestidade de Manco, com o seu descaramento e com sua invencibilidade, atrevimento e suas “lorotas”. Ele era como um símbolo da feira livre naquele corredor repleto de talos, folhas de couve e cascas de laranja. Ele cambaleava e, de seus lábios, saía este verso obsceno:

Que delícia gozar com o pau dos outros.

Ele era um fanfarrão digno de todo apreço. Ele havia abraçado a nobre profissão de guardador de carroças desde o dia em que torcera a perna após uma queda de cavalo. Ele sempre usava o mesmo traje, ou seja, calça de lã verde e uma bolsa que parecia a de um toureiro. No pescoço, deixava um elástico preto pendurado e o adornava com um lenço vermelho. Seu chapéu enebado sombreava sua testa e, em vez de botinas, usava alpargatas de tecido violeta enfeitadas com bordados cor-de-rosa. Com seu látigo inseparável, ele mancava de um lado para o outro da fileira de carroças, disciplinando os cavalos, que, por tédio, mordiscavam ferozmente uns aos outros.

O Manco, além de tomar conta, tinha seus cacoetes de ladrão e, sendo um vagabundo, não podia deixar de ter o vício do jogo. Em suma, era um vagabundo muito afável, de quem se podia esperar qualquer favor e também alguma trapaça. Diziam que tinha estudado para ser jóquei e que torcera a

perna porque seus companheiros invejosos assustavam o seu cavalo em dias de prova. Mas acho que ele não tinha sido nada além de um bosteiro de estábulo.

Claro, ele conhecia mais nomes e raças de cavalos do que uma beata conhece o martírio dos santos. Sua memória era um almanaque de Gotha de valor inconcebível. Quando ele falava em minutos e segundos, parecia um astrônomo falando das estrelas e, quando falava de si mesmo e da perda que o mundo sofrera ao prescindir de um jóquei como ele, todos ficavam tentados a chorar.

— Que tristeza!

Quando eu ia vê-lo, ele saía das bancas onde papeava com alguma de suas namoradas e, pegando-me pelo braço, me cumprimentava assim:

— Vamos fumar um cigarro, que...

E íamos para o estacionamento das carroças. Entrávamos naquela que tivesse a melhor cobertura para conversarmos longamente. Ele dizia:

— Sabia que eu afanei o turco Solomon? Ele se esqueceu de um pernil de carneiro na carroça. Chamei o Pivete (que era um protegido seu) e mandei: “Leva isso lá pro meu quarto”.

Ele contava:

— No outro dia, veio uma velha. Estava em viagem com uma malinha pequena. E eu estava liso, liso. Ela me

pagou um mango, aí falei pra ela que ia pegar a carroça do peixeiro. Que correria, irmão! Quando voltei, eram nove e quinze e o pangaré suado pra caramba. Sequei ele bem com um pano, mas o galego deve ter desconfiado, porque tanto ontem quanto hoje, toda hora, ele vem dar uma olhada, acho que para ver se a carroça está aqui. Agora, se aparecer outra viagem, vou colocar o passageiro na carroça da tripeira — e, observando meu sorriso, continuava. — Eu tenho de ganhar a vida, cara, o quarto custa dez mangos. No domingo, apostei dobrado no Sua Majestade, no Vasquito e na Adorada. Mas o Sua Majestade azedou o meu patê.

Então, notando dois malandros que se esgueiravam na outra ponta do estacionamento, ele gritou:

— Oi! Seus filhos da puta! O que vocês querem aqui?

E correu para a carroça brandindo o chicote. Depois de verificar cuidadosamente os arreios, ele se virou com um resmungo:

— Estou ferrado se me roubarem um arreio ou alguma rédea.

Nos dias de chuva, eu passava as manhãs em sua companhia. Debaixo da capota das carroças, Manco improvisava poltronas incríveis com trouxas e caixotes. Só se sabia o lugar em que estávamos porque as baforadas de fumaça escapavam pelo vão do arco dos toldos. Para se divertir,

Manco pegava no cabo do chicote como se fosse um violão, apertava os olhos, sugava seu cigarro com mais energia e, com uma voz arrastada, ora cheia de coragem, ora dolorida de desejo, cantava:

*Tenho outro barraco, meu cafofo,
que é muito maneiro,
e que eu aluguei pra ela;
e que eu aluguei pra ela,
pra ela ir me namorar.*

Com o chapéu metido até as orelhas, a fumaça do cigarro lambendo seu nariz e a camisa entreaberta sobre o peito bronzeado, Manco parecia um bandido. Às vezes, me dizia:

— Não é verdade, alemão? Eu não pareço um vigarista?

Ou então contava, em voz baixa e entre longas baforadas de cigarro, as histórias do subúrbio e lembranças de sua infância em Caballito. Eram lembranças de roubos e assaltos em plena luz do dia, os nomes do Cabeça de Alho, do Inglês, e dos dois irmãos Arévalo estavam continuamente entrelaçados nessas histórias. Manco dizia com melancolia:

— Me lembro bem! Eu era moleque. Sempre ficávamos na esquina da Méndez de Andés com a Bella Vista, encostados no vitrô do armazém de um galego. O galego era um

coitado. A mulher dormia com outros caras e duas das filhas eram prostitutas. Me lembro bem! A gente estava sempre lá, tomando sol e zoando quem passava. Quando passava algum caipira, alguém sempre falava: “Quem comeu o pernil do porco?”. “O caipira”, o outro respondia. Sim, eram uns capiaus! Se o cabra ficasse irritado, davam uma lição nele. Eu me lembro. Teve um. Um turco que apareceu. Eu estava com um pangaré na ferraria de um francês, que ficava em frente ao bocha. Foi num piscar de olhos. O mané do turco voou para o meio da rua, ia até sacar o revólver, e zás, o Inglês lhe sentou uma na orelha que ele nem viu por onde. Arévalo catou a cesta e o Cabeça de Alho levou o caixote. Quando os tiras chegaram, só tinha sobrado o chapéu e o turco, que chorava com o nariz sangrando. O mais violento era o Arévalo. Ele era alto, moreno e caolho. Ele já tinha matado uns par deles. Sua última vítima foi um cabo. Ele já estava marcado pra ir pra cadeia. Eles o cataram uma noite com um monte de outros vagabundos em um café antes da San Eduardo. Eles o revistaram e ele não estava armado. Um cabo botou as algemas nele e o levou. Antes de chegarem na Bogotá, no escuro, o Arévalo sacou uma faca que escondia no peito, debaixo da camisa e embrulhada em papel de seda. Ele enterrou a bicha até o cabo no coração do tira. O cara caiu duro e o Arévalo se escafedeu. Ele foi se esconder na

casa de uma irmã que era passadeira, mas cataram ele no dia seguinte. Dizem que ele morreu tuberculoso pela surra de borracha que deram nele.

Essas eram as histórias de Manco. Previsíveis, obscuras e violentas. Quando as terminava antes da hora normal de largar a vigia da feira, Manco me convidava:

— Vamos, Alemão, vamos pra xepa!

— Vamos.

Com uma bolsa no ombro, Manco andava pelas barracas e os feirantes, sem que ele pedisse, gritaram:

— Vem cá, Manco. Pode pegar! — E ele recolhia ossos grandes e carnudos. Dos verdureiros, quem não lhe dava um repolho, dava-lhe batatas ou cebolas; as granjeiras, um pouco de manteiga; as tripeiras, um punhado de fígado; e o alegre Manco, com o chapéu pendendo sobre uma orelha, o chicote a tiracolo e de saco na mão, cruzava orgulhoso como um rei diante dos mercadores. E mesmo os mais aventos e até os piores deles não se atreviam a lhe negar um pedaço, porque sabiam que ele poderia prejudicá-los de diferentes maneiras. Ao final, ele dizia:

— Venha comer comigo.

— Não, estão me esperando em casa.

— Vamos, não seja tonto, vamos fazer um bife com batata frita. Depois, toco uma viola e tomamos um vinho,

um vinhozinho de San Juan que é uma loucura. Comprei um garrafão, porque dinheiro que vem fácil, vai fácil.

Eu sabia muito bem por que Manco insistia que eu almoçasse com ele. Ele precisava me consultar sobre as suas invenções. Sim. Manco, com toda a sua preguiça, tinha a vocação para ser inventor. O Manco, que segundo suas próprias palavras havia crescido “debaixo dos cascos dos cavalos”, criava artificios e invenções para privar outros de seu dinheiro nas horas da sesta. Lembro-me que um dia, quando eu lhe explicava as maravilhas da galvanoplastia, Manco ficou tão surpreso que por muitos dias tentou me convencer a montar uma fábrica de moedas falsas em sociedade. Quando lhe perguntei onde conseguiria o dinheiro, ele me respondeu:

— Conheço alguém que tem dinheiro. Se você quiser, apresento ele a você e vamos nos ajeitar. Então? Vamos ou não?

— Vamos.

Na hora, Manco dirigiu um olhar investigativo ao redor para depois gritar com voz áspera:

— Pivete!

Pivete, que estava brigando com outros vagabundos da sua laia, apareceu. Não tinha sequer dez anos, nem um metro e meio de altura, mas seu rosto deformado apresentava

toda a miséria e a experiência que a vadiagem havia gravado naquelas feições já envelhecidas. Tinha o nariz chato, lábios largos e também era muito cabeludo, uma lã crespa e densa cujos cachos cobriam suas orelhas. Essa figura aborígene e suja vestia calças pula-brejo e uma blusa preta de leiteiro basco. O Manco lhe deu uma ordem direta:

— Pega isto.

Pivete pendurou a bolsa nas costas e saiu rapidamente. Ele era empregado, cozinheiro, faxineiro e ajudante de Manco, que o acolhera como se acolhe a um vira-lata. Em troca de seus serviços, lhe vestia e dava comida. E Pivete era um servo muito fiel de seu patrão.

— Escuta essa — ele me contou —, outro dia, uma mulher abriu a bolsa na feira e deixou cair cinco pesos. O Pivete botou o pé em cima da nota até ela ir embora. Quando chegamos em casa, não tinha nem um tição de carvão. “Vá lá ver se eles te dão fiado”. “Não precisa”, o maluco me respondeu e sacou os cinco mangos.

— Nossa, nada mal.

— E daí para roubar é um pulo. Vou te contar outra.

— Conte.

— Olha só! Uma tarde, ele estava saindo. “Aonde você vai?”, eu perguntei. “Vou na igreja.” “Vai se casar, é?” “Se liga!”, e começou a me contar que na caixa de esmolas que

fica pregada na parede da entrada, ele viu a ponta de um peso. Acontece que a nota estava presa e ele a puxou com uma agulha. Então ele fez um alfinete de anzol para pescar todos os pesos de dentro da caixa. Veja só você!

Manco ria muito e, mesmo que eu duvidasse que o Pivete realmente tivesse inventado o tal anzol sozinho, eu não duvidava que fosse o pescador. Mas era melhor nem dizer nada e, com uns tapinhas nas costas, eu simplesmente exclamava:

— Ah, Manco! Manco!

E Manco ria ainda mais, com a sua risada que torcia os lábios e revelava seus dentes.

Às vezes, à noite, eu dizia:

— Misericórdia! Quem terá misericórdia de nós? Nesta terra, quem terá misericórdia de nós? Miseráveis, não temos um Deus a quem orar e nossa pobre vida é um sofrimento. Diante de quem eu me ajoelharei, a quem falarei sobre os meus espinhos e as minhas farpas, sobre essa dor que surgiu em uma tarde ardente e que ainda mora em mim? Como somos pequeninos. A Mãe Terra não nos quis em seus braços e aqui estamos: amargurados e rendidos pela impotência. Por que

não sabemos onde está o nosso Deus? Oh! Se ele viesse uma noite e tocasse as nossas têmporas calmamente com as mãos... O que mais poderíamos pedir? Passaríamos a andar com um grande sorriso nos olhos e com lágrimas pingando dos cílios.

~

Certa quinta-feira, às duas da tarde, minha irmã me avisou que um indivíduo me esperava no portão. Saí e, com inegável surpresa, encontrei Manco vestido mais decentemente do que de costume. Ele havia substituído o cachecol vermelho por um colarinho simples e as alpargatas floridas por um par de botinas novinhas em folha.

— Você por aqui?

— Você está ocupado, Alemão?

— Não. Porque?

— Então vamos, precisamos conversar.

— Claro, mas espere um momento.

Entrei rapidamente. Vesti minha blusa, peguei meu chapéu e saí. Desnecessário dizer que imediatamente suspeitei de algo e, embora eu não pudesse imaginar o motivo da visita de Manco, resolvi ficar alerta.

Uma vez na rua, examinando seu semblante, percebi que ele tinha algo importante a me comunicar, já que me

observava com o canto dos olhos. Contive minha curiosidade e me limitei a pronunciar apenas um:

— E então?

— Você não vai à feira há dias — ele comentou.

— Sim, ando ocupado. E você?

Manco olhou para mim novamente. Enquanto caminhávamos por uma alameda, ele começou a fazer observações sobre o clima. Depois, falou da pobreza, dos problemas que o trabalho diário lhe trazia e também me contou que, na semana passada, haviam lhe roubado duas rédeas. Quando o assunto se esgotou, ele estancou no meio do caminho e, me pegando pelo braço, lançou este desabafo:

— Cá entre nós, Alemão, você é de confiança ou não?

— E você me trouxe até aqui para me perguntar isso?

— Mas você é ou não é?

— Olha, Manco, quem tem de dizer é você. Confia em mim?

— Sim, confio. Mas, me diga, posso contar com você?

— Claro, homem.

— Ótimo. Então vamos entrar ali e tomar um trago. — E Manco foi para o armazém de bebidas, pediu uma garrafa de cerveja ao balconista e nos sentamos em uma mesa no canto mais discreto. Depois de beber, Manco disse, como alguém que se livra de um grande peso. — Tenho que te pedir um

conselho, Alemão. Você é muito *científico*. Mas, por favor, cara, recomendo que você, Alemão...

Eu o interrompi.

— Olhe, Manco, calma lá. Não sei o que você tem a me dizer, mas de agora em diante aviso que sei guardar segredos. Não pergunto e não digo.

Manco colocou o chapéu na cadeira. Ele ainda tinha suas dúvidas e, em seu perfil de gavião, a falta de decisão movia os músculos de suas mandíbulas por reflexo. Em suas pupilas ardia um fogo de coragem. Então, olhando para mim seriamente, ele explicou:

— É um golpe de mestre, Alemão. Dez mil mangos, pelo menos.

Olhei para ele com frieza, aquela frieza que vem de ter descoberto um segredo que pode nos beneficiar imensamente. Respondi para inspirar confiança:

— Não sei o que é, mas não é muito.

A boca de Manco se abriu lentamente.

— Te parece pouco? Dez mil mangos, no mínimo, Alemão. No mínimo.

— Somos dois — eu insisti.

— Três — ele respondeu.

— Ainda pior.

— Mas o terceiro é minha namorada.

De repente, sem explicar nada, ele tirou uma chave, pequena e fina, e a colocou sobre a mesa, deixando-a ali abandonada. Eu não a toquei. Concentrado, eu o olhava em seus olhos e ele sorria como se uma alegria louca inundasse sua alma. Às vezes, empalidecia. Bebeu dois copos de cerveja, um atrás do outro, enxugou os lábios com as costas da mão e disse com uma voz que não parecia a sua:

— A vida é linda!

Sem tirar os olhos dele, eu disse:

— Sim, a vida é linda, Manco. É linda. Imagine os grandes campos, imagine as cidades do outro lado do mar, as mulheres vindo atrás de nós. A gente andando pelas cidades do outro lado do mar como grandes bacanas.

— Você sabe dançar, Alemão?

— Não, não sei.

— Dizem que lá, quem sabe dançar tango, se casa com milionárias. E eu vou, Alemão, vou mesmo.

— E a grana?

Ele me olhou duramente. Então a alegria iluminou seu semblante e uma grande bondade se expandiu em seu rosto de rapina.

— Se você soubesse o quanto eu já trabalhei, Alemão... está vendo esta chave? É de um cofre. — Ele colocou a mão no bolso e, tirando outra chave mais longa, continuou. — E esta é

da porta do quarto onde está o cofre. Eu a fiz de noite, Alemão, foi esculpida com a minha lima. Trabalhei como um escravo.

— Ela as trouxe para você?

— Sim, a primeira eu fiz há um mês, a outra eu fiz anteontem. E fiquei te esperando na feira, mas você não apareceu.

— E aí?

— Você quer me ajudar? Vamos meiar. São dez mil mangos, Alemão. Ele colocou a grana no cofre ontem.

— Como você sabe?

— Ele foi ao banco e voltou com um maço enorme de notas. Ela viu e me disse que eram todas vermelhas.

— E você vai me dar metade?

— Sim, meio a meio. O que acha?

Sentei-me abruptamente na cadeira, fingindo estar possuído pela excitação.

— Parabéns, Manco. Seu plano é maravilhoso.

— Você acha, Alemão?

— Nem mesmo um gênio teria planejado isso como você. Sem zoeira. Tudo limpo.

— Certo, e...?

— Limpeza, irmão. Precisamos esconder a mulher.

— Não precisa, já aluguei um quarto com porão. Nos primeiros dias, eu a escondo lá. Depois, vestida de homem, eu a levo para o Norte.

— Não é melhor a gente sair daqui, Manco?

— Sim, melhor.

A cúpula de plátanos nos protegia do ardor do sol. Manco, meditando, rolava seu cigarro entre os lábios.

— Quem é o dono da casa? — perguntei a ele.

— Um engenheiro.

— Ah! É engenheiro?

— Sim, diga aí, Alemão. Vamos nessa?

— Por que não? Claro, cara. Já cansei de andar por aí vendendo papel. Sempre a mesma vida: me estropiando à toa. Diz aí, Manco, essa vida faz sentido? Trabalhamos para comer e comemos para trabalhar. Uma miséria de alegrias, miséria de festas, a mesma coisa todos os dias, Manco. Já cheguei no limite.

— Isso mesmo, Alemão, você tem razão. Então vamos nessa?

— Vamos.

— Então esta noite nós atacamos.

— Rápido assim?

— Sim, ele sai todas as noites. Ele vai ao clube.

— É casado?

— Não, mora sozinho.

— Longe daqui?

— Não, um quarteirão antes de Nazca. Na rua Bogotá. Se quiser, podemos ver a casa.

- É sobrado?
- Não, térrea, tem um jardim na frente. Todos os quartos dão para um pátio. Tem uma faixa de terra em volta.
- E ela?
- Ela é a empregada.
- E quem cozinha?
- A cozinheira.
- Então é rico.
- Você tem de ver a casa! Cada móvel lindo!
- E a que horas vamos esta noite?
- Às onze.
- E não vai ter ninguém lá?
- Isso. Assim que a cozinheira termina, ela vai para casa.
- Você acha seguro?
- Muito. A luz do poste fica a meio quarteirão de distância e ela vai deixar a porta da frente aberta. Entramos e vamos direto para o escritório, pegamos a grana, dividimos ali mesmo, e eu levo ela pro esconderijo.
- E os tiras?
- Os tiras? A polícia só procura quem já é fichado. Eu sou vigia de carroças. E também vamos usar luvas.
- Quer um conselho, Manco?
- Dois.

— Então escute. A primeira coisa é que ninguém nos veja lá hoje. Um vizinho pode nos reconhecer e nos denunciar. Também não teremos problemas se você conhece a casa. Muito bem. Segundo: a que horas o engenheiro sai?

— Entre nove e meia e dez, mas podemos ficar de campana.

— Abrir o cofre vai levar uns dez minutos.

— Nem isso. A chave já foi testada.

— Meus parabéns pela precaução. Vamos entrar às onze.

— Sim.

— E onde nos encontramos?

— Em qualquer lugar.

— Não, temos de ter cuidado. Estarei no Las Orquídeas às dez e meia. Você entra, mas não me cumprimenta nem nada. Você se senta em outra mesa e, às onze horas, a gente sai. Eu te sigo. Você entra na casa e eu entro em seguida, depois cada um se vira como for melhor.

— Assim evitamos suspeitas. Tudo bem pensado. Você tem um revólver?

— Não.

De repente, uma arma apareceu em sua mão e, antes que eu pudesse evitar, ele a colocou no meu bolso.

— Eu tenho outro.

— Desnecessário.

— Nunca se sabe o que pode acontecer.

— E você seria capaz de matar?

— Eu? Que pergunta! Claro!

— Uau!

Algumas pessoas que passavam nos silenciaram. Do azul do céu, descia uma felicidade que se transformava em tristeza dentro de minha alma culpada. Lembrei-me de uma pergunta que não havia feito:

— E como ela vai saber que vamos esta noite?

— Vou lhe passar a senha por telefone.

— E o engenheiro não fica em casa durante o dia?

— Não. Se quiser, posso falar com ela já.

— De onde?

— Daquela farmácia.

Manco foi comprar aspirina e logo depois saiu. Ele já havia contatado a mulher. Suspeitei de algo e, para esclarecer, perguntei:

— Você já contava comigo para esse negócio, não é?

— Sim, Alemão.

— Por quê?

— Porque sim.

— Agora está tudo arranjado.

— Tudo.

— Você tem luvas, certo?

— Tenho.

— Eu uso meias, dá no mesmo.

Então nos calamos. Durante a tarde, caminhamos aleatoriamente, perdidos em pensamentos, oprimidos por ideias desiguais. Lembro-me de que entramos em uma pista de bocha para bebermos algo, mas a vida girava em torno de nós como a paisagem nos olhos de um bêbado.

Imagens já adormecidas há muito tempo, semelhantes a nuvens, surgiram em minha consciência. O brilho do sol feria as minhas pupilas, um grande sonho tomou conta dos meus sentidos e, em alguns momentos, eu falava apressado sem mais nem menos. O Manco me ouvia distraidamente.

De repente, uma ideia sutil brotou dentro de mim. Eu a senti se espalhar nas minhas entranhas quentes, pois ela era fria como um fio de água. Ela chegou até o meu coração: “E se eu o entregasse?” Com medo de que ele tivesse surpreendido meu pensamento, olhei assustado para Manco, que, à sombra da árvore, com olhos sonolentos, mirava o campo em que estavam dispostas as bolas de bocha. Aquele era um lugar sombrio, propício ao desenvolvimento de ideias violentas.

A larga rua Nazca se perdia no horizonte. Junto ao muro de um edifício alto, pintado com piche, o taberneiro havia construído seu cômodo de tábuas pintadas de verde. No resto do terreno, estendiam-se duas faixas paralelas de

terra arenosa. Várias mesas de ferro estavam em diferentes pontos. Eu pensei novamente: “E se eu o entregasse?” Com o queixo apoiado no peito e o chapéu na testa, Manco cochilava. Um raio de sol caía sobre uma das pernas das suas calças com manchas de gordura. Então, um grande desprezo atravessou meu ser e, pegando-o rudemente pelo braço, gritei:

— Manco.

— *Hã?* Quê? O que está acontecendo?

— Anda, Manco.

— Pra onde?

— Pra casa. Tenho de arrumar as malas. Hoje à noite, damos o golpe e, amanhã, desaparecemos.

— Certo, vamos.

~~*

Uma vez sozinho, vários temores ocuparam a minha mente. Vi minha existência prolongada entre todos os homens. A infâmia esticaria minha vida entre eles e cada um poderia me apontar seu dedo. E eu, eu já não pertencia mais a mim mesmo... para sempre. Eu disse para mim: “Porque se eu fizer isso, destruirei a vida do homem mais nobre que já conheci. Se eu fizer isso, estarei condenado para sempre.

E ficarei só, e serei como Judas Iscariotes. A tristeza me acompanhará pela vida toda. Serei castigado todos os dias!”

E me vi alongado nos espaços da vida interior, como uma angústia, vergonhosa até para mim. Seria inútil que eu tentasse me misturar com estranhos. A lembrança, como um dente podre, estaria em mim, e seu fedor turvaria todas as fragrâncias da natureza. Mas, ao me distanciar do fato ao longo do tempo, minha perversidade passou a achar a infâmia interessante.

— Por que não? Terei então um segredo, um grande segredo, um segredo asqueroso que me levará a investigar a origem das minhas raízes obscuras. E, quando não tiver nada para fazer, ficarei melancólico pensando em Manco. Vou me perguntar: por que fui tão canalha? Mas não saberei me responder e, nessa busca, sentirei como se curiosos horizontes espirituais se abrissem em mim. Além disso, o negócio pode ser lucrativo.

“Na verdade”, eu disse a mim mesmo, “sou um louco com certas qualidades de malandro, mas Rocambole era pior. Ele assassinou, eu não matarei. Por alguns francos, ele testemunhou falsamente contra Papá Nicolo e o mandou para a guilhotina. Ele estrangulou a senhora Fipart, que o amava como a uma mãe, e matou... ele matou o capitão Williams, a quem devia seus milhões e seu título de marquês. A quem ele não traiu?”

De repente, eu me lembrei com espantosa clareza desta passagem da obra: “Rocamboles se esqueceu por um momento de sua dor física. O prisioneiro, cujas costas estavam machucadas pela vara do capataz, entrou em transe: parecia ver Paris, o Champs-Élysées, o Boulevard des Italiens, todo aquele mundo deslumbrante de luz e sons que desfilava diante dele como um turbilhão inebriante, onde antes ele havia vivido”.

Eu pensei: “E eu? Vou continuar assim? Sem nunca ter uma vida de luxo como Rocamboles?” E as palavras que eu havia dito anteriormente para Manco outra vez soaram em meus ouvidos, mas como se estivessem sendo pronunciadas por outra boca:

— Sim, a vida é linda, Manco. É linda. Imagine os grandes campos, imagine as cidades do outro lado do mar, as mulheres vindo atrás de nós. A gente andando pelas cidades do outro lado do mar como grandes bacanas.

Lentamente, outra voz chegou ao meu ouvido:

— Canalha. Você é um canalha.

Minha boca se contorceu. Lembrei-me de um cretino que morava ao lado da minha casa e que constantemente dizia com voz anasalada:

— Eu não tenho culpa.

— Canalha. Você é um canalha.

— Eu não tenho culpa.

— Ah, canalha, canalha!

— Eu não me importo. E eu serei encantador como Judas Iscariotes. Por toda a minha vida, carregarei uma dor... uma dor... A angústia abrirá grandes horizontes espirituais diante dos meus olhos... Mas que conversa fiada! Não tenho o direito? Por acaso, eu... E serei tão encantador como Judas Iscariotes. Serei miserável minha vida toda, mas... ah! A vida é linda, Manco. É linda, e eu, eu te afogo, corto sua garganta, te mando às favas. Sim, às favas. Você, que é esperto, que é safo, eu te afogo... Sim, você, Manco. E, depois, depois serei encantador como Judas Iscariotes e carregarei essa vergonha, essa vergonha. Porco!

Grandes manchas douradas cobriam o horizonte, das quais se erguiam nuvens de tempestade como plumas de estanho envoltas por espirais de véus alaranjados. Ergui a cabeça e, perto do zênite, entre lençóis de nuvens, vi uma estrela brilhar fracamente. Eu a comparei com um respingo de água cintilante em uma lasca de porcelana azul. Eu estava no bairro indicado por Manco.

As calçadas eram sombreadas por frondosas copas de acácias e ligustros. A rua era tranquila, romanticamente

burguesa, com cercas pintadas separando os jardins, chafarizes desligados entre os arbustos e algumas estátuas de gesso quebradas. Um piano inquietava a noite, e eu sentia que sua música me fazia rolar como uma gota de orvalho na haste de uma flor. De uma roseira invisível, veio tal explosão de perfume que, embriagado, vacilei sobre as pernas quando li na placa de bronze:

Arsenio Vitri, Engenheiro

Em três quarteirões, era a única que indicava essa profissão. Como outras casas, o jardim florido estendia seus canteiros diante da entrada e era cortado pelo caminho de lajotas que levava à porta de vidro. Depois, continuava para formar um quadrado ao longo das paredes laterais da casa. Acima da varanda, havia uma cobertura de vidro que a protegia da chuva. Apertei o botão da campainha.

A porta se abriu e, emoldurada pelo batente, vi uma mulata de sobrancelhas grossas e olhar de poucos amigos, que me perguntou sem rodeios o que eu queria. Quando perguntei se o engenheiro estava, ela respondeu que iria ver e voltou me perguntando quem eu era e qual o assunto. Com tranquilidade, respondi que meu nome era Fernán González, desenhista.

A mulata voltou e, agora mais calma, me deixou entrar. Passamos por várias portas com as venezianas fechadas. De repente, ela abriu a cortina de um estúdio e, logo à minha frente, vi uma cabeça grisalha inclinada sobre uma mesa com uma luminária verde. O homem olhou para mim, eu o cumprimentei e ele me fez sinal para entrar. Então ele disse:

— Um momento, senhor, já estarei com você.

Eu o observei. Ele era jovem, apesar de seus cabelos brancos. Havia uma expressão de cansaço e melancolia em seu rosto. Profundas rugas na testa e círculos escuros sob os olhos formavam uma tríade com as pálpebras. A ponta dos lábios levemente caídos acompanhava a postura daquela cabeça, apoiada na palma da mão e inclinada sobre uma folha de papel.

Plantas e croquis de edifícios luxuosos adornavam a parede do cômodo. Fixei meus olhos em uma prateleira cheia de livros e consegui ler um título, *Legislação das águas*, antes que o sr. Vitri me perguntasse:

— O que posso fazer por você, senhor?

Baixando a voz, respondi:

— Peço desculpas, senhor. Em primeiro lugar, estamos sozinhos?

— Creio que sim.

— Posso fazer uma pergunta talvez indiscreta? Você não é casado, certo?

— Não.

Agora ele me olhava com seriedade, seu rosto magro lentamente assumia, por assim dizer, um tom cada vez mais grave, o que me fez ficar ainda mais sério. Apoiando-se no encosto da cadeira, ele jogou a cabeça para trás. Seus olhos cinzentos me examinaram duramente por um momento e se fixaram no laço da minha gravata. Depois, pararam em minha pupila e pareciam imóveis em suas órbitas, esperando descobrir algo incomum em mim. Entendi que eu tinha de ir direto ao ponto.

— Senhor, eu vim para lhe dizer que esta noite vão tentar roubá-lo.

Eu esperava surpreendê-lo, mas estava errado.

— Ah, sim. E como você sabe disso?

— Porque fui convidado pelo ladrão. Além disso, você retirou uma grande quantia de dinheiro do banco e a guardou no cofre.

— É verdade.

— O ladrão tem a chave tanto desse cofre como do quarto em que ele está.

— Você a viu?

Ele tirou seu chaveiro do bolso e me mostrou uma chave excessivamente grossa.

— É esta?

— Não, é a outra! — E eu aponteí uma chave exatamente como a que Manco tinha me mostrado.

— Quem são os ladrões?

— O instigador é um cuidador de carroças chamado Manco e a cúmplice é a sua empregada.

— Eu imaginei.

— Ela roubou suas chaves à noite, Manco as copiou em algumas horas.

— E qual é o seu papel no caso?

— Eu... eu fui convidado para essa aventura simplesmente por ser um conhecido. Manco foi até a minha casa e propôs que eu o ajudasse.

— Quando ele te chamou?

— Aproximadamente às duas da tarde de hoje.

— Antes, você não desconfiava o que esse sujeito planejava?

— Do que ele planejava, não. Eu conheço Manco. Ficamos amigos, pois vendo papel de embrulho aos feirantes.

— Então você era amigo dele. Essas confianças só são dadas a amigos.

Eu corei.

— Não tanto como amigo, isso não, mas sempre me interessei pela psicologia dele.

— Nada mais?

— Não, por quê?

— Você disse... que horas vocês viriam hoje à noite?

— A gente vigiaria até você sair para o seu clube.

Então a mulata abriria a porta para nós.

— É um bom golpe. Qual é o endereço desse tal de Manco?

— Condarco, 1375.

— Excelente. Vai dar tudo certo. E o seu endereço?

— Caracas, 824.

— Bem, venha hoje à noite às 10 horas. Tudo estará resolvido até lá. Seu nome é Fernán González.

— Não, mudei de nome para o caso de Manco já ter dado meu nome à mulata, sobre a minha possível participação no caso. Meu nome é Silvio Astier.

O engenheiro apertou o botão da campainha, olhou em volta e, momentos depois, a empregada apareceu. O rosto de Arsenio Vitri permaneceu impassível.

— Gabriela, este senhor voltará amanhã de manhã para pegar aquele rolo de plantas. — E apontou para um maço delas sobre uma cadeira. — Mesmo que eu não esteja, entregue a ele.

Então ele se levantou, apertou minha mão com frieza e eu saí acompanhado pela empregada.

Manco foi preso às nove e meia da noite. Ele morava em um sótão de madeira, na casa de pessoas modestas. Os policiais que o esperavam souberam por Pivete que Manco havia chegado, “remexeu suas tralhas e saiu”. Como não sabiam quais lugares ele frequentava, rapidamente se apresentaram à dona da casa e foram por uma escada íngreme até o quarto de Manco. Aparentemente, não havia nada ali que valesse a pena. Porém, coisa inexplicável e absurda, encontraram penduradas em um prego, à vista de todos os que entrassem, as duas chaves: a do cofre e a da porta do quarto. Numa caixa de querosene, embrulhado em umas roupas velhas, encontraram um revólver e, no fundo, quase escondidos, recortes de jornais. Referiam-se a um assalto cujos autores não haviam sido identificados pela polícia. Como as notícias tratavam de um crime similar, presumiram com razão que Manco era um dos envolvidos. Pivete foi detido por precaução. Ou seja, foi acompanhado por um policial até a delegacia seccional. No sótão, havia também uma mesa de pinho claro com uma gaveta lateral. Nela, foi encontrado um torno de relojoeiro e um jogo de limas finas. Algumas demonstravam uso recente.

Colhidas todas as provas do crime, a responsável pela casa foi chamada novamente. Ela era uma velha mexeriqueira

e avarenta, que usava um lenço preto enrolado na cabeça e cujas pontas ela amarrava sob o queixo. Mechas de cabelo branco caíram em sua testa e sua mandíbula se movia com incrível leveza quando falava. Sua declaração lançou pouca luz sobre Manco. Ela o conhecia somente há três meses. Ele pagava o aluguel em dia e trabalhava de manhã.

Questionada sobre as visitas que o ladrão recebia, ela deu dados obscuros. Só se lembrou de que “no domingo passado, uma negra chegou às três da tarde e saiu às seis junto com o Antonio”.

Descartada qualquer possível cumplicidade, deram-lhe a ordem de discrição absoluta, coisa que a velha prometeu, temendo novos problemas. Os dois policiais voltaram para o sótão para esperar por Manco, pois era desejo explícito do engenheiro que Manco não fosse preso dentro de sua casa, para atenuar a pena que cumpriria. Talvez ele também pensasse que eu não era somente um convidado de Manco.

Os policiais achavam que ele não viria. Ele possivelmente jantaria em algum restaurante e tomaria uns tragos para ganhar coragem. Mas eles estavam errados. Naqueles dias, Manco tinha ganhado certo dinheiro com as apostas. Depois de termos nos separado, ele havia voltado ao sótão e saído em seguida para um bordel do qual era cliente. Quase quando o comércio já estava fechando, ele entrou em uma loja e comprou uma mala.

Então se dirigiu para o seu quarto, completamente alheio ao que lhe esperava. Subiu as escadas cantarolando um tango, cujos tons tornavam mais nítidas as batidas intermitentes da mala nos degraus. Quando ele abriu a porta, pousou a mala no chão e meteu a mão no bolso para sacar a caixa de fósforos. Nesse momento, um golpe terrível no peito o fez recuar, ao passo que o outro policial o agarrou pelo braço. Não há dúvida de que Manco entendeu do que se tratava, porque, em um esforço desesperado, ele se livrou do aperto.

Os tiras, tentando segui-lo, tropeçaram na mala e um deles rolou na escada. O revólver que tinha no bolso disparou. O tiro encheu os moradores da casa de medo e eles erroneamente atribuíram o tiro a Manco, que ainda não havia chegado na porta da rua. Então aconteceu uma coisa terrível.

O filho da velha, açougueiro de profissão, soube pela mãe o que estava acontecendo, correu atrás de Manco com uma bengala. Em menos de trinta passos, ele o alcançou. Manco corria arrastando sua perna inútil até que, de repente, a bengala atingiu seu braço. Ele se virou e tomou outra paulada na cabeça. Atordoado com o golpe, ele ainda tentou se defender com uma das mãos, mas o detetive já os havia alcançado e o fez tropeçar. Outro golpe o atingiu no ombro e acabou por derrubá-lo. Quando o algemaram, Manco gritou de dor:

— Ai, mamãezinha!

Então, mais um golpe o silenciou. Ele foi visto pela última vez descendo a rua escura, com seus pulsos algemados e os agentes marchando ao seu lado, torcendo seus braços com raiva.

Quando cheguei na casa de Arsenio Vitri, Gabriela não estava mais lá. Sua prisão ocorrera alguns momentos depois da minha saída. Um policial fora chamado para autuá-la na frente do engenheiro. A mulata a princípio se recusou a confessar, mas, quando lhe disseram que Manco já estava preso, ela começou a chorar. As testemunhas jamais se esqueceriam da cena.

A mulher morena, encurralada, com os olhos brilhantes, olhava para todos os lados, como uma fera se preparando para atacar. Ela tremia de maneira extraordinária, no entanto, quando lhe confirmaram que Manco estava preso e lhe disseram o que sofreria por sua causa, ela começou a chorar baixinho e gemeu tão delicadamente que as carrancas dos espectadores se atenuaram. De repente, ela levantou os braços, os dedos pararam nos nós de seus cabelos e, de lá, a empregada arrancou um pente. Soltou os cabelos pelas

costas, juntou a mãos e, parecendo enlouquecida, disse às testemunhas:

— Sim, é verdade. É verdade! Vamos, vamos para onde está o Antonio.

Eles a levaram para a delegacia em um coche.

Arsenio Vitri me recebeu em sua mesa. Estava pálido, seus olhos não olharam para mim quando ele disse:

— Sente-se.

Inesperadamente, com uma voz inflexível, ele me perguntou:

— Quanto te devo pelos seus serviços?

— Quanto?

— Sim. Quanto te devo? Porque só você se deu bem nesse caso.

Eu entendi todo o desprezo que ele jogava na minha cara. Sem cor, eu me levantei:

— Isso mesmo, só eu me dei bem. Fique com o seu dinheiro que eu nunca pedi. Adeus.

— Não, calma, sente-se. Me diga por que você fez isso.

— Por quê?

— Sim. Por que você traiu o seu parceiro? E sem motivo. Você não tem vergonha de ter tão pouca dignidade na sua idade?

Corado até a raiz dos cabelos, respondi:

— É verdade. Há momentos em nossas vidas em que precisamos ser canalhas, nos sujar por dentro, sermos maldosos, sei lá... destruimos a vida de um homem para sempre e depois voltamos a caminhar tranquilamente.

Nesse momento, Vitri não me encarava. Seus olhos estavam fixos no laço da minha gravata e, aos poucos, seu rosto adquiriu seriedade, a qual evoluía a níveis cada vez mais profundos. Eu continuei:

— Você me insultou e ainda assim eu não me importo.

— Eu poderia ajudá-lo — ele murmurou.

— Você poderia me pagar, mas agora nem isso, porque eu, na minha paz interior, apesar de toda essa canalhice, me sinto superior a você.

Subitamente irritado, gritei:

— Quem é você? Ainda me parece um sonho ter traído Manco.

Com voz suave, ele me perguntou:

— E por que você ficou assim?

Um grande cansaço tomou conta de mim e eu me afundei na cadeira.

— Por quê? Só Deus sabe. Mesmo que passem mil anos, nunca me esquecerei do rosto de Manco. O que

será dele? Só Deus sabe, mas a sua memória sempre estará presente, estará em meu espírito como a memória de um filho perdido. Ele pode vir cuspir na minha cara e eu não direi nada a ele.

Uma enorme tristeza pairou sobre a minha vida. Mais tarde, eu sempre me lembraria daquele momento.

— Sim, eu entendo — gaguejou o engenheiro. E, de repente, sentando-se, com os olhos brilhantes fixos no laço da minha gravata, murmurou com ares de sonhador. — Você disse tudo. É assim que é. Cumprimos uma lei brutal que está dentro de nós. É assim. É assim que é. A violência da lei é cumprida. É assim. Mas quem te disse que isso é uma lei? Onde você aprendeu isso?

Eu respondi:

— É como se um mundo inteiro de repente desabasse em cima da gente.

— Mas você tinha previsto que um dia acabaria como um judas?

— Não, mas agora estou em paz. Vou passar pela vida como se estivesse morto. É assim que vejo a vida, como um grande deserto pálido.

— E isso não te incomoda?

— Nem um pouco. A vida é tão longa. Um momento atrás, parecia que o que eu fiz já estava previsto dez mil anos

atrás. Depois, acreditei que o mundo se dividiria em duas partes, que tudo se tornaria de uma cor mais pura e que nós, os homens, não seríamos tão infelizes.

Um sorriso infantil apareceu no rosto de Vitri. Ele disse:

— Você acha?

— Sim, uma hora isso vai acontecer. Vai acontecer e as pessoas vão sair pela rua perguntando umas às outras: “Isto é verdade, é verdade?”

— Diga-me, você já esteve doente?

Entendi o que ele estava insinuando e, sorrindo, continuei:

— Não. Eu sei o que você pensa, mas escute: eu não sou louco. Sim, existe uma verdade, e é que eu sinto que a vida vai ser extraordinariamente bela para mim. Não sei se as pessoas sentirão a força da vida como eu, mas há uma alegria em mim, uma espécie de felicidade inconsciente.

Uma súbita lucidez agora me permitia discernir os motivos de minhas ações anteriores, então continuei:

— Não sou perverso, mas tenho curiosidade sobre essa força enorme que mora dentro de mim — e me calei.

— Continue.

— Tudo me encanta. Às vezes, tenho a sensação de que cheguei à terra há uma hora e que tudo é novo, novinho em folha, lindo. Me dá vontade de abraçar as pessoas na rua, de

parar no meio da calçada e dizer: “Mas por que essas caras tão tristes? Se a vida é linda, linda! Você não acha?”

— Sim...

— E saber que a vida é bela me faz feliz, parece que tudo se enche de flores, dá vontade de se ajoelhar e agradecer a Deus por nos ter dado à luz.

— E você acredita em Deus?

— Acredito que Deus é a alegria de viver. Se você soubesse! Às vezes, parece que tenho uma alma do tamanho da igreja de Flores... e sinto vontade de rir, de sair na rua e de tocar nas pessoas com carinho...

— Continue.

— Você não está entediado?

— Não, continue.

— A questão é que não se pode dizer essas coisas para as pessoas. Elas me achariam louco. Então, digo a mim mesmo: “O que eu faço com esta vida que está em mim?” Eu gostaria de dá-la... toda... abordar as pessoas e dizer: “Você precisa ser feliz, sabia? Vocês têm de brincar de pirata, construir templos de mármore... rir, soltar fogos de artifício.”

Arsenio Vitri levantou-se, sorrindo:

— Está tudo muito bem, mas você tem de trabalhar. Como posso ser útil?

Pensei por um momento, então:

— Olha, eu gostaria de ir para o Sul, para Neuquén, onde há gelo e nuvens... e grandes montanhas. Eu gostaria de ver as montanhas.

— Perfeitamente. Vou ajudá-lo a conseguir um emprego no Commodore, mas agora vá embora, porque preciso trabalhar. Vou lhe escrever em breve. Ah, e não perca essa alegria. Sua alegria é muito linda.

E sua mão apertou a minha com força. Eu tropecei em uma cadeira... E fui embora.

APÊNDICE O POETA DA PARÓQUIA

Juan riu.

— Não entendo dessas coisas. Diga, você quer ir comigo conhecer um poeta? Ele tem dois ou três livros publicados e, como sou secretário da biblioteca, sou encarregado de encher suas estantes com livros. Por isso, visitamos todos os escritores. Você quer vir? Hoje à noite.

— Como ele se chama?

— Alejandro Villac. Ele tem um livro, *A caverna das musas*, e outro se chama *O colar de veludo*.

— Como são os versos?

— Eu não os li. Ele publica na “Caras y Caretas”.

— Ah! Se publica na “Caras y Caretas” deve ser um bom poeta.

— E publicaram seu retrato na “El Hogar”.

— Publicaram o retrato dele na “El Hogar”? — repeti com espanto. — Mas então ele não é um poeta qualquer! Se publicaram o retrato na “El Hogar”, caramba. Para que o

publiquem na “Caras y Caretas” e que tenha o retrato na “El Hogar”... Vamos, hoje à noite! — e, assaltado por um medo repentino, perguntei. — Mas, ele nos receberá? Porque para terem publicado o retrato dele na “El Hogar”...!

— Ora, é claro que ele vai nos receber. Tenho uma carta do bibliotecário. Então, hoje à noite, você passa aqui? Ah! Espere, eu trouxe *Electra* e *La città morta* para você.

Quando nos separamos, eu não estava pensando nos livros, nem no emprego, nem na generosidade sincera do magnífico Juan. Eu pensava com entusiasmo no autor de *A caverna das musas*, no poeta que publicava na “Caras y Caretas” e cujo retrato “El Hogar” exibira gloriosamente.

O poeta morava a três quarteirões da Rivadavia, em um beco de terra com lampiões a gás, calçadas irregulares, árvores antigas e casinhas enfeitadas com jardins minúsculos e agradáveis. Ou seja, era uma daquelas muitas ruas que, nos subúrbios de Buenos Aires, possui a virtude de nos recordar um campo de ilusão e que constitui o encanto do bairro de Flores.

Como Juan não sabia exatamente o endereço do autor de *A caverna das musas*, tivemos de nos informar na vizinhança. Uma menina encostada em uma pilastra de jardim nos guiou:

— É a casa do poeta que você está procurando, não é?
O sr. Villac.

— Sim, senhorita. Aquele cujo retrato foi publicado na “El Hogar”.

— Então é ele mesmo. Vê aquela casinha com a fachada branca?

— Aquele com a árvore torta?

— Não, a outra. Aquela antes da esquina, com o portão de ferro.

— Ah! Sim, sim!

— O sr. Villac mora lá.

— Muito obrigado! — Nos despedimos e continuamos.

Juan mantinha seu sorriso cético. Por quê? Eu ainda não fazia ideia. Ele sempre sorria assim, em algum lugar entre incrédulo e triste. Eu estava emocionado. Sentia claramente o fluxo de sangue nas minhas veias. Não era para menos. Em poucos minutos, eu me encontraria diante do poeta cujo retrato havia sido publicado na “El Hogar” e imaginava apressadamente uma frase sutil e lisonjeira que me permitisse cativar o bardo. Eu resmunguei:

— Será que ele vai nos receber?

Ao chegarmos à porta, Juan se limitou simplesmente a bater palmas com força, o que me pareceu vigoroso demais. O que diria o poeta? Somente um cobrador mal-humorado bateria palmas daquele jeito. Ouvimos o arrastar de solas nas lajotas. Nas sombras, a empregada esbarrou em um

vaso, depois se desenhou como uma forma branca a cujas perguntas Juan responderia entregando-lhe a carta. Enquanto esperávamos, os pratos retiniram na sala de jantar.

— Entrem. O patrão virá logo. Ele está terminando o jantar. Venham por aqui. Sentem-se.

Ficamos sozinhos na sala iluminada. Em frente à janela com cortinas, havia um piano coberto com uma capa branca. Colunas esguias ocupavam os quatro cantos da sala, onde begônias em vasos de cobre ofereciam suas folhas estriadas com veios rubros. Sobre a escrivaninha, enfeitada por retratos em pequenas molduras, via-se, em abandono poético, uma folha rasurada com o início de um poema, esquecida em um certo banquinho cor-de-rosa sobre uma pilha de partituras musicais. Havia também quadros pequenos e bugigangas delicadas suspensas do candelabro, testemunhas da diligência de uma esposa prudente. Através do vidro de uma prateleira de mogno, as lombadas de couro das encadernações duplicavam o prestígio de seu conteúdo com títulos em letras douradas. Eu, que estava curioso sobre os retratos, disse:

— Veja, uma fotografia de Usandivaras, e com dedicatória.

Juan comentou ironicamente:

— Usandivaras... se não me engano, Usandivaras é um fanfarrão que escreve versos pampeiros... algo como Betinotti, mas com muito menos talento.

— Sei lá. Este é... José M. Braña.

— Este é um poeta bruto. Escreve com ferraduras.

No corredor, ouvimos os passos do bardo que publicava na “Caras y Caretas”. Nos levantamos animados quando o homem apareceu. Alto, cabelos longos e românticos, nariz aquilino, bigode encaracolado, pupilas negras. Nos apresentamos e ele indicou as poltronas cordialmente.

— Sentem-se, jovens. Então o centro Florencio Sánchez enviou vocês?

— Sim, sr. Villac, será que o senhor não tem algum...

— Claro, claro, com o maior prazer. Gostariam de um cafezinho?

Foi e voltou do corredor muito rapidamente.

— Jantamos um pouco tarde, por causa do trabalho, das tarefas.

— De fato...

— Certamente, as exigências da vida — e, enquanto sorvia café de sua pequena xícara, com encantadora simplicidade, o poeta disse. — Me agradam esses pedidos. Não deixam de ser um estímulo a quem trabalha honestamente. Já recebi vários do mesmo tipo e procuro sempre atendê-los. Não se incomode meu jovem, está tudo bem. — E acomodou sua xícara na bandeja. — Como eu dizia, na semana passada, recebi uma carta de uma senhora argentina que mora em

Londres. Vejam que o “The Times” pediu a ela informações sobre o meu trabalho elogiado nos jornais argentinos.

— O senhor tem publicados *O colar de veludo* e *A caverna das musas*?

— Também tenho outro, que foi o primeiro. Chama-se *Dos meus pomares*, mas é naturalmente um trabalho com falhas. Eu tinha 19 anos na época.

— Eu sei que muitos críticos analisam seu trabalho.

— Sim, não reclamo disso. Principalmente *A caverna das musas*, que foi bem recebido. Um crítico disse que uni a simplicidade de Evaristo Carriego com o patriotismo de Guido Spano. E não estou reclamando. Faço o que posso! — E, com um gesto magnífico, ele desviou o cabelo das têmporas em direção às orelhas. — E vocês? Não escrevem?

— Ele escreve — disse Juan.

— Prosa ou verso?

— Prosa.

— Fico feliz, fico feliz. Se precisar de recomendações, traga-me algo para ler. Se quiser me visitar em um domingo de manhã, faremos um passeio até o Parque Olivera. Eu costumo escrever lá. A natureza me ajuda muito!

— Como não? Obrigado. Vou aproveitar o seu convite.

Vendo o diálogo esmaecer, Juan perguntou, mentindo:

— Se não me engano, sr. Villac, li um soneto seu em “La patria degli italiani”. Você também escreve em italiano?

— Não, pode ser que tenham traduzido. Não há nada de estranho nisso.

Juan insistiu:

— Então vou ver se consigo encontrar esse número e enviá-lo para o senhor. Linda língua, não é, sr. Villac?

— De fato, sonora, grandiloquente.

Perguntei com franqueza:

— Sr. Villac, quem o emociona mais? Carducci ou D’Annunzio?

— Como romancista, Manzoni. Não é? Mais vida, certo? Ele me lembra Ricardo Gutierrez.

— Sim, é verdade. Mais vida — repetiu Juan, olhando-me quase atônito.

— Além disso, Carducci... o que você quer que eu lhe diga, honestamente? Há poucos poetas de que gosto tanto quanto Evaristo Carriego, sua simplicidade, sua emoção da pobre costureira que dá o ponto errado, seus sonetos... será porque sou sonetista e “O soneto é uma lira de fios de ouro”? “Uma caixa...”

— Certamente — observou Juan impassível. — Certamente, notei que os críticos o aplaudem muito como sonetista.

— “Uma caixa de encantos.” Escrevi da última vez em “Caras y Caretas”. E não me enganei. Nosso século prefere o soneto, como em um estudo indivi...

A entrada da empregada com um embrulho contendo *A caverna das musas* e outros volumes interrompeu suas palavras e, infelizmente, não pudemos saber o que o homem do retrato da “El Hogar” queria nos mostrar em seu escritório.

Para não sermos indiscretos, nos levantamos e fomos acompanhados até a soleira da porta, onde nos despedimos efusivamente do sonetista. Eu prometi voltar.

Quando passamos pela casa de nossa informante, a garota ainda estava no portão. Com uma voz tímida, perguntou:

— Encontraram o moço?

— Sim, senhorita, obrigado.

— Não é verdade que ele é um talento?

— Ah! — disse Juan — Um talento inacreditável. Dizem que até mesmo no “Times” estão interessados em saber quem ele é!

Traduzido por Ricardo Giassetti

Consultor em cultura participativa e inovações digitais, transita pelos mercados editorial, publicitário e audiovisual. Criou metodologias para localização cultural em países diversos como China, Índia, União Europeia, Estados Unidos e América Latina. Autor de *Gunned Down – Down the River* (EUA, 2005) e *O catador de batatas e o filho da costureira* (Brasil-Japão, 2008). É fundador da Mojo (2006) e do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (2018).

DECLASSIFIED

NND: 947003

MD NARS, Date 1/15/95

Publ

ment to
change in Stat

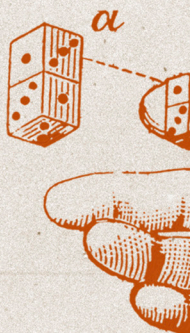
Declassified

Classified by S G

on 11/18/2

11/18/2 by D23

CENTRAL INT



BUENOS AIRES
MAR 30
1925





El juguete rabioso

Roberto Arlt

*A Ricardo Güirales:
Todo aquel que pueda estar junto a Ud.
sentirá la imperiosa necesidad de quererlo.
Y le agasjará a Ud. y a falta de algo más
hermosos le ofrecerán palabras. Por eso yo le
dedico este libro.*

** Esta edición sigue la publicada por
Editorial Latina en octubre de 1926.*

CAPÍTULO I: LOS LADRONES

Cuando tenía catorce años me inició en los deleites y afanes de la literatura bandoleresca un viejo zapatero andaluz que tenía su comercio de remendón junto a una ferretería de fachada verde y blanca, en el zaguán de una casa antigua en la calle Rivadavia entre Sud América y Bolivia.

Decoraban el frente del cuchitril las polícromas carátulas de los cuadernillos que narraban las aventuras de Montbars el Pirata y de Wenongo el Mohicano. Nosotros los muchachos al salir de la escuela nos deleitábamos observando los cromos que colgaban en la puerta, descoloridos por el sol.

A veces entrábamos a comprarle medio paquete de cigarrillos Barrilete, y el hombre renegaba de tener que dejar el banquillo para mercar con nosotros.

Era cargado de espaldas, carisumido y barbudo, y por añadidura algo cojo, una cojera extraña, el pie redondo como el casco de una mula con el talón vuelto hacia afuera.

Cada vez que le veía recordaba este proverbio, que mi madre acostumbraba a decir: “Guárdate de los señalados de Dios.”

Solía echar algunos parrafitos conmigo, y en tanto escogía un descalabrado botín entre el revoltijo de hormas y rollos de cuero, me iniciaba con amarguras de fracasado en el conocimiento de los bandidos más famosos en las tierras de España, o me hacía la apología de un parroquiano rumboso a quien lustraba el calzado y que le favorecía con veinte centavos de propina.

Como era codicioso sonreía al evocar al cliente, y la sórdida sonrisa que no acertaba a hincharle los carrillos arrugábale el labio sobre sus negruzcos dientes.

Cobróme simpatía a pesar de ser un cascarrabias y por algunos cinco centavos de interés me alquilaba sus libracos adquiridos en largas suscripciones.

Así, entregándome la historia de la vida de Diego Corrientes, decía:

—Ezte chaval, hijo... ¡qué chaval!... era ma lindo que una rroza y lo mataron lo miguelete...

Temblaba de inflexiones broncas la voz del menestral:

—Ma lindo que una rroza... zi er tené mala zombra...

Recapacitaba luego:

—Figúrate tú... daba ar pobre lo que quitaba ar rico... tenía mujé en toos los cortijo... si era ma lindo que una rroza...

En la mansarda, apestando con olores de engrudo y de cuero, su voz despertaba un ensueño con montes reverdecidos. En las quebradas había zambras gitanas... todo un país montañoso y rijoso aparecía ante mis ojos llamado por la evocación.

—Zi era ma lindo que una rroza —y el cojo desfogaba su tristeza reblandeciendo la suela a martillazos encima de una plancha de hierro que apoyaba en las rodillas.

Después, encogiéndose de hombros como si desechara una idea inoportuna, escupía por el colmillo a un rincón, afilando con movimientos rápidos la lezna en la piedra.

Más tarde agregaba:

—Verá tú que parte má linda cuando lleguez a doña Inezita y ar ventorro der tío Pezuña —y observando que me llevaba el libro me gritaba a modo de advertencia:

—Cuidarlo, niño, que dineroz cuesta —y tornando a sus menesteres inclinaba la cabeza cubierta hasta las orejas de una gorra color ratón, hurgaba con los dedos mugrientos de cola en una caja, y llenándose la boca de clavillos continuaba haciendo con el martillo toc... toc... toc... toc...

Dicha literatura, que yo devoraba en las “entregas” numerosas, era la historia de José María, el Rayo de Andalucía, o las aventuras de don Jaime el Barbudo y otros perillanes más o menos auténticos y pintorescos en los cromos que los representaban de esta forma:

Caballeros en potros estupendamente enjaezados, con renegridas chuletas en el sonrosado rostro, cubierta la colillatorera por un cordobés de siete reflejos y trabuco naranjero en el arzón. Por lo general ofrecían con magnánimo gesto una bolsa amarilla de dinero a una viuda con un infante en los brazos, detenida al pie de un altozano verde.

Entonces yo soñaba con ser bandido y estrangular corregidores libidinosos; enderezaría entuertos, protegería a las viudas y me amarían singulares doncellas.

Necesitaba un camarada en las aventuras de la primera edad, y éste fue Enrique Irzubeta.

Era el tal un pelafustán a quien siempre oí llamar por el edificante apodo de “el falsificador”.

He aquí como se establece una reputación y como el prestigio secunda al principiante en el laudable arte de embaucar al prójimo.

Enrique tenía catorce años cuando engañó al fabricante de una fábrica de caramelos, lo que es una evidente prueba de que los dioses habían trazado cuál sería en el futuro el destino del amigo Enrique. Pero como los dioses son arteros de corazón, no me sorprende al escribir mis memorias enterarme de que Enrique se hospeda en uno de esos hoteles que el Estado dispone para los audaces y bribones.

La verdad es ésta:

Cierto fabricante, para estimular la venta de sus productos, inició un concurso con opción a premios destinados a aquellos que presentaran una colección de banderas de las cuales se encontraba un ejemplar en la envoltura interior de cada caramelo.

Estribaba la dificultad (dado que escaseaba sobremanera) en hallar la bandera de Nicaragua.

Estos certámenes absurdos, como se sabe, apasionan a los muchachos, que cobijados por un interés común, computan todos los días el resultado de esos trabajos y la marcha de sus pacientes indagaciones.

Entonces Enrique prometió a sus compañeros de barrio, ciertos aprendices de una carpintería y los hijos del tambero, que él falsificaría la bandera de Nicaragua siempre que uno de los lecheros se la facilitara.

El muchacho dudaba... vacilaba conociendo la reputación de Irzubeta, mas Enrique magnánimamente ofreció en rehenes dos volúmenes de la Historia de Francia, escrita por M. Guizot, para que no se pusiera en tela de juicio su probidad.

Así quedó cerrado el trato en la vereda de la calle, una calle sin salida, con faroles pintados de verde en las esquinas, con pocas casas y largas tapias de ladrillo. En distantes

bardales reposaba la celeste curva del cielo, y sólo entristecía la calleja el monótono rumor de una sierra sinfín o el mugido de las vacas en el tambo.

Más tarde supe que Enrique, usando tinta china y sangre, reprodujo la bandera de Nicaragua tan hábilmente, que el original no se distinguía de la copia.

Días después Irzubeta lucía un flamante fusil de aire comprimido que vendió a un ropavejero de la calle Reconquista. Esto sucedía por los tiempos en que el esforzado Bonnot y el valerosísimo Valet aterrorizaban a París.

Yo ya había leído los cuarenta y tantos tomos que el vizconde de Ponson du Terrail escribiera acerca del hijo adoptivo de mamá Fipart, el admirable Rocambole, y aspiraba a ser un bandido de la alta escuela.

Bien: un día estival, en el sórdido almacén del barrio, conocí a Irzubeta.

La calurosa hora de la siesta pesaba en las calles, y yo sentado en una barrica de yerba, discutía con Hipólito, que aprovechaba los sueños de su padre para fabricar aeroplanos con armadura de bambú. Hipólito quería ser aviador, “pero debía resolver antes el problema de la estabilidad espontánea”. En otros tiempos le preocupó la solución del movimiento continuo y solía consultarme acerca del resultado posible de sus cavilaciones.

Hipólito, de codos en un periódico manchado de tocino, entre una fiambarrera con quesos y las varillas coloradas de “la caja”, escuchaba atentísimamente mi tesis:

—El mecanismo de un “reló” no sirve para la hélice. Ponéle un motorcito eléctrico y las pilas secas en el “fuselaje”.

—Entonces, como los submarinos...

—¿Qué submarinos? El único peligro está en que la corriente te queme el motor, pero el aeroplano va a ir más sereno y antes de que se te descarguen las pilas va a pasar un buen rato.

—Ché, ¿y con la telegrafía sin hilos no puede marchar el motor? Vos tendrías que estudiarte ese invento. ¿Sabés que sería lindo?

En aquel instante entró Enrique.

—Ché, Hipólito, dice mamá si querés darme medio kilo de azúcar hasta más tarde.

—No puedo, ché; el viejo me dijo que hasta que no arreglen la libreta...

Enrique frunció ligeramente el ceño.

—¡Me extraña, Hipólito!...

Hipólito agregó, conciliador:

—Si por mi fuera, ya sabés... pero es el viejo, ché —y señalándome, satisfecho de poder desviar el tema de la conversación, agregó, dirigiéndose a Enrique:

—Ché, ¿no lo conocés a Silvio? Este es el del cañón. El semblante de Irzubeta se iluminó deferente.

—Ah, ¿es usted? Lo felicito. El bostero del tambo me dijo que tiraba como un Krupp...

En tanto hablaba, le observé.

Era alto y enjuto. Sobre la abombada frente, manchada de pecas, los lustrosos cabellos negros se ondulaban señorilmente. Tenía los ojos color de tabaco, ligeramente oblicuos, y vestía traje marrón adaptado a su figura por manos pocos hábiles en labores sastreriles.

Se apoyó en la pestaña del mostrador, posando la barba en la palma de la mano. Parecía reflexionar.

Sonada aventura fue la de mi cañón y grato me es recordarla.

A ciertos peones de una compañía de electricidad les compré un tubo de hierro y varias libras de plomo. Con esos elementos fabriqué lo que yo llamaba una culebrina o “bombarda”. Procedí de esta forma:

En un molde hexagonal de madera, tapizado interiormente de barro, introduje el tubo de hierro. El espacio entre ambas caras interiores iba relleno de plomo fundido. Después de romper la envoltura, desbasté el bloque con una lima gruesa, fijando al cañón por medio de sunchos de hoja de lata en una cureña fabricada con las tablas más gruesas de un cajón de kerosene.

Mi culebrina era hermosa. Cargaba proyectiles de dos pulgadas de diámetro, cuya carga colocaba en sacos de bramante llenos de pólvora

Acariciando mi pequeño monstruo, yo pensaba:

—Este cañón puede matar, este cañón puede destruir— y la convicción de haber creado un peligro obediente y mortal me enajenaba de alegría.

Admirados lo examinaron los muchachos de la vecindad, y ello les evidenció mi superioridad intelectual, que desde entonces prevaleció en las expediciones organizadas para ir a robar fruta o descubrir tesoros enterrados en los despoblados que estaban más allá del arroyo Maldonado en la parroquia de San José de Flores.

El día que ensayamos el cañón fue famoso. Entre un macizo de cinacina que había en un enorme potrero en la calle Avellaneda antes de llegar a San Eduardo, hicimos el experimento. Un círculo de muchachos me rodeaba mientras yo, ficticiamente enardecido, cargaba la culebrina por la boca. Luego, para comprobar sus virtudes balísticas, dirigimos la puntería al depósito de cinc que sobre la muralla de una carpintería próxima la abastecía de agua.

Emocionado acerqué un fósforo a la mecha; una llanita oscura cabrilleó bajo el sol y de pronto un estampido terrible nos envolvió en una nauseabunda neblina de humo

blanco. Por un instante permanecimos alelados de maravilla: nos parecía que en aquel momento habíamos descubierto un nuevo continente, o que por magia nos encontrábamos convertidos en dueños de la tierra.

De pronto alguien gritó:

—¡Rajemos!, la “cana”.

No hubo tiempo material para hacer una retirada honrosa. Dos vigilantes a todo correr se acercaban, dudamos... y súbitamente a grandes saltos huimos, abandonando la “bombarda” al enemigo.

Enrique terminó por decir:

—Ché, si usted necesita datos científicos para sus cosas, yo tengo en casa una colección de revistas que se llaman “Alrededor del Mundo” y se las puedo prestar.

Desde ese día hasta la noche del gran peligro, nuestra amistad fue comparable a la de Orestes y Pílates.

¡Qué nuevo mundo pintoresco descubrí en la casa de la familia Irzubeta!

¡Gente memorable! Tres varones y dos hembras, y la casa regida por la madre, una señora de color de sal con pimienta, de ojillos de pescado y larga nariz inquisidora, y la

abuela encorvada, sorda y negruzca como un árbol tostado por el fuego.

A excepción de un ausente, que era el oficial de policía, en aquella covacha taciturna todos holgaban con vagancia dulce, con ocios que se paseaban de las novelas de Dumas al reconfortante sueño de las siestas y al amable chismorreo del atardecer.

La casa era oscura, húmeda, con un jardincillo de mala muerte frente a la sala. El sol únicamente entraba por la mañana a un largo patio cubierto de verdinosas tejas.

Las inquietudes sobrevenían al comenzar el mes. Se trataba entonces de disuadir a los acreedores, de engatusar a los “gallegos de mierda”, de calmar el coraje de la gente plebeya que sin tacto alguno vociferaba a la puerta cancel reclamando el pago de las mercaderías, ingenuamente dadas a crédito.

El propietario de la covacha era un alsaciano gordo, llamado Grenuillet. Reumático, setentón y neurasténico, terminó por acostumbrarse a la irregularidad de los Irzubeta, que le pagaban los alquileres de vez en cuando. En otros tiempos había tratado inútilmente de desalojarlos de la propiedad, pero los Irzubeta eran parientes de jueces rancios y otras gentes de la misma calaña del partido conservador, por cuya razón se sabían inamovibles.

El alsaciano acabó por resignarse a la espera de un nuevo régimen político y la florida desvergüenza de aquellos

bigardones llegaba al extremo de enviar a Enrique a solicitar del propietario tarjetas de favor para entrar en el casino, donde el hombre tenía un hijo que desempeñaba el cargo de portero.

¡Ah! Y qué sabrosísimos comentarios, qué cristianas reflexiones se podían escuchar de las comadres que en conciliábulo en la carnicería del barrio, comentaban piadosamente la existencia de sus vecinos.

Decía la madre de una niña feísima, refiriéndose a uno de los jóvenes Irzubeta que en un arranque de rijosidad habíale mostrado obsenamente a la doncella:

—Vea, señora, que yo no lo agarre, porque va a ser peor que si le pisara un tren.

Decía la madre de Hipólito, mujer gorda, de rostro blanquísimo, y siempre embarazada, tomando de un brazo al carnicero:

—Le aconsejo, don Segundo, que no les fie ni en broma. A nosotros nos tienen metido un clavo que no le digo nada.

—Pierda cuidado, pierda cuidado —rezongaba austeramente el hombre membrudo, esgrimiendo su enorme cuchillo en torno de un bofe.

¡Ah!, y eran muy joviales los Irzubeta. Dígalo si no, el panadero que tuvo la audacia de indignarse por la morosidad de sus acreedores.

Reñía el tal a la puerta con una de las niñas, cuando quiso su mala suerte que lo escuchara el oficial inspector, casualmente de visita en la casa.

Éste, acostumbrado a dirigir toda cuestión a puntapiés, irritado por la insolencia que representaba el hecho de que el panadero quisiera cobrar lo que se le debía, expulsólo a puñetazos de la puerta. Esto no dejó de ser una saludable lección de crianza y muchos prefirieron no cobrar. En fin, la vida encarada por aquella familia era más jocosa que un sainete bufo.

Las doncellas, mayores de veintiséis años, y sin novio, se deleitaban en Chateaubriand, languidecían en Lamartine y Cherbulez. Esto les hacía abrigar la convicción de que formaban parte de una “élite” intelectual, y por tal motivo designaban a la gente pobre con el adjetivo de chusma.

Chusma llamaban al almacenero que pretendía cobrar sus habichuelas, chusma a la tendera a quien habían sonsacado unos metros de puntillas, chusma al carnicero que bramaba de coraje cuando por entre los postigos, a regañadientes, se le gritaba que “el mes que viene sin falta se le pagaría”.

Los tres hermanos, cabelludos y flacos, prez de vagos, durante el día tomaban abundantes baños de sol y al oscurecer se trajeaban con el fin de ir a granjear amoríos entre las perdularias del arrabal.

Las dos ancianas beatas y gruñidoras reñían a cada momento por bagatelas, o sentadas en rueda en la sala vetusta con las hijas espiaban tras los visillos, entretejían chismes; y como descendían de un oficial que militara en el ejército de Napoleón I, muchas veces en la penumbra que idealizaba sus semblantes exangües, las escuché soñando en mitos imperialistas, evocando añejos resplandores de nobleza, en tanto que en la solitaria acera el farolero con su pértiga coronada de una llama violeta, encendía el farol verde del gas.

Como no disfrutaban de medios para mantener criada y como ninguna sirvienta tampoco hubiera podido soportar los bríos faunescos de los tres golfos cabelludos y los malos humores de las quisquillosas doncellas y los caprichos de las brujas dentudas, Enrique era el imprescindible niño de los mandados, el correveidile necesario para el buen funcionamiento de aquella coja máquina económica, y tan acostumbrado estaba a pedir a crédito, que su descaro en ese sentido era inaudito y ejemplar. En su elogio puede decirse que un bronce era más susceptible de vergüenza que su fino rostro.

Las dilatadas horas libres, Irzubeta las entretenía dibujando, habilidad para la que no carecía de ingenio y delicadeza, lo que no deja de ser un buen argumento para comprobar que siempre han existido pelafustanes con aptitudes estéticas.

Como yo no tenía nada que hacer, estaba frecuentemente en su casa, cosa que no agradaba a las dignas ancianas, de quienes no se me daba un ardite.

De esta unión con Enrique, de las prolongadas conversaciones acerca de bandidos y latrocinios, nos nació una singular predisposición para ejecutar barrabasadas, y un deseo infinito de inmortalizarnos con el nombre de delincuentes.

Decíame Enrique con motivo de una expulsión de “apaches” emigrados de Francia a Buenos Aires, y que Soiza Reilly había reportado, acompañando el artículo de elocuentes fotografías:

—El presidente de la república tiene cuatro “apaches” que le cuidan las espaldas.

Yo me reía.

—Dejáte de macanear.

—Cierto, te digo, y son así —y abría los brazos como un crucificado para darme una idea de la capacidad torácica de los facinerosos de marras.

No recuerdo por medio de qué sutilezas y sinrazones llegamos a convencernos de que robar era acción meritoria y bella; pero sí sé que de mutuo acuerdo, resolvimos organizar un club de ladrones, del que por el momento, nosotros solos éramos afiliados.

Más adelante veríamos... Y para iniciarnos dignamente decidimos comenzar nuestra carrera desvalijando las casas deshabitadas. Esto sucedía así:

Después de almorzar, a la hora en que las calles están desiertas, discretamente trajeados salíamos a recorrer las calles de Flores o Caballito.

Nuestras herramientas de trabajo eran:

Una pequeña llave inglesa, un destornillador y algunos periódicos para empaquetar lo hurtado.

Donde un cartel anunciaba una propiedad en alquiler, nos dirigíamos a solicitar referencias; compuestos los modales y compungido el rostro. Parecíamos los monaguillos de Caco.

Una vez que nos habían facilitado las llaves, con objeto de conocer las condiciones de habitabilidad de las casas en alquiler, salíamos presurosos.

Aún no he olvidado la alegría que experimentaba al abrir las puertas. Entrábamos violentamente; ávidos de botín recorríamos las habitaciones tasando de rápidas miradas la calidad de lo robable.

Si había instalación de luz eléctrica, arrancábamos los cables, portalámparas y timbres, las lámparas y los conmutadores, las arañas, las tulipas y las pilas; del cuarto de baño, por ser niqueladas, las canillas y las de la pileta por ser de

bronce, y no nos llevábamos puertas o ventanas para no convertirnos en mozos de cordel.

Trabajábamos instigados de cierta jovialidad dolorosa, un nudo de ansiedad detenido en la garganta, y con la presteza de los transformistas en las tablas, riéndonos sin motivo, temblando por nada.

Los cables colgaban en pingajos de los plafones desconchados por la brusquedad del esfuerzo; trozos de yeso y argamasa manchaban los pisos polvorientos; en la cocina los caños de plomo deshilachaban un interminable reguero de agua, y en pocos segundos teníamos la habilidad de disponer la vivienda para una costosa reparación.

Después Irzubeta o yo entregábamos las llaves y con rápidos pasos desaparecíamos.

El lugar del reencuentro era siempre la trastienda de un plomero, cierto cromo de Cacaseno con cara de luna, crecido en años, vientre y cuernos, porque sabíase que toleraba con paciencia franciscana las infidelidades de su esposa.

Cuando indirectamente se le hacía reconocer lo que él era, él replicaba con mansedumbre pascual, que su esposa padecía de los nervios, y ante argumentos de tal solidez científica, no cabía sino el silencio.

Sin embargo, para sus intereses era un águila.

El patizambo revisaba meticulosamente nuestro hatillo, sopesaba los cables, probaba las lámparas con objeto de verificar si estaban quemados los filamentos, oliscaba las canillas y con paciencia desesperante calculaba y descalculaba, hasta terminar por ofrecernos la décima parte de lo que valía lo robado a precio de costo.

Si discutíamos o nos indignábamos, el buen hombre levantaba las pupilas bovinas, su cara redonda sonreía con sacarronería, y sin dejarnos replicar, dándonos festivas palmaditas en las espaldas, nos ponía en la puerta de la calle con la mayor gracia del mundo y el dinero en la palma de la mano.

Pero no se vaya a creer que circunscribíamos nuestras hazañas sólo a las casas desalquiladas. ¡Quiénes como nosotros para el ejercicio de la garra!

Avizorábamos continuamente las cosas ajenas. En las manos teníamos una prontitud fabulosa, en la pupila la presteza de ave de rapiña. Sin apresurarnos y con la rapidez con que cae un gerifalte sobre cándida paloma, caíamos nosotros sobre lo que no nos pertenecía.

Si entrábamos en un café y en una mesa había un cubierto olvidado o una azucarera y el camarero se distraía, hurtábamos ambas; y ya en los mostradores de cocina o en cualquier otro recoveco, encontrábamos lo que creíamos necesario para nuestro común beneficio.

No perdonábamos taza ni plato, cuchillos ni bolas de billar, y bien claro recuerdo que una noche de lluvia, en un café muy concurrido, Enrique se llevó bonitamente un gabán, y otra noche yo, un bastón con puño de oro.

Nuestros ojos giraban como bolas y se abrían como platos investigando su provecho, y en cuanto distinguíamos lo apetecido, allí estábamos sonrientes, despreocupados y dicharacheros, los dedos prontos y la mirada bien escudriñadora, para no dar golpe en falso como rateros de tres al cuarto.

En los comercios ejercitábamos también esta limpia habilidad, y era de ver y no creer como engatusábamos a los mozuelos que atienden el mostrador en tanto que el amo duerme la siesta.

Con un pretexto u otro, Enrique llevaba el muchacho a la vidriera de la calle, para que le cotizara precio de ciertos artículos, y si no había gente en el despacho yo prontamente abría una vitrina y me llenaba los bolsillos de cajas de lápices, tinteros artísticos, y sólo una vez pudimos sangrar de su dinero a un cajón sin timbre de alarma, y otra vez en una armería llevamos un cartón con una docena de cortaplumas de acero dorado y cabo de nácar.

Cuando durante el día no habíamos podido hacernos con nada, estábamos cariacontecidos, tristes de nuestra torpeza, desengañados de nuestro porvenir.

Entonces rondábamos malhumorados, hasta que se ofrecía algo en que desquitarnos.

Mas cuando el negocio estaba en auge y las monedas eran reemplazadas por los sabrosos pesos, esperábamos a una tarde de lluvia y salíamos en automóvil. ¡Qué voluptuosidad entonces recorrer entre cortinas de agua las calles de la ciudad! Nos repantigábamos en los almohadones mullidos, encendíamos un cigarrillo, dejando atrás las gentes apuradas bajo la lluvia, nos imaginábamos que vivíamos en París, o en la brumosa Londres. Soñábamos en silencio, la sonrisa posada en el labio condescendiente.

Después, en una confitería lujosa, tomábamos chocolate con vainilla, y saciados regresábamos en el tren de la tarde, duplicadas las energías por la satisfacción del goce proporcionado al cuerpo voluptuoso, por el dinamismo de todo lo circundante que con sus rumores de hierro gritaba en nuestras orejas:

¡Adelante, adelante!

Decía yo a Enrique cierto día:

—Tenemos que formar una verdadera sociedad de muchachos inteligentes.

—La dificultad está en que pocos se nos parecen —argüía Enrique.

—Sí, tenés razón; pero no han de faltar.

Pocas semanas después de hablado esto, por diligencia de Enrique, se asoció a nosotros cierto Lucio, un majadero pequeño de cuerpo y lívido de tanto masturbarse, todo esto junto a una cara tan de sinvergüenza que movía a risa cuando se le miraba

Vivía bajo la tutela de unas tías ancianas y devotas que en muy poco o en nada se ocupaban de él. Este badulaque tenía una ocupación favorita orgánica, y era comunicar las cosas más vulgares adoptando precauciones como si se tratara de tremebundos secretos. Esto lo hacía mirando de través y moviendo los brazos a semejanza de ciertos artistas de cinematógrafo que actúan de granujas en barrios de murallas grises.

—De poco nos servirá este energúmeno —dije a Enrique; mas como aportaba el entusiasmo del neófito a la reciente cofradía, su decisión entusiasta, ratificada por un gesto rocambolesco, nos esperanzó.

Ahora bien, como es de rigor no podíamos carecer de local donde reunirnos y le denominamos, a propuesta de Lucio,

que fue aceptada unánimemente, el “Club de los Caballeros de la Media Noche”.

Dicho club estaba en los fondos de la casa de Enrique, frente a una letrineja de muros negruzcos y revoques desconchados, y consistía en una estrecha pieza de madera polvorienta, de cuyo techo de tablas pendían largas telas de araña. Arrojadados por los rincones había montones de títeres inválidos y despintados, herencia de un titiritero fracasado amigo de los Irzubeta, cajas diversas con soldados de plomo atrocemente mutilados, hediondos bultos de ropa sucia y cajones atiborrados de revistas viejas y periódicos.

La puerta del cuchitril se abría a un patio oscuro de ladrillos resquebrajados, que en los días lluviosos rezumaban fango.

—¿No hay nadie, ché?

Enrique cerró el enclenque postigo por cuyos vidrios rotos se veían grandes rulos de nubes de estaño.

—Están adentro charlando.

Nos ubicamos lo más buenamente posible. Lucio ofreció cigarrillos egipcios, formidable novedad para nosotros, y con donaire encendió la cerilla en la suela de sus zapatos. Dijo después:

—Vamos a leer el Diario de Sesiones.

Para que nada faltara en el susodicho club, había también un Diario de Sesiones en el que se consignaban los proyectos

de los asociados, y también un sello, un sello rectangular que Enrique fabricó con un corcho y en el que se podía apreciar el emocionante espectáculo de un corazón perforado por tres puñales.

Dicho diario se llevaba por turno, el final de cada acta era firmado, y cada rúbrica llevaba su sello correspondiente.

Allí podían leerse cosas como las que siguen:

Propuesta de Lucio. — Para robar en el futuro sin necesidad de ganzúa, es conveniente sacar en cera virgen los modelos de las llaves de todas las casas que se visiten.

Propuesta de Enrique. — También se hará un plano de la casa de donde se saque prueba de llaves. Dichos planos se archivarán con los documentos secretos de la orden y tendrán que mencionar todas las particularidades del edificio para mayor comodidad del que tenga que operar.

Acuerdo general de la orden. — Se nombra dibujante y falsificador del Club al socio Enrique.

Propuesta de Silvio. — Para introducir nitroglicerina en un presidio, tómesese un huevo, sáquesele la clara y la yema y por medio de una jeringa se le inyecta el explosivo.

Si los ácidos de la nitroglicerina destruyen la cáscara del huevo, fabríquese con algodón pólvora una camiseta. Nadie sospechará que la inofensiva camiseta es una carga explosiva.

Propuesta de Enrique. — El Club debe contar con una biblioteca de obras científicas para que sus cofrades puedan robar y matar de acuerdo a los más modernos procedimientos industriales. Además, después de pertenecer tres meses al Club, cada socio está obligado a tener una pistola Browning, guantes de goma y 100 grs. de cloroformo. El químico oficial del Club será el socio Silvio.

Propuesta de Lucio. — Todas las balas deberán estar envenenadas con ácido prúsico y se probará su poder tóxico cortándole de un tiro la cola a un perro. El perro tiene que morir a los diez minutos.

—Ché, Silvio.

—¿Qué hay? —dijo Enrique.

—Pensaba una cosa. Habría que organizar clubes en todos los pueblos de la República.

—No, lo principal —interrumpí yo— está en ponernos prácticos para actuar mañana. No importa ahora ocuparnos de macanitas.

Lucio acercó un bulto de ropa sucia que le servía de otomana.

Proseguí:

—El aprendizaje de ratero tiene esta ventaja: darle sangre fría a uno, que es lo más necesario para el oficio. Además, la práctica del peligro contribuye a formarnos hábitos de prudencia.

Dijo Enrique:

—Dejémonos de retóricas y vamos a tratar un caso interesante. Aquí, en el fondo de la carnicería (la pared de la casa de Irzubeta era medianera respecto a dicho fondo) hay un gringo que todas las noches guarda el auto y se va a dormir a una piecita que alquila en un caserón de la calle Zamudio. ¿Qué te parece, Silvio, que le evaporemos el magneto y la bocina?

—¿Sabés que es grave?

—No hay peligro, ché. Saltamos por la tapia. El carnicero duerme como una piedra. Eso sí, hay que ponerse guantes.

—¿Y el perro?

—¿Y para qué lo conozco yo al perro?

—Me parece que se va a armar una bronca.

—¿Qué te parece, Silvio?

—No me gusta

—Pero date cuenta que sacamos más de cien mangos por el magneto.

—El negocio es lindo, pero vidrioso.

—¿Te decidís vos, Lucio?

—¿La prensa?... y claro.. me pongo los pantalones viejos, no se me rompa el “jetra”...¹

1 Traje.

—¿Y vos, Silvio?

—Yo rajo en cuanto la vieja duerma.

—¿Y a qué hora nos encontramos?

—Mirá, ché, Enrique. El negocio no me gusta.

—¿Por qué?

—No me gusta. Van a sospechar de nosotros. Los fondos... El perro que no ladra... si a mano viene dejamos rastros... no me gusta. Ya sabés que no le hago ascos a nada, pero no me gusta. Es demasiado cerca y la “yuta”² tiene olfato.

—Entonces no se hace.

Sonreímos como si acabáramos de sortear un peligro.

Así vivíamos días de sin par emoción, gozando el dinero de los latrocinios, aquel dinero que tenía para nosotros un valor especial y hasta parecía hablarnos con expresivo lenguaje.

Los billetes de banco parecían más significativos con sus imágenes coloreadas, las monedas de níquel tintineaban alegremente en las manos que jugaban con ellas juegos malabares. Sí, el dinero adquirido a fuerza de trapacerías se nos fingía mucho más valioso y sutil, impresionaba en una

2 Policía secreta.

representación de valor máximo, parecía que susurraba en las orejas un elogio sonriente y una picardía incitante. No era el dinero vil y odioso que se abomina porque hay que ganarlo con trabajos penosos, sino dinero agilísimo, una esfera de plata con dos piernas de gnomo y barba de enano, un dinero truhanesco y bailarín, cuyo aroma como el vino generoso arrastraba a divinas francachelas.

Nuestras pupilas estaban limpias de inquietud, osaría decir que nos nimbaba la frente un halo de soberbia y audacia. Soberbia de saber que al conocer nuestras acciones hubiéramos sido conducidos ante un juez de instrucción.

Sentados en torno de la mesa de un café, a veces departíamos:

—¿Qué harías vos ante el Juez del Crimen?

—Yo —respondía Enrique— le hablaría de Darwin y de Le Dantec (Enrique era ateo).

—¿Y vos, Silvio?

—Negar siempre, aunque me cortaran el pescuezo.

—¿Y la goma?

Nos mirábamos espantados. Teníamos horror de la “goma”, ese bastón que no deja señal visible en la carne; el bastón de goma con que se castiga el cuerpo de los ladrones en el Departamento de Policía cuando son tardíos en confesar su delito.

Con ira mal reprimida, respondí:

—A mí no me cachan. Antes matar.

Cuando pronunciábamos esta palabra los nervios del rostro distendíanse, los ojos permanecían inmóviles, fijos en una ilusoria hecatombe distante, y las ventanillas de la nariz se dilataban aspirando el olor de la pólvora y de la sangre.

—Por eso hay que envenenar las balas —repuso Lucio.

—Y fabricar bombas —continué—. Nada de lástima. Hay que reventarlos, aterrorizar a la “cana”. En cuanto estén descuidados, balas... A los jueces, mandarles bombas por correo...

Así conversábamos en torno de la mesa del café, sombríos y gozosos de nuestra impunidad ante la gente, ante la gente que no sabían que éramos ladrones, y un espanto delicioso nos apretaba el corazón al pensar con qué ojos nos mirarían las nuevas doncellas que pasaban, si supieran que nosotros, tan atildados y jóvenes, éramos ladrones...

¡ladrones!...

Próximamente a las doce de la noche me reuní en un café con Enrique y Lucio a ultimar los detalles de un robo que pensábamos efectuar.

Escogiendo el rincón más solitario, ocupamos una mesa junto a una vidriera.

Menuda lluvia picoteaba el cristal en tanto la orquesta desgarraba la postrera brama de un tango carcelario.

—¿Estás seguro, Lucio, de que los porteros no están?

—Segurísimo. Ahora hay vacaciones y cada uno tira por su lado. Tratábamos nada menos que de despojar la biblioteca de una escuela.

Enrique, pensativo, apoyó la mejilla en una mano. La visera de la gorra le sombreaba los ojos.

Yo estaba inquieto.

Lucio miraba en torno con la satisfacción de un hombre para quien la vida es amable. Para convencerme de que no existía ningún peligro, frunció los superciliares y confidencialmente me comunicó por décima vez:

—Yo sé el camino. ¿Qué te preocupás? No hay más que saltar la verja que da a la calle y al patio. Los porteros duermen en una sala separada del tercer piso. La biblioteca está en el segundo y al lado opuesto.

—El asunto es fácil, eso es de cajón —dijo Enrique—, el negocio sería bonito si uno pudiera llevarse el Diccionario Enciclopédico.

—¿Y en qué llevamos veintiocho tomos? Estás loco vos... a menos que llames a un carro de mudanzas.

Pasaron algunos coches con la capota desplegada y la alta claridad de los arcos voltaicos, cayendo sobre los árboles, proyectaba en el afirmado largas manchas temblorosas. El mozo nos sirvió café. Continuaban desocupadas las mesas en redor, los músicos charlaban en el palco, y del salón de billares llegaba el ruido de tacos con que algunos entusiastas aplaudían una carambola complicadísima.

—¿Vamos a jugar un tute arrastrado?

—Dejáte de tute, hombre.

—Parece que llueve.

—Mejor —dijo Enrique— estas noches agradaban a Montparnasse y a Tenardhier. Tenardhier decía: Más hizo Juan Jacobo Rousseau. Era un ranún el Tenardhier ése, y esa parte del caló es formidable.

—¿Llueve todavía?

Volví los ojos a la plazoleta.

El agua caía oblicuamente, y entre dos hileras de árboles el viento la ondulaba en un cortinado gris.

Mirando el verdor de los ramojos y follajes iluminados por la claridad de plata de los arcos voltaicos, sentí, tuve una visión en parques estremecidos en una noche de verano, por el rumor de las fiestas plebeyas y de los cohetes rojos reventando en lo azul. Esa evocación inconsciente me entristeció.

De aquella última noche azarosa conservo lúcida memoria.

Los músicos desgarraron una pieza que en la pizarra tenía el nombre de “Kiss-me”

En el ambiente vulgar, la melodía onduló en ritmo trágico y lejano. Diría que era la voz de un coro de emigrantes pobres en la sentina de un trasatlántico mientras el sol se hundía en las pesadas aguas verdes.

Recuerdo cómo me llamó la atención el perfil de un violinista de cabeza socrática y calva resplandeciente. En su nariz cabalgaban anteojos de cristales ahumados y se reconocía el esfuerzo de aquellos ojos cubiertos, por la forzada inclinación del cuello sobre el atril.

Lucio me preguntó:

—¿Seguís con Eleonora?

—No, ya cortamos. No quiere ser más mi novia.

—¿Por qué?

—Porque sí.

La imagen adunada al langor de los violines me penetró con violencia. Era un llamado de mi otra voz, a la mirada de su rostro sereno y dulce. ¡Oh! cuánto me había extasiado de pena su sonrisa ahora distante, y desde la mesa, con palabras de espíritu le hablé de esta manera, mientras gozaba una amargura más sabrosa que una voluptuosidad.

—¡Ah! si yo hubiera podido decirte lo que te quería, así con la música del “Kiss-me”... disuadirte con este llanto... entonces quizá... pero ella me ha querido también... ¿no es verdad que me quisiste, Eleonora?

—Dejó de llover... salgamos.

—Vamos.

Enrique arrojó unas monedas en la mesa. Me preguntó:

—¿Tenés el revólver?

—Sí.

—¿No fallará?

—El otro día lo probé. La bala atravesó dos tablonces de albañil.

Irzubeta agregó:

—Si va bien en ésta me compro una Browning; pero por las dudas traje un puño de fierro.

—¿Está despuntado?

—No, tiene cada púa que da miedo.

Un agente de policía cruzó el herbero de la plaza hacia nosotros.

Lucio exclamó en voz alta, lo suficiente para ser escuchado del polizante:

—¡Es que el profesor de Geografía me tiene rabia, ché, me tiene rabia!

Cruzada la diagonal de la plazoleta, nos encontramos frente a la muralla de la escuela, y allí notamos que comenzaba a llover otra vez.

Rodeaba el edificio esquinero una hilera de copudos plátanos, que hacía densísima la obscuridad en el triángulo. La lluvia musicalizaba un ruido singular en el follaje.

Alta verja mostraba sus dientes agudos uniendo los dos cuerpos de edificio, elevados y sombríos.

Caminando lentamente escudriñábamos en la sombra; después sin pronunciar palabra trepé por los barrotes, introduje un pie en el aro que eslabonaba cada dos lanzas, y de un salto me precipité al patio, permaneciendo algunos segundos en la posición de caído, esto es: en cuclillas, inmóviles los ojos, tocando con las yemas de los dedos las baldosas mojadas.

—No hay nadie, ché —susurró Enrique, que acababa de seguirme.

—Parece que no, ¿pero qué hace Lucio que no baja?

En las piedras de la calle escuchamos el choque acompañado de herraduras, después se oyó otro caballo al paso, y en las tinieblas el ruido fue decreciendo.

Sobre las lanzas de hierro, Lucio asomó la cabeza. Apoyó el pie en un travesaño y se dejó caer con tal sutileza que en el mosaico apenas crujió la suela de su calzado.

—¿Quién pasó, ché?

—Un Oficial Inspector y un vigilante. Yo me hice el que esperaba el “bondi”.³

—Pongámonos los guantes, ché.

—Cierto, con la emoción se me olvidaba.

—Y ahora, ¿adónde se va? Esto es más oscuro que...

—Por aquí...

Lucio ofició de guía, yo desenfundé el revólver y los tres nos dirigimos hacia el patio cubierto por la terraza del segundo piso.

En la oscuridad se distinguía inciertamente una columnata.

Súbitamente me estremeció la conciencia de una supremacía tal sobre mis semejantes, que estrujando fraternalmente el brazo de Enrique, dije:

—Vamos muy despacio —e imprudentemente, abandoné el paso medido, haciendo resonar el taco de mis botines.

En el perímetro del edificio, los pasos repercutieron multiplicados.

La certeza de una impunidad absoluta contagió de optimista firmeza a mis camaradas, y reímos con tan estridentes

3 Tranvía.

carcajadas, que desde la calle oscura nos ladró tres veces un perro errante.

Jubilosos de abochornar el peligro a bofetadas de coraje, hubiéramos querido secundarlo con la claridad de una fanfarria y la estrepitosa alegría de un pandero, despertar a los hombres, para demostrar qué regocijo nos engrandece las almas cuando quebrantamos la ley y entramos sonriendo en el pecado.

Lucio, que marchaba encabezándonos, se volvió:

—Hago moción para asaltar el Banco de la Nación dentro de algunos días.

—Vos, Silvio, abrí las cajas con tu sistema de arco voltaico.

—Bonnot desde el infierno debe aplaudirnos —dijo Enrique.

—¡Vivan los apaches Lacombe y Valet! —exclamé.

—¡Eureka! —gritó Lucio.

—¿Qué te pasa?

El mancebo respondió:

—Ya está... ¿no te decía Lucio? ¡Si tienen que levantarte una estatua!... Ya está, ¿saben lo que es?

Nos agrupamos en torno de él.

—¿Se fijaron? ¿Te fijaste vos, Enrique, en la joyería que está al lado del Cine Electra?... en serio, ché; no te rías. La letrina del

cine no tiene techo... me acuerdo lo más bien; de allí podríamos subir a los techos de la joyería. Se sacan unas entradas a la noche y antes de que termine la función uno se escurre. Por el agujero de la llave se inyecta cloroformo con una pera de goma.

—Cierto, ¿sabés, Lucio, que será un golpe magnífico?... y quién va a sospechar de unos muchachos. El proyecto hay que estudiarlo.

Encendí un cigarrillo, y al resplandor de la ceriila descubrí una escalera de mármol.

Nos lanzamos escalera arriba.

Llegando al pasadizo, Lucio con su linterna eléctrica iluminó el lugar, un paralelogramo restringido, prolongado a un costado por oscuro pasillo. Clavada al marco de madera de la puerta, había una chapa esmaltada cuyos caracteres rezaban: BIBLIOTECA.

Nos aproximamos a reconocerla. Era antigua y sus altas hojas, pintadas de verde, dejaban el intersticio de una pulgada entre los zócalos y el pavimento.

Por medio de una palanca se podía hacer saltar la cerradura de sus tornillos.

—Vamos primero a la terraza —dijo Enrique—. Las cornisas están llenas de lámparas eléctricas.

En el corredor encontramos una puerta que conducía a la terraza del segundo piso. Salimos. El agua chasqueaba en

los mosaicos del patio, y junto a un alto muro alquitranado, el vívido resplandor de un relámpago descubrió una garita de madera, cuya puerta de tablas permanecía entreabierta.

A momentos la súbita claridad de un rayo descubría un lejano cielo violeta desnivelado de campanarios y techados. El alto muro alquitranado recortaba siniestramente, con su catadura carcelaria, lienzos de horizonte.

Penetramos a la garita. Lucio encendió otra vez su linterna.

En los rincones del cuartujo, estaban amontonadas bolsas de aserrín, trapos de fregado, cepillos y escobas nuevas. El centro lo ocupaba una voluminosa cesta de mimbre.

—¿Qué habrá ahí dentro? —Lucio levantó la tapa.

—Bombas.

—¿A ver?

Codiciosos nos inclinamos hacia la rueda luminosa que proyectaba la linterna. Entre el aserrín brillaban cristalinas esfericidades de lámparas de filamento.

—¿No estarán quemadas?

—No, las habrían tirado —mas, para convencernos, diligente examiné los filamentos en sus geometrías. Estaban intactos.

Ávidamente robábamos en silencio, llenados los bolsillos, y no pareciéndonos suficiente cogimos una bolsa

de tela que también llenamos de lámparas. Lucio, para evitar que tintinearan, cubrió los intersticios de aserrín.

En el vientre de Irzubeta el pantalón marcaba una protuberancia enorme. Tantas lámparas había ocultado allí.

—Mirálo a Enrique, está preñado.

La chuscada nos hizo sonreír.

Prudentemente nos retiramos. Como lejanas campanillitas sonaban las peras de cristal.

Al detenernos frente a la biblioteca, Enrique invitó:

—Mejor que entremos a buscar libros.

—¿Y con qué abrimos la puerta?

—Yo vi una barra de hierro en la piecita.

—¿Sabés qué hacemos? Las lámparas las empaquetamos, y como la casa de Lucio es la que está más cerca, puede llevárselas.

El granuja barbotó:

—¡Mierda! Yo solo no salgo... no quiero ir a dormir a la leonera.

¡La pecadora traza del granuja! Habíasele saltado el botón del cuello, y su corbata verde se mantenía a medias sobre la camisa de pechera desgarrada. Añadid a esto una gorra con la visera sobre la nuca, la cara sucia y pálida, los puños de la camisa desdoblados en torno de los guantes, y tendréis la desfachatada estampa de ese

festivo masturbador injertado en un conato de reventador de pisos.

Enrique, que terminaba de alinear sus lámparas, fue a buscar la barra de hierro.

Lucio rezongó:

—Qué rana es Enrique, ¿no te parece?, largarme de carnada a mí solo.

—No macaniés. De aquí a tu casa hay sólo tres cuadras. Bien podías ir y venir en cinco minutos.

—No me gusta.

—Ya sé que no te gusta... no es ninguna novedad que sos puro aspamento.

—¿Y si me encuentra un “cana”?⁴

—Rajá; ¿para qué tenés piernas?

Sacudiéndose como un perro de aguas, entró Enrique.

—¿Y ahora?

—Dame, vas a ver.

Envolví el extremo de la palanca en un pañuelo, introduciéndola en el resquicio, mas reparé que en vez de presionar hacia el suelo debía hacerlo en dirección contraria.

Crujió la puerta y me detuve.

—Apretá un poco más —chistó Enrique.

4 Agente de policía

Aumentó la presión y renovóse el alarmante chirrido.

—Dejáme a mí.

El empuje de Enrique fue tan enérgico, que el primitivo rechinamiento estalló en un estampido seco.

Enrique se detuvo y permanecimos inmóviles..., alelados.

—¡Qué bárbaro! —protestó Lucio.

Podíamos escuchar nuestras anhelantes respiraciones. Lucio involuntariamente apagó la linterna y esto, aunado al espanto primero, nos detuvo en la posición de acecho, sin el atrevimiento de un gesto, con las manos temblorosas y extendidas.

Los ojos taladraban esa oscuridad; parecían escuchar, recoger los sonidos insignificantes y postreros. Aguda hiperesesia parecía dilatar nos los oídos y permanecíamos como estatuas, entreabiertos los labios en la expectativa.

—¿Qué hacemos? —murmuró Lucio.

El miedo se quebrantó.

No sé qué inspiración me impulsó a decir a Lucio:

—Tomá el revólver y andáte a vigilar la entrada de la escalera, pero abajo. Nosotros vamos a trabajar.

—¿Y las bombas quién las envuelve?

—¿Ahora te interesan las bombas?... Andá, no te preocupés.

Y el gentil perdulario desapareció después de arrojar al aire el revólver y recogerlo en su vuelo con un cinematográfico gesto de apache.

Enrique abrió cautelosamente la puerta de la biblioteca.

Se pobló la atmósfera de olor a papel viejo, y a la luz de la linterna vimos huir una araña por el piso encerado.

Altas estanterías barnizadas de rojo tocaban el cielo raso, y la cónica rueda de luz se movía en las oscuras librerías, iluminando estantes cargados de libros.

Majestuosas vitrinas añadían un decoro severo a lo sombrío, y tras de los cristales, en los lomos de cuero, de tela y de pasta, relucían las guardas arabescas y títulos dorados de los tejuelos.

Irzubeta se aproximó a los cristales.

Al soslayo le iluminaba la claridad refleja y como un bajorrelieve era su perfil de mejilla rechupada, con la pupila inmóvil y el cabello negro redondeando armoniosamente el cráneo hasta perderse en declive en los tendones de la nuca.

Al volver a mí sus ojos, dijo sonriendo:

—¿Sabés que hay buenos libros?

—Sí, y de fácil venta.

—¿Cuánto hará que estamos?

—Más o menos media hora.

Me senté en el ángulo de un escritorio distante pocos pasos de la puerta, en el centro de la biblioteca, y Enrique me imitó.

Estábamos fatigados. El silencio del salón oscuro penetraba nuestros espíritus, desplegándolos para los grandes espacios de recuerdo e inquietud.

—Decíme, ¿por qué rompiste con Eleonora?

—Qué sé yo. ¿Te acordás? Me regalaba flores.

—¿Y?

—Después me escribió unas cartas. Cosa rara. Cuando dos se quieren parece adivinarse el pensamiento. Una tarde de domingo salió a dar vuelta a la cuadra. No sé por qué yo hice lo mismo, pero en dirección contraria y cuando nos encontramos, sin mirarme alargó el brazo y me dio una carta. Tenía un vestido rosa té, y me acuerdo que muchos pájaros cantaban en lo verde.

—¿Qué te decía?

—Cosas tan sencillas. Que esperara... ¿te das cuenta? Que esperara a ser más grande.

—Discreta.

—¡Y qué seriedad, ché Enrique! Si vos supieras. Yo estaba allí, contra el fierro de la verja. Anochecía. Ella callaba... a momentos me miraba de una forma... y yo sentía ganas de llorar... y no nos decíamos nada... ¿qué nos íbamos a decir?

—Así es la vida —dijo Enrique—, pero vamos a ver los libros. ¿Y el Lucio ése? A veces me da rabia. ¡Qué tipo vago!

—¿Dónde estarán las llaves?

—Seguramente en el cajón de la mesa.

Registramos el escritorio, y en una caja de plumas las hallamos.

Rechinó una cerradura y comenzamos a investigar.

Sacando los volúmenes los hojeábamos, y Enrique que era algo sabedor de precios decía:

—“No vale nada”, o “vale”.

—*Las Montañas del Oro*.

—Es un libro agotado. Diez pesos te lo dan en cualquier parte.

—*Evolución de la Materia*, de Lebón. Tiene fotografías.

—Me la reservo para mí —dijo Enrique.

—Rouquete. *Química Orgánica e Inorgánica*.

—Ponélo acá con los otros.

—*Cálculo Infinitesimal*.

—Eso es matemática superior. Debe ser caro.

—¿Y esto?

—¿Cómo se llama?

—Charles Baudelaire. *Su vida*.

—A ver, alcanzá.

—Parece una biografía. No vale nada.

Al azar entreabría el volumen.

—Son versos.

—¿Qué dicen?

Leí en voz alta:

*Yo te adoro al igual de la bóveda nocturna
¡oh!, vaso de tristezas, ¡oh!, blanca taciturna,*

Eleonora —pensé—. Eleonora.

*y vamos a los asaltos, vamos,
como frente a un cadáver, un coro de gusanos*

—Ché, ¿sabés que esto es hermosísimo? Me lo llevo para casa.

—Bueno, mirá, entanto que yo empaqueto libros, vos arregláte las bombas.

—¿Y la luz?

—Traétela aquí.

Seguí la indicación de Enrique. Trajinábamos silenciosos, y nuestras sombras agigantadas movíanse en el cielo raso y sobre el piso de la habitación, desmesuradas por la penumbra que ensombrecía los ángulos. Familiarizado con la situación de peligro, ninguna inquietud entorpecía mi destreza.

Enrique en el escritorio acomodaba los volúmenes y echaba un vistazo a sus páginas. Yo con amaño había terminado de envolver las lámparas, cuando en el pasillo reconocimos los pasos de Lucio.

Se presentó con el semblante desencajado, gruesas gotas de sudor le perlaban en la frente.

—Ahí viene un hombre... Entró recién... apaguen.

Enrique lo miró atónito y maquinalmente apagó la linterna; yo, espantado, recogí la barra de hierro que no recuerdo quién había abandonado junto al escritorio. En la oscuridad me ceñía la frente un cilicio de nieve.

El desconocido trepaba la escalera y sus pasos eran inciertos. Repentinamente el espanto llegó a su colmo y me transfiguró.

Dejaba de ser el niño aventurero; se me envararon los nervios, mi cuerpo era una estatua ceñuda rebalsando de instintos criminales, una estatua erguida sobre los miembros tensos, agazapados en la comprensión del peligro.

—¿Quién será? —suspiró Enrique.

Lucio respondió con el codo.

Ahora le escuchábamos más próximo, y sus pasos retumbaban en mis oídos, comunicando la angustia del tímpano atentísimo al temblor de la vena.

Erguido, con ambas manos sostenía la palanca encima de mi cabeza, presto para todo, dispuesto a descargar el golpe... y en tanto escuchaba, mis sentidos discernían con prontitud maravillosa el cariz de los sonidos, persiguiéndolos en su

origen, definiendo por sus estructuras el estado psicológico del que los provocaba

Con vértigo inconsciente analizaba:

—Se acerca... no piensa... si pensara no pisaría así... arrastra los pies... si sospechara no tocaría el suelo con el taco... acompañaría el cuerpo en la actitud... siguiendo el impulso de las orejas que buscan el ruido y de los ojos que buscan el cuerpo, andaría en punta de pies... y él lo sabe... está tranquilo.

De pronto, una enronquecida voz, cantó allí, abajo, con la melancolía de los borrachos:

*Maldito aquel día que te conocí,
ay macarena, ay macarena.*

La soñolienta canción se quebró bruscamente.

—Ha sospechado... no... pero sí... no... a ver —creí que mi corazón se agrietaba, con tanta fuerza arrojaba la sangre en las venas.

Al llegar al pasillo, el desconocido rezongó nuevamente:
ay macarena, ay macarena.

—Enrique —susurré—, Enrique. Nadie respondió.

Con una agria hediondez de vino, trajo el viento el ruido de un eructo.

—Es un borracho —sopló en mi oreja Enrique—. Si viene lo amordazamos.

El intruso se alejaba arrastrando los pies, y desapareció al final del corredor. En un recodo se detuvo, y le escuchamos forcejear en el picaporte de una puerta que cerró estrepitosamente tras él.

—¡De buena nos libramos!

—Y vos, Lucio... ¿Por qué estás tan callado?

—De alegría, hermano, de alegría.

—¿Y cómo lo viste?

—Estaba sentado en la escalera; aquí te quiero ver. Zas, de pronto siento un ruido, me asomo y veo la puerta de fierro que se abre. Te la “voglio dire”. ¡Qué emoción!

—Mirá si el tipo se nos viene al humo.

—Yo lo “enfrío” —dijo Enrique.

—¿Y ahora qué hacemos?

—¿Qué vamos a hacer? Irnos, que es hora.

Bajamos en puntillas sonriendo. Lucio llevaba el paquete de las lámparas. Enrique y yo dos pesados bultos de libros. No sé por qué, en la oscuridad de la escalera pensé en el resplandor del sol, y reí despacio.

—¿De qué te reís? —preguntó malhumorado Enrique.

—No sé.

—¿No encontraremos ningún “cana”?

—No, de aquí a casa no hay.

—Ya lo dijiste antes.

—¡Además, con esta lluvia!

—¡Caramba!

—¿Qué hay, ché Enrique?

—Me olvidé cerrar la puerta de la biblioteca. Dame la linterna.

Se la entregué, y a grandes pasos Irzubeta desapareció.

Aguardándole, nos sentamos sobre el mármol de un escalón.

Temblaba de frío en la oscuridad. El agua se estrellaba rabiosamente contra los mosaicos del patio. Involuntariamente se me cerraron los párpados, y por mi espíritu resbaló, en un anochecimiento lejano, el semblante de imploración de la amada niña, inmóvil, junto al álamo negro. Y la voz interior, recalcitrante, insistía:

—¡Te he querido, Eleonora! ¡Ah!, ¡si supieras cuánto te he querido!

Cuando llegó Enrique, traía unos volúmenes bajo el brazo.

—¿Y eso?

—Es la Geografía de Malte Brun. Me la guardo para mí.

—¿Cerraste bien la puerta?

—Sí, lo mejor que pude.

—¿Habrá quedado bien?

—No se conoce nada.

—¿Ché, y el curdelón ese? ¿Habrà cerrado con llave la puerta de calle?

La ocurrencia de Enrique fue acertada. La puerta cancel estaba entreabierta y salimos.

Un torrente de agua, borbotoleando, corría entre dos aceras, y menguada su furia, la lluvia descendía fina, compacta, obstinada.

A pesar de la carga, prudencia y temor aceleraban la soltura de nuestras piernas.

—Lindo golpe.

—Sí, lindo.

—¿Qué opinás, Lucio, que dejemos esto en tu casa?

—¿Y si va la “cana” a requisar?

—No digás estupideces; mañana mismo reducimos todo.

—¿Cuántas bombas traeremos?

—Treinta.

—Lindo golpe —repitió Lucio—. ¿Y de libros?

—Más o menos yo calculé setenta pesos —dijo Enrique.

—¿Qué hora tenés, Lucio?

—Deben ser las tres.

—¡Qué tarde!

No, no era tarde, mas la fatiga, la angustia remota, las tinieblas y el silencio, los árboles goteando en nuestras

espaldas enfriadas, todo ello hacía que la noche nos pareciera eterna, y dijo Enrique con melancolía:

—Sí, es demasiado tarde.

Estremecidos de frío y cansancio, entramos a la casa de Lucio.

—Despacio, ché, no se despierten las viejas.

—¿Y dónde guardamos esto?

—Espérensen.

Lentamente giró la puerta en sus goznes. Lucio penetró a la habitación e hizo girar la llave del conmutador.

—Pasen, ché, les presento mi bulín.

El ropero en un ángulo, una mesita de madera blanca, y una cama. Sobre la cabecera del lecho extendía sus retorcidos brazos piadosos un Cristo Negro, y en un marco, en actitud dolorosísima, miraba al cielo raso un cromo de Lyda Borelli.

Extenuados nos dejamos caer en la cama.

En los semblantes relajados de sueño, la fatiga acrecentaba la oscuridad de las ojeras. Nuestras pupilas inmóviles permanecían fijas en los muros blancos, ora próximos, ora distantes, como en la óptica fantástica de una fiebre.

Lucio ocultó los paquetes en el ropero y pensativo sentóse en el borde de la mesa, cogiéndose una rodilla entre las dos manos.

—¿Y la Geografía?

—Me la llevo.

El silencio tornó a pesar sobre los espíritus mojados, sobre nuestros semblantes lívidos, sobre las entreabiertas manos amoratadas.

Me levanté sombrío, sin apartar la mirada del muro blanco.

—Dame el revólver, me voy.

—Te acompaño —dijo Irzubeta incorporándose en el lecho, y en la oscuridad nos perdimos por las calles sin pronunciar palabras, con adusto rostro y encorvadas espaldas.

Terminaba de desnudarme, cuando tres golpes frenéticos repercutieron en la puerta de la calle, tres golpes urgentísimos que me erizaron el cabello.

Vertiginosamente pensé:

—La policía me ha seguido... la policía... la policía... jadeaba mi alma.

El golpe aullador se repitió otras tres veces, con más ansiedad, con más furor, con más urgencia.

Tomé el revólver y desnudo salí a la puerta.

No terminé de abrir la hoja y Enrique se desplomó en mis brazos. Algunos libros rodaron por el pavimento.

—Cerraré, cerraré que me persiguen; cerraré, Silvio —habló con voz enronquecida Irzubeta.

Lo arrastré bajo el techo de la galería.

—¿Qué pasa, Silvio, qué pasa? —gritó mi madre asustada desde su habitación.

—Nada, callate... un vigilante que lo corría a Enrique por una pelea.

En el silencio de la noche, que el miedo hacía cómplice de la justicia inquisidora, resonó el silbido del pito de un polizonte, y un caballo al galope cruzó la bocacalle. Otra vez el terrible sonido, multiplicado, se repitió en distintos puntos cercanos.

Como serpentinadas cruzaban la altura las clamantes llamadas de los vigilantes.

Un vecino abrió la puerta de calle, se escucharon las voces de un diálogo, y Enrique y yo en la oscuridad de la galería, temblorosos nos estrechábamos uno contra otro. Por todas partes los silbos inquietantes se prolongaban amenazadores, numerosos, en tanto que de la carrera siniestra para cazar al delincuente, nos llegaba el ruido de herraduras de caballos, de galopes frenéticos, las bruscas detenciones en el resbaladizo adoquinado, el retroceso de los polizontes. Y yo tenía al perseguido entre mis brazos, su cuerpo tembloroso de espanto contra mí, y una misericordia infinita me inclinaba hacia el adolescente quebrantado.

Lo arrastré hasta mi tugurio. Le castañeteaban los dientes. Tiritando de miedo, se dejó caer en una silla y sus azoradas pupilas engrandecidas de espanto se fijaron en la sonrosada pantalla de la lámpara.

Otra vez cruzó un caballo la calle, pero con tanta lentitud que creíase detendría frente a mi casa. Después, el vigilante espoleó su cabalgadura y las llamadas de los silbatos que se hacían menos frecuentes, cesaron por completo.

—¡Agua, dame agua!

Le alcancé una garrafa, y bebió ávidamente. En su garganta el agua cantaba. Un suspiro amplio le contrajo el pecho.

Después, sin apartar la inmóvil pupila de la pantalla sonrosada, sonrió con la sonrisa extraña e incierta de quien despierta de un miedo alucinante.

Dijo:

—Gracias, Silvio —y aún sonreía, ilimitadamente anchurosa el alma en el inesperado prodigio de su salvación.

—Pero decime, ¿cómo fue?

—Mirá. Iba por la calle. No había nadie. Al doblar en la esquina de Sud América, me doy cuenta que bajo un foco me estaba mirando un vigilante. Instintivamente me paré, y él me gritó:

—“¿Qué lleva ahí?”

—Ni decirlo, salí como un diablo. Él corría tras mí, pero como tenía el capote puesto no podía alcanzarme... lo

dejaba atrás... cuando a lo lejos siento otro, venir a caballo... y el pito, el que me corría tocó pito. Entonces hice fuerza y llegué hasta acá.

—Has visto... ¡Por no dejar los libros en casa de Lucio!... ¡Mirá si te “cachan”! Nos arrean a todos a la “leonera”. ¿Y los libros? ¿No perdiste los libros por la calle?

—No, se cayeron ahí en el corredor.

Al ir a buscarlos, tuve que explicarle a mamá:

—No es nada malo. Resulta que Enrique estaba jugando al billar con otro muchacho y sin querer rompió el paño de la mesa. El dueño quiso cobrarle y como no tenía plata se armó una trifulca.

Estamos en casa de Enrique. Un rayo rojo penetra por el ventanuco de la covacha de los títeres.

Enrique reflexiona en su rincón, y una arruga dilatada le hiende la frente desde la raíz de los cabellos al ceño. Lucio fuma recostado en un montón de ropa sucia y el humo del cigarrillo envuelve en una neblina su pálido rostro. Por encima de la letrineja, desde una casa vecina, llega la melodía de un vals desgranado lentamente en el piano.

Yo estoy sentado en el suelo. Un soldadito sin piernas, rojo y verde, me mira desde su casa de cartón descalabrada. Las hermanas de Enrique riñen afuera con voz desagradable.

—¿Entonces...?

Enrique levanta la noble cabeza y mira a Lucio.

—¿Entonces?

Yo miro a Enrique.

—¿Y qué te parece a vos, Silvio? —continúa Lucio.

—No hay que hacerle; dejarse de macanear, si no, vamos a caer.

—Anteanoche estuvimos dos veces a punto.

—Sí, la cosa no puede ser más clara —y Lucio por décima vez relee complacido el recorte de un diario:

“Hoy a las tres de la madrugada el agente Manuel Carlés, de parada en la calle Avellaneda y Sud América, sorprendió a un sujeto en actitud sospechosa y que llevaba un paquete bajo el brazo. Al intimarle alto, el desconocido echó a correr, desapareciendo en uno de los terrenos baldíos que hay en las calles inmediatas al lugar. La comisaría de la sección 38 ha tomado intervención”.

—¿Así que el club se disuelve? —dice Enrique.

—No. Paraliza sus actividades por tiempo indeterminado —replica Lucio—. No es programa trabajar ahora que la policía husmea algo.

—Cierto; sería una estupidez.

—¿Y los libros?

—¿Cuántos tomos son?

—Veintisiete.

—Nueve para cada uno... pero no hay que olvidarse de borrar con cuidado los sellos del Consejo Escolar...

—¿Y las bombas?

Con presteza Lucio replica:

—Miren, ché, yo de las bombas no quiero saber ni medio. Antes de ir a reducir las, las tiro a la letrina.

—Sí, cierto, es un poco peligroso ahora.

Irzubeta calla.

—¿Estás triste, ché Enrique?

Una sonrisa extraña le tuerce la boca; encógese de hombros y con vehemencia, irguiendo el busto dice:

—Ustedes desisten, claro, no para todos es la bota de potro, pero yo, aunque me dejen solo, voy a seguir.

En el muro de la covacha de los títeres, el rayo rojo ilumina el demacrado perfil del adolescente.

CAPÍTULO II: LOS TRABAJOS Y LOS DÍAS

Como el dueño de la casa nos aumentara el alquiler, nos mudamos de barrio, cambiándonos a un siniestro caserón de la calle Cuenca, al fondo de Floresta.

Dejé de verlos a Lucio y Enrique, y una agria tiniebla de miseria se enseñoreó de mis días.

Quando cumplí los quince años, cierto atardecer mi madre me dijo:

—Silvio, es necesario que trabajes.

Yo que leía un libro junto a la mesa, levanté los ojos mirándola con rencor. Pensé: trabajar, siempre trabajar. Pero no contesté.

Ella estaba de pie frente a la ventana. Azulada claridad crepuscular incidía en sus cabellos emblanquecidos, en la frente amarilla, rayada de arrugas, y me miraba oblicuamente, entre disgustada y compadecida, y yo evitaba encontrar sus ojos.

Insistió comprendiendo la agresividad de mi silencio.

—Tenés que trabajar, ¿entendés? Tú no quisiste estudiar. Yo no te puedo mantener. Es necesario que trabajes.

Al hablar apenas movía los labios, delgados como dos tablitas. Escondía las manos en los pliegues del chal negro que modelaba su pequeño busto de hombros caídos.

—Tenés que trabajar, Silvio.

—¿Trabajar, trabajar de qué? Por Dios... ¿qué quiere que haga...? ¿que fabrique el empleo...? Bien sabe usted que he buscado trabajo.

Hablaba estremecido de coraje; rencor a sus palabras tercas, odio a la indiferencia del mundo, a la miseria acosadora de todos los días, y al mismo tiempo una pena innominable: la certeza de la propia inutilidad.

Mas ella insistía como si fueran ésas sus únicas palabras.

—Tenés que trabajar.

—¿De qué?... a ver ¿de qué...?

Maquinalmente se acercó a la ventana, y con un movimiento nervioso arregló las arrugas de la cortina. Como si le costara trabajo decirlo:

—En “La Prensa” siempre piden...

—Sí, piden lavacopas, peones... ¿quiere que vaya de lavacopas?

—No, pero tenés que trabajar. Lo poco que ha quedado alcanza para que termine Lila de estudiar. Nada más. ¿Qué querés que haga?

Bajo la orla de la saya enseñó un botín descalabrado y dijo:

—Mira qué botines. Lila para no gastar en libros tiene que ir todos los días a la biblioteca. ¿Qué quieres que haga, hijo?

Ahora su voz era de tribulación. Un surco oscuro le hendía la frente desde el ceño hasta la raíz de los cabellos, y casi le temblaban los labios.

—Está bien, mamá, voy a trabajar.

Cuánta desolación. La claridad azul remachaba en el alma la monotonía de toda nuestra vida, cavilaba hedionda, taciturna.

Desde afuera oíase el canto triste de una rueda de niños:

La torre en guardia.

La torre en guardia.

La quiero conquistar.

Suspiró en voz baja.

—Qué más quisiera que pudieras estudiar.

—Eso no vale nada.

—El día que Lila se reciba y tú publiques...

La voz era mansa, con tedio de pena.

Habíase sentado junto a la máquina de coser, y en el perfil, bajo la fina línea de la ceja, el ojo era un cuévano de sombra con una chispa blanca y triste. Su pobre espalda

encorvada, y la claridad azul en la lisura de los cabellos dejaba cierta claridad de tímpano.

—Cuando pienso... —murmur .

— Est s triste, mamá?

—No —contest . De pronto:

— Quer s que lo hable al señor Naydath? Podés aprender a ser decorador.  No te gusta el oficio?

—Es igual.

—Sin embargo, ganan mucho dinero...

Me sent  impulsado a levantarme, a cogerla de los hombros y zamarrearla, gritándole en las orejas:

— No hable de dinero, mamá, por favor...!  No hable... c llese...!

Comprendí mi silencio agrio, y el alma se le cayó a los pies. Qued se alelada, más pequeña, y sin embargo estreme-cida del rencor que aún le gritaba por mis ojos

— No hable de dinero, mamá, por favor... no hable... c llese!

Estábamos all , inmóviles de angustia. Afuera la ronda de chicos aún cantaba con melodía triste:

La torre en guardia.

La torre en guardia.

La quiero conquistar.

Pensé:

—Y así es la vida, y cuando yo sea grande y tenga un hijo, le diré: “Tenés que trabajar. Yo no te puedo mantener”. Así es la vida. Un ramalazo de frío me sacudía en la silla.

Ahora, mirándola, observando su cuerpo tan mezquino, se me llenó el corazón de pena.

Creía verla fuera del tiempo y del espacio, en un paisaje sequizo, la llanura parda y el cielo metálico de tan azul. Yo era tan pequeño que ni caminar podía, y ella flagelada por las sombras, angustiadísima, caminaba a la orilla de los caminos, llevándome en sus brazos, calentándome las rodillas con el pecho, estrechando todo mi cuerpecito contra su cuerpo mezquino, y pedía a las gentes para mí, y mientras me daba el pecho, un calor de sollozo le secaba la boca, y de su boca hambrienta se quitaba el pan para mi boca, y de sus noches el sueño para atender a mis quejas, y con los ojos resplandecientes, con su cuerpo vestido de míseras ropas, tan pequeña y tan triste, se abría como un velo para cobijar mi sueño.

¡Pobre mamá! Y hubiera querido abrazarla, hacerle inclinar la emblanquecida cabeza en mi pecho, pedirle perdón de mis palabras duras, y de pronto, en el prolongado silencio que guardábamos, le dije con voz vibrante:

—Sí, voy a trabajar, mamá.

Quedamente:

—Está bien, hijo, está bien... —y otra vez la pena honda nos selló los labios.

Afuera, sobre la sonrosada cresta de un muro, resplandecía en lo celeste un fúlgido tetragrama de plata.

Don Gaetano tenía su librería, o mejor dicho, su casa de compra y venta de libros usados, en la calle Lavalle al 800, un salón inmenso, atestado hasta el techo de volúmenes.

El local era más largo y tenebroso que el antro de Trofonio.

Donde se miraba había libros: libros en mesas formadas por tablas encima de caballetes, libros en los mostradores, en los rincones, bajo las mesas y en el sótano.

Anchurosa portada mostraba a los transeúntes el contenido de la caverna, y en los muros de la calle colgaban volúmenes de historias para imaginaciones vulgares, la novela de Genoveva de Brabante y Las aventuras de Musolino. Enfrente, como en un colmenar, la gente rebullía por el atrio de un cinematógrafo, con su campanilla repiqueteando incesantemente.

Al mostrador, junto a la puerta, atendía la esposa de don Gaetano, una mujer gorda y blanca, de cabello castaño y ojos admirables por su expresión de crueldad verde.

—¿No está don Gaetano?

La mujer me señaló un grandulón que en mangas de camisa miraba desde la puerta el ir y venir de las gentes. Anudaba una corbata negra al cuello desnudo, y el pelo ensortijado sobre la frente tumultuosa dejaba ver entre sus anillos la punta de las orejas. Era un bello tipo, con su reciedumbre y piel morena, mas, bajo las pestañas hirsutas, los ojos grandes y de aguas convulsas, causaban desconfianza.

El hombre cogió la carta donde me recomendaban, la leyó; después, entregándola a su esposa, quedóse examinándome.

Gran arruga le hendía la frente, y por su actitud acechante y placentera adivinábase al hombre de natural desconfiado y trapacero a la par que meloso, de azucarada bondad fingida y de falsa indulgencia en sus gruesas carcajadas.

—¿Así que vos antes trabajaste en una librería?

—Sí, patrón.

—¿Y trabajaba mucho el otro?

—Bastante.

—Pero no tiene tanto libro como acá, ¿eh?

—Oh, claro, ni la décima parte.

Después a su esposa:

—¿Y Mosiú no vendrá más a trabajar? La mujer con tono áspero:

—Así son todos estos piojosos. Cuando se matan el hambre y aprenden a trabajar se van.

Dijo, y apoyó el mentón en la palma de la mano, mostrando entre la manga de la blusa verde un trozo de brazo desnudo. Sus ojos crueles se inmovilizaron en la calle transitadísima. Incesantemente repiqueteaba la campanilla del biógrafo, y un rayo de sol, adentrado entre dos altos muros, iluminaba la fachada oscura del edificio de Dardo Rocha.

—¿Cuánto querés ganar?

—Yo no sé... usted sabe...

—Bueno, mirá... Te voy a dar un peso y medio, y casa y comida, vas a estar mejor que un príncipe, eso sí —y el hombre inclinaba su greñuda cabeza—, aquí no hay horario... la hora de más trabajo es de ocho de la noche a once...

—¿Cómo, a las once de la noche?

—Y qué más quiere, un muchacho como vos estar hasta las once de la noche, mirando pasar lindas muchachas. Eso sí, a la mañana nos levantamos a las diez.

Recordando el concepto que don Gaetano le merecía al que me recomendara, dije:

—Está bien, pero como yo necesito la plata, usted todas las semanas me va a pagar.

—Qué, ¿tiene desconfianza?

—No, señora, pero como en mi casa necesitan y somos pobres... usted comprenderá...

La mujer volvió su mirada ultrajante a la calle.

—Bueno —prosiguió don Gaetano—, veníte mañana a las diez al departamento; vivimos en la calle Esmeralda —y anotando la dirección en un trozo de papel me la entregó.

La mujer no respondió a mi saludo. Inmóvil, la mejilla posando en la palma de la mano y el brazo desnudo apoyado en el lomo de los libros, fijos los ojos en el frente de la casa de Dardo Rocha, parecía el genio tenebroso de la caverna de los libros.

A las nueve de la mañana me detuve en la casa donde vivía el librero. Después de llamar, guareciéndome de la lluvia, me recogí en el zaguán.

Un viejo barbudo, envuelto el cuello en una bufanda verde y la gorra hundida hasta las orejas, salió a recibirme.

—¿Qué quiere?

—Yo soy el nuevo empleado.

—Suba.

Me lancé por el vano de la escalera, sucia en los peldaños. Cuando llegamos al pasillo, el hombre dijo:

—Espérese.

Tras los vidrios de la ventana que daba a la calle, frente a la balconada, veíase el achocolatado cartel de hierro de una tienda. La llovizna resbalaba lentamente por la convexidad barnizada. Allá lejos, una chimenea entre dos tanques arrojaba grandes lienzos de humo al espacio respunteado por agujas de agua.

Repetíanse los nerviosos golpes de campana de los tranvías, y entre el “trolley” y los cables vibraban chispas violetas; el cacareo de un gallo afónico venía no sé de dónde.

Súbita tristeza me sobrecogió al enfrentarme al abandono de aquella casa.

Los cristales de las puertas estaban sin cortinas, los postigos cerrados.

En un rincón del hall, en el piso cubierto de polvo, había olvidado un trozo de pan duro, y en la atmósfera flotaba olor a engrudo agrio: cierta hediondez de suciedad harto tiempo húmeda.

—Miguel —gritó con voz desapacible la mujer desde adentro.

—Va, señora.

—¿Está el café?

El viejo levantó los brazos al aire y cerrando los puños se dirigió a la cocina por un patio mojado.

—Miguel.

—Señora.

—¿Dónde están las camisas que trajo Eusebia?

—En el baúl chico, señora.

—Don Miguel —habló socarronamente el hombre.

—Diga, don Gaetano.

—¿Cómo le va, don Miguel?

El viejo movió la cabeza a diestra y siniestra, levantando desconsoladamente los ojos al cielo.

Era flaco, alto, carilargo, con barba de tres días en las flácidas mejillas y expresión lastimera de perro huido en los ojos legañosos.

—Don Miguel.

—Diga, don Gaetano.

—Andá a comprarme un Avanti. El viejo se marchaba.

—Miguel.

—Señora.

—Traéte medio kilo de azúcar a cuadritos, y que te la den bien pesada.

Una puerta se abrió, y salió don Gaetano prendiéndose la bragueta con las dos manos y suspendido del encrespado cabello, sobre la frente, un trozo de peine.

—¿Qué hora es?

—No sé.

Miró al patio.

—Puerco tiempo —murmuró, y después comenzó a peinarse.

Llegado don Miguel con el azúcar y los toscanos, don Gaetano dijo:

—Traéte la canasta, después te llevás el café al negocio —y encasquetándose un grasiento sombrero de fieltro tomó la canasta que le entregaba el viejo y dándomela, dijo:

—Vamos al mercado.

—¿Al mercado?

Tomó mi frase al vuelo.

—Un consejo, ché Silvio. A mí no me gusta decir dos veces las cosas. Además comprando en el mercado uno sabe lo que come.

Entristecido salí tras él con la canasta, una canasta impúdicamente enorme, que golpeándome las rodillas con su chillonería hacía más profunda, más grotesca la pena de ser pobre.

—¿Queda lejos el mercado?

—No, hombre, acá en Carlos Pellegrini —y observándome cariacontecido dijo:

—Parece que tenés vergüenza de llevar una canasta. Sin embargo el hombre honesto no tiene vergüenza de nada, siempre que sea trabajo.

Un dandy a quien rocé con la cesta me lanzó una mirada furiosa; un rubicundo portero uniformado desde temprano con magnífica librea y brandeburgos de oro, observóme irónico, y un granujilla que pasó, como quien lo hace inadvertidamente, dio un puntapié al trasero de la cesta, y la canasta de un rojo rábano, impúdicamente grande, me colmaba de ridículo.

¡Oh!, ironía, ¡y yo era el que había soñado en ser un bandido grande como Rocambole y un poeta genial como Baudelaire!

Pensaba:

—¿Y para vivir hay que sufrir esto...? todo esto... tener que pasar con una canasta al lado de espléndidas vidrieras...

Perdimos casi toda la mañana vagando por el Mercado del Plata.

¡Bella persona era don Gaetano!

Para comprar un repollo, o una tajada de zapallo o un manojo de lechuga, recorría los puestos disputando, en discusiones ruines, piezas de cinco centavos a los verduleros, con quienes se insultaba en un dialecto que yo no entendía.

¡Qué hombre! Tenía actitudes de campesino astuto, de gañán que hace el tonto y responde con una chuscada cuando comprende que no puede engañar.

Husmeando pichinchas metíase entre fregonas y sirvientas a curiosear cosas que no debían interesarle, hacía

de saludador arlequinesco, y acercándose a los mostradores estañados de los pescadores examinaba las agallas de merluzas y pejerreyes, comía langostinos, y sin comprar tan siquiera un marisco, pasaba al puesto de las mondongueras, de allí al de los vendedores de gallinas, y antes de mercar nada, oliscaba la vitualla y manoseábala desconfiadamente. Si los comerciantes se irritaban, él les gritaba que no quería ser engañado, que bien sabía que ellos eran unos ladrones, pero que se equivocaban si le tomaban por tonto porque era tan sencillo.

Su sencillez era chocarrería, su estulticia vivísima granujería.

Procedía así:

Seleccionaba con paciencia desesperante un repollo o una coliflor. Estaba conforme puesto que pedía precio, pero de pronto descubría otro que le parecía más sazonado o más grande y ello era el motivo de la disputa entre el verdulero y don Gaetano, ambos empeñados en robarse, en perjudicar al prójimo, aunque fuere en un solo centavo.

Su mala fe era estupenda. Jamás pagaba lo estipulado, sino lo que ofreciera antes de cerrar trato. Una vez que yo había guardado la vitualla en la cesta, don Gaetano se retiraba del mostrador, hundía los pulgares en el bolsillo del chaleco, sacaba y contaba, tornaba a recontar el dinero, y

despectivamente lo arrojaba encima del mostrador como si hiciera un servicio al mercader, alejándose a prisa después.

Si el comerciante le gritaba, él respondía:

—*Estate buono.*

Tenía el prurito del movimiento, era un goloso visual, entraba en éxtasis frente a la mercadería por el dinero que representaba.

Acercábase a los vendedores de cerdo a pedirles precio de embutidos, examinaba codicioso las sonrosadas cabezas de cerdo, hacía las girar despacio bajo la impasible mirada de los ventrudos comerciantes de delantal blanco, rascábase tras de la oreja, miraba con voluptuosidad los costillares enganchados a los hierros, las pilastras de tocino en lonjas, y como si resolviera un problema que le daba vueltas en el meollo, dirigíase a otro puesto, a pellizcar una luna de queso, o a contar cuántos espárragos tiene un mazo, a ensuciarse las manos entre alcachofas y nabos, y a comer pepitas de zapallo o a observar al trasluz los huevos y a deleitarse en los pilones de manteca húmeda, sólida, amarilla y aún oliendo a suero.

Aproximadamente a las dos de la tarde almorzamos. Don Miguel apoyando el plato en un cajón de kerosene, yo en el ángulo de una mesa ocupada de libros, la mujer gorda en la cocina y don Gaetano en el mostrador.

A las 11 de la noche abandonamos la caverna.

Don Miguel y la mujer gorda caminaban en el centro de la calle lustrosa, con la canasta donde golpeaban los trastos de hacer café; don Gaetano, sepultas las manos en los bolsillos, el sombrero en la coronilla y un mechón de cabellos caído sobre los ojos, y yo tras ellos, pensaba cuán larga había sido mi primera jornada.

Subimos y al llegar al pasillo don Gaetano me preguntó:

—¿Trajiste colchón, vos?

—Yo no. ¿Por qué?

—Aquí hay una camita, pero sin colchón.

—¿Y no hay nada con qué taparse?

Don Gaetano miró en redor, luego abrió la puerta del comedor; encima de la mesa había una carpeta verde, pesada y velluda.

Doña María ya entraba en el dormitorio cuando don Gaetano tomó la carpeta por un extremo y echándomela al hombro, malhumorado, dijo:

—Estate buono —y sin contestar a mis buenas noches, me cerró la puerta en las narices.

Quedé desconcertado ante el viejo, que testimonió su indignación con esta sorda blasfemia: “¡Ah! ¡Dío Fetente!”, luego echó a andar y le seguí.

El cuchitril donde habitaba el anciano famélico, a quien desde ese momento bauticé con el nombre de Dío Fetente, era un triángulo absurdo, empinado junto al techo, con un ventanuco redondo que daba a la calle Esmeralda y por el cual se veía la lámpara de arco voltaico que iluminaba la calzada. El vidrio del ojo de buey estaba roto, y por allí se colaban ráfagas de viento que hacían bailar la lengua amarilla de una candela sujeta en una palmatoria al muro.

Arrimada a la pared había una cama de tijera, dos palos en cruz con una lona clavada en los travesaños.

Dío Fetente salió a orinar a la terraza, luego sentóse en un cajón, se quitó la gorra y los botines, arreglóse prolijamente la bufanda en torno del cogote y preparado para afrontar el frío de la noche, prudentemente entró en el catre, cubriéndose hasta la barba con las mantas, unas bolsas de arpillera rellenas de trapos inservibles.

La mortecina claridad de la candela iluminaba el perfil de su rostro, de larga nariz rojiza, aplanada frente estriada de arrugas, y cráneo mondo, con vestigios de pelos grises encima de las orejas. Como el viento que entraba molestábale, Dío Fetente extendió el brazo, cogió la gorra y se la hundió sobre las orejas, luego sacó del bolsillo una colilla de toscano, la encendió, lanzó largas bocanadas de humo y uniendo las manos bajo la nuca, quedóse mirándose sombrío.

Yo comencé a examinar mi cama. Muchos debían de haber padecido en ella, tan deteriorada estaba. Habiendo la punta de los elásticos rasgado la malla, quedaban éstos en el aire como fantásticos tirabuzones, y las grampas de las agarraderas habían sido reemplazadas por ligaduras de alambre.

Sin embargo no me iba a estar la noche en éxtasis, y después de comprobar su estabilidad, imitando a Dío Fetente, me saqué los botines, que envueltos en un periódico me sirvieron de almohada, me envolví en la carpeta verde y dejándome caer en el fermentado lecho, resolví dormir.

Indiscutiblemente era cama de archipobre, un deshecho de judería, la yacija más taimada que he conocido.

Los resortes me hundían las espaldas; parecía que sus puntas querían horadarme la carne entre las costillas, la malla de acero rígida en una zona se hundía desconsideradamente en un punto, en tanto que en otro por maravillas de elasticidad elevaba promontorios, y a cada movimiento que hacía el lecho gañía, chirriaba con ruidos estupendos, a semejanza de un juego de engranajes sin aceite. Además, no encontraba postura cómoda, el rígido vello de la carpeta rascábame la garganta, el filo de los botines me entumecía la nuca, los espirales de los elásticos doblados me pellizcaban la carne. Entonces:

—¡Eh, diga, Dío Fetente!

Como una tortuga, el anciano sacó su pequeña cabeza al aire de entre el caparazón de arpilleras.

—Diga, don Silvio.

—¿Qué hacen que no tiran este camastro a la basura?

El venerable anciano, poniendo los ojos en blanco, me respondió con un suspiro profundo, tomando así a Dios de testigo de todas las iniquidades de los hombres.

—Diga, Dío Fetente, ¿no hay otra cama?... Aquí no se puede dormir...

—Esta casa es, el infierno, don Silvio... el infierno —y bajando la voz, temeroso de ser escuchado—:

—Esto es... la mujer... la comida... Ah, Dío Fetente, ¡qué casa ésta!

El viejo apagó la luz y yo pensé:

—Decididamente, voy de mal en peor.

Ahora escuchaba el ruido de la lluvia caer sobre el zinc de la boharda.

De pronto me conturbó un sollozo sofocado. Era el viejo que lloraba, que lloraba de pena y de hambre. Y ésa fue mi primera jornada.

Algunas veces en la noche, hay rostros de doncellas que hieren con espada de dulzura. Nos alejamos, y el alma nos queda entenebrecida y sola, como después de una fiesta.

Realizaciones excepcionales... se fueron y no sabemos más de ellas, y sin embargo nos acompañaron una noche teniendo la mirada fija en nuestros ojos inmóviles... y nosotros heridos con espadas de dulzura, pensamos cómo sería el amor de esas mujeres con esos semblantes que se adentraron en la carne. Congojosa sequedad del espíritu, peregrina voluptuosidad áspera y mandadora.

Pensamos como inclinarían la cabeza hacia nosotros para dejar en dirección al cielo sus labios entreabiertos, como dejarían desmayarse del deseo sin desmentir la belleza del semblante un momento ideal; pensamos cómo sus propias manos trizarían los lazos del corpiño...

Rostros... rostros de doncellas maduras para las desesperaciones del júbilo, rostros que súbitamente acrecientan en la entraña un desfallecimiento ardiente, rostros en los que el deseo no desmiente la idealidad de un momento. ¡Cómo vienen a ocupar nuestras noches!

Yo me he estado horas continuas persiguiendo con los ojos la forma de una doncella que durante el día me dejó en los huesos ansiedad de amor.

Despacio consideraba sus encantos avergonzados de ser tan adorables, su boca hecha tan sólo para los grandes besos; veía su cuerpo sumiso pegarse a la carne llamadora de su desengaño e insistiendo en la delicia de su abandono,

en la magnífica pequeñez de sus partes destrozables, la vista ocupada por el semblante, por el cuerpo joven para el tormento y para una maternidad, alargaba un brazo hacia mi pobre carne; hostigándola, la dejaba acercarse al deleite.

En aquel momento don Gaetano volvía de la calle y pasó hacia la cocina. Miróme ceñudo, mas no dijo nada, y yo me incliné sobre el tarro de engrudo al tiempo que arreglaba un libro, pensando: va a haber tormenta.

Ciertamente, con intervalos breves, el matrimonio reñía.

La mujer blanca, inmóvil, apoyada de codos en el mostrador, las manos arrebujadas en los repliegues de la pañoleta verde, seguía los pasos del marido con ojos crueles.

Don Miguel, en la cocinita, lavaba platos en un fuentón grasiento. Las puntas de su bufanda rozaban los bordes del tacho y un delantal de cuadros rojos y azules atado a la cintura con un piolín, le defendía de las salpicaduras de agua.

Sabiendo lo que advendría, en cuanto yo pasaba por allí, sin retirar los velludos brazos del fuentón, volvía la cabeza y levantando al plafón sus pupilas, movíala en lo blanco, como diciendo:

¡Qué casa ésta, Dío Fetente!

He de advertir que la cocina, lugar de nuestras expansiones, estaba enfrentada a una letrineja hedionda, y era un rincón de la caverna, tapiado a las espaldas de las estanterías.

Encima de una tabla sucia, apelmazados con sobras de verdura, había pequeños trozos de carne y patatas, con los que don Miguel confeccionaba la magra pitanza del medio día. Lo quitado a nuestra voracidad era servido a la noche, bajo la forma de un guiso estrambótico. Y era Dío Fetente el genio y mago de ese antro hediondo. Allí maldecíamos de nuestra suerte; allí don Gaetano se refugiaba a veces para meditar sombrío en las desazones que trae consigo el matrimonio.

El odio que fermentaba en el pecho de la mujer terminaba por estallar.

Bastaba un movimiento insignificante, una nimiedad cualquiera. Súbitamente la mujer envarada de un furor sombrío abandonaba el mostrador, y arrastrando las chancletas por el mosaico, las manos arrebuajadas en su pañoleta, los labios apretados y los párpados inmóviles, buscaba al marido.

Recuerdo la escena de ese día:

Como de costumbre, esa mañana don Gaetano fingió no verla, aunque se encontraba a tres pasos de él. Yo vi que el hombre inclinó la cabeza hacia cierto libro simulando leer el título.

Detenida, la mujer blanca permanecía inmóvil. Sólo sus labios temblaban como tiemblan las hojas.

Después dijo con una voz que hacía grave cierta monotonía terrible.

—Yo era linda. ¿Qué has hecho de mi vida?

Sobre su frente temblaron los cabellos como si pasara el viento. Un sobresalto sacudió el cuerpo de don Gaetano.

Con desesperación que le hinchaba la garganta, ella le arrojó estas palabras pesadas, salitrosas:

—Yo te levanté... ¿Quién era tu madre...? sino una “bagazza” que andaba con todos los hombres. ¿Qué has hecho de mi vida vos...?

—¡María, cállate! —respondió con voz cavernosa don Gaetano.

—Sí, ¿quién te sacó el hambre y te vistió?... yo... “strunso”... yo te di de comer —y la mano de la mujer se levantó como si quisiera castigar la mejilla del hombre.

Don Gaetano retrocedió tembloroso.

Ella dijo con amargura en que temblaba un sollozo, un sollozo pesado de salitre:

—¿Qué has hecho de mi vida... puerco? Estaba en mi casa como clavel en la maceta, y no tenía necesidad de casarme con vos, “strunso”...

Los labios de la mujer se torcieron convulsivamente, como si masticara un odio pegajoso, terrible.

Yo salí para echar a los curiosos del dintel del comercio.

—Dejálos, Silvio —me gritó imperativa—, que oigan quién es este sinvergüenza —y redondos los ojos verdes, dando la sensación de que su rostro se aproximaba, como en el fondo de una pantalla, prosiguió más pálida:

—Si yo fuera diferente, si anduviera por ahí vagando, viviría mejor... estaría lejos de un marrano como vos.

Callóse y reposó.

Ahora don Gaetano atendía a un señor de sobretodo, con grandes lentes de oro, cabalgando en la fina nariz enrojecida por el frío.

Exaltada por su indiferencia, pues el hombre debía de estar habituado a esas escenas y prefería ser insultado a perder sus beneficios, la mujer vociferó:

—No le haga caso, señor, ¿no ve que es un napolitano ladrón? El señor anciano volvióse asombrado a mirar a la furia, y ella:

—Le pide veinte pesos por un libro que costó cuatro —y como don Gaetano no volvía las espaldas, gritó, hasta que el rostro se le congestionó:

—¡Sí, sos un ladrón, un ladrón! —y le escupió su despecho, su asco.

El señor anciano dijo, calándose los lentes:

—Volveré otro día —y salió indignado.

Entonces doña María tomó un libro y bruscamente lo arrojó a la cabeza de don Gaetano, después otro y otro.

Don Gaetano pareció ahogarse de furor. De pronto arrancóse el cuello, la corbata negra y arrojóla al rostro de su mujer; luego se detuvo un momento como si hubiera recibido un golpe en las sienes y después echó a correr, salió hasta la calle, los ojos saltándole de las órbitas, y parándose en medio de la vereda, moviendo la rapada cabeza desnuda, señalándola como un loco a los transeúntes, los brazos extendidos, le gritó con voz desnaturalizada por el coraje:

—¡Bestia... bestia... bestión...!

Satisfecha, ella se allegó a mí:

—¿Has visto cómo es? No vale... ¡canalla! Te aseguro que a veces me dan ganas de dejarlo —y tornando al mostrador se cruzó de brazos, permaneciendo abstraída, la cruel mirada fija en la calle.

De pronto:

—Silvio.

—Señora.

—¿Cuántos días te debe?

—Tres, contando hoy, señora.

—Tomá —y alcanzándome el dinero agregó—:

—No le tengas fe, porque es un estafador... estafó a una Compañía de Seguros; si yo quisiera, estaría en la cárcel.

Me dirigí a la cocina.

—¿Qué te parece esto, Miguel...?

—El infierno, don Silvio. ¡Qué vida! ¡Dío Fetente!

Y el viejo, amenazando la altura con el puño, exhaló un largo suspiro, después inclinó la cabeza sobre el fuentón y siguió mondando patatas.

—¿Pero a qué vienen esos burdeles?

—Yo no sé... no tienen hijos... él no sirve...

—Miguel.

—Diga, señora.

La voz estridente ordenó:

—No hagas comida; hoy no se come. A quien no le guste, que se mande a mudar.

Fue el golpe de gracia. Algunas lágrimas corrieron por el ruinoso semblante del viejo famélico. Pasaron unos instantes.

—Silvio.

—Señora.

—Tomá, son cincuenta centavos. Te vas a comer por ahí. —y arropándose los brazos en los repliegues de la pañoleta verde, recobró su fiera posición habitual. En las mejillas lívidas dos lágrimas blancas resbalaban lentamente hacia la comisura de su boca.

Conmovido, murmuré:

—Señora...

Ella me miró, y sin mover el rostro, sonriendo con una sonrisa convulsiva por lo extraña, dijo:

—Andá, y te volvés a las cinco.

Aprovechando la tarde libre resolví ir a verlo al señor Vicente Timoteo Souza, a quien había sido recomendado por un conocido, que se dedicaba a las ciencias ocultas y demás artes teosóficas.

Presioné el llamador del timbre y permanecí mirando la escalera de mármol, cuya alfombra roja retenida por caños de bronce mojaba el sol a través de los cristales de la pesada puerta de hierro.

Reposadamente descendió el portero, trajeado de negro.

—¿Qué quiere?

—¿El señor Souza está?

—¿Quién es usted?

—Astier.

—As...

—Sí, Astier. Silvio Astier.

—Aguarde, voy a ver —y después de examinarme de pies a cabeza desapareció tras la puerta del recibimiento, cubierta de luengas cortinas blanco-amarillas.

Esperaba afanado, con angustia, sabedor que una resolución de aquel gran señor llamado Vicente Timoteo Souza podía cambiar el destino de mi mocedad infortunada.

Nuevamente la pesada puerta se entreabrió y, solemne, me comunicó el portero.

—El señor Souza dice que se allegue dentro de media hora.

—Gracias... gracias... hasta luego —y me retiré pálido.

Entré en una lechería próxima a la casa y, sentándome junto a una mesa, pedí al mozo un café.

“Indudablemente —pensé—, si el señor Souza me recibe es para darme el empleo prometido.”

“No —continué— no tenía razón en pensar mal de Souza... vaya a saber todas las ocupaciones que tenía para no recibirme...”

¡Ah, el señor Vicente Timoteo Souza!

Fui presentado a él una mañana de invierno por el teósofo Demetrio, que trataba de remediar mi situación.

Sentados en el hall, alrededor de una mesa tallada, de ondulantes contornos, el señor Souza, brillantes las descañonadas mejillas y las vivaces pupilas tras de los espejuelos de

sus quevedos, conversaba. Recuerdo que vestía un velludo “deshabillé” con alamares de madreperla y botamangas de nutria, especializando su cromó del “rastaquer”, que por distraerse puede permitirse la libertad de conversar con un pobre diablo.

Hablábamos, y refiriéndose a mi posible psicología, decía:

—Remolinos de cabello, carácter indócil... cráneo aplastado en el occipucio, temperamento razonador... pulso trémulo, índole romántica...

El señor Souza, volviéndose al teósofo impasible, dijo:

—A este negro lo voy a hacer estudiar para médico.

¿Qué le parece, Demetrio?

El teósofo, sin inmutarse.

—Está bien... aunque todo hombre puede ser útil a la humanidad, por más insignificante que sea su posición social.

—Je, je; usted siempre filósofo —y el señor Souza volviéndose a mí, dijo:

—A ver... amigo Astier, escriba lo que se le ocurra en este momento.

Vacilé; después anoté con un precioso lapicero de oro que deferente el hombre me entregó:

“La cal hierve cuando la mojan.”

—¿Medio anarquista, eh? Cuide su cerebro, amiguito... cuídelo, que entre los 20 y 22 años va a sufrir un “surmenage”.

Como ignoraba, pregunté:

—¿Qué quiere decir “surmenage”?

—Es un ataque de locura pasajera.

Palidecí. Aun ahora cuando le recuerdo, me avergüenzo.

—Es un decir —reparó—. Todos nuestros sentimientos es conveniente que sean dominados, y prosiguió:

—El amigo Demetrio me ha dicho que ha inventado usted no sé qué cosas.

Por los cristales de la mampara penetraba gran claridad solar, y un súbito recuerdo de miseria me entristeció de tal forma que vacilé en responderle, pero con voz amarga lo hice.

—Sí, algunas cositas... un proyectil señalero, un contador automático de estrellas...

—Teoría... sueños... —me interrumpió restregándose las manos—. Yo lo conozco a Ricaldoni, y con todos sus inventos no ha pasado de ser un simple profesor de física. El que quiere enriquecerse tiene que inventar cosas prácticas, sencillas.

Me sentí laminado de angustia. Continuó:

—El que patentó el juego del diábolo, ¿sabe usted quién fue?... Un estudiante suizo, aburrido de invierno en su cuarto. Ganó una barbaridad de pesos, igual que ese otro norteamericano que inventó el lápiz con gomita en un extremo.

Calló, y sacando una petaca de oro con un florón de rubíes en el dorso, nos invitó con cigarrillos de tabaco rubio.

El teósofo rehusó inclinando la cabeza, yo acepté. El señor Souza continuó:

—Hablando de otras cosas. Según me comunicó el amigo aquí presente, usted necesita un empleo.

—Sí señor, un empleo donde pueda progresar, porque donde estoy...

—Sí... sí... ya sé, la casa de un napolitano... ya sé... un sujeto. Muy bien, muy bien... creo que no habrá inconvenientes. Escríbame una carta detallándome todas las particularidades de su carácter, francamente y no dude de que lo puedo ayudar. Cuando yo prometo, cumplo.

Levantóse del sillón con negligencia.

—Amigo Demetrio... mayor gusto... venga a verme pronto, que quiero enseñarle unos cuadros. Joven Astier, espero su carta —y sonriendo, agregó:

—Cuidadito con engañarme.

Una vez en la calle, dije estusiasmado al teósofo:

—Qué bueno es el señor Souza... y todo por usted... muchas gracias.

—Vamos a ver... vamos a ver.

Dejé de evocar, para preguntar qué hora era al mozo de la lechería.

—Dos menos diez.

—¿Qué habrá resuelto el señor Souza?

En el intervalo de dos meses había escrito frecuentemente encareciéndole mi precaria situación, y después de largos silencios, de breves esquelas que no firmaba y escritas a máquina, el hombre dineroso se dignaba recibirme.

—Sí, ha de ser dándome un empleo, quizá en la administración municipal o en el gobierno. Si fuera cierto, ¡qué sorpresa para mamá! —y al recordarla, en esa lechería con enjambres de moscas volando en torno de pirámides de alfajores y pan de leche, ternura súbita me humedeció los ojos.

Arrojé el cigarrillo y pagando lo consumido me dirigí a la casa de Souza.

Con violencia latían mis venas cuando llamé.

Retiré inmediatamente el dedo del botón del timbre, pensando:

—No vaya a suponer que estoy impaciente porque me reciba y esto le disguste.

¡Cuánta timidez hubo en el circunspecto llamado! Parecía que el apretar el botón del timbre, quería decir:

—Perdóneme si le molesto, señor Souza... pero tengo necesidad de un empleo...

La puerta se abrió.

—El señor... —balbucí.

—Pase.

De puntillas subí la escalera tras el fámulo. Aunque las calles estaban secas, en el quitabarros del dintel había frotado la suela de mis botines para no ensuciar nada allí.

En el vestíbulo nos detuvimos. Estaba oscuro.

El criado junto a la mesa ordenó los tallos de unas flores en su búcaro de cristal.

Se abrió una puerta, y el señor Souza compareció en traje de calle, centelleante la mirada tras los espejuelos de sus quevedos.

—¿Quién es usted? —me gritó en dureza. Desconcertado, repliqué:

—Pero señor, yo soy Astier...

—No lo conozco, señor; no me moleste más con sus cartas impertinentes. Juan, acompáñelo al señor.

Después, volviéndose, cerró fuertemente la puerta tras mis espaldas.

Y otra vez más triste, bajo el sol, emprendí el camino hacia la caverna.

Una tarde, después que se insultaron hasta enronquecer, la mujer de don Gaetano, comprendiendo que éste no abandonaría el comercio como otras veces, resolvió marcharse.

Salió hasta la calle Esmeralda y volvió al departamento con un lío blanco. Después, para perjudicar al marido que tarareaba insultante un “couplet” a la puerta de la caverna, se dirigió a la cocina y nos llamó a Dío Fetente y a mí. Me ordenó, pálida de rabia:

—Sacá esa mesa, Silvio. —Tenía los ojos más verdes que nunca y dos manchas de carmín en las mejillas. Sin cuidarse de que el borde de su pollera se ensuciaba en la humedad del cuchitril, inclinábase aderezando los enseres que se llevaría.

Yo, tratando de no mancharme de grasa, retiré la mesa, una tabla pringosa con cuatro patas podridas. Allí preparaba sus bodrios el lacerado Dío Fetente.

Dijo la mujer:

—Poné las patas para arriba.

Comprendí su pensamiento. Quería convertir el trasto en una angarilla.

No me equivoqué:

Dío Fetente barrió con la escoba muchas telas de araña del fondo de la mesa. Y después de cubrirla con un repasador, la mujer depositó en las tablas un bulto blanco, las ollas rellenas de platos, cuchillos y tenedores, ató con un piolín

el calentador Primus a una pata de la mesa y congestionada de trajinar, dijo viendo casi todo terminado:

—Que se vaya a comer a la fonda ese perro.

Acabando de arreglar los paquetes, Dío Fetente, inclinado sobre la mesa, parecía un cuadrumano con gorra, y yo, con los brazos en jarras, cavilaba pensando dónde don Gaetano nos proporcionaría nuestra magra pitanza.

—Vos agarrá adelante.

Dío Fetente, resignado, cogió el borde del tablero y yo también.

—Caminá despacio —gritó la mujer, cruel.

Tumbando una pila de libros pasamos frente a don Gaetano.

—Ándate, puerca... ándate —vociferó él.

Ella rechinó los dientes con furor.

—¡Ladrón!... Mañana va a venir el juez —y entre dos gestos de amenaza nos alejamos.

Eran las siete de la tarde y la calle Lavalle estaba en su más babilónico esplendor. Los cafés a través de las vidrieras veíanse abarrotados de consumidores; en los atrios de los teatros y cinematógrafos aguardaban desocupados elegantes, y los escaparates de las casas de modas con sus piernas calzadas de finas medias y suspendidas de brazos niquelados, las vidrieras de las ortopedias y joyerías mostraban en su

opulencia, la astucia de todos esos comerciantes halagando con artículos de malicia, la voluptuosidad de las gentes poderosas en dinero.

Los transeúntes se desarrimaban a nuestro paso, no fuera los mancháramos con la mugre que llevábamos.

Avergonzado, pensaba en la traza de pícaro que tendría; y para colmo de infortunio como pregonando su ignominia los cubiertos y platos tintineaban escandalosamente. La gente se detenía a mirarnos pasar, regocijada con el espectáculo. Yo no detenía los ojos en nadie, tan humillado me sentía, y soportaba, como la mujer gorda y cruel que rompía la marcha, las cuchufletas que nuestra aparición provocaba.

Varios fiacres nos escoltaban ofreciéndonos los cocheros sus servicios, pero doña María, sorda a todos, caminaba adelante de la mesa, cuyas patas se iluminaban al pasar frente a las vidrieras. Por fin los cocheros desistieron de su persecución.

A momentos Dío Fetente volvía a mí su rostro barbudo sobre la bufanda verde. Gruesas gotas de sudor corríanle por las mejillas sucias, y en sus ojos lastimeros brillaba una perfecta desesperación canina.

En la plaza Lavallo descansamos. Doña María hizo depositar la angarilla en el suelo, y examinando escrupulosamente su carga, revisó el hatillo y acomodó las ollas, cuyas tapas reaseguró con las cuatro puntas del repasador.

Lustradores de botas y vendedores de diarios habían hecho un círculo en torno nuestro. La prudente presencia de un agente de policía nos evitó posibles complicaciones y nuevamente emprendimos camino. Doña María iba a la casa de una hermana que vivía en las calles Callao y Viamonte.

A instantes volvía su rostro pálido, me miraba, una sonrisa leve le rizaba el labio descolorido y decía:

—¿Estás cansado, Silvio? —y su sonrisa aligerábame de vergüenza; era casi una caricia que aliviaba el corazón del espectáculo de su crueldad.

—¿Estás cansado, Silvio?

—No, señora —y ella, tornando a sonreír con una sonrisa extraña que me recordaba la de Enrique Irzubeta cuando se escurrió entre los agentes de policía, animosamente avanzaba camino.

Ahora íbamos por calles solitarias, discretamente iluminadas, con plátanos vigorosos al borde de las aceras, elevados edificios de fachadas hermosas y vitrales cubiertos de amplios cortinados.

Pasamos junto a un balcón iluminado.

Un adolescente y una niña conversaban en la penumbra; de la sala anaranjada partía la melodía de un piano.

Todo el corazón se me empequeñeció de envidia y de congoja.

Pensé.

Pensé en que yo nunca sería como ellos... nunca viviría en una casa hermosa y tendría una novia de la aristocracia.

Todo el corazón se me empequeñeció de envidia y congoja.

—Ya estamos cerca —dijo la mujer.

Un amplio suspiro dilató nuestros pechos.

Quando don Gaetano nos vio entrar a la caverna, levantando los brazos al cielo, gritó alegremente:

—¡A comer al hotel, muchachos!... ¿Eh, te gusta don Miguel? después vamos por ahí. Cerrá, cerrá la puerta, “strunssó”.

Una sonrisa maravillosamente infantil demudó la sucia cara de Dío Fetente.

Algunas veces en la noche. —Yo pensaba en la belleza con que los poetas estremecieron al mundo, y todo el corazón se me anegaba de pena como una boca con un grito.

Pensaba en las fiestas a que ellos asistieron, las fiestas de la ciudad, las fiestas en los parajes arbolados con antorchas de sol en los jardines florecidos, y de entre las manos se caía mi pobreza.

Ya no tengo ni encuentro palabras con qué pedir misericordia. Baldía y fea como una rodilla desnuda es mi alma.

Busco un poema que no encuentro, el poema de un cuerpo a quien la desesperación pobló súbitamente en su carne, de mil bocas grandiosas, de dos mil labios gritadores.

A mis oídos llegan voces distantes, resplandores piro-técnicos, pero yo estoy aquí solo, agarrado por mi tierra de miseria como con nueve pernos.

Tercer piso, departamento 4, Charcas 1600. Tal era la dirección donde debía entregar el paquete de libros.

Extrañas y singulares son esas lujosas casas de departamentos.

Por fuera, con sus armoniosas líneas de metopas que realzan la suntuosidad de las cornisas complicadas y soberbias y con sus ventanales anchurosos protegidos de cristales ondulados, hacen soñar a los pobres diablos en verosímiles refinamientos de lujo y poderío; mas por dentro la oscuridad polar de sus zaguanes profundos y solitarios espanta el espíritu del amator de los grandes cielos adornados de Walhallas de nubes.

Me detuve junto al portero, un atlético sujeto que metido en su librea azul leía con aire de suficiencia un periódico.

Como un cancerbero me examinó de pies a cabeza; después, satisfecho de comprobar hipotéticamente que yo

no era un ladronzuelo, con una indulgencia que únicamente podía nacerle de la soberbia gorra azul con trancollín de oro sobre la visera, me dio permiso para entrar, dándome por toda indicación:

—El ascensor de la izquierda.

Cuando salí de la jaula de hierro me encontré en un corredor oscuro, de cielo raso bajo.

Una lámpara esmerilada difundía su claridad mortecina por el mosaico lustroso.

La puerta del departamento indicado era de una sola hoja, sin cristales, y parecía por su pequeña y redonda cerradura de bronce la puerta de una monumental caja de acero.

Llamé, y una criada de sayas negras y delantal blanco me hizo entrar a una salita tapizada de papel azul, surcada de lívidos floripones de oro.

A través de los cristales cubiertos de gasa moiré, penetraba una azulada claridad de hospital. Piano, niñerías, bronces, floreros, todo lo miraba. De pronto un delicadísimo perfume anunció su presencia; una puerta lateral se abrió y me encontré ante una mujer de rostro aniñado, liviana melenita encrespada junta a las mejillas y amplio escote. Un velludo batón color cereza no alcanzaba a cubrir sus pequeñas chinelas blanco y oro.

—¿Qu' y a t-il, Fanny?

—*Quelques livres pour Monsieur...*

—¿Hay que pagarlos?

—Están pagos.

—*Qui...*

—*C'est bien. Donne le pourboire au garçon.*

De una bandeja la criada cogió algunas monedas para entregármelas, y entonces le respondí:

—Yo no recibo propinas de nadie.

Con dureza la criada retrajo la mano, y entendió mi gesto la cortesana, creo que sí, porque dijo:

—*Très bien, très bien, et tu ne reçois pas ceci?*

Y antes de que lo evitara, o mejor dicho, que lo acogiera en toda su plenitud, la mujer riendo me besó en la boca, y la vi aún cuando desaparecía riendo como una chiquilla por la puerta entornada.

Dío Fetente se ha despertado y comienza a vestirse, es decir, a ponerse los botines. Sentado al borde del camastro, sucio y barbudo, mira en redor con aire aburrido. Alarga el brazo y coge la gorra, entrándosela en la cabeza hasta las orejas; luego se mira los pies, los pies encalcetados de groseras medias rojas, y después, hundiendo el dedo

meñique en la oreja, lo sacude rápidamente produciendo un ruido desagradable. Termina por decidirse y se pone los botines; luego, encorvado, camina hacia la puerta del cuartujo, se vuelve, mira por el suelo, y hallando una colilla de cigarro la levanta, sopla el polvo adherido y la enciende. Luego sale.

En los mosaicos de la terraza escucho cómo arrastra los pies. Yo me dejo estar. Pienso, no, no pienso, mejor dicho, recibo de mi adentro una nostalgia dulce, un sufrimiento más dulce que una incertidumbre de amor. Y recuerdo a la mujer que me ha dado un beso de propina.

Estoy colmado de imprecisos deseos, de una vaguedad que es como neblina, y adentrándose en todo mi ser, lo torna casi aéreo, impersonal y alado. Por momentos el recuerdo de su fragancia, de la blancura de su pecho me atraviesa unánime, y sé que si me encontrara otra vez junto a ella desfallecería de amor; pienso que no me importaría pensar que ha sido poseída por muchos hombres y que si me encontrara otra vez junto a ella, en esa misma sala azul, yo me arrodillaría en la alfombra y pondría la cabeza sobre su regazo, y por el júbilo de poseerla y amarla haría las cosas más ignominiosas y las cosas más dulces.

Y a medida que se destrenza mi deseo, reconstruyo los vestidos con que la cortesana se embellecerá, los sombreros

armoniosos con que se cubrirá para ser más seductora, y la imagino junto a su lecho, en una semidesnudez más terrible que el desnudo.

Y aunque el deseo de mujer me surge lentamente, yo desdoble los actos y preveo qué felicidad sería para mí un amor de esa índole, con riquezas y con gloria; imagino qué sensaciones cundirían en mi organismo si de un día para otro, riquísimo, despertara en ese dormitorio con mi joven querida calzándose semidesnuda junto al lecho, como lo he visto en los cromos de los libros viciosos.

Y de pronto, todo mi cuerpo, mi pobre cuerpo de hombre clama al señor de los Cielos.

—¡Y yo, yo, Señor, no tendré nunca una querida tan linda como esa querida que lucen los cromos de los libros viciosos!

Una sensación de asco empezó a “encorajinar” mi vida dentro de aquel antro, rodeado de esa gente que no vomitaba más que palabras de ganancia o ferocidad. Me contagiaron el odio que a ellos les crispaba las jetas y momentos hubo en que percibí dentro de la caja de mi cráneo, una neblina roja que se movía con lentitud.

Cierto cansancio terrible me aplastaba los brazos. Veces hubo en que quise dormir dos días con sus dos noches. Tenía la sensación de que mi espíritu se estaba ensuciando, de que la lepra de esa gente me agrietaba la piel del espíritu, para excavar allí sus cavernas oscuras. Acostábame rabioso, despertaba taciturno. La desesperación me ensanchaba las venas, y sentía entre mis huesos y mi piel el crecimiento de una fuerza antes desconocida a mis sensorios. Así permanecía horas enconado, en una abstracción dolorosa. Una noche doña María encolerizada me ordenó que limpiara la letrina porque estaba asquerosa. Y obedecí sin decir palabra. Creo que yo buscaba motivos para multiplicar en mi interior una finalidad oscura.

Otra noche, don Gaetano, riéndose, al querer yo salir, me puso una mano sobre el estómago y otra sobre el pecho para cerciorarse de que no le robaba libros, llevándolos ocultos en esos lugares. No pude indignarme ni sonreír. Era necesario eso, sí, eso; era necesario que mi vida, la vida que durante nueve meses había nutrido con pena un vientre de mujer, sufriera todos los ultrajes, todas las humillaciones, todas las angustias.

Allí comencé a quedarme sordo. Durante algunos meses perdí la percepción de los sonidos. Un silencio

afilado, porque el silencio puede adquirir hasta la forma de una cuchilla, cortaba las voces en mis orejas.

No pensaba. Mi entendimiento se embotó en un rencor cóncavo, cuya concavidad día a día hacía más amplia y acorazada. Así se iba retobando mi rencor.

Me dieron una campana, un cencerro. Y era divertido ¡vive Dios!, mirar un pelafustán de mi estatura dedicado a tan bajo menester. Me estacionaba a la puerta de la caverna en las horas de mayor tráfico en la calle, y sacudía el cencerro para llamar a la gente, para hacer volver la cabeza a la gente, para que la gente supiera que allí se vendían libros, hermosos libros... y que las nobles historias y las altas bellezas había que mercarlas con el hombre solapado o con una mujer gorda y pálida. Y yo sacudía el cencerro.

Muchos ojos me desnudaron lentamente. Vi rostros de mujeres que ya no olvidaré jamás. Vi sonrisas que aún me gritan su befa en los ojos...

¡Ah!, cierto es que estaba cansado... ¿mas no está escrito?: “ganarás el pan con el sudor de tu frente”

Y fregué el piso, pidiendo permiso a deliciosas doncellas para poder pasar el trapo en el lugar que ellas ocupaban con sus piecitos, y fui a la compra con una cesta enorme; hice recados... Posiblemente, si me hubiera

escupido a la cara, me limpiara tranquilo con el revés de la mano.

Cayó sobre mí una oscuridad cuyo tejido se espesaba lentamente. Perdí en la memoria los contornos de los rostros que yo había amado con recogimiento lloroso; tuve la noción de que mis días estaban distanciados entre sí por largos espacios de tiempo... y mis ojos se secaron para el llanto.

Entonces repetí palabras que antes habían tenido un sentido pálido en mi experiencia.

—Sufrirás —me decía—, sufrirás... sufrirás... sufrirás...

—Sufrirás... sufrirás...

—Sufrirás... —y la palabra se me caía de los labios. Así maduré todo el invierno infernal.

Una noche, fue en el mes de julio, precisamente en el momento en que don Gaetano cerraba la puertecilla de la cortina metálica, doña María recordó que se había olvidado en la cocina un atado de ropa que trajera esa tarde la lavandera. Entonces dijo:

—Ché, Silvio, vení, vamos a traerla.

Mientras don Gaetano encendía la luz, la acompañé. Recuerdo con exactitud.

El bulto estaba en el centro de la cocina, sobre una silla. Doña María, dándome las espaldas, cogió la oreja de trapo del bulto. Yo, al volver los ojos, vi unos carbones encendidos en el brasero. Y en aquel brevísimo intervalo pensé:

—Eso es... —y sin vacilar, cogiendo una brasa, la arrojé a un montón de papeles que estaba a la orilla de una estantería cargada de libros, mientras doña María se ponía a caminar.

Después don Gaetano hizo girar la llave del conmutador, y nos encontramos en la calle.

Doña María miró el cielo constelado.

—Linda noche... va a helar... —Yo también miré a lo alto.

—Sí, es linda la noche.

Mientras Dío Fetente dormía, yo, incorporado en mi yacija, miraba el círculo blanco de luz que por el ojo de buey se estampaba en el muro desde la calle...

En la oscuridad yo sonreía libertado... libre... definitivamente libre, por la conciencia de hombría que me daba mi acto anterior. Pensaba, mejor dicho, no pensaba, anudaba delicias.

—Ésta es la hora de las “cocottes”.

Una cordialidad fresca como un vaso de vino, hacía-me fraternizar en todas las cosas del mundo, a esas horas despiertas. Decía:

—Ésta es la hora de las muchachitas... y de los poetas... pero qué ridículo soy... y sin embargo, yo te besaría los pies, Vida, si yo te besaría los pies.

—Vida, Vida, qué linda que sos, Vida... ¡ah!, ¿Pero vos no sabés?, yo soy el muchacho... el dependiente... sí, de don Gaetano... y sin embargo yo amo todas las cosas más hermosas de la Tierra... quisiera ser lindo y genial... vestir uniformes resplandecientes... y ser taciturno... Vida, qué linda que sos. Vida... qué linda... Dios mío, qué linda que sos.

Encontraba placer en sonreír despacio. Pasé dos dedos en horqueta por las crispaciones de mis mejillas. Y el graznido de las bocinas de los automóviles se estiraba allá abajo, en la calle Esmeralda, como un ronco pregón de alegrías.

Después incliné la cabeza sobre mi hombro, y cerré los ojos, pensando:

—¿Qué pintor hará el cuadro del dependiente dormido, que en sueños sonrío porque ha incendiado la ladronera de su amo?

Después, lentamente, se disipó la liviana embriaguez. Vino una seriedad sin ton ni son, una de esas seriedades que es de buen gusto ostentarla en los parajes poblados. Y yo sentía

ganas de reírme de mi seriedad intempestiva, paternal. Pero como la seriedad es hipócrita, necesita hacer la comedia de la “conciencia” en el cuartujo, y me dije:

—Acusado... usted es un canalla... un incendiario... usted tiene bagaje de remordimiento para toda la vida. Usted va a ser interrogado por la policía y los jueces y el diablo... póngase serio, acusado... usted no comprende que es necesario ser serio... porque va a ir a dar de cabeza a un calabozo.

Pero mi seriedad no me convencía. Sonaba tan a tacho de lata vacía. No, ni en serio podía tomar esa mistificación. Yo ahora era un hombre libre, y ¿qué tiene que ver la seriedad con la libertad? Yo ahora era libre, podía hacer lo que se me antojara... matarme si quería... pero eso era algo ridículo... y yo... yo tenía necesidad de hacer algo hermosamente serio, bellamente serio: adorar a la Vida. Y repetí:

—Sí, Vida... vos sos linda, Vida... ¿sabés? de aquí en adelante adoraré a todas las cosas hermosas de la Tierra... cierto... adoraré a los árboles, y a las casas y a los cielos... adoraré todo lo que está en vos... además... decime, Vida, ¿no es cierto que yo soy un muchacho inteligente?, ¿conociste vos alguno que fuera como yo?

Después me quedé dormido.

El primero en entrar a la librería esa mañana fue don Gaetano. Yo le seguí. Todo estaba como lo habíamos dejado. La atmósfera con un relente de moho, y allá en el fondo, en el lomo de cuero de los libros, una mancha de sol que se filtraba por el tragaluz.

Me dirigí a la cocina. La brasa se había extinguido, aún húmeda de agua, con la que hiciera un charco al lavar los platos Dío Fetente.

Y fue el último día que trabajé allí.

CAPÍTULO III: EL JUGUETE RABIOSO

Después de lavar los platos, de cerrar las puertas y abrir los postigos, me recosté en el lecho, porque hacía frío.

Sobre la tapia, el sol enrojecía oblicuamente los ladrillos.

Mi madre cosía en otra habitación y mi hermana preparaba sus lecciones. Me dispuse a leer. Sobre una silla, junto al respaldar del lecho, tenía las siguientes obras:

“Virgen y madre” de Luis de Val, “Electrotécnica” de Bahía y el Anticristo de Nietzsche. La “Virgen y madre”, cuatro volúmenes de 1.800 páginas cada uno, me lo había prestado una vecina planchadora.

Ya cómodamente acostado, observé con displicencia “Virgen y madre”. Evidentemente, hoy no me encontraba dispuesto a la lectura del novelón truculento y entonces decidido cogí la “Electrotécnica” y me puse a estudiar la teoría del campo magnético giratorio.

Leía despacio y con satisfacción. Pensaba, ya interiorizado de la complicada explicación acerca de las corrientes polifásicas.

—Es síntoma de una inteligencia universal poder regalarse con distintas bellezas —y los nombres de Ferranti y Siemens Halscke resonaban en mis oídos armoniosamente.

Pensaba:

—Yo también algún día podré decir ante un congreso de ingenieros: “Sí, señores... las corrientes electromagnéticas que genera el sol, pueden ser utilizadas y condensadas.” ¡Qué bárbaro, primero condensadas, después utilizadas! —diablo, ¿cómo podían condensarse las corrientes electromagnéticas del sol?

Sabía, por noticias científicas que aparecen en distintos periódicos, que Tesla, el mago de la electricidad, había ideado un condensador del rayo.

Así soñaba hasta el anochecer, cuando en la habitación contigua escuché la voz de la señora Rebeca Naidath, amiga de mi madre.

—¡Hola! ¿cómo está, *frau Drodman*? ¿Cómo está mi hijita? Levanté la cabeza del libro para escuchar.

La señora Rebeca pertenecía al rito judío. Su alma era ruin, porque su cuerpo era pequeño. Caminaba como una foca y escudriñaba como un águila... Yo la detestaba por ciertas trastadas que me había hecho.

—¿Silvio no está? Tengo que hablarle. —En un santiamén estuvo en la otra habitación.

—¡Hola! ¿cómo le va, *frau*, qué hay de nuevo?

—¿Tú sabes mecánica?

—Claro... Algo sé. ¿No le enseñaste, mamá, la carta de Ricaldoni?

Efectivamente, Ricaldoni me había felicitado por algunas combinaciones mecánicas absurdas que yo había ideado en mis horas de vagancia.

La señora Rebeca dijo:

—Sí, ya la vi. Ya la vi. Toma —y alcanzándome un diario en cuya página su dedo de uña orlada de mugre señalaba un aviso, comentó—:

—Mi marido me dijo que viniera y te avisara. Lee.

Con los puños en las caderas echaba el busto hacia mí. Se tocaba con un sombrerito negro, cuyas plumas desbarbadas colgaban lamentables. Sus pupilas negras me inspeccionaban irónicamente el rostro, y a momentos, apartando una mano de la cadera, se rascaba con los dedos la encorvada nariz.

Leí:

“Se necesitan aprendices para mecánicos de aviación. Dirigirse a la Escuela Militar de Aviación. Palomar de Caseros.”

—Caramba, que linda noticia, *frau*, muchas gracias...
¿Pero habrá tiempo de ir hoy?

—Sí, tomas el tren a La Paternal, le dices al guarda que te baje en La Paternal, tomas el 88. Te deja en la puerta.

—Sí, andá hoy, Silvio, es mejor —indicó mi madre sonriendo esperanzada—. Ponéte la corbata azul. Ya está planchada y le cosí el forro.

De un salto me planté en mi cuarto y en tanto me trajeaba, escuché a la judía que narraba con voz lamentosa una riña con su marido.

—¡Qué cosa, *frau Drodman!* Vino borracho, bien borracho. Maximito no estaba, había ido a Quilmes a ver un trabajo de pintura. Yo estaba en la cocina, salgo afuera, y me dice mostrándome el puño así:

“La comida, pronto... ¿Y el canalla de tu hijo por qué no vino a la obra?”

Qué vida, *frau*, qué vida... Voy a la cocina y ligerito prendo el gas. Pensaba que si venía Maximito iba a suceder un bochinche, y temblaba, *frau*.

¡Dios mío! Ligerito le traigo el sartén con hígado y huevos fritos en manteca. Porque a él no le gusta el aceite. Y lo hubiera visto, *frau*, abre los ojos grandes, frunce la nariz y me dice:

“Perra, esto está podrido” y eran frescos los huevos *frau*, fresquitos. Pum. Tiró el sartén con todo a la pared...

—¡Qué vida, *frau*, qué vida...! Toda la cama mojada de huevos y manteca. Yo corrí hasta la puerta y él se levantó, agarró los platos y los tiraba contra el suelo. Qué vida. Hasta la hermosa sopera, ¿se acuerda, *frau*?, hasta la hermosa sopera se rompió. Yo tenía miedo y como me fui, él vino y pum, pum, se daba tremendos puñetazos en el pecho...

¡Qué cosa horrible!, y me gritó cosas que nunca, *frau*, me gritó: “¡Cochina, quiero lavarme las manos con tu sangre!”

Se oía suspirar profundamente a la señora Naidath.

Los percances de la mujer me divertían. En tanto hacía el lazo de mi corbata, me imaginaba sonriendo al grandulón de su marido, un canoso polaco, con nariz de cacatúa, vociferando tras de doña Rebeca.

El señor Josías Naidath era un hebreo más generoso que un Etman del siglo de Sobiezky. Hombre raro. Detestaba a los judíos hasta las exaspeación, y su antisemitismo grotesco se exteriorizaba en un léxico fabuloso por lo obsceno. Natural, su odio era colectivo.

Amigos especuladores le habían engañado muchas veces, pero no quería convencerse de ello y en su casa, para desesperación de la señora Rebeca, siempre podían encontrarse inmigrantes alemanes gordos y aventureros de miserable traza, que se hartaban en torno de la mesa

con chucrut y salchicha, y que reían con gruesas carcajadas, moviendo los inexpresivos ojos azules.

El judío les protegía hasta que encontraban trabajo, valiéndose de las relaciones que como pintor y francmasón tenía. Algunos le robaron; hubo un pillastre que del día a la noche desapareció de una casa en refacción llevándosele escaleras, tablones y pinturas.

Cuando el señor Naidath supo que el sereno, su protegido, se había despachado en tal forma, puso el grito en el cielo. Parecía el dios Thor enfurecido... más no hizo nada.

Su esposa era el prototipo de la judía avara y sórdida.

Recuerdo que cuando mi hermana era más pequeña, estaba un día de visita en su casa. Con candidez admiraba un hermoso ciruelo cargado de fruta en sazón, y como es lógico, apetecía la fruta y le pedía con palabras tímidas.

Entonces la señora Rebeca la respondió:

—Hijita... Si tenés ganas de comer ciruela, podés comprar toda la que quieras en el mercado.

—Sírvasse el té, señora Naidath.

La judía continuaba narrando lamentosamente:

—Después me gritaba, y todos los vecinos oían, *frau*; me gritaba: “Hija de carnicero, judía, judía cochina, protectora

de tu hijo.” Como si él no fuera judío, como si Maximito no fuera su hijo.

Efectivamente, la señora Naidath y el cernícalo de Maximito se entendían admirablemente para engañarlo al francmasón y sonsacarle dinero que gastaban en tonterías, complicidad de la que era sabedor el señor Naidath, y que sólo mentándola le sacaba de sus casillas.

Maximito, origen de tantas desavenencias, era un baulaque de veinticinco años, que se avergonzaba de ser judío y tener la profesión de pintor.

Para disimular su condición de obrero, vestía como un señor, gastaba lentes y de noche antes de acostarse se untaba las manos con glicerina.

De sus barrabasadas yo conocía algunas sabrosísimas.

Cierta vez cobró clandestinamente un dinero debitado por un hostelero a su padre. Tendría entonces veinte años y sintiéndose con aptitudes de músico, invirtió el importe en un arpa magnífica y dorada. Maximito explicó, por sugerencia de su madre, que había ganado unos pesos con un quinto de lotería, y el señor Naidath no dijo nada, pero escamado miró de reojo el arpa, y los culpables temblaron como en el paraíso Adán y Eva cuando los observó Jehová.

Pasaron los días. En tanto, Maximito tañía el arpa y la vieja judía se regocijaba. Estas cosas suelen suceder. La señora

Rebeca decía a sus amistades que Maximito tenía grandes condiciones de arpista, y la gente, después de admirar el arpa en un rincón del comedor, decía que sí.

Sin embargo, a pesar de su generosidad, el señor Josías era un hombre prudente ciertas veces y pronto se hizo cargo por qué trapacería era dueño del arpa el magnánimo Maximito.

En esta circunstancia, el señor Naidath, que tenía una fuerza espantosa, estuvo a la altura de las circunstancias, y como recomienda el salmista, habló poco y obró mucho.

Era sábado, pero al señor Josías, importábale un ardite el precepto mosaico, a vía de prólogo sacudió dos puntapiés al trasero de su mujer, cogió a Maximito del cuello y después de quitarle el polvo lo condujo a la puerta de calle, y a los vecinos que en mangas de camisa se divertían inmensamente con el barullo, desde la ventana del comedor les arrojó el arpa a las cabezas.

Esto ameniza la vida, y por eso la gente decía del judío:

—¡Ah!, el señor Naidath... es una buena persona.

Terminado de acicalarme, salí.

—Bueno, hasta luego, *frau*, saludos a su esposo y a Maximito.

—¿No le das las gracias? —interrumpió mi madre.

—Ya se las di antes.

La hebrea levantó los ojillos envidiosos de las rebanadas de pan untadas de manteca y con flojedad me estrechó las manos. Ya reaccionaban en ella los deseos de verme fracasado en mis gestiones.

~~*

Anochecido, llegué a El Palomar.

Al preguntarle por él, un viejo que fumaba sentado en un bulto, bajo el farol verde de la estación, con un mínimo gasto de gestos, me indicó el camino entre las tinieblas.

Comprendí que me las había con un indiferente; no quise abusar de su parquedad, sabiendo casi tanto como antes de interrogarle, le di las gracias y emprendí el camino.

Entonces el viejo me gritó:

—Diga, niño, ¿no tiene diez centavos?

Pensé no beneficiarlo, mas reflexionando rápidamente, me dije que si Dios existía podría ayudarme en mi empresa como yo lo hacía con el viejo y no sin secreta pena me acerqué para entregarle una moneda.

Entonces el andrajoso fue más explícito. Abandonó el bulto y con tembloroso brazo extendido hacia la oscuridad señaló:

—Vea, niño... siga derechito, derechito y a la izquierda está el casino de los oficiales.

Caminaba.

El viento removía los follajes secos de los eucaliptus, y cortándose en los troncos y los altos hilos del telégrafo, silbaba ululante.

Cruzando el fangoso camino, palpando los alambres de los cercos, y cuando lo permitía la dureza del terreno rápido, llegué al edificio que el viejo ubicara a la izquierda con el nombre de Casino.

Indeciso, me detuve. ¿Llamaría? Tras de las barandas del chalet, frente a la puerta, no había ningún soldado de guardia.

Subí tres escalones, y audazmente —así pensaba entonces— me interné en un estrecho corredor de madera, material de que estaba construido todo el edificio, y me detuve frente a la puerta de una oblonga habitación, cuyo centro ocupaba una mesa.

En derredor de ella, tres oficiales, uno recostado en un sofá junto al trinchante, otro de codos en la mesa, y un tercero con los pies en el aire, pues apoyaba el respaldar de la silla en el muro, conversaban con displicencia frente a cinco botellas de colores distintos.

—¿Qué quiere usted?

—Me he presentado, señor, por el aviso...

—Ya se llenaron las vacantes.

Objeté, sumamente tranquilo, con una serenidad que me nacía de la poca suerte.

—Caramba, es una lástima, porque yo soy medio inventor, me hubiera encontrado en mi ambiente.

—¿Y qué ha inventado usted? Pero entre, siéntese —habló un capitán incorporándose en el sofá.

Respondí sin inmutarme:

—Un señalador automático de estrellas fugaces, y una máquina de escribir en caracteres de imprenta lo que se le dicta. Aquí tengo una carta de felicitación que me ha dirigido el físico Ricaldoni.

No dejaba de ser curioso esto para los tres oficiales aburridos, y de pronto comprendí que les había interesado.

—A ver, tome asiento —me indicó uno de los tenientes examinando mi catadura de pies a cabeza—. Explíquenos sus famosos inventos. ¿Cómo se llamaban?

—Señalador automático de estrellas fugaces, señor oficial.

Apoyé mis brazos en la mesa, y miré con mirada que me parecía investigadora, los semblantes de líneas duras y ojos inquisidores, tres rostros curtidos de dominadores de hombres, que me observaban entre curiosos e irónicos. Y en aquel instante, antes de hablar, pensé en los héroes de mis lecturas predilectas y la catadura de Rocambole, del Rocambole con gorra de visera de hule y sonrisa canalla en la boca torcida, pasó por mis ojos incitándome al desparpajo y a la actitud heroica.

Confortado, segurísimo de no incurrir en errores, dije:

—Señores oficiales: ustedes sabrán que el selenio conduce la corriente eléctrica cuando está iluminado; en la oscuridad se comporta como un aislador. El señalador no consistiría nada más que en una célula de selenio, conectada con un electro-imán. El paso de una estrella por el retículo del selenio, sería señalada por un signo, ya que la claridad del meteoro, concentrada por un lente cóncavo, pondría en condiciones de conductor al selenio.

—Está bien. ¿Y la máquina de escribir?

—La teoría es la siguiente. En el teléfono el sonido se convierte en una onda electromagnética. Si medimos con un galvanómetro de tangente la intensidad eléctrica producida por cada vocal y consonante, podemos calcular el número de amperios vueltas, necesarios para fabricar un teclado magnético, que responderá a la intensidad de corriente de cada vocal.

El ceño del teniente acentuóse.

—No está mala la idea, pero usted no tiene en cuenta la dificultad de crear electroimanes que respondan a alteraciones eléctricas tan ínfimas y eso sin contar las variaciones del timbre de voz, el magnetismo remanente; otro problema muy serio y el peor, quizá, que las corrientes se distribuyan por sí mismas en los electroimanes correspondientes. ¿Pero tiene usted allí la carta de Ricaldoni?

El teniente se inclinó sobre ella; después entregándola a otro de los oficiales, me dijo:

—¿Ha visto usted? Los inconvenientes que yo le planteo, también los señala Ricaldoni. Su idea, en principio, es muy interesante. Yo le conozco a Ricaldoni. Ha sido mi profesor. Es un sabio el hombre.

—Sí, bajito, gordo, bastante gordo.

—¿Quiere servirse un vermouth? —me ofreció el capitán sonriendo.

—Muchas gracias, señor, no tomo.

—Y de mecánica, ¿sabe algo?

—Algo. Cinemática... Dinámica... Motores a vapor y explosión; también conozco los motores de aceite crudo. Además, he estudiado química y explosivos, que es una cosa interesante.

—También. ¿Y qué sabe de explosivos?

—Pregúnteme usted —repliqué sonriendo.

—Bueno, a ver, ¿qué son fulminantes?

Aquello tomaba visos de un examen, y echándomelas de erudito, respondí:

—El capitán Cundill, en su Diccionario de Explosivos, dice que los fulminantes son las sales metálicas de un ácido hipotético llamado fulminato de hidrógeno. Y son simples o dobles.

—A ver, a ver: un fulminato doble.

—El de cobre, que son cristales verdes y producidos haciendo hervir fulminato de mercurio, que es simple, con agua y cobre.

—Es notable lo que sabe este muchacho. ¿Qué edad tiene usted?

—Dieciséis años, señor.

—¿Dieciséis años?

—Sí, señor

—¿Se da cuenta, capitán? Este joven tiene un gran porvenir. ¿Qué le parece que le hablemos al capitán Márquez? Sería una lástima que no pudiera ingresar.

—Indudablemente —y el oficial del cuerpo de ingenieros se dirigió a mí.

—Pero, ¿dónde diablos ha estudiado usted todas esas cosas?

—En todas partes, señor. Por ejemplo: voy por la calle y en una casa de mecánica veo una máquina que no conozco. Me paro, y me digo estudiando las diferentes partes de lo que miro: esto debe funcionar así y así, y debe servir para tal cosa. Después que he hecho mis deducciones, entro al negocio y pregunto, y créame, señor, raras veces me equivoco. Además, tengo una biblioteca regular, y si no estudio mecánica, estudio literatura.

—¿Cómo —interrumpió el capitán—, también literatura?

—Sí, señor, y tengo los mejores autores: Baudelaire, Dostoievski, Baroja.

—Ché, ¿no será un anarquista éste?

—No, señor capitán. No soy anarquista. Pero me gusta estudiar, leer.

—¿Y qué opina su padre de todo esto?

—Mi padre se mató cuando yo era muy chico.

Súbitamente callaron. Mirándome, los tres oficiales se miraron.

Afuera silbaba el viento, y en mi frente se ahondó más el signo de la atención.

El capitán se levantó y le imité.

—Mire, amiguito, lo felicito, véngase mañana. Esta noche trataré de verlo al capitán Márquez, porque usted lo merece. Eso es lo que necesita el ejército argentino. Jóvenes que quieran estudiar.

—Gracias, señor.

—Mañana, si quiere verme, con el mayor gusto lo voy a atender. Pregunte usted por el capitán Bossi.

Grave de inmensa alegría, me despedí.

Ahora cruzaba las tinieblas, saltaba los alambrados, estremecido de un coraje sonoro.

Más que nunca se afirmaba la convicción del destino grandioso a cumplirse en mi existencia. Yo podría ser un ingeniero como Edison, un general como Napoleón, un poeta como Baudelaire, un demonio como Rocambole.

Séptima alegría. Por elogio de los hombres, he gozado noches tan estupendas, que la sangre, en una muchedumbre de alegrías, me atropellaba el corazón, y yo creía, sobre las espaldas de mi pueblo de alegrías, cruzar los caminos de la tierra, semejante a un símbolo de juventud.

Creo que fuimos escogidos treinta aprendices para mecánicos de aeroplanos entre doscientos solicitantes.

Era una mañana gris. El campo se extendía a lo lejos, áspero. De su continuidad verde gris se desprendía un castigo sin nombre.

Acompañados por un sargento pasamos junto a los hangares cerrados, y en la cuadra nos vestimos con ropa de fajina.

Lloviznaba, y a pesar de ello un cabo nos condujo a hacer gimnasia en un potrero situado tras de la cantina.

No era difícil. Obedeciendo a las voces de mando dejaba entrar en mí la indiferente extensión de la llanura. Esto hipnotizaba el organismo, dejando independientes los trabajos de la pena.

Pensaba:

—Si ella ahora me viera, ¿qué diría?

Dulcemente, como una sombra en un muro blanqueado de luna pasó toda ella, y en cierto anochecimiento lejano vi el semblante de imploración de la niña inmóvil junto al álamo negro.

—A ver si se mueve, recluta —me gritó el cabo.

A la hora del rancho, chapoteando en el barro, nos acercamos a las ollas hediondas de comida. Bajo los tachos humeaban los leños verdes. Apretujándonos extendíamos al cocinero los platos de lata.

El hombre hundía su cucharón en la bazofia, y un tridente en otra olla, luego nos apartábamos para devorar.

En tanto comía, recordé a don Gaetano y a la mujer cruel. Y aunque no habían transcurrido, yo percibía inmensos espacios de tiempo entre mi ayer taciturno y mi hoy caviloso.

Pensé:

—Ahora que todo ha cambiado, ¿quién soy yo dentro del amplio uniforme?

Sentado junto a la cuadra, observaba la lluvia cayente a intervalos, y con el plato encima de las rodillas no podía apartar los ojos del arco de horizonte, tumultuoso a pedazos, liso como una franja de metal en otros y aleonado tan despiadadamente, que el frío de su altura en la caída penetraba hasta los huesos.

Algunos aprendices amontonados en la cuadra reían, y otros, inclinados en una pileta para abreviar caballos, se lavaban los pies.

Me dije:

—Y así es la vida, quejarse siempre de lo que fue. —Con cuánta lentitud caían los hilos de agua. Y así era la vida. Dejé el plato en tierra, para agrandar mis cavilaciones con estas ansiedades.

¿Saldría yo alguna vez de mi ínfima condición social, podría convertirme algún día en un señor, dejar de ser el muchacho que se ofrece para cualquier trabajo?

Pasó un teniente y adopté la posición militar... Después me dejé caer en un rincón y la pena se me hizo más honda.

En el futuro, ¿no sería yo uno de esos hombres que llevan cuellos sucios, camisas zurcidas, traje color vinoso y botines enormes, porque en los pies le han salido callos y juanetes de tanto caminar, de tanto caminar solicitando de puerta en puerta trabajo en qué ganarse la vida?

Me tembló el alma. ¿Qué hacer, qué podría hacer para triunfar, para tener dinero, mucho dinero? Seguramente no me iba a encontrar en la calle una cartera con diez mil pesos. ¿Qué hacer, entonces? Y no sabiendo si pudiera asesinar a alguien, si al menos hubiera tenido algún pariente, rico, a quien asesinar y responderme, comprendí que nunca me resignaría a la vida penuriosa que sobrellevan naturalmente la mayoría de los hombres.

De pronto se hizo tan evidente en mi conciencia la certeza de que ese anhelo de distinción me acompañaría por el mundo, que me dije:

—No me importa no tener traje, ni plata, ni nada —y casi con vergüenza me confesé:

—Lo que yo quiero, es ser admirado de los demás, elogiado de los demás. ¡Qué me importa ser un perdulario! Eso no me importa... Pero esta vida mediocre... Ser olvidado cuando muera, esto sí que es horrible. ¡Ah, si mis inventos dieran resultado! Sin embargo, algún día me moriré, y los trenes seguirán caminando, y la gente irá al teatro como siempre, y yo estaré muerto, bien muerto... muerto para toda la vida.

Un escalofrío me erizó el vello de los brazos. Frente al horizonte recorrido por navíos de nubes, la convicción de una muerte eterna espantaba mi carne. Apresurado, cogiendo el plato, fui a la piletta.

¡Ah, si se pudiera descubrir algo para no morir nunca, vivir aunque fuera quinientos años!

El cabo que dirigía los ejercicios de instrucción, me llamó:

—Drodman, dice el capitán Márquez que vaya.

—En seguida, mi cabo 1°.

Durante el ejercicio, por intermedio del sargento, había solicitado permiso al capitán Márquez, con objeto de pedirle consejo acerca de un mortero de trinchera que había ideado, para arrojar proyectiles que permitieran destruir mayor cantidad de hombres, que los “schrappnells” con sus explosivos.

Interiorizado en mi vocación, el capitán Márquez acostumbraba escucharme, y en tanto yo hablaba esquematizando en la pizarra, él, tras los espejuelos de sus lentes, me miraba sonriendo con una sonrisa de curiosidad, de burla y de indulgencia.

Dejé el plato en la bolsa de servicio y rápidamente me dirigí al casino de oficiales.

Ahora estaba en su habitación. Junto al muro, un lecho de campaña, un estante con revistas y cursos de ciencias militares, y clavado en la pared un tablero negro con su cajita llena de barras de tiza clavada en un ángulo.

El capitán me dijo:

—A ver, a ver cómo es ese cañón de trinchera. Diseñelo. Cogí una tiza, e hice un croquis.

Comencé.

—Usted sabe, mi capitán, que el inconveniente de los grandes calibres, son peso y tamaño de la pieza.

—Bien, y...

—Yo tengo imaginado un cañón de esta forma: El proyectil de grueso calibre estaría perforado en el centro y en vez de estar colocado en un tubo que es el cañón, sería introducido en la barra de hierro, como un anillo en el dedo, yéndose a encajar en la cámara donde explotaría el cartucho. La ventaja de mi sistema, es que sin aumentar el peso del cañón, se aumentaría enormemente el calibre del proyectil y la carga explosiva que puede llevar.

—Entiendo... Está bien... Pero usted debe saber esto: de acuerdo con el calibre de los proyectiles, su peso y la clase del grano de pólvora, se calcula el grosor, diámetro y longitud del cañón. Es decir, que a medida que la pólvora se va inflamando, el proyectil por presión de los gases avanza en el cañón, de forma que cuando ha llegado a la boca de éste, el explosivo ha rendido su máximo de energía. En su invento ocurre todo lo contrario. Se efectúa la explosión y el proyectil se desliza por la barra y los gases, en vez de seguir presionándolo, se pierden en el aire, es decir, que si la explosión tiene que seguir actuando durante un segundo de tiempo, usted lo reduce a un décimo o a un milésimo. Es lo contrario. A mayor diámetro,

menos uniformidad, más resistencia, a menos que usted haya descubierto una balística nueva, que es medio difícil.

Y terminó agregando:

—Usted tiene que estudiar, estudiar mucho, si quiere ser algo.

Yo pensaba, sin atreverme a decirlo:

—Cómo estudiar, si tengo que aprender un oficio para ganarme la vida.

Proseguía:

—Estudie muchas matemáticas; lo que le falta a usted es la base, discipline el pensamiento, aplíquelo al de las pequeñas cosas prácticas, y entonces podrá tener éxito en sus iniciativas.

—¿Le parece, mi capitán?

—Sí, Astier. Usted tiene condiciones innegables, pero estudie. Usted cree que porque piensa lo ha hecho todo, y pensar no es nada más que un principio.

Y yo salía de allí, estremecido de gratitud hacia ese hombre que conocía serio y melancólico y que a pesar de la disciplina, tenía la misericordia de alentarme.

Eran las dos de la tarde del cuarto día de mi ingreso en la Escuela Militar de Aviación.

Estaba tomando mate cocido en compañía de un pelirrojo apellidado Walter, que con entusiasmo conmovedor me hablaba de una chacra que tenía su padre, un alemán, en las cercanías del Azul.

Decía el pelirrojo con la boca llena de pan:

—Todos los inviernos carneamos tres chanchos para la casa. Los demás se venden. Así a la tarde cuando hacía frío, entraba y me cortaba un pedazo de pan, después con el Ford me iba a recorrer...

—Drodman, venga —me gritó el sargento.

Detenido frente a la cuadra me observaba con seriedad inusitada.

—Ordene, mi sargento.

—Vístase de particular y entrégueme el uniforme, porque está usted de baja.

Le miré atento.

—¿De baja?

—Sí, de baja.

—¿De baja, mi sargento? —temblaba todo al hablarlo. El suboficial me observó apiadado. Era un provinciano de proceder rectos, y hacía pocos días que había recibido el brevet de aviador.

—Pero si yo no he cometido ninguna falta, mi sargento, usted lo sabe bien.

—Claro que lo sé... Pero qué le voy a hacer... la orden la dio el capitán Márquez.

—¿El capitán Márquez? Pero eso es absurdo... El capitán Márquez no puede dar esa orden... ¿No habrá equivocación?

—Así es, en el detall me dijeron Silvio Drodman Astier... Aquí no hay otro Drodman Astier que usted, creo, ¿no?, así que es usted, no hay vuelta de hoja.

—Pero esto es una injusticia, mi sargento.

El hombre frunció el ceño y en voz baja confidenció:

—¿Qué quiere que le haga? Claro que no está bien... creo... no, no lo sé... me parece que el capitán tiene un recomendado... así me han dicho, no sé si es verdad, y como ustedes no han firmado contrato todavía, claro, sacan y ponen al que quieren. Si hubiera contrato firmado no habría caso, pero como no está firmado, hay que aguantarse.

Dije suplicante:

—¿Y usted mi sargento, no puede hacer nada?

—¿Y qué quiere que haga, amigo? ¿Qué quiere que haga?, si soy igual a usted; se ve cada cosa.

El hombre me compadecía.

Le di las gracias, y me retiré con lágrimas en los ojos.

En el detall me informaron:

—La orden es del capitán Márquez.

—¿Y no se le puede ver?

—No está el capitán.

—¿Y el capitán Bossi?

—El capitán Bossi no está.

En el camino, el sol de invierno teñía de una lúgubre rojidez el tronco de los eucaliptus.

Yo caminaba hacia la estación.

De pronto vi en el sendero al Director de la Escuela.

Era un hombre rechoncho, de cara mofletuda y colorada como la de un labriego. El viento le movía la capa sobre las espaldas, y hojeando un infolio respondía brevemente al grupo de oficiales que en círculo le rodeaba.

Alguien debió comunicarle lo sucedido, pues el teniente coronel levantó la cabeza de los papeles, me buscó con la mirada, y encontrándome, me gritó con voz destemplada:

—Vea amigo, el capitán Márquez me habló de usted. Su puesto está en una escuela industrial. Aquí no necesitamos personas inteligentes, sino brutos para el trabajo.

Ahora cruzaba las calles de Buenos Aires, con estos gritos adentrados en el alma.

—¡Cuando mamá lo sepa! —Involuntariamente me la imaginaba diciendo con acento cansado...

—Silvio... pero no tienes lástima de nosotros... que no trabajas... que no quieres hacer nada. Mira los botines que llevo, mira los vestidos de Lila, todos remendados, ¿qué piensas, Silvio, que no trabajas?

Calor de fiebre me subía a las sienes; olíame sudoroso, tenía la sensación de que mi rostro se había entosquecido de pena, deformado de pena, una pena hondísima, toda clamorosa.

Rodaba abstraído, sin derrotero. Por momentos los ímpetus de cólera me envaraban los nervios, quería gritar, luchar a golpes con la ciudad espantosamente sorda... y súbitamente todo se me rompía adentro, todo me pregonaba a las orejas mi absoluta inutilidad.

—¿Qué será de mí?

En ese instante, sobre el alma, el cuerpo me pesaba como un traje demasiado grande y mojado.

Ahora, cuando vaya a casa, mamá quizás no me diga nada. Con gesto de tribulación abrirá el baúl amarillo, sacará el colchón, pondrá sábanas limpias en la cama y no dirá nada. Lila, en silencio, me mirará como reprochándome.

—¿Qué has hecho, Silvio? —y no agregará nada.

—¿Qué será de mí?

¡Ah, es menester saber las miserias de esta vida puerca, comer el hígado que en la carnicería se pide para el

gato, y acostarse temprano para no gastar el petróleo de la lámpara!

Otra vez me sobrevino el semblante de mamá, relajado en arrugas por su vieja pena; pensé en la hermana que jamás profería una queja de disgusto y sumisa al destino amargo empalidecía sobre sus libros de estudio, y el alma se me cayó entre las manos. Me sentía arrastrado a detener a los transeúntes, a coger de las mangas del saco a las gentes que pasaban y decirles: Me han echado del ejército así porque sí, ¿comprenden ustedes? Yo creía poder trabajar... trabajar en los motores, componer aeroplanos... y me han echado así... porque sí.

Me decía:

—Lila, ¡ah!, ustedes no la conocen, Lila es mi hermana; yo pensaba, sabía que podríamos ir alguna vez al biógrafo; en vez de comer hígado, comeríamos sopa con verduras, saldríamos los domingos, la llevaría a Palermo. Pero ahora...

¿No es una injusticia, digan ustedes, no es una injusticia?

Yo no soy un chico. Tengo dieciséis años, ¿por qué me echan? Iba a trabajar a la par de cualquiera, y ahora...

¿Qué dirá mamá? ¿Qué dirá Lila? Ah, si ustedes la conocieran. Es seria: en la Normal saca las mejores calificaciones. Con lo que yo ganara comerían mejor en casa. Y ahora, ¿qué voy a hacer yo...?

Noche ya, en la calle Lavalle, cerca del Palacio de Justicia me detuve frente a un cartel:

PIEZAS AMUEBLADAS POR UN PESO.

Entré al zaguán iluminado débilmente por una lámpara eléctrica, y en una garita de madera aboné el importe. El dueño, hombre gordo, en mangas de camiseta a pesar del frío, me condujo a un patio lleno de macetas pintadas de verde, y señalándome al mucamo, le gritó:

—Félix, éste a la 24.

Miré arriba. Aquel patio era el fondo de un cubo, cuyas caras lo formaban los muros de cinco pisos de habitaciones con ventanas cubiertas de cortinas. A través de algunos vidrios veíanse las paredes iluminadas, otras estaban oscuras y no sé de dónde partía bulla de mujeres, risas reprimidas, y ruidos de cacerolas.

Subíamos por una escalera de caracol. El mucamo, un granuja picado de viruelas con delantal azul, me precedía arrastrando el plumero, cuyas plumas desbarbadas barrían el suelo.

Por fin llegamos. El pasillo, como el zaguán, estaba débilmente iluminado.

El mucamo abrió la puerta y encendió la luz. Le dije:

—Mañana me despierta a las cinco, no se olvide.

—Bueno, hasta mañana.

Extenuado por la pena y las cavilaciones me dejé caer en un lecho.

La pieza: dos camas de hierro cubiertas de colchas azules, con borlitas blancas, un lavabo de hierro barnizado y una mesita imitación caoba. En un ángulo, el cristal del ropero, espejaba la puerta tablero.

Perfume acre flotaba en el aire confinado entre los cuatro muros blancos.

Volví el rostro hacia la pared. Con lápiz, algún durmiente había diseñado un dibujo obsceno.

Pensé:

—Mañana me iré a Europa, puede ser... —y cubriéndome la cabeza con la almohada, rendido de fatiga, me dormí. Fue un sueño densísimo, a través de cuya oscuridad se deslizó esta alucinación:

En una llanura de asfalto, manchas de aceite violeta brillaban tristemente bajo un cielo de buriel. En el zenit otro pedazo de altura era de un azul purísimo. Dispersos sin orden, se elevaban por todas partes cubos de portland.

Unos eran pequeños como dados, otros altos y voluminosos como rascacielos. De pronto del horizonte hacia el zenit

se alargó un brazo horriblemente flaco. Era amarillo como un palo de escoba, los dedos cuadrados se extendían unidos.

Retrocedí espantado, pero el brazo horriblemente flaco se alargaba, y yo esquivándolo me empequeñecía, tropezaba con los cubos de portland, me ocultaba tras ellos; espiando, asomaba el rostro por una arista y el brazo delgado como el palo de una escoba, con los dedos envarados, estaba allí, sobre mi cabeza, tocando el zenit.

En el horizonte la claridad había menguado, quedando fina como el filo de una espada.

Allí asomó el rostro.

Era un pedazo de frente abultada, una ceja hirsuta y después un trozo de mandíbula. Bajo el párpado arrugado estaba el ojo, un ojo de loco. La córnea inmensa, la pupila redonda y de aguas convulsas. El párpado hizo un guiño triste...

—Señor, eh, diga... señor Me incorporé sobresaltado.

—Se ha dormido vestido, señor. Con dureza miré a mi interlocutor.

—Cierto, tiene razón.

El muchacho se retiró unos pasos.

—Como vamos a ser compañeros de pieza esta noche, me permití despertarlo. ¿Está disgustado?

—No, ¿por qué? —y después de restregarme los ojos, incorporándome, me senté al borde del lecho. Le observé:

El ala de un hongo negro le sombreaba la frente y los ojos. Su mirada era falsa, y el resplandor aterciopelado de ella parecía tocar la propia epidermis. Tenía una cicatriz junto al labio, cerca de la barbilla, y sus labios tumidos, demasiado rojos, sonreían en su cara blanca. El sobretodo exageradamente ceñido modelaba las formas de su cuerpo pequeño.

Bruscamente le pregunté:

—¿Qué hora es?

Con urgencia tomó su reloj de oro.

—Las once menos cuarto.

Somnoliento yo vacilaba allí. Ahora miraba con desaliento mis botines opacos, donde se habían roto los hilos de un remiendo, dejando ver un trozo de media por la hendidura.

En tanto el adolescente colgó su sombrero en la percha. y con un gesto de fatiga arrojó los guantes de cuero encima de una silla. Volví a mirarle de reojo, pero aparté la vista de él porque vi que me observaba.

Vestía irreprochablemente, y desde el rígido cuello almidonado, hasta los botines de charol con polainas color de crema, se reconocía en él al sujeto abundante en dinero.

Sin embargo, no sé por qué se me ocurrió:

—Debe tener los pies sucios.

Sonriendo con una sonrisa mentirosa volvió el rostro y un mechón de su cabellera se le desparramó por la mejilla hasta cubrirle el lóbulo de una oreja. Con voz suave y examinándome al soslayo con su mirada pesada, dijo:

—Parece que está cansado usted, ¿no?

—Sí, un poco.

Quitóse el sobretodo cuyo forro de seda brilló en los dobleces. Cierta fragancia grasienta se desprendía de su ropa negra, y repentinamente inquieto lo consideré; después, sin conciencia de lo que decía, le pregunté:

—¿No tiene la ropa sucia, usted?

El otro me adivinó en el sobresalto, mas atinó la respuesta:

—¿Le ha hecho daño que lo despertara así?

—No, ¿por qué me iba a hacer mal?

—Es decir, joven. A algunos les hace daño. En el internado tenía un amiguito que cuando lo despertaban bruscamente, le daba un ataque de epilepsia.

—Un exceso de sensibilidad.

—Sensibilidad de mujer, diga usted, ¿no le parece, joven?

—¿Así que su amiguito era un hiperestésico? Pero vea, ché, haga el favor, abra esa puerta, porque yo me asfixio. Que entre un poco de aire. Hay olor de ropa sucia aquí.

El intruso frunció ligeramente el ceño... Se dirigió a la puerta, pero antes de llegar a ella unas cartulinas le cayeron del bolsillo del saco al suelo.

Apresurado, se inclinó para recogerlas, y me acerqué a él. Entonces vi: eran todas fotografías del hombre y la mujer, en las distintas formas de la cópula.

El rostro del desconocido estaba purpurino. Balbuceó:

—No sé cómo están en mi poder, eran de un amigo.

No le respondí.

De pie, junto a él, miraba con obstinación terrible un grupo. Él dijo no sé qué cosas. Yo no le escuchaba. Miraba alucinado una fotografía terrible. Una mujer postrada ante un faquin innoble, con gorra de visera de hule y un elástico negro arrollado sobre el vientre. Volví el rostro al mancebo.

Ahora estaba pálido, las pupilas voraces dilatadísimas, y en los párpados ennegrecidos rebrillante una lágrima. Su mano cayó sobre mi brazo.

—Déjame aquí, no me echés.

—Entonces usted... vos sos...

Arrastrándome me empujó al borde del lecho y se sentó a mis pies.

—Sí, soy así, me da por rachas.

Su mano se apoyaba en mi rodilla.

—Me da por rachas.

Era profunda y amarga la voz del adolescente.

—Sí, soy así... me da por rachas. —Una pena miedosa temblaba en su voz. Después su mano cogió mi mano y la puso de canto sobre su garganta para apretármela con el mentón. Habló en voz muy baja, casi un soplo.

—¡Ah! si hubiera nacido mujer. ¿Por qué será así esta vida?

En las sienes me batían las venas terriblemente. Él me preguntó:

—¿Cómo te llamás?

—Silvio.

—¿Decíme, Silvio, no me despreciás?... pero no... vos no tenés cara... ¿cuántos años tenés?

Enronquecido le contesté:

—Dieciséis... ¿pero estás temblando?...

—Sí... querés... querés vamos...

De pronto le vi, sí, le vi... En el rostro congestionado le sonreían los labios... sus ojos también sonreían con locura... y súbitamente, en la precipitada caída de sus ropas, vi ondular la puntilla de una camisa sucia sobre la cinta de carne que en los muslos dejaban libre largas medias de mujer.

Lentamente, como en un muro blanqueado de luna, pasó por mis ojos el semblante de imploración de la niña inmóvil junto a la verja negra. Una idea fría —si ella supiera lo que hago en este momento— me cruzó la vida.

Más tarde me acordaría siempre de aquel instante.
Retrocedí huraño, y mirándolo, le dije despacio:

—Andáte.

—¿Qué?

Más bajo aún, le repetí:

—Andáte.

—Pero...

—Andáte, bestia. ¿Qué hiciste de tu vida...? ¿de tu vida...?

—No... no seas así...

—Bestia... ¿Qué hiciste de tu vida? —y yo no atinaba a decirle en ese instante todas las altas cosas, preciosas y nobles que estaban en mí, y que instintivamente rechazaban su llaga.

El mancebo retrocedió. Encogía los labios mostrando los colmillos, luego se sumergió en el lecho, y mientras yo vestido entraba a mi cama, él, con los brazos en asa bajo la nuca, comenzó a cantar:

*“Arroz con leche,
me quiero casar.”*

Lo miré oblicuamente, luego, sin cólera, con una serenidad que me asombraba, le dije:

—Si no te callás, te rompo la nariz.

—¿Qué?

—Sí, te rompo la nariz.

Entonces volvió el rostro a la pared. Una angustia horrible pesó en el aire confinado. Yo sentía la fijeza con que su pensamiento espantoso cruzaba el silencio. Y de él sólo veía el triángulo de cabello negro recortando la nuca, y después el cuello blanco, redondo, sin acusar los tendones.

No se movía, pero la fijeza de su pensamiento se aplastaba... se modelaba en mí... y yo alelado permanecía rígido, caído en el fondo de una angustia que se iba solidificando en conformidad. Y a momentos lo espiaba con el rabillo del ojo.

De pronto su colcha se movió, y quedaron al descubierto sus hombros, sus hombros lechosos que surgían del arco de puntilla que sobre las clavículas le hacía la camisa de batista...

Un grito suplicante de mujer estalló en el pasillo al cual daba mi habitación:

—No... no... por favor... —y el sordo choque de un cuerpo sobre el muro, me arqueó el alma sobre el espanto primero, cavilé un instante, después salté del lecho y abrí la puerta en el preciso instante que la puerta de la pieza frontera se cerraba.

Me apoyé en el marco. De la vecina habitación, no surgía nada. Me volví dejando la puerta abierta, sin mirar al otro, apagué la luz y me acosté...

En mí había ahora una seguridad potente. Encendí un cigarrillo y le dije a mi compañero de albergue:

—Ché, ¿quién te enseñó esas porquerías?

—Con vos no quiero hablar... sos un malo...

Me eché a reír, luego grave continué:

—En serio, ché, ¿sabés que sos un tipo raro? ¡Qué raro que sos! En tu familia, ¿qué dicen de vos? ¿Y esta casa? ¿Te fijaste en esta casa?

—Sos un malo.

—Y vos un santo, ¿no?

—No, pero sigo mi destino... porque yo no era así antes, ¿sabés?, yo no era así...

—¿Y quién te hizo así, entonces?

—Mi maestro, porque papá es rico. Después que aprobé el cuarto grado, me buscaron un maestro para que me preparara para el primer año del Nacional. Parecía un hombre serio. Usaba barba, una barba rubia puntiaguda y lentes. Tenía los ojos casi verdes de azules. A vos te cuento todo eso porque...

—¿Y?...

—Yo no era así antes... pero él me hizo así... Después, cuando él se iba, yo salía a buscarlo a su casa. Tenía entonces catorce años. Vivía en un departamento de la calle Juncal. Era un talento. Fíjate que tenía una biblioteca grande como estas cuatro paredes juntas. También era un demonio, ¡pero cómo me quería! Yo iba a su casa, el mucamo me hacía pasar

al dormitorio... fijáte que me había comprado todas las ropas de seda y vainilladas. Yo me disfrazaba de mujer.

—¿Cómo se llamaba?

—Para qué querés saber el nombre... Tenía dos cátedras en el Nacional y se mató ahorcándose...

—¿Ahorcándose?...

—Sí, se ahorcó en la letrina de un café... ¡pero qué zonzos!... ja... ja... no te creas... son mentiras... ¿No es verdad que es bonito el cuento?

Irritado, le dije:

—Vea ché, déjeme tranquilo; me voy a dormir.

—No seas malo, escucháme... qué variable sos... no te vayas a creer lo de recién... te decía la pura verdad... cierto... el maestro se llamaba Próspero.

—¿Y usted ha seguido así hasta ahora?

—¿Y qué iba a hacer?

—¿Cómo qué iba a hacer? ¿Por qué no se va a lo de algún médico... algún especialista en enfermedades nerviosas? Además, ¿por qué es tan sucio?

—Si está de moda, a muchos les gusta la ropa sucia.

—Usted es un degenerado.

—Sí, tenés razón... soy chiflado... ¿pero qué querés?... mira... a veces estoy en mi dormitorio, anochece, querés creerme, es como una racha... siento el olor de las piezas amuebladas...

veo la luz prendida y entonces no puedo... es como si un viento me arrastrara y salgo... los veo a los dueños de amuebladas...

—¿A los dueños, para qué?

—Natural, eso de ir a buscar, es triste; nosotras nos arreglamos con dos o tres dueños y en cuanto cae a la pieza un chico que vale la pena nos avisa por teléfono.

Después de un largo silencio, su voz se hizo más entonada y seria.

Diría que se hablaba a sí mismo, con toda su tribulación.

—¿Por qué no habré nacido mujer?... en vez de ser un degenerado..., sí, un degenerado..., hubiera sido muchacha de mi casa, me hubiera casado con algún hombre bueno y lo hubiera cuidado... y lo hubiera querido... en vez... así... rodar de “catrera” en “catrera”, y los disgustos... esos atorrantes de chambergo blanco y zapatos de charol que te conocen y te siguen... y hasta las medias te roban. ¡Ah!, si encontrara alguno que me quisiera para siempre, siempre.

—¡Pero usted está loco! ¿todavía se hace esas ilusiones?

—¡Qué sabés vos!... Tengo un amiguito que hace tres años vive con un empleado del Banco Hipotecario... y cómo lo quiere...

—Pero eso es una bestialidad...

—Qué sabés... si yo pudiera daría toda mi plata para ser mujer... una mujercita pobre... y no me importaría quedarme

preñada y lavar la ropa con tal que él me quisiera... y trabajara para mí...

Escuchándole, estaba atónito.

¿Quién era ese pobre ser humano que pronunciaba palabras tan terribles y nuevas?... ¿que no pedía nada más que un poco de amor?

Me levanté para acariciarle la frente.

—No me toqués —vociferó—, no me toqués. Se me revienta el corazón. Andáte.

Ahora estaba en mi lecho inmóvil, temeroso de que un ruido mío lo despertara para la muerte.

El tiempo transcurría con lentitud, y mi conciencia descentrada de extrañeza y fatiga recogía en el espacio el silencioso dolor de la especie.

Aún creía sentir el sonido de sus palabras... en lo negro su carita contraída de pena diseñaba un visaje de angustia, y con la boca reseca de fiebre, exclamaba a lo oscuro:

—Y no me importaría quedarme “preñada” y lavar ropa con tal de que él me quisiera y trabajara para mí.

Quedarse “preñada”. ¡Cuán suave se hacía esa palabra en sus labios!

—Quedarse preñada.

Entonces todo su mísero cuerpo se deformaría, pero “ella”, gloriosa de aquel amor tan hondo, caminaría entre las

gentes y no las vería, viendo el semblante de aquel a quien sometíase tan sumisa.

¡Tribulación humana! cuántas palabras tristes estaban aún escondidas en la entraña del hombre.

El ruido de una puerta cerrada violentamente me despertó. Encendí apresuradamente la lámpara. El adolescente había desaparecido, y su cama no conservaba la huella de ningún desorden.

Sobre el ángulo de la mesa, extendidos, había dos billetes de cinco pesos. Los recogí con avidez. En el espejo se reflejaba mi semblante empaldecido, la córnea surcada de hilos de sangre, y los mechones de cabello caídos en la frente.

Quedamente una voz de mujer imploró en el pasillo:
—Apúrate, por Dios... que si lo saben.

Distintamente resonó el campanilleo de un timbre eléctrico.

Abrí la ventana que daba al patio. Una ráfaga de aire mojado me estremeció. Aún era de noche, pero abajo en el patio, dos criados se movían en torno de una puerta iluminada.

Salí.

Ya en la calle, mi enervamiento se disipó. Entré a una lechería y tomé un café. Todas las mesas estaban ocupadas

por vendedores de diarios y cocheros. En el reloj colgado sobre una pueril escena bucólica, sonaron cinco campanadas.

De pronto recordé que toda esa gente tenía hogar, vi el semblante de mi hermana, y desesperado, salí a la calle.

Otra vez se amontonaron en mi espíritu las tribulaciones de la vida, las imágenes que no quería ver ni recordar, y rechinando los dientes caminaba por las veredas oscuras, calles de comercios defendidos por cortinas metálicas y tableros de madera.

Tras esas puertas había dinero, los dueños de esos comercios dormirían tranquilamente en sus lujosos dormitorios, y yo, como un perro, andaba a la ventura por la ciudad.

Estremecido de odio, encendí un cigarrillo y malignamente arrojé la cerilla encendida encima de un bulto humano que dormía acurrucado en un pórtico; una pequeña llama onduló en los andrajos, de pronto el miserable se irguió informe como una tiniebla y yo eché a correr amenazado por su enorme puño.

En una casa de compra y venta del Paseo de Julio, compré un revólver, lo cargué con cinco proyectiles y después, saltando a un tranvía, me dirigí a los diques.

Tratando de realizar mi deseo de irme a Europa, apresurado trepaba las escalerillas de cuerda de los transatlánticos, y me ofrecía para cualquier trabajo durante la travesía, a los oficiales que podía ver. Cruzaba pasillos, entraba a estrechos camarotes atestados de valijas, con sextantes colgados de los muros, cruzaba palabras con hombres uniformados, que volviéndose bruscamente cuando les hablaba, apenas comprendían mi solicitud y me despedían con un gesto malhumorado.

Por encima de las pasarelas se veía el mar tocando el declive del cielo y los velámenes de las barcas alejadísimas.

Caminaba alucinado, aturcido por el incesante trajín, por el rechinar de las grúas, los silbatos y las voces de los faquines descargando grandes bultos.

Experimentaba la sensación de encontrarme alejadísimo de mi casa, tan distante, que aunque me desdijera en mi afirmación, no podría ya más volver hasta ella.

Entonces me detenía a conversar con los pilotos de las chatas que se burlaban de mis ofrecimientos, a veces asomaban a responderme de las humeantes cocinas, rostros de expresiones tan bestiales, que temeroso me apartaba sin responder, y por los bordes de los diques caminaba, fijos los ojos en las aguas violentas y grasientas que con ruido gutural lamían el granito. Estaba fatigado. La visión de las enormes

chimeneas oblicuas, el desarrollarse de las cadenas en las maromas, con los gritos de las maniobras, la soledad de los esbeltos mástiles, la atención ya dividida en un semblante que asomaba a un ojo de buey y a una lingada suspendida por un guinche sobre mi cabeza, ese movimiento ruidoso compuesto del entrecruzamiento de todas las voces, silbidos y choques, me mostraba tan pequeño frente a la vida, que yo no atinaba a escoger una esperanza.

Una trepidación metálica estremecía el aire de la ribera.

De las calles de sombra formadas por los altos muros de los galpones, pasaba a la terrible claridad del sol, a instantes un empujón me arrojaba a un costado, los gallardetes multicolores de los navíos se rizaban con el viento; más abajo, entre la muralla negra y el casco rojo de un transatlántico, martilleaban incesantemente los calafateadores, y aquella representación gigantesca de poder y riqueza, de mercaderías apiñadas y de bestias pataleando suspendidas en el aire, me azoraba de angustia.

Y llegué a la inevitable conclusión.

—Es inútil, tengo que matarme. Lo había previsto vagamente.

Ya en otras circunstancias la teatralidad que secunda con lutos el catafalco de un suicida, me había seducido con su prestigio.

Envidiaba a los cadáveres en torno de cuyos féretros sollozaban las mujeres hermosas, y al verlas inclinadas al borde de los ataúdes se sobrecogía dolorosamente mi masculinidad.

Entonces hubiera querido ocupar el suntuoso lecho de los muertos, como ellos ser adornado de flores y embellecido por el suave resplandor de los cirios, recoger en mis ojos y en la frente las lágrimas que vierten enlutadas doncellas.

No era por vez primera este pensamiento, mas en ese instante me contagió de esta certeza.

—Yo no he de morir... pero tengo que matarme —y antes que pudiera reaccionar, la singularidad de esta idea absurda se posesionó vorazmente de mi voluntad.

—No he de morir. No... yo no puedo morir..., pero tengo que matarme.

¿De dónde provenía esta certeza ilógica que después ha guiado todos los actos de mi vida?

Mi mente se despejó de sensaciones secundarias; yo sólo era un latido de corazón, un ojo lúcido y abierto al serenísimo interior.

—No he de morir, pero tengo que matarme.

El concepto se manifestaba cristalino, y distribuía en mis sentidos atentísimos, la absoluta conformidad, con la única razón subsistente e imperiosa.

—No he de morir... yo no puedo morir... pero tengo que matarme.

Me acerqué a un galpón de cinc. No lejos una cuadrilla de peones descargaban bolsas de un vagón, y en aquel lugar el empedrado estaba cubierto de una alfombra amarilla de maíz.

Pensé:

—Aquí tiene que ser —y al extraer del bolsillo el revólver, súbitamente discerní— no en la sien, porque me afearía el rostro, sino en el corazón.

Seguridad inquebrantable guiaba los movimientos de mi brazo. Me pregunté

—¿Dónde estará el corazón?

Los opacos golpes interiores me indicaron su posición.

Examiné el tambor. Cargaba cinco proyectiles. Después apoyé el cañón del revólver en el saco.

Un ligero desvanecimiento me hizo vacilar sobre las rodillas y me apoyé en el muro del galpón.

Mis ojos se detuvieron en la calzada amarilla de maíz, y apreté el gatillo, lentamente, pensando:

—No he de morir —y el percutor cayó... Pero en ese brevísimo intervalo que separaba al percutor del fulminante, sentí que mi espíritu se dilataba en un espacio de tinieblas.

Caí por tierra.

Cuando desperté en la cama de mi habitación, en el blanco muro un rayo de sol diseñaba los contornos de las cenefas, que en el cuarto no se veían tras los cristales.

Sentada al borde del lecho estaba mi madre.

Inclinaba hacia mí la cabeza. Tenía mojadadas las pestañas, y su rostro de rechupadas mejillas parecía excavado en un arrugado mármol de tormento.

Su voz temblaba:

—¿Por qué hiciste eso?... ah, ¿por qué no me dijiste todo? ¿Por que hiciste eso, Silvio?

La miré. Me contraía el semblante un terrible visaje de misericordia y remordimiento.

—¿Por qué no viniste? Yo no te hubiera dicho nada. Si es el destino, Silvio. ¿Qué sería de mí si el revólver hubiera disparado? Tú ahora estarías aquí, con tu pobre carita fría... ¡Ah, Silvio, Silvio! —y por la ojera carminosa le descendía una lágrima pesada.

Sentí que anohecía en mi espíritu y apoyé la frente en su regazo, en tanto que creía despertar en una comisaría, para distinguir entre la neblina del recuerdo, un círculo de hombres uniformados que agitaban los brazos en torno mío.

CAPÍTULO IV: JUDAS ISCARIOTE

Monti era un hombre activo y noble, excitable como un espadachín, enjuto como un hidalgo. Su penetrante mirada no desmentía la irónica sonrisa del labio fino, sombreado por sedosas hebras de bigote negro. Cuando se encolerizaba enrojecíanse los pómulos y su labio temblaba hasta el hundido mentón.

El escritorio y depósito de papel de su comercio eran tres habitaciones que alquilaba a un judío peletero, y dividido de la hedionda trastienda del hebreo por un corredor siempre lleno de chiquilines pelirrojos y mugrientos.

La primera pieza era algo así como escritorio y exposición de papel fino. Sus ventanas daban a la calle Rivadavia, y los transeúntes al pasar veían correctamente alineadas desde la vereda en una estancia de pino tea, resmas de papel salmón, verde, azul y rojo, rollos de papel impermeable, veteadado y duro, bloques de papel de seda y papel llamado de manteca, cubos de etiquetas con polícromas flores,

mazos de papel floreado, de superficie rugosa y estampados búcaros pálidos.

En el muro azulado, una estampa del golfo de Nápoles lucía el esmalte azul del mar inmóvil en la costa parda, sembrada de cuadritos blancos: las casas.

Allí, cuando Monti estaba de buen humor, cantaba con limpia y entonada voz. “A mare chiaro che se de una puesta”.

Me agradaba escucharle. Lo hacía con sentimiento; se comprendía que cantando evocaba los parajes y momentos de ensueño transcurridos en su patria.

Cuando Monti me recibió de corredor a comisión, entregándome un muestrario de papeles clasificados por su calidad y precio, dijo:

—Bueno, ahora a vender. Cada kilo de papel son tres centavos de comisión.

¡Duro principio!

Recuerdo que durante una semana caminé seis horas por día, inútilmente. Aquello era inverosímil. No vendí un kilo de papel en el trayecto de cuarenta y cinco leguas. Desesperado entraba a verdulerías, a tiendas y almacenes, rondaba los mercados, hacía antesala a farmacéuticos y carniceros, pero inútilmente.

Unos me enviaban lo más cortésmente posible al diablo, otros decíanme pase la semana que viene, otros argüían: “Yo ya

tengo corredor que hace tiempo me sirve”, otros no me atendían, algunos opinaban que mi mercadería era excesivamente cara, varios demasiado ordinaria y algunos raros, demasiado fina.

A mediodía, llegado al escritorio de Monti, me dejaba caer en una pilastra formada de resmas de papel y permanecía en silencio, atontado de fatiga y desaliento.

Mario, otro corredor, un gandul de dieciséis años, alto como un álamo, todo piernas y brazos, se burlaba de mis estériles diligencias.

¡Era truhán el tal Mario! Parecía un poste de telégrafo rematando en una cabeza pequeña, cubierta de un fabuloso bosque de cabellos crespos. Caminaba a trancos enormes, con una cartera de cuero rojo bajo el brazo. Cuando llegaba al escritorio tiraba la cartera a un rincón y se sacaba el sombrero, un hongo redondo, tan untado de grasa, que con él pudiera lubricarse el eje de un carro. Vendía endiabladamente y siempre estaba alegre.

Hojeando una libreta mugrienta leía en alta voz la larga lista de pedidos recogidos, y dilatando su boca de ballenato se reía hasta el fondo rojo de la garganta y dos hileras de dientes saledizos. Para simular que la alegría le hacía doler el estómago, se lo cogía, con ambas manos.

Por encima del casillero de la escribanía, Monti nos observaba sonriendo irónico. Abarcaba su amplia frente

con la mano, se restregaba los ojos como disipando preocupaciones y nos decía después:

—No hay que desanimarse, diávolo. Quiere ser inventor y no sabe vender un kilo de papel. —Luego indicaba:

—Hay que ser constante. Toda clase de comercio es así. Hasta que a uno no lo conocen no quieren tener trato. En un negocio le dicen que tienen. No importa. Hay que volver hasta que el comerciante se habitúe a verlo y acabe por comprar. Y siempre “gentile”, porque es así —y cambiando de conversación agregaba:

—Venga esta tarde a tomar café. Charlaremos un rato.

Cierta noche en la calle Rojas entré en una farmacia. El farmacéutico, bilioso sujeto picado de viruelas, examinó mi mercadería, después habló y parecióme un ángel por lo que dijo:

—Mándeme cinco kilos de papel de seda surtido, veinte kilos de papel parejo especial y hágame veinte mil sobres, cada cinco mil con este impreso: “Ácido bórico”, “Magnesia calcinada”, “Crémor tártaro”, “Jabón de campeche”. Eso sí, el papel tiene que estar el lunes bien temprano aquí.

Estremecido de alegría anoté el pedido, saludé con una reverencia al seráfico farmacéutico y me perdí por las calles. Era la primera venta. Había ganado quince pesos de comisión.

Entré al mercado de Caballito, ese mercado que siempre me recordaba los mercados de las novelas de Carolina Invernizio. Un obeso salchichero con cara de vaca, a quien había molestado inútilmente otras veces, me gritó al tiempo de enarbolar su cuchillo sobre un bloque de tocino:

—Ché, mandáme doscientos kilos recorte especial, pero mañana bien temprano, sin falta, y a treinta y uno.

Había ganado cuatro pesos, a pesar de rebajar un centavo por kilo.

Infinita alegría, dionisiaca alegría inverosímil, ensanchaba mi espíritu hasta las celestes esferas... y entonces, comparando mi embriaguez con la de aquellos héroes danunzianos que mi patrón criticaba por sus magníficos empaques, pensé:

—Monti es un idiota.

De pronto sentí que apretaban mi brazo; volvíme brusco y me encontré frente a Lucio, aquel insigne Lucio que formaba parte del “Club de Los Caballeros de Media Noche”.

Nos saludamos efusivamente. Después de la noche azarosa no le había vuelto a ver, y ahora estaba frente a mí sonriendo y mirando como de costumbre a todos lados. Reparé que estaba bien trajeado, mejor calzado y enjoyado, luciendo en los dedos anillos de oro falso y una piedra pálida en la corbata.

Había crecido; era un recio pelafustán disfrazado de dandy. Complemento de esta figura de jaquetón adecentado, era un fieltro aludo, hundido graciosamente sobre la frente hasta las cejas. Fumaba en boquilla de ámbar, y como hombre que sabe tratar a los amigos, después de los primeros saludos me invitó a tomar un “bock” en una cervecería próxima.

Sentados ya, y habiendo sorbido su cerveza de un solo trago, el amigo Lucio dijo con voz enronquecida:

—¿Y de qué trabajás vos?

—¿Y vos?... Te veo hecho un dandy, un personaje...

Le torció la boca una sonrisa.

—Yo... yo me he acoplado.

—Entonces vas bien... has progresado enormemente... pero como yo no tengo tu suerte, soy papelero... vendo papel.

—¡Ah! vendés papel, ¿por alguna casa?

—Sí, para un tal Monti que vive en Flores.

—¿Y ganás mucho?

—Mucho no, pero para vivir.

—¿Así que te regeneraste?

—Claro.

—Yo también trabajo.

—¡Ah, trabajás!

—Sí, trabajo, ¿a que no sabes de qué?

—No, no sé.

—Soy agente de investigaciones.

—¡Vos!... ¿agente de investigaciones? ¡Vos!

—Sí, ¿por qué?

—No, nada, ¿así que sos agente de investigaciones?

—¿Por qué te extraña?

—No... de ninguna manera... siempre tuviste aficiones... desde chico...

—Ranún... pero mirá, ché, Silvio, hay que regenerarse; así es la vida, la “struggle for life” de Darwin...

—¡Que te has vuelto erudito! ¿Con qué se come eso?

—Yo me entiendo, ché, ésa es la terminología ácrata; así que vos también te regeneraste, trabajás, y te va bien.

—Arregular, como decía el vasco; vendo papel.

—¿Te has regenerado entonces?

—Parece.

—Muy bien; otro medio, mozo... otros dos medios quería decir, disculpá, ché.

—¿Y qué tal es ese trabajo de investigaciones?

—No me preguntés, ché, Silvio, son secretos profesionales; pero hablando de bueyes perdidos, ¿te acordás de Enrique?

—¿Enrique Irzubeta?

—Sí.

—De Irzubeta sólo sé que después que nos separamos, ¿te acordás...?

—Cómo no me voy a acordar.

—Después que nos separamos supe que Grenuillet los pudo desalojar y que se fueron a vivir a Villa del Parque, pero a Enrique no lo vi más.

—Cierto; Enrique se fue a trabajar a una agencia de autos en el Azul.

—¿Y ahora sabés dónde está?

—Estará en el Azul, ¡qué embromar!

—No, no está en el Azul; está en la cárcel.

—¿En la cárcel?

—Como yo estoy acá, él está en la cárcel.

—¿Qué hizo?

—Nada, ché: la *struggle for life*... la lucha por la vida quiere decir, es un término que le aprendí a un gallego panadero que le gustaba fabricar explosivos. ¿Vos no fabricás explosivos? No te enojés; como eras tan aficionado a las bombas de dinamita...

Irritado de sus preguntas insidiosas, le miré con fijeza.

—¿Estás por meterme preso?

—No, hombre, ¿por qué? ¿no se te puede dar una broma?

—Es que parece que quieres sonsacarme algo.

—Pucha... qué rico tipo sos, ¿no te regeneraste ya?

—Bueno, ¿qué decías de Enrique?

—Te voy a contar: una hazaña gloriosa entre nosotros, una cosa notable.

“Resulta, ahora no me acuerdo si era en la agencia del Chevrolet o del Buick, donde Enrique estaba de empleado, que le tenían confianza... bueno, para engatusar siempre fue un maestro ése. Él trabajaba en el escritorio, no sé cómo, el caso es que del talonario de cheques robó uno y lo falsificó en seguida por cinco mil novecientos cincuenta y tres pesos. ¡Lo que son las cosas!

La mañana que piensa ir a cobrarlo, el dueño de la agencia le da dos mil cien pesos para depositar en el mismo banco. Este loco se embolsa la plata, va al garaje de la agencia, saca un auto, y tranquilamente se presenta al banco, presenta el cheque, y ahora es lo raro, en el banco le pagaron el cheque falsificado.

—¡Lo pagaron!

—Es increíble, ¡qué falsificación sería! Bueno, él siempre tuvo aptitudes. ¿Te acordás cuando falsificó la bandera de Nicaragua?

—Sí, desde chico sirvió... pero seguí.

—Bueno, le pagaron... ahora andá a saber si Enrique estaba nervioso: sale con el coche, a dos cuadras del mercado, en un cruce, se lleva por delante un sulky... y tuvo suerte, la vara lo único que hizo fue romperle un brazo, si lo agarra un poco más al medio le atraviesa el pecho. Quedó desmayado. Lo llevan a un sanatorio, da la casualidad que el dueño de la agencia supo en seguida el accidente, y se fue al sanatorio como gato al bofe. El hombre le pide al médico las ropas de Enrique, porque debía de haber dinero o una boleta de depósito... date cuenta de la sorpresa del tipo... en vez de sacar una boleta le encuentra ocho mil cincuenta y tres pesos. En eso Enrique reacciona, le pregunta de dónde son esos miles, y no supo qué contestar; van al banco y allí en seguida se enteraron de todo.

—Es colosal.

—Increíble. Yo leí toda la crónica de eso en “El Ciudadano”, un diario de allí.

—¿Y ahora está preso?

—A la sombra, como él decía... pero andá a saber el tiempo que lo han condenado. Tiene la ventaja de ser menor de edad, y además la familia conoce a gente de influencia.

—Es curioso: va a tener un gran porvenir el amigo Enrique.

—Envidiable. Con razón que lo llamaban El Falsificador.

Después callamos. Recordaba a Enrique. Me parecía volver a estar con él, en la covacha de los títeres. En el muro rojo el rayo de sol, iluminaba su demacrado perfil de adolescente soberbio.

Con voz enronquecida Lucio comentó.

—La *struggle for life*, ché, unos se regeneran y otros caen; así es la vida... pero me voy, tengo que tomar servicio... si querés verme acá tenés mi dirección —y me entregó una tarjeta.

Cuando después de una aparatosa despedida me encontré lejos, solo en las calles iluminadas, todavía en mis oídos sonaba su enronquecida voz:

—La *struggle for life*, che... unos se regeneran... otros caen... ¡así es la vida!

Ahora me dirigía a los comerciantes con el aplomo de un experto corredor, y con la certeza de que no debían ser estériles mis fatigas, porque ya “había vendido” me aseguré en breve tiempo una clientela mediocre, compuesta de puesteros de feria, farmacéuticos a quienes hablaba del ácido

pícrico y otras zarandajas, libreros y dos o tres almaceneros, la gente de menos provecho y la más taimada para mercar.

Con el objeto de no perder el tiempo, había dividido las parroquias de Caballito, Flores, Vélez Sársfield y Villa Crespo en zonas que recorría sistemáticamente una vez por semana.

Muy temprano dejaba el lecho, y a grandes pasos me dirigía a los barrios prefijados. De aquellos días conservo el recuerdo de un inmenso cielo resplandeciente sobre horizontes de casas pequeñas y encaladas, de fábricas de muros rojos, y adornando los confines: surtidores de verdura, cipreses y arboledas en torno de las cúpulas blancas de la necrópolis.

Por las chatas calles del arrabal, miserables y sucias, inundadas de sol, con cajones de basura a las puertas, con mujeres ventradas, despeinadas y escuálidas hablando en los dinteles y llamando a sus perros o a sus hijos, bajo el arco de cielo más límpido y diáfano, conservo el recuerdo fresco, alto y hermoso.

Mis ojos bebían ávidamente la serenidad infinita, extática en el espacio celeste.

Llamas ardientes de esperanza y de ensueño envolvíanme el espíritu y de mí brotaba una inspiración tan feliz de ser cándida, que no acertaba a decirla con palabras.

Y más y más me embelesaba la cúpula celeste, cuanto más viles eran los parajes donde traficaba. Recuerdo...

¡Aquellos almacenes, aquellas carnicerías del arrabal!

Un rayo de sol iluminaba en lo oscuro las bestias de carne rojinegra colgadas de ganchos y de sogas junto a los mostradores de estaño. El piso estaba cubierto de aserrín, en el aire flotaba el olor de sebo, enjambres negros de moscas hervían en los trozos de grasa amarilla, y el carnicero impasible aserraba los huesos, machacaba con el dorso del cuchillo las chuletas... y afuera... afuera estaba el cielo de la mañana, quieto y exquisito, dejando caer de su azulidad la infinita dulzura de la primavera.

Nada me preocupaba en el camino, sino el espacio, terso como una porcelana celeste en el confín azul, con la profundidad de golfo en el zenit, un prodigioso mar alto y quietísimo, donde mis ojos creían ver islotes, puertos de mar, ciudades de mármol ceñidas de bosques verdes y navíos de mástiles florecidos deslizándose entre armonías de sirenas hacia las feéricas ciudades de la alegría.

Caminaba así, estremecido de sabrosa violencia.

Parecíame escuchar los rumores de una fiesta nocturna; en lo alto los cohetes derramaban verdes cascadas de estrellas, abajo reían los ventrudos genios del mundo y los simios hacían juegos malabares en tanto que reían las diosas escuchando la flauta de un sapo.

Con estos festivos rumores cantando en los ojeas, con aquellas visiones bogando ante los ojos, disminuía las distancias sin advertirlo.

Entraba a los mercados, conversaba con “puesteros”, venía o discutía con los clientes disconformes de las mercaderías recibidas. Solían decirme, sacando de debajo del mostrador unas virutas de papel que podrían servir para fabricar serpentinas:

—¿Y con estas tiras de papel qué quiere envolver usted?
Yo replicaba:

—Oh, el “recorte” no va a ser grande como un lienzo. De todo hay en la viña del Señor.

Estas razones especiosas no satisfacían a los mercaderes, que tomando por testigos a sus cofrades, juraban no comprarme un kilo más de papel.

Entonces yo fingía indignarme, decía algunas palabras no evangélicas y con desparpajo entraba tras el mostrador y comenzaba a revolver el bulto y a entresacar pliegos que con un poco de buena voluntad podían servir para amortajar a una res.

—¿Y esto?... ¿Por qué no enseñan esto? Se creen ustedes que el recorte se lo voy a elegir. ¿Por qué no compran recorte especial?

Así eran las disputas con los individuos carniceros y ciudadanos vendedores de pescado, gente ruda, jaquetona y amiga de líos.

También agradábame en las mañanas de primavera “corretear” por las calles recorridas de tranvías, vestidas con los toldos del comercio. Complacíame el espectáculo de los grandes almacenes interiormente sombreros, las queserías frescas como granjas con enormes pilones de manteca en los estantes, las tiendas con multicolores escaparates y señoras sentadas junto a los mostradores frente a livianos rollos de telas; y el olor a pintura en las ferreterías, y el olor a petróleo en las despensas, se confundía en mi sensorio como el fragante aroma de una extraordinaria alegría, de una fiesta universal y perfumada, cuyo futuro relator fuera yo.

En las gloriosas mañanas de octubre me he sentido poderoso, me he sentido comprensivo como un dios.

Si fatigado entraba a una lechería a tomar un refresco, lo sombrero del paraje, lo semejante del decorado, hacíame soñar en una Alhambra inefable y veía los cármenes de la Andalucía distante, veía los terruños empinados al pie de la sierra, y en lo hondo de los socavones la cinta de planta de los arroyuelos. Una voz mujeril acompañábase con una guitarra, y en mi memoria el viejo zapatero andaluz reaparecía diciendo:

—José, zi era ma lindo que una rroza.

Amor, piedad, gratitud a la vida, a los libros y al mundo me galvanizaban el nervio azul del alma.

No era yo, sino el dios que estaba dentro de mí, un dios hecho con pedazos de montaña, de bosques, de cielo y de recuerdo.

Cuando había vendido una cantidad suficiente de papel, emprendía el retorno, y como los kilómetros se hacían largos de recorrer a pie, placíame soñar en cosas absurdas, verbigracia, que yo había heredado setenta millones de pesos o en cosas de esa naturaleza. Se evaporaban mis quimeras, cuando al entrar al escritorio, Monti me comunicaba indignado:

—El carnicero de la calle Remedios devolvió el recorte.

—¿Por qué?

—¡Qué sé yo!... dijo que no le gustaba.

—Mal rayo lo parta al tío ése.

Es indescriptible el sentimiento de fracaso que producía ese bulto de papel sucio, abandonado en el patio oscuro, con las ataduras renovadas, lleno de barro en los cantos, manchado de sangre y de grasa, debido a que el carnicero lo había revuelto despiadadamente con las manos pringosas.

Este género de devoluciones se repetía con demasiada frecuencia.

Preveniéndome de posteriores incidentes solía advertir al comprador.

—Mire: el recorte son las sobras del papel parejo. Si quiere le mando recorte especial, son ocho centavos más por kilo, pero se aprovecha todo.

—No importa, ché —decía el matarife—, mande el recorte.

Mas cuando se le entregaba el papel, pretendía que se le rebajara algunos centavos por kilo, o si no devolver los pedazos muy rotos, que sumando dos o tres kilos hacían perder lo ganado; o no pagarlo, que era perderlo todo...

Acontecían percances divertidísimos, por los que Monti y yo acabamos por echarnos a reír para no llorar de rabia.

Teníamos entre los clientes un chanchero que exigía se le entregaran los fardos de papel en su casa en un día por él determinado y a una hora prefijada, lo que era imposible; otro que devolvía la carga insultando al carretero, si no se le extendía recibo en la forma estipulada por la ley, lo que era superfluo; otro no pagaba el papel sino una semana después que comenzaba a consumirlo.

No hablemos de la ralea de los feriantes turcos.

Si yo les pedía noticias de Al Motamid, no me comprendían o se encogían de hombros, cortando un pedazo de bofe para el gato de una comadre descarada.

Después para venderles había que perder una mañana, y eso con el objeto de enviar a distancias inverosímiles, en

calles de suburbios desconocidos, un mísero paquete de veinticinco kilos, donde se ganaban setenta y cinco centavos.

El carretero, un hombre taciturno de cara sucia, al atardecer cuando regresaba con su caballo cansado y el papel que no se había entregado, decía:

—Éste no se entregó —y arrojaba el fardo al pavimento con gesto malhumorado— porque el carnicero estaba en los mataderos y la mujer dijo que no sabía nada y no lo quiso recibir. Este otro no vive en el número, porque allí es una fábrica de alpargatas. De esta calle no me supo dar razón nadie.

Nos deslenguábamos en reniegos contra esa chusma que no reconocía formalidades, ni compromisos de ningún género.

Otras veces acaecía que Mario y yo recogíamos un pedido del mismo individuo y cuando se le enviaba lo encargado lo rechazaba, porque decía que había comprado la mercadería a un tercero que se la ofreció más barata. Algunos tenían la desvergüenza de decir que no habían encargado nada, y por lo general, si no las había, inventaban las razones.

Cuando creía haber ganado sesenta pesos en una semana recibía sólo veinticinco o treinta.

Pero ¡y la gentecilla! ¡Los comerciantes de al por menor, los tenderos y los farmacéuticos! ¡Cuánta quisquillosidad, qué de informaciones y exámenes previos!

Para comprar la insignificancia de mil sobres con el impreso de Magnesia o Ácido bórico, no lo hacían sino después de verlos frecuentemente y exigiendo de antemano que se les entregara muestra de papel, tipos de imprenta y al fin decían:

—Veremos, pásese la otra semana.

He pensado muchas veces que se podría escribir una filogenia y psicología del comerciante al por menor, del hombre que usa gorra tras el mostrador y que tiene el rostro pálido y los ojos fríos como láminas de acero.

¡Ah, por qué no será suficiente exponer la mercadería!

Para vender hay que empaparse de una sutilidad “mercurial”, escoger las palabras y cuidar los conceptos, adular con circunspección, conversando de lo que no se piensa ni cree, entusiasmarse con una bagatela, acertar con un gesto compungido, interesarse vivamente por lo que maldito si nos interesa, ser múltiple, flexible y gracioso, agradecer con donaire una insignificancia, no desconcentrarse ni darse por aludido al escuchar una grosería, y sufrir, sufrir pacientemente el tiempo, los semblantes agrios o malhumorados, las respuestas rudas e irritantes, sufrir para poder ganar algunos centavos, porque “así es la vida”.

Si en la dedicación se estuviera solo... mas hay que comprender que en el mismo lugar donde disertamos sobre

la ventaja de entablar negocios con nosotros, han pasado muchos vendedores ofreciendo la misma mercadería en distintas condiciones, a cual más ventajosa para el comerciante.

¿Cómo se explica que un hombre escoja a otro entre muchos, para beneficiarse beneficiándole?

No parecerá entonces exagerado decir que entre un individuo y el comerciante se han establecido vínculos materiales y espirituales, relación inconsciente o simulada de ideas económicas, políticas, religiosas y hasta sociales, y que una operación de venta, aunque sea la de un paquete de agujas, salvo perentoria necesidad, eslabona en sí más dificultades que la solución del binomio de Newton.

Pero ¡si fuera esto solo!

Además, hay que aprender a dominarse, para soportar todas las insolencias de los burgueses menores.

Por lo general, los comerciantes son necios astutos, individuos de baja extracción, y que se han enriquecido a fuerza de sacrificios penosísimos, de hurtos que no puede penar la ley, de adulteraciones que nadie descubre o todos toleran.

El hábito de la mentira arraiga en esta canalla acostumbrada al manejo de grandes o pequeños capitales y ennoblecidos por los créditos que les conceden una patente de honorabilidad y tienen por eso espíritu de militares, es decir, habituados a tutear despectivamente a sus inferiores, así lo

hacen con los extraños que tienen necesidad de aproximarse a ellos para poder medrar.

¡Ah!, y cómo hieren los gestos despóticos de esos tahúres enriquecidos, que inexorables tras las mirillas del escritorio anotan sus ganancias; cómo crispan en ímpetus asesinos esas jetas innobles que responden:

—Déjese de macanear, hombre, que nosotros compramos a casas principales.

Sin embargo, se tolera, y se sonríe y se saluda... porque “así es la vida”.

A veces, terminado mi recorrido, y si quedaba en camino, iba a echar un parrafito con el cuidador de carros de la feria de Flores.

Ella era como otras tantas.

Al fondo de la calle de casas con fachadas encaladas, cubierta por un océano de sol, ésta se presentaba inopinadamente.

El viento traía agrio olor a verduras, y los toldos de los puestos sombreaban los mostradores de estaño dispuestos paralelamente a la vereda, en el centro de la calzada.

Aún tengo el cuadro ante los ojos. Se compone de dos filas.

Una formada por carniceros, vendedores de puercos, hueveros y queseros, y otra de verduleros. La columna se prolonga chillona de policromía, churrigueresca de tintas, con sus hombres barbudos en mangas de camiseta junto a las cestas llenas de hortalizas.

La fila comienza en los puestos de pescadores, con los cestos ocre manchados por el rojo de los langostinos, el azul de los pejerreyes, el achocolatado de los mariscos, la lividez plomiza de los caracoles y el blanco cinc de las merluzas.

Los perros rondan arrebatándose el triperío de desecho, y los mercaderes con los velludos brazos desnudos y un delantal que les cubre el pecho, cogen, a pedido de las compradoras, el pescado por la cola, de una cuchillada le abren el vientre, con las uñas le hurgan hasta el espinazo destripándolo, y después de un golpe seco lo dividen en dos.

Más allá las mondongueras raen los amarillentos mondongos en el estaño de sus mostradores, o cuelgan de los ganchos inmensos hígados rojos.

Diez gritos monótonos repiten:

—Peejerreeye fresco... fresco, señora.

Otra voz grita:

—Aquí... aquí está lo bueno. Vengan a ver esto.

Pedazos de hielo cubiertos de aserrín rojo se derriten a la sombra lentamente encima del lomo de los pescados encajonados.

Entrando, preguntaba en el primer puesto.

—¿El Rengo?

Con las manos apoyadas en la cadera, inflado el delantal sucio sobre el vientre, los feriantes gritaban con voces gangosas o chillonas:

—Rengo, vení, Rengo —y porque le estimaban, al llamarle se reían con gruesas carcajadas, mas el Rengo reconociéndome desde lejos, para gozar de su popularidad caminaba despacio, cojeando ligeramente. Cuando frente a un puesto encontraba a alguna criada conocida, se tocaba el ala del sombrero con el cabo del rebenque.

Detenido charlaba, charlaba sonriendo, mostrando los torcidos dientes con una perenne sonrisa picaresca; de pronto se iba, guiñando al soslayo un ojo a los peones de carniceros, que con los dedos de las manos le hacían obscenos gestos.

—Rengo... ché, Rengo... “bení” —gritaban de otro lado.

El pelafustán volvía su cara angulosa a un costado, diciendo que aguardáramos, y a fuerza de codo se abría paso entre las mujeres apeñuscadas frente a los puestos, y las hembras que no le conocían, las viejas codiciosas y

regañonas, las jóvenes mujeres biliosas y avaras, las mozuelas linfáticas y pretenciosas, miraban con desconfianza agria, con fastidio mal disimulado, esa cara triangular enrojecida por el sol, bronceada por la desvergüenza.

Era un bigardón a quien agradaba tocar el trasero de las mujeres apiñadas.

—Rengo... vení Rengo.

El Rengo gozaba de su popularidad. Además como a todos los personajes de la historia, le agradaba tener amigas, saludarse con las vecinas, bañarse en esta atmósfera de chirigota y grosería que entre comerciante bajo y comadre pringosa se establece de inmediato.

Cuando hablaba de cosas sucias, su cara roja resplandecía como si la hubieran lardado con tocino, y el círculo de mondongueras, verduleros y vendedoras de huevos se regocijaba de la inmundicia con que las salpicaba las chuscadas del jaquetón.

Llamaban:

—Rengo... vení, Rengo —y los fornidos carniceros, los robustos hijos de napolitanos, toda la barbuda suciedad que se gana la vida traficando miserablemente, toda la chusma flaca y gorda, aviesa y astuta, los vendedores de pescado y de fruta, los carniceros y mantequeras, toda la canalla codiciosa de dinero se complacía en la granujería del Rengo, en la

desvergüenza del Rengo, y el Rengo olímpico, desfachatado y “milonguero”, semejante al símbolo de la feria franca, en el pasaje sembrado de tronchos, berzas y cáscaras de naranja, avanzaba contoneándose, y prendida a los labios esta canción obscena.

Y es lindo gozar de garrón.

Era un pelafustán digno de todo aprecio. Habíase acogido a la noble profesión de cuidador de carros, desde el día que le quedó un esguince en una pierna a consecuencia de la caída de un caballo. Vestía siempre el mismo traje, es decir un pantalón de lanilla verde, y un saquito que parecía de torero.

Se adornaba el cuello que dejaba libre su elástico negro, con un pañuelo rojo. Grasiendo sombrero aludo le sombreaba la frente y en vez de botines calzaba alpargatas de tela violeta y adornadas de arabescos rosados.

Con un látigo que nunca abandonaba recorría renqueando de un lado a otro la fila de carros, para hacer guardar compostura a los caballos que por desaburrirse se mordisqueaban ferozmente.

El Rengo, además de cuidados, tenía sus cascabeles de ladrón, y siendo “macró” de afición no podía dejar de ser jugador de hábito. En substancia, era un pícaro afabilísimo, del cual se podía esperar cualquier favor y también alguna trastada.

Él decía haber estudiado para jockey, y haberle quedado ese esguince en la pierna porque de envidia los compañeros le espantaron el caballo un día de prueba, pero yo creo que no había pasado de ser bostero en alguna caballeriza.

Eso sí, conocía más nombres y virtudes de caballos que una beata santos del martirologio. Su memoria era un almanaque de Gotha de la nobleza bestial. Cuando hablaba de minutos y segundos se creía escuchar a un astrónomo, cuando hablaba de sí mismo y de la pérdida que había tenido el país al perder un jockey como él, uno sentíase tentado a llorar.

—¡Qué vago!

Si iba a verle, abandonaba los puestos donde conferenciaba con ciertas barraganas, y cogiéndome de un brazo decía a vía de introito:

—Pasá un cigarrillo, que... —y encaminándonos a la fila de carros, subíamos al que estaba mejor entoldado para sentarnos y conversar largamente.

Decía:

—Sabés, lo amuré al turco Salomón. Se dejó olvidada en el carro una pierna de carnero, lo llamé al Píbe (un protegido) y le dije: Rajando esto a la pieza.

Decía:

—El otro día se viene una vieja. Era una mudanza, un bagayito de nada... Y yo andaba seco, seco... Un mango, le

digo, y agarro el carro del pescador. ¡Qué trotada, hermano! Cuando volví eran las nueve y cuarto, y el matungo sudado que daba miedo. Agarro y lo seco bien, pero el gallego debe haber junado porque hoy y ayer se vino una punta de veces a la fila, y todo para ver si estaba el carro. Ahora, cuando tenga otro viaje le meto con el de la mondonguera —y observando mi sonrisa, agregó:

—Hay que vivir, ché, date cuenta: la pieza diez mangos, el domingo le juego una redoblona a Su Majestad, Vasquito y la Adorada... y Su Majestad me mandó al brodo —mas reparando en dos vagos que estaban rondando con disimulo en torno de un carro al extremo de la fila, puso el grito en el cielo:

—¿Ché, hijos de una gran puta qué hacen ahí? —y enarbolando el látigo fue corriendo hacia el carro. Después de revisar cuidadosamente los arneses se volvió rezongando:

—Estoy arreglado si me roban un cabezal o unas riendas.

En los días lluviosos acostumbraba a pasar las mañanas en su compañía.

Bajo la capota del carro, el Rengo improvisaba estuendas poltronas con bolsas y cajones. Sabíase dónde estaba porque bajo el arco del toldo se escapaban nubes de humo. Para entretenerse, el Rengo cogía el mango de un látigo como si fuera una guitarra, entornaba los ojos, chupaba con más

energía el cigarrillo y con voz arrastrada, a momentos hinchada de coraje, en otros doliente de voluptuosidad, cantaba:

*Tengo un bulín más, “shofica”
que da las once antes de hora,
y que yo se lo alquilé;
y que yo se lo alquilé,
para que afile ella sola.*

Con el sombrero sobre la oreja, el cigarro humeándole bajo las narices, y la camiseta entreabierto sobre el pecho tostado, el Rengo parecía un ladrón, y a veces solía decirme:

—¿No es cierto, ché, Rubio, que tengo pinta de “chorro”?

Si no, contaba en voz baja, entre las largas humaradas de su cigarro, historias del arrabal, recuerdos de su niñez transcurrida en Caballito.

Eran memorias de asaltos y rapiñas, robos en pleno día, y los nombres de Cabecita de Ajo, el Inglés, y los dos hermanos Arévalo, estaban continuamente trabados en estos relatos.

Decía el Rengo con melancolía:

—¡Sí, me acuerdo! Yo era un pibe. Siempre estaban en la esquina de Méndez de Andés y Bella Vista, recostados en la vidriera del almacén de un gallego. El gallego era un “gil”. La mujer dormía con otros y tenía dos hijas en la vida. ¡Sí

me acuerdo! Siempre estaban ahí, tomando el sol y jodiendo a los que pasaban. Pasaba alguno de rancho y no faltaba quien gritara:

—¿Quién se comió la pata e' chanco?

—El del rancho —contestaba el otro. ¡Si eran unos “gre-lunes”! En cuanto te “retobabas”, te “fajaban”. Me acuerdo. Era la una. Venía un turco. Yo estaba con un matungo en la herrería de un francés que había frente al boliche. Fue en un abrir y cerrar de ojos. El rancho del turco voló al medio de la calle, quiso sacar el revólver, y zas, el Inglés de un castañazo lo volteó. Arévalo “cachó” la canasta y Cabecita de Ajo el cajón. Cuando vino el cana sólo estaba el rancho y el turco, que lloraba con la nariz revirada.

El más desalmado fue Arévalo. Era lungo, moreno y tuerto. Tenía unas cuantas muertes. La última que hizo fue la de un cabo. Estaba ya con la captura recomendada.

Lo “cacharon” una noche con otros muchos de la vida en un cafetín que había antes de llegar a San Eduardo. Lo registraron y no llevaba armas. Un cabo le pone la cadena y se lo lleva. Antes de llegar a Bogotá, en lo oscuro, Arévalo saca una faca que tenía escondida en el pecho bajo la camiseta y envuelta en papel de seda, y se la enterró hasta el mango en el corazón. El otro cayó seco, y Arévalo rajó; fue a esconderse en la casa de una hermana que era planchadora, pero al otro

día lo “cacharon”. Dicen que murió tísico de la paliza que le dieron con la “goma”.

Así eran las narraciones del Rengo. Monótonas, oscuras y sanguinosas. Terminadas sus historias antes de que fuera la hora reglamentaria para deshacerse la feria, el Rengo me invitaba:

—Vení, Rubio ¿vamos a requechar?

—Vamos.

Con la bolsa al hombro, el Rengo recorría los puestos y los feriantes, sin necesidad de que él les pidiera, gritábanle:

—Vení, Rengo, tomá —y él recogía grasa, huesos car-nudos; de los verduleros, quien no le daba un repollo le daba patatas o cebollas, las hueveras un poco de manteca, las mondongueras un chirlo de hígado, y el Rengo jovial, con el sombrero inclinado sobre una oreja, el látigo a la espalda, y la bolsa en la mano, cruzaba soberbio como un rey ante los mercaderes, y hasta los más avaros y hasta los más viles no se atrevían a negarle una sobra, porque sabían que él podía perjudicarles en distintas formas.

Terminado, decía:

—Vení a comer conmigo.

—No, que en casa me esperan.

—Vení, no seas otario, hacemos un bife y papas fritas.

Después le meto a la viola, y hay vino, un vinito San Juan

que da las doce antes de hora. Me compré una damajuana, porque plata que no se gasta se “escolaza”.

Bien sabía por qué el Rengo insistía en que almorzara con él. Necesitaría consultarme acerca de sus inventos —porque sí—, el Rengo con toda su vagancia tenía ribetes de inventor; el Rengo que según propio decir se había criado “entre las patas de los caballos”, en sus horas de siesta compaginaba dispositivos e invenciones para despojar de su dinero al prójimo. Recuerdo que un día, explicándole los prodigios de la galvanoplastia, el Rengo quedóse tan admirado que durante muchos días trató de persuadirme para que instaláramos en sociedad una fábrica de moneda falsa. Cuando le pregunté de dónde sacaría el dinero, repuso:

—Yo conozco a uno que tiene plata. Si querés te lo hago conocer y nos arreglamos. Y... ¿Vamos o no vamos?

—Vamos.

Súbitamente el Rengo dirigía una mirada investigadora en redor, para gritar después con voz desapacible:

—¡Pibee!

El Pibe, que estaba riñendo con otros vagos de su calaña, reaparecía.

No tenía diez años de edad, y menos de cuatro pies de estatura, pero en su rostro romboidal como el de un

mogol, la miseria y toda la experiencia de la vagancia habían lapidado arrugas indelebles.

Tenía la nariz chata, los labios belfos, y además era enormemente cabelludo, de una lana rizada y tupida entre cuyos aros desaparecían las orejas. Todo este cromo aborígen y sucio, se ataviaba con un pantalón que le llegaba hasta los tobillos, y una blusa negra de lechero vasco.

El Rengo le ordenó imperativamente:

—Agarrá eso.

El Pibe se echó la bolsa a la espalda y rápidamente marchó.

Era criado, cocinero, mucamo y ayudante del Rengo. Éste lo recogió como se recoge un perro, y en cambio de sus servicios lo vestía y alimentaba; y el Pibe era fidelísimo servidor de su amo.

—Fijáte —me contaba—, el otro día, al abrir la cartera una mujer en un puesto, se le caen cinco pesos. El Pibe los tapa con el pie y después lo alza. Vamos a casa y no había ni “medio” de carbón.

—Andá a ver si te fían. “No hace falta” me contesta el loco, y pela los cinco mangos.

—Caramba, no es malo.

—Y de ahí para la “biaba”. ¿Además no sabés lo que hace?

—Contá.

—¡Pero date cuenta!... Una tarde veo que sale. ¿Adónde vas? —le digo.

—A la Iglesia.

—Me caso, ¿a la Iglesia?

—“Manyá”, y me empieza a contar que de la caja que hay metida en la pared a la entrada, para la limosna, había visto asomar la colita de un peso. Resulta que lo habían entrado apretado, y él con un alfiler lo sacó. Y se había hecho un ganchito con un alfiler para ir a pescar dentro de la caja todos los pesos que haya. ¿Te das cuenta...?

El Rengo se ríe, y si dudo que el Pibe haya inventado ese anzuelo, no dudo en cambio que sea el pescador, mas no se lo digo, y palmoteándole en la espalda, exclamo:

—¡Ah, Rengo, Rengo...!

Y el Rengo se ríe con una risa que le tuerce los labios, descubriéndole los dientes.

Algunas veces en la noche. —Piedad, ¿quién tendrá piedad de nosotros?

Sobre esta tierra quién tendrá piedad de nosotros. Miseros, no tenemos un Dios ante quien postrarnos, y toda nuestra pobre vida llora.

¿Ante quién me postraré, a quién hablaré de mis espinos y de mis zarzas duras, de este dolor que surgió en la tarde ardiente y que aún es en mí?

Qué pequeñitos somos, y la madre tierra no nos quiso en sus brazos y henos aquí acerbos, desmantelados de impotencia.

¿Por qué no sabemos de nuestro Dios?

¡Oh! Si él viniera un atardecer y quedamente nos abarcara con sus manos las dos sienes.

¿Qué más podríamos pedirle? Echaríamos a andar con su sonrisa abierta en la pupila y con lágrimas suspendidas de las pestañas.

Un día jueves a las dos de la tarde, mi hermana me avisó que un individuo estaba a la puerta esperándome.

Salí, y con la consiguiente sorpresa, encontré al Rengo, más decentemente trajeado que de costumbre, pues había reemplazado su pañuelo rojo por un modesto cuello de tela, y a las floreadas alpargatas las sustituía un flamante par de botines.

—¡Hola! ¿Vos por acá?

—¿Estás desocupado, Rubio?

—Sí, ¿por qué?

—Entonces salí, tenemos que hablar.

—Cómo no, esperáme un momento —y entrando rápidamente me puse el cuello, cogí el sombrero y salí. De más está decir que inmediatamente sospeché algo, y aunque no podía imaginarme el objeto de la visita del Rengo, resolví estar en guardia.

Una vez en la calle examinando su semblante reparé que tenía algo importante que comunicarme, pues observábame a hurtadillas, mas me retuve en la curiosidad, limitándome a pronunciar un significativo:

—¿Y...?

—Hace días que no venís a la feria —comentó.

—Sí... estaba ocupado... ¿Y vos?

El Rengo tornó a mirarme. Como caminábamos por una vereda sombreada, dióse a hacer observaciones acerca de la temperatura; después habló de la pobreza, de los trastornos que le traían los cotidianos trabajos; también me dijo que en la semana última le habían robado un par de riendas, y cuando agotó el tema, deteniéndome en medio de la vereda, y cogiéndome de un brazo, lanzó este exabrupto:

—¿Decime, ché Rubio, sos de confianza o no sos?

—¿Y para preguntarme eso me has traído hasta acá?

—¿Pero sos o no sos?

—Mirá, Rengo, decime, ¿me tenés fe?

—Sí... yo te tengo... pero decí, ¿se puede hablar con vos?

—Claro, hombre.

—Mirá, entonces entremos allá, vamos a tomar algo —y el Rengo encaminándose al despacho de bebidas de un almacén, pidió una botella de cerveza al lavacopas, nos sentamos a una mesa en el rincón más oscuro, y después de beber, el Rengo dijo, como quien se descarga de un gran peso.

—Tengo que pedirte un consejo, Rubio. Vos sos muy “científico”. Pero por favor, ché... te recomiendo, Rubio.

Le interrumpí.

—Mirá, Rengo, un momento. Yo no sé lo que tenés que decirme, pero desde ya te advierto que sé guardar secretos. No pregunto ni tampoco digo.

El Rengo depositó su sombrero encima de la silla. Cavilaba aún, y en su perfil de gavilán la irresolución mental movíale ligeramente por reflejo los músculos sobre las mandíbulas. En sus pupilas ardía un fuego de coraje, después mirándome reciamente, se explicó:

—Es un golpe maestro, Rubio. Diez mil mangos por lo menos.

Le miré con frialdad, esa frialdad que proviene de haber descubierto un secreto que nos puede beneficiar inmensamente, y repliqué para inspirarle confianza:

—No sé de qué se trata, pero es poco.

La boca del Rengo se abrió lentamente.

—Te pa-re-ce po-co. Diez mil mangos lo menos, Rubio... lo menos.

—Somos dos —insistí.

—Tres —replicó.

—Peor que peor.

—Pero la tercera es mi mujer —y de pronto sin que me explicara su actitud, sacó una llave, una pequeña llave aplastada y poniéndola encima de la mesa, dejóla allí abandonada. Yo no la toqué.

Concentrado le miraba a los ojos, él sonreía como si la locura de un regocijo le ensanchara el alma, a momentos empalidecía; bebió dos vasos de cerveza uno tras otro, enjugóse los labios con el dorso de la mano y dijo con una voz que no parecía suya:

—¡Es linda vida!

Sin apartar los ojos de él, dije.

—Sí, la vida es linda, Rengo. Es linda. Imagínate los grandes campos, imagináte las ciudades del otro lado del mar. Las hembras que nos seguirían; nosotros cruzaríamos como grandes “bacanes” las ciudades al otro lado del mar.

—¿Sabés bailar, Rubio?

—No, no sé.

—Dicen que allí los que saben bailar el tango se casan con millonarias., y yo me voy a ir, Rubio, me voy a ir.

—¿Y la plata?

Me miró con dureza, después una alegría le demudó el semblante, y en su rostro de gavilán se dilató una gran bondad.

—Si supieras cómo la he “laburado”, Rubio. ¿Ves esta llave? Es de una caja de fierro. Introdujo la mano en un bolsillo, y sacando otra llave más larga, continuó:

—Esta es la de la puerta del cuarto donde está la caja. La hice en una noche, Rubio, meta lima. “Laburé” como un negro.

—¿Te las trajo ella?

—Sí, la primera hace un mes que la tengo hecha, la otra la hice antiyer. Meta esperarte en la feria, y vos que no venías.

—¿Y ahora?

—¿Querés ayudarme? Vamos a medias. Son diez mil mangos, Rubio. Ayer los puso en la caja.

—¿Cómo sabés?

—Fue al banco. Trajo un mazo bárbaro. Ella lo vio y me dijo que todos eran colorados.

—¿Y me das la mitad?

—Sí, a medias, ¿te animás?

Me incorporé bruscamente en la silla, fingiendo estar poseído por el entusiasmo.

—Te felicito, Rengo, lo que pensaste es maravilloso.

—¿Te parece, Rubio?

—Ni un maestro hubiera planeado como vos lo has hecho este asunto. Nada de ganzúa. Todo limpio.

—¿Cierto, eh...?

—Limpio, hermano. A la mujer la escondemos.

—No hace falta, ya tengo alquilada una pieza que tiene sótano; los primeros días la “escabullo” ahí. Después vestida de hombre me la llevo para el Norte.

—¿Querés que salgamos, Rengo?

—Sí, vamos...

La cúpula de los plátanos nos protegía de los ardores del sol. El Rengo, meditando, dejaba humear su cigarrillo entre los labios.

—¿Quién es el dueño de la casa? —le pregunté.

—Un ingeniero.

—¡Ah! ¿es ingeniero?

—Sí, pero batí, Rubio, ¿te animás?

—Por qué no... sí, hombre... ya estoy aburrido de caminar vendiendo papel. Siempre la misma vida: estarse reventando para nada, decíme, Rengo, ¿tiene sentido esta vida? Trabajamos para comer y comemos para trabajar. “Minga” de alegría, “minga” de fiestas, y todos los días lo mismo, Rengo. Esto “esgunfia” ya.

—Cierto, Rubio, tenés razón... ¿Así que te animás?

—Sí.

—Entonces esta noche damos el golpe.

—¿Tan pronto?

—Sí, él sale todas las noches. Va al club.

—¿Es casado?

—No, vive solo.

—¿Lejos de acá?

—No, una cuadra antes de Nazca. En la calle Bogotá.

Si querés, vamos a ver la casa.

—¿Es de altos?

—No, baja, tiene jardín al frente. Todas las puertas dan a la galería. Hay una lonja de tierra a lo largo.

—¿Y ella?

—Es sirvienta.

—¿Y quién cocina?

—La cocinera.

—Entonces tiene plata.

—¡Hay que ver la casa! ¡Tiene cada mueble adentro!

—¿Y a qué hora vamos esta noche?

—A las once.

—¿Y va a estar ella sola?

—Sí, la cocinera en cuanto termina se va a su casa.

—¿Pero es seguro eso?

—Seguro. El farol está a media cuadra, ella va a dejar la puerta abierta, nosotros entramos y directo al escritorio, sacamos la “guita”, ahí mismo la partimos y yo me la llevo para el refugio.

—¿Y la “cana”?

—La “cana”... la “cana” “cacha” a los que están prontuariados. Yo trabajo de cuidador de carros, además nos ponemos guantes.

—¿Querés un consejo, Rengo?

—Dos.

—Bueno, atendéme. Lo primero que tenemos que hacer es no dejarnos ver hoy por allá. Puede reconocernos algún vecino y nos mandan al “muere”. Además no hay objeto si vos conocés la casa. Perfectamente. Segundo: ¿A qué hora sale el ingeniero?

—Nueve y media a diez, pero podemos espiar.

—Abrir la caja es cuestión de diez minutos.

—Ni eso, si ya está probada la llave.

—Te felicito por la precaución... así que a las once podemos ir.

—Sí.

—¿Y dónde nos vemos nosotros?

—En cualquier sitio.

—No, hay que ser precavidos. Yo voy a estar en Las Orquídeas a las diez y media. Vos entrás, pero no me saludás

ni nada. Te sentás en otra mesa, y a las once salimos, yo te sigo, entrás a la casa y entro yo, después cada uno que tire por su lado.

—En esa forma evitamos sospechas. Está bien pensado... ¿tenés revólver vos?

—No.

De pronto el arma lució en su mano, y antes que lo evitara, la introdujo en mi bolsillo.

—Yo tengo otra.

—No hace falta.

—Nunca uno sabe lo que puede pasar.

—¿Y vos serías capaz de matar?

—Yo... la pregunta, ¡claro!

—¡Eh!

Algunas personas que pasaron nos hicieron callar. Del cielo celeste descendía una alegría que se filtraba en tristeza dentro de mi alma culpable. Recordando una pregunta que no le hice, dije:

—¿Y cómo sabrá ella que vamos esta noche?

—Le doy la seña por teléfono.

—¿Y el ingeniero no está de día en la casa?

—No, si querés le hablo ahora.

—¿De dónde?

—De esa botica.

El Rengo entró a comprar unas aspirinas, y poco después salió. Ya se había comunicado con la mujer.

Sospeché el enjuague, y aclarando, repuse:

—Vos contabas conmigo para este asunto, ¿no?

—Sí, Rubio.

—¿Por qué?

—Porque sí.

—Ahora todo está listo.

—Todo.

—¿Tenés guantes, vos?

—Sí.

—Yo me pongo unas medias, es lo mismo.

Después callamos.

Toda la tarde caminamos al azar, perdido el pensamiento, sobrecojidos por desiguales ideas.

Recuerdo que entramos a una cancha de bochas.

Allí bebimos, pero la vida giraba en torno nuestro como el paisaje en los ojos de un ebrio.

Imágenes adormecidas hacía mucho tiempo, semejantes a nubes se levantaron en mi conciencia, el resplandor solar me hería las pupilas, un gran sueño se apoderaba de mis sentidos y a instantes hablaba precipitadamente sin ton ni son.

El Rengo me escuchaba abstraído.

De pronto una idea sutil se bifurcó en mi espíritu, yo la sentí avanzar en la entraña cálida, era fría como un hilo de agua y me tocó el corazón.

—¿Y si lo delatara?

Temeroso de que hubiera sorprendido mi pensamiento, miré sobresaltado al Rengo, que a la sombra del árbol, con los ojos adormecidos miraba la cancha, donde las bochas estaban esparcidas.

Aqué! era un lugar sombrío, propicio para elaborar ideas feroces.

La calle Nazca ancha se perdía en el confin. Junto al muro alquitranado de un alto edificio, el bodegonero tenía adosado su cuarto de madera pintado de verde, y en el resto del terreno, se extendían paralelas las franjas de tierra enarenada.

Varias mesas de hierro se hallaban en distintos puntos.

Nuevamente pensé:

—¿Y si lo delatara?

Con la barbilla apoyada en el pecho y el sombrero echado encima de la frente, el Rengo se había dormido. Un rayo de sol le caía sobre una pierna, con el pantalón manchado de lamparones de grasa.

Entonces un gran desprecio me envaró el espíritu, y cogiéndole bruscamente de un brazo, le grité:

—Rengo.

—Eh... eh... ¿qué hay?

—Vamos, Rengo.

—¿A dónde?

—A casa. Tengo que preparar la ropa. Esta noche damos el golpe y mañana rajamos.

—Cierto, vamos.

Una vez solo, varios temores se levantaron en mi entendimiento. Yo vi mi existencia prolongada entre todos los hombres. La infamia estiraba mi vida entre ellos y cada uno de ellos podía tocarme con un dedo. Y yo, ya no me pertenecía a mí mismo para nunca jamás.

Decíame:

—Porque si hago eso destruiré la vida del hombre más noble que he conocido.

Si hago eso me condeno para siempre.

Y estaré solo, y seré como Judas Iscariote. Toda la vida llevaré una pena.

¡Todos los días llevaré una pena!... —y me vi prolongado dentro de los espacios de vida interior, como una angustia, vergonzosa hasta para mí.

Entonces sería inútil que tratara de confundirme con los desconocidos. El recuerdo, semejante a un diente podrido, estaría en mí, y su hedor me enturbiaría todas las fragancias de la tierra, pero a medida que ubicaba el hecho en la distancia, mi perversidad encontraba interesante la infamia.

—¿Por qué no?... Entonces yo guardaré un secreto, un secreto salado, un secreto repugnante, que me impulsará a investigar cuál es el origen de mis raíces oscuras. Y cuando no tenga nada que hacer, y esté triste pensando en el Rengo, me preguntaré: ¿Por qué fui tan canalla?, y no sabré responderme, y en esta rebusca sentiré cómo se abren en mí, curiosos horizontes espirituales.

Además, el negocio éste puede ser provechoso.

En realidad —no pude menos de decirme— soy un locoide con ciertas mezclas de pillo; pero Rocambole no era menos: asesinaba... yo no asesino. Por unos cuantos francos le levantó falso testimonio a “papá” Nicolo y lo hizo guillotinar. A la vieja Fipart que le quería como una madre la estranguló, y mató... mató al capitán Williams, a quien él debía sus millones y su marquesado.

¿A quién no traicionó él...?

De pronto recordé con nitidez asombrosa este pasaje de la obra: “Rocambole olvidó por un momento sus dolores físicos. El preso cuyas espaldas estaban acardenaladas por la

vara del Capataz, se sintió fascinado: parecióle ver desfilar a su vista como un torbellino embriagador, París, los Campos Elíseos, el Boulevard de los Italianos, todo aquel mundo deslumbrador de luz y de ruido en cuyo seno había vivido antes”.

Pensé:

—¿Y yo?... ¿yo seré así...? ¿no alcanzaré a llevar una vida fastuosa como la de Rocambole? —Y las palabras que antes le había dicho al Rengo sonaron otra vez en mis orejas, pero como si las pronunciara otra boca:

—“Sí, la vida es linda, Rengo... Es linda. Imagínate los grandes campos, imagínate las ciudades del otro lado del mar. Las hembras que nos seguirían, y nosotros cruzaríamos como grandes “bacanes” las ciudades que están al otro lado del mar”.

Despacio, se desenroscó otra voz en mi oído:

—Canalla... sos un canalla.

Se me torció la boca. Recordé a un cretino que vivía al lado de mi casa y que constantemente decía con voz nasal:

—“Si yo no tengo la culpa”.

—Canalla... sos un canalla...

—“Si yo no tengo la culpa”.

—¡Ah!, canalla... canalla...

—No me importa... y seré hermoso como Judas Iscariote. Toda la vida llevaré una pena... una pena... La angustia abrirá a mis ojos grandes horizontes espirituales... ¡pero qué tanto

embromar!... ¿No tengo derecho yo...? ¿acaso yo?... Y seré hermoso como Judas Iscariote... y toda la vida llevaré una pena... pero... ¡ah!, es linda la vida, Rengo... es linda... y yo... yo a vos te hundo... te degüello... te mando al “brodo” a vos... sí a vos... que sos “pierna”... que sos “rana”... yo te hundo a vos... sí, a vos, Rengo... y entonces... entonces seré hermoso como Judas Iscariote... y tendré una pena... una pena... ¡Puerco!

Grandes manchas de oro tapizaban el horizonte, del que surgían en penachos de estaño, nubes tormentosas, circundadas de atorbellinados velos color naranja.

Levanté la cabeza y próximo al zenit entre sábanas de nubes, vi relucir débilmente una estrella. Diría una salpicadura de agua trémula en una grieta de porcelana azul.

Me encontraba en el barrio sindicado por el Rengo.

Las aceras estaban sombreadas por copudos follajes de acacias y ligustrum. La calle era tranquila, románticamente burguesa, con verjas pintadas ante los jardines, fuentecillas dormidas entre los arbustos y algunas estatuas de yeso averiadas. Un piano sonaba en la inquietud del crepúsculo, y me sentí suspendido de los sonidos, como una gota de rocío

en la ascensión de un tallo. De un rosal invisible llegó tal ráfaga de perfume, que embriagado vacilé sobre mis rodillas, al tiempo que leía en una placa de bronce:

ARSENIO VITRI — *INGENIERO*

Era la única indicando dicha profesión, en tres cuabras a lo largo.

A semejanza de otras casas, el jardín florecido extendía sus canteros frente a la sala, y al llegar al camino de mosaico que conducía a la puerta vidriada de la mampara se cortaba; luego continuaba formando escuadra a lo largo del muro de la casa ladera. Encima de un balcón una cúpula de cristal protegía de la lluvia lo destechado.

Me detuve y presioné el botón del timbre.

La puerta de la mampara se abrió, y encuadrada por el marco, vi una mulata cejijunta y de mirada aviesa, que de mal modo me preguntó lo que quería.

Al interrogarle si estaba el ingeniero, me respondió que vería, y tornó diciéndome quién era, y qué es lo que deseaba. Sin impacientarme le respondí que me llamaba Fernán González, de profesión dibujante.

Volvió a entrar la mulata, y ya más apaciguada, me hizo pasar. Cruzamos ante varias puertas con las persianas cerradas, de pronto abrió la hoja de un estudio, y frente a un escritorio a la izquierda de una lámpara con pantalla verde, vi

una cabeza canosa inclinada; el hombre me miró, le saludé, y me hizo señal de que entrara. Después dijo:

—Un momento, señor, y soy con usted.

Le observé. Era joven a pesar de su cabello blanco.

Había en su rostro una expresión de fatiga y melancolía. El ceño era profundo, las ojeras hondas, haciendo triángulo con los párpados, y el extremo de los labios ligeramente caídos, acompañaba a la postura de esa cabeza, ahora apoyada en la palma de la mano e inclinada hacia un papel.

Adornaban el muro de la estancia, planos y diseños de edificios lujosos; fijé los ojos en una biblioteca, llena de libros, y había alcanzado a leer el título: “Legislación de agua”, cuando el señor Vitri me preguntó:

—¿En qué puedo servirlo, señor? Bajando la voz le contesté:

—Perdóneme, señor, ante todo, ¿estamos solos?

—Supongo que sí.

—¿Me permite una pregunta quizá indiscreta? Usted no está casado, ¿no?

—No.

Ahora mirábame seriamente, y su rostro enjuto iba adquiriendo paulatinamente, por decirlo así, una reciedumbre que se difundía en otra más grave aún.

Apoyado en el respaldar del sillón, había echado la cabeza hacia atrás; sus ojos grises me examinaban con dureza, un momento se fijaron en el lazo de mi corbata, después se detuvieron en mi pupila y parecía que inmóviles allá en su órbita, esperaban sorprender en mí algo inusitado.

Comprendí que debía dejar los circunloquios.

—Señor, he venido a decirle que esta noche intentarán robarle. Esperaba sorprenderlo, pero me equivoqué.

—¡Ah!, sí... ¿y cómo sabe usted eso?

—Porque he sido invitado por el ladrón. Además usted ha sacado una fuerte suma de dinero del Banco y la tiene guardada en la caja de hierro.

—Es cierto...

—De esa caja, como de la habitación en que está, el ladrón tiene la llave.

—¿La ha visto usted? —y sacando del bolsillo el llavero me mostró una de guardas excesivamente gruesas.

—¿Es ésta?

—No, es la otra —y aparté una exactamente igual a la que el Rengo me había enseñado.

—¿Quiénes son los ladrones?

—El instigador es un cuidador de carros llamado Rengo, y la cómplice su sirvienta.

—Me lo imaginaba.

—Ella le sustrajo las llaves a usted de noche, y el Rengo hizo otras iguales en pocas horas.

—¿Y usted qué participación tiene en el asunto?

—Yo... yo he sido invitado a esta fiesta como un simple conocido.

El Rengo llegó a casa y me propuso que le acompañara.

—¿Cuándo le vio a usted?

—Aproximadamente hoy a las dos de la tarde.

—Antes, ¿no estaba usted en antecedentes de lo que ese sujeto preparaba?

—De lo que preparaba, no. Conozco al Rengo; nuestras relaciones se establecieron vendiendo yo papel a los feriantes.

—Entonces usted era su amigo... esas confianzas sólo se hacen a los amigos.

Me ruboricé.

—Tanto como amigo no... pero siempre me interesó su psicología.

—¿Nada más?

—No, ¿por qué?

—Decía... ¿pero a qué hora debían venir ustedes esta noche?

—Nosotros espiaríamos hasta que usted saliera para el Club, después la mulata nos abriría la puerta.

—El golpe está bien. ¿Cuál es el domicilio de ese sujeto llamado Rengo?

—Condarco 1375.

—Perfectamente, todo se arreglará. ¿Y su domicilio?

—Caracas, 824.

—Bien, venga esta noche a las 10. A esa hora todo estará bien guardado. Su nombre es Fernán González.

—No, me cambié de nombre por si acaso la mulata conociera ya, por intermedio del Rengo, mi posible participación en el asunto. Yo me llamo Silvio Astier.

El ingeniero apretó el botón del timbre, miró en redor; momentos después se presentó la criada.

El semblante de Arsenio Vitri conservábase impasible.

—Gabriela, el señor va a venir mañana a la mañana a buscar ese rollo de planos —y le señaló un manojito abandonado en una silla—, aunque yo no esté se lo entrega.

Luego levantóse, me estrechó fríamente la mano y salió acompañado de la criada.

El Rengo fue detenido a las nueve y media de la noche. Vivía en un altillo de madera, en una casa de gente modesta. Los agentes que le esperaban supieron por el Pibe

que el Rengo había venido, “revolvió el bagayo y se fue”. Como ignoraban cuáles eran los lugares que acostumbraba frecuentar, presentáronse inopinadamente a la dueña de la casa, se dieron a conocer como agentes de policía y entraron por una empinada escalera hasta el cuarto del Rengo. Allí en apariencia no había nada que valiera la pena. Sin embargo, cosa inexplicable y absurda, colgadas en un clavo a la vista de todo el que entrara, encontrábanse las dos llaves: la de la caja de hierro y la de la puerta del escritorio. En un cajón de kerosene, con algunos trapos viejos, hallaron un revólver y en el fondo, oculto casi, recortes de periódicos. Referían un asalto cuyos autores no había individualizado la policía.

Como las noticias de los periódicos trataban del mismo delito, se supuso con razón que el Rengo no era ajeno a esa historia, y precaucionalmente fue detenido el Pibe, es decir, se le envió con un agente a la comisaría de la sección.

En la bohardilla había también una mesa de pinotea blanca, con un cajón lateral. Allí encontróse cierto torno de relojero, y un juego de limas finas. Algunas denotaban uso reciente.

Secuestradas todas las pruebas del delito, la encargada de la casa fue nuevamente llamada.

Era una vejezuela descarada y avara; envolvíase la cabeza con un pañuelo negro cuyas puntas se ataba bajo la barbilla.

Encima la frente le caían vellones de pelos blancos, y su mandíbula se movía con increíble ligereza cuando hablaba. Su declaración hizo poca luz en torno del Rengo. Ella le conocía desde hacía tres meses. Pagaba puntualmente y trabajaba a la mañana.

Interrogada acerca de las visitas que recibía el ladrón, dio datos oscuros; eso sí, recordaba “que el domingo pasado una negra vino a las tres de la tarde y salió a las seis junto con Antonio”.

Descartada toda posibilidad de complicidad, se le ordenó absoluta discreción, que la vejezuela prometió por temor a posteriores compromisos, y los dos agentes tornaron al altillo para esperar al Rengo, ya que fue explícito deseo del ingeniero que el Rengo fuera detenido fuera de su casa, para atenuar la pena que merecía. Quizá pensó también que yo no era completamente ajeno a la decisión del Rengo.

Los pesquisas creían que éste no vendría; posiblemente cenara en algún restaurante de las afueras, y se embriagara para darse coraje, pero se equivocaron.

Esos días el Rengo había ganado dinero con unas redoblonas. Después que se separó de mí volvió al altillo para salir más tarde hacia un prostíbulo que conocía. Casi a la hora de cerrarse los comercios entró en una valijería y compró una valija.

Después se dirigió a su cuarto, bien ajeno a lo que le esperaba. Subió la escalera tarareando un tango, cuyos tonos hacían más distintos los golpeteos intermitentes de la valija entre los peldaños.

Cuando abrió la puerta, la dejó en el suelo.

Introdujo después una mano en el bolsillo para sacar la caja de fósforos y en ese instante un golpe terrible en el pecho lo hizo retroceder, en tanto que otro polizone lo cogía del brazo.

No es de dudar que el Rengo comprendió de lo que se trataba, porque haciendo un esfuerzo desesperado se desprendió.

Los vigilantes, al intentar seguirle, tropezaron con la valija y uno de ellos rodó por la escalera, cayéndole del bolsillo el revólver, que se descargó.

El estampido llenó de espanto a los moradores de la casa, y equivocadamente se atribuyó ese tiro al Rengo, que no había alcanzado a trasponer la puerta de la calle.

Entonces sucedió una cosa terrible.

El hijo de la vejezuela, carnicero de oficio, enterado por su madre de lo que ocurría, cogió su bastón y se precipitó en persecución del Rengo.

A los treinta pasos le alcanzó. El Rengo corría arrastrando su pierna inútil, de pronto el bastón cayó sobre su brazo, volvió la cabeza y el palo resonó encima de su cráneo.

Aturdido por el golpe, intentó defenderse aún con una mano, pero el pesquiza que había llegado le hizo una zancadilla y otro bastonazo que le alcanzó en el hombro terminó por derribarle. Cuando le pusieron cadenas el Rengo gritó con un gran grito de dolor.

—¡Ay, mamita! —después otro golpe le hizo callar y se le vio desaparecer en la calle oscura amarradas las muñecas por las esposas que retorcían con rabia los agentes marchando a sus costados.

Cuando llegué a la casa de Arsenio Vitri, Gabriela no estaba ya. Su detención se efectuó pocos momentos después que yo salí.

Un oficial de policía llamado al efecto instruyó el sumario frente al ingeniero. La mulata al principio negóse a confesar nada, mas cuando mintiendo se le dijo que el Rengo había sido detenido, echóse a llorar.

Los testigos del acto no olvidarían jamás esa escena.

La mujer oscura, arrinconada, con los ojos brillantes miraba a todos los costados, como una fiera que se prepara para saltar.

Temblaba extraordinariamente; pero cuando se insistió en que el Rengo estaba detenido y que sufriría por su causa,

suavemente echóse a llorar; con un llanto tan delicado que el ceño de los circustantes se acentuó... de pronto levantó los brazos, sus dedos se detuvieron en el nudo de sus cabellos, arrancó de allí una peineta y desparramando su cabellera por la espalda, dijo juntando las manos, mirando como enloquecida a los presentes:

—Sí, es cierto... es cierto... vamos... vamos a donde está Antonio. En un carruaje la condujeron a la comisaría.

Arsenio Vitri me recibió en su escritorio. Estaba pálido, y sus ojos no me miraron al decirme:

—Siéntese.

Inesperadamente, con voz inflexiva me preguntó

—¿Cuánto le debo por sus servicios?

—¿Cómo...?

—Sí, ¿cuánto le debo...?, porque a usted sólo se le puede pagar. Comprendí todo el desprecio que me arrojaba a la cara.

Empalideciendo, me levanté:

—Cierto, a mí sólo se me puede pagar. Guárdese el dinero que no le he pedido. Adiós.

—No, venga, siéntese... ¿dígame por qué ha hecho eso?

—¿Por qué?

—Sí, ¿por qué ha traicionado a su compañero?, y sin motivo. ¿No le da vergüenza tener tan poca dignidad a sus años?

Enrojecido hasta la raíz de los cabellos, le respondí.

—Es cierto... Hay momentos en nuestra vida en que tenemos necesidad de ser canallas, de ensuciarnos hasta adentro, de hacer alguna infamia, yo qué sé... de destrozar para siempre la vida de un hombre... y después de hecho eso podremos volver a caminar tranquilos.

Vitri no me miraba ahora a la cara. Sus ojos estaban fijos en el lazo de mi corbata y su semblante iba adquiriendo sucesivamente una seriedad que se difundía en otra más terrible.

Proseguí

—Usted me ha insultado, y sin embargo no me importa.

—Yo podía ayudarlo a usted —murmuró.

—Usted podía pagarme, y ni eso ahora, porque yo por mi quietud me siento, a pesar de toda mi canallería, superior a usted —e irritándome súbitamente, le grité:

—¿Quién es usted?... Aún me parece un sueño haberle delatado al Rengo.

Con voz suave, replicó:

—¿Y por qué está usted así?

Un gran cansancio se apoderaba de mí rápidamente, y me dejé caer en la silla.

—¿Por qué? Dios lo sabe. Aunque pasen mil años no podré olvidarme de la cara del Rengo. ¿Qué será de él? Dios lo sabe; pero el recuerdo del Rengo estará siempre en mi

vida, será en mi espíritu como el recuerdo de un hijo que se ha perdido. Él podrá venir a escupirme en la cara y yo no le diré nada.

Una tristeza enorme pasó por mi vida. Más tarde recordaría siempre ese instante.

—Sí, es así —balbuceó el ingeniero, y de pronto incorporándose, con los ojos brillantes fijos en el lazo de mi corbata, murmuró como soñando.

—Usted lo ha dicho. Es así. Se cumple con una ley brutal que está dentro de uno. Es así. Es así. Se cumple con la ley de la ferocidad. Es así; pero quién le dijo a usted que es una ley, ¿dónde aprendió eso?

Repliqué:

—Es como un mundo que de pronto cayera encima de nosotros.

—¿Pero usted había previsto que algún día llegaría a ser como Judas.

—No, pero ahora estoy tranquilo. Iré por la vida como si fuera un muerto. Así veo la vida, como un gran desierto amarillo.

—¿No le preocupa esa situación?

—¿Para qué? —es tan grande la vida. Hace un momento me pareció que lo que había hecho estaba previsto hace diez mil años; después creí que el mundo se abría en dos partes,

que todo se tornaba de un color más puro y los hombres no éramos tan desdichados.

Una sonrisa pueril apareció en el rostro de Vitri. Dijo:

—¿Le parece a usted?

—Sí, alguna vez sucederá eso... sucederá, y la gente irá por la calle preguntándose los unos a los otros: ¿Es cierto esto, es cierto?

—Usted, dígame, ¿usted nunca ha estado enfermo?

Comprendí lo que él pensaba y sonriendo continué:

—No... ya sé lo que usted cree... pero escúcheme... yo no estoy loco. Hay una verdad, sí... y es que yo siento que la vida va a ser extraordinariamente linda para mí. No sé si la gente sentirá la fuerza de la vida como la siento yo, pero en mí hay una alegría, una especie de inconsciencia llena de alegría.

Una súbita lucidez me permitía ahora discernir los móviles de mis acciones anteriores, y continué:

—Yo no soy un perverso, soy un curioso de esta fuerza enorme que está en mí —y callé.

—Siga, siga...

—Todo me sorprende. A veces tengo la sensación de que hace una hora que he venido a la tierra y de que todo es nuevo, flamante, hermoso. Entonces abrazaría a la gente por la calle, me pararía en medio de la vereda para decirles:

¿Pero ustedes por qué andan con esas caras tan tristes? Si la Vida es linda, linda... ¿no le parece a usted?

—Sí...

—Y saber que la vida es linda me alegra, parece que todo se llena de flores... dan ganas de arrodillarse y darle las gracias a Dios, por habernos hecho nacer.

—¿Y usted cree en Dios?

—Yo creo que Dios es la alegría de vivir. ¡Si usted supiera! A veces me parece que tengo un alma tan grande como la iglesia de Flores... y me dan ganas de reír, de salir a la calle y pegarle puñetazos amistosos a la gente...

—Siga...

—¿No se aburre?

—No, siga.

—Lo que hay, es que esas cosas uno no se las puede decir a la gente. Lo tomarían por loco. Y yo me digo: ¿qué hago de esta vida que hay en mí? y me gustaría darla... regalarla... acercarme a las personas y decirles: ¡ustedes tienen que ser alegres! ¿saben? tienen que jugar a los piratas... hacer ciudades de mármol... reírse... tirar fuegos artificiales.

Arsenio Vitri se levantó, y sonriendo dijo:

—Todo eso está muy bien, pero hay que trabajar. ¿En qué puedo serle útil?

Reflexioné un instante, luego:

—Vea; yo quisiera irme al sur... al Neuquén... allá donde hay hielos y nubes... y grandes montañas... quisiera ver la montaña...

—Perfectamente; yo le ayudaré y le conseguiré un puesto en Comodoro; pero ahora váyase porque tengo que trabajar. Le escribiré pronto... ¡Ah!, y no pierda su alegría; su alegría es muy linda...

Y su mano estrechó fuertemente la mía. Tropecé con una silla... y salí.

APÉNDICE: EL POETA PARROQUIAL

Juan se echó a reír.

—Yo no entiendo de esas cosas... Decíme, ¿querés venir conmigo a ver un poeta? Tiene dos o tres libros publicados y como soy secretario de una biblioteca, estoy encargado de surtirla de libros. Por lo tanto, visitamos a todos los escritores. ¿Querés venir? Vamos esta noche.

—¿Cómo se llama?

—Alejandro Villac. Tiene un libro “La Caverna de las Musas” y otro “El collar de terciopelo”.

—¿Qué tal son esos versos?

—Yo no los he leído. Publica en “Caras y Caretas”.

—¡Ah! Si publica en “Caras y Caretas” debe ser buen poeta.

—Y en “El Hogar” le publicaron el retrato.

—¿En “El Hogar” le publicaron el retrato? —repetí asombrado—; pero entonces no es un poeta cualquiera. Si en “El Hogar” le publicaron el retrato... caramba... para

que le publiquen en “Caras y Caretas” y el retrato en “El Hogar”... Esta misma noche vamos; —y asaltado de súbito temor— pero, ¿nos recibirá?... ¡Porque para que le publiquen el retrato en “El Hogar”!

—Bueno, claro que nos va a recibir. Yo llevo una carta del bibliotecario. ¿Entonces esta noche me venís a buscar? ¡Ah! esperá que te traigo “Electra” y la “Citá Morta”.

Cuando nos apartamos, yo no pensaba en los libros, ni en el empleo, ni en la sincera generosidad de Juan el magnífico; pensaba emocionado en el autor de “La Caverna de las Musas”, en el poeta que publicaba en “Caras y Caretas” y cuyo retrato exhibiera gloriosamente “El Hogar”.

El poeta vivía a tres cuadras de la calle Rivadavia, en una callejuela sin empedrar, con faroles de gas, veredas des-niveladas, árboles añosos y casitas adornadas de jardines insignificantes y agradables, es decir, en una de esas tantas calles que en los suburbios porteños tienen la virtud de recordarnos un campo de ilusión, y que constituyen el encanto de la parroquia de Flores.

—Como Juan no conocía exactamente la dirección del autor de “La Caverna de las Musas”, tuvimos que informarnos en el barrio, y una niña apoyada en la pilastra de un jardín nos orientó.

—¿Es la casa del poeta la que buscan, no?, el señor Villac.

—Sí, señorita; al que le publicaron el retrato en “El Hogar”.

—Entonces es el mismo. ¿Ven esa casita de frente blanco?

—¿Aquella con el árbol caído?...

—No, la otra; esa antes de llegar a la esquina, la de la puerta de reja.

—¡Ah, sí, sí!

—Ahí vive el señor Villac.

—Muchas gracias —y saludándola nos retiramos.

Juan conservaba su sonrisa escéptica. ¿Por qué? Aun no lo sé. Siempre sonreía así entre incrédulo y triste.

Sentíame emocionado; percibía nítidamente el latido de mis venas. No era para menos. Dentro de pocos minutos me encontraría frente al poeta a quien habían publicado el retrato en “El Hogar” y apresuradamente imaginaba una frase sutil y halagadora que me permitiera congraciarme con el vate.

Rezongué:

—¿Nos recibirá?

Como habíamos llegado a la puerta, Juan por toda respuesta se limitó a golpear reciamente la palma de sus manos, lo que me pareció una irreverencia. ¿Qué diría el poeta? En esa forma sólo llamaba un cobrador malhumorado. Se escuchó el roce de suelas en las baldosas, en lo oscuro la criada atropelló una maceta, después se diseñó una forma blanca a cuyas preguntas Juan respondió entregándole la carta.

En cuanto aguardábamos, oíanse ruidos de platos en el comedor.

—Pasen; el señor viene enseguida. Está terminando de cenar. Pasen por aquí. Tomen asiento.

Quedamos solos en la sala iluminada.

Frente a la ventana encortinada, un piano cubierto de funda blanca. Ocupaban los cuatro ángulos de la habitación esbeltas columnitas, donde ofrecían las begonias en macetas de cobre sus hojas estriadas de venas vinosas. Sobre el escritorio, adornado por retratos de marco portátil, veíase en poético abandono una hoja donde estaba escrito el comienzo de un poema, y olvidadas en cierto taburete color de rosa un montón de piezas musicales. Había también cuadritos, y delicadas chucherías, suspendidas de la araña, atestiguaban la diligencia de una esposa prudente. A través de los cristales de una biblioteca de caoba, los lomos de cuero de las encuadernaciones duplicaban con sus títulos en letras de oro el prestigio del contenido.

Yo, que curioseaba los retratos, dije:

—Mira, una fotografía de Usandivaras, y con dedicatoria. Juan comentó burlescamente:

—Usandivaras... si no me equivoco, Usandivaras es un pelafustán que escribe versos pamperos... algo así como Betinotti, pero con mucho menos talento.

—A ver... este... José M. Braña.

—Este es un poeta lanudo. Escribe con herraduras.

En la galería escuchamos los pasos del vate que publicaba en “Caras y Caretas”. Nos levantamos emocionados cuando el hombre apareció.

Alto, romántica melena, nariz aguileña, rizado bigote, renegrida pupila.

Nos presentamos y cordialísimamente indicó los sillones.

—Tomen asiento, jóvenes... ¿Así que ustedes vienen delegados por el centro Florencio Sánchez?

—Sí, señor Villac, y si no tiene ningún...

—Nada, nada, con el mayor agrado... ¿Gustan servirse una tacita de café?

Asomóse a la galería y al momento estuvo con nosotros.

—Cenamos algo tarde, porque la oficina, ocupaciones.

—Ciertamente...

—Efectivamente, las exigencias de la vida, y conversando en tanto saboreaba el café en su tacita, con sencillez encantadora, el poeta dijo:

—Agradan estas solicitudes. No dejan de ser un estímulo para el trabajador honrado. Ya he recibido varias de la misma índole y siempre trato de satisfacerlas. No se moleste joven... está bien así—acomodando la taza en la bandeja.

Como les decía, la semana pasada recibí una carta de una dama argentina residente en Londres. Fíjense ustedes que “The Times” le pedía informes acerca de mi obra aplaudida en diarios argentinos.

—¿El señor tiene publicados “El Collar de Terciopelo” y la “Caverna de las Musas”?

—También otro volumen; fue el primero. Se llama “De mis vergeles”, pero naturalmente, una obra con defectos... entonces tenía 19 años.

—Tengo entendido que la crítica se ha ocupado de usted.

—Sí, de eso no me quejo. Principalmente “La Caverna de las Musas” ha sido bien acogida... Decía un crítico que yo uno a la sencillez de Evaristo Carriego el patriotismo de Guido Spano... y no me quejo... hago lo que puedo —y con magno gesto desvió el cabello de las sienes hacia las orejas.

—Y ustedes, ¿no escriben?

—El señor —dijo Juan.

—¿Prosa o verso?

—Prosa.

—Me alegro, me alegro... Si necesita alguna recomendación... Tráigame algo para leer... Si gustan visitarme los domingos a la mañana, haríamos un paseíto hasta el Parque Olivera. Yo acostumbro a escribir allí. ¡Ayuda tanto la naturaleza!

—¡Cómo no! Gracias; vamos a aprovechar su invitación.

Juan viendo empalidecer el diálogo, preguntó mintiendo:

—Si no me equivoco, señor Villac, he leído un soneto suyo en “La patria degli italiani”. ¿Usted escribe también en italiano?

—No, puede ser que lo hayan traducido; no tendría nada de extraño.

Juan insistió:

—Sin embargo voy a ver si encuentro ese número y se lo envío.

Bello idioma, ¿verdad, señor Villac?

—Efectivamente, sonoro, grandilocuente...

Yo con candidez, pregunté:

—Y a usted, señor Villac, ¿quién lo emociona más, Carducci o D’Annunzio?

—Como novelista, Manzoni... ¿eh? ¿Más vida, no es cierto? Me recuerda a Ricardo Gutiérrez.

—Sí, es verdad; más vida —repitió Juan, mirándome casi asombrado.

—Además, Carducci... qué quiere que le diga... sinceramente... pocos poetas hay que me agraden tanto como Evaristo Carriego, esa sencillez, aquella emoción de la costurerita que dio el mal paso... esos sonetos... será porque yo soy sonetista y “El soneto es una lira de hebras de oro” “Una caja...”

—Ciertamente —observó Juan, impasible— ciertamente, me he fijado que la crítica lo aplaude mucho como sonetista.

“Una caja de encantos” escribí vez pasada en “Caras y Caretas”... y no me he equivocado. Nuestro siglo prefiere el soneto, como en un estudio indi...

La entrada de la criada con un bulto que contenía “La Caverna” y otros volúmenes, interrumpió sus palabras y, desgraciadamente, no pudimos saber qué indicaba en su estudio el hombre del retrato en “El Hogar”.

Para no pecar de indiscretos, nos levantamos, y acompañados hasta el umbral de la puerta, nos despedimos efusivamente del sonetista. Yo le prometí volver.

Cuando pasamos frente a la casa de nuestra informadora, la niña estaba aún en la puerta. Con voz tímida preguntó:

—¿Le encontraron al señor?...

—Sí, señorita... gracias...

—¿No es verdad que es un talento?

—¡Oh!... —dijo Juan— un talento bestial. Fíjese que hasta en el “Times” se interesan por saber quién es.

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.



Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •
literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração Regional no

Estado de São Paulo

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yassumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)